



DAI REINHA
&
ESTADO PORTUGAL
COMPRAS
FAMOSAS
PORTUGUEZAS



LISBOA 1633

Sala V.T.
Gab. 17
Est. 7
Tab. 4
N.º



As Comedias deste liuro sam as seguintes.

Do Douctor Francisco de Sã de Miranda.	Do Douctor Antonio Fer- reyra.
Comedia dos Vilhalpandos.	Comedia de Bristo.
Comedia dos Estrangeiros.	Comedia do Ciso.

L I C E N Ç A S.

Vestas Comedias do Douctor Francisco de Sã de Miranda, & Antonio Ferreyra nam ha nellas cotisa contra nossa Sancta Fee, & bons costumes, pello qual se pode dar licença, para se imprimirem. Em São Francisco de Lisboa 10. de Julho de 1621.

Fr. Antonio da Conceição.

VISTA a informação podemse imprimir estas Comedias, & depois de impressas tornem conferidas com seu original para se lbe dar licença para correrem, & sem ellas nam correram Lisboa aos 25. de Julho de 1621.

Antonio dias Cardoso. M. Teixeira Eleito do Brasil.

PODEMSE imprimir estas Comedias do Doutor Francisco de Saa, & Antonio Ferreira. Lisboa 6. de Agosto de 1621.

Viegas.

92

Podem

PODEMSE imprimir estas Comedias vistas ás licenças do Sancto Officio, & do Ordinario, & nam correram sem tornarem a mesa pera se taxarem, Em Lisboa a 17. de Agosto de 1621.

Cama.

Moniz.

TAxám este liuro em cento', & trinta reis em papel a 25. de Feuerreiro. de 1622.

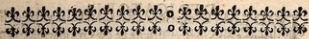
D. de Mello.

J. Ferreira.

REui este liuro depois de impresso, & esta conforme com o Original pello que pode correr. Em S. Francisco de Lisboa oje 25. de Feuerreiro de 1622,

Fr. Andre da Resurreição.

Tem este liuro quarenta folhas, & mea.



A G A S P A R SEVERIM DE F A R I A , &c.



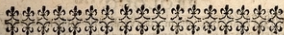
OMO SEMPRE DESEIEY
tirar a luz as obras illustres dos Autho-
res Portuguezes, fiz por vezes muytas
diligencias pera auer as Comedias dos
Douctores , Francisco de Sà de Miran-

da , & Antonio Ferreira. porque nellas mais, que em
nenhũa outra escriptura vulgar, se mostra a Excellencia
da lingua Portuguesa , vendose em breues palauras
grande grauidade nas sentenças , excellentes discursos,
ditos agudos , summa graça, & galantaria no modo de
dizer , guardandose sobre tudo o decoro a cada pessoa
& as regras da Arte, com tanta perfeição , que não so-
mente igualam as meliores dos Gregos , & Romanos,
mas as podem auentajar. Pelo que sam dignissimas de
serem trazidas nas mãos de todos, & celebradas nam
menos que as de Plauto, & Terencio. Porem estando
ja desconfiado de as poder achar, me lembrou, que nam
podiam faltar na liuraria dessa casa, na qual por zelo
da patria se tem junto com exquisita diligencia hũa bi-

DEDICATORIA.

bliotheca Portugueza de todos os Autores deste Rey-
 no, assi impressos, como manu scriptos. Por tanto pe-
 di a V. M. me fizesse merce dellas, pera as poder pu-
 blicar, como ellas mereciam. E pois V. M. me fez
 esta merce, & foy instrumento de poderem sair a luz,
 razam he, que eu as offereça a V. M. como a princi-
 pal causa que as tirou das treuas do esquecimento, on-
 de estauam sepultadas, trazendoas de nouo aos olhos
 de todos pera as poderem lograr. V. M. as receba, &
 com ellas a vontade, que tenho de o seruir, que he muy
 grande, cõ cujo fauor spero publicar outras obras de
nam menos estimaçam, & honra deste Reyno. Deos.

Antonio Alvarez



A FAMA FASO

PROLOGO.



V NAM VENHO A VOS VO-
ando, aue noua bem empenada, tantos elhos
quantas penas, tantas linguas, & ouuidos:
que joguem huns por debaixo dos outros
como artilharia, assi como me pintarão es-
tes chocarreiros dos Poetas, que sempre que-

rem gracejar. Mas assi como todos me chamam Fama: assi ve-
nho nestes habitos de mulher. Aqui no cabo do mundo he
agora o meu assento, & nam nomeo onde os mesmos bons dos
Poetas me aposentarão, em hũa casa toda aberta, & descuberta
(por certo mal ao menos para o inuerno. Daqui carrego pera
todas as partes de graciosas victorias, todas contra os inheis.
De torna viagem as vezes nada acho senão patranhas) como
agora, que quereis que faça? quereis que torne com as mãos
vazias. Ao menos farey nisto verdadeiros aquelles mesmos
Poetas, meus amigos, que de mim disseram que assim conto
o que he, como o que nam he. E elles lula (como diz o
nosso rifam antigo) quereis que estê sempre esperando pollo
coxo: o qual quando vem não acha senam arrependimentos.

Quantos exercitos tenho eu so por mim desbaratados, quantas
fortalezas rendidas com meus medos? Quantas defendidas co-
as minhas esperanças? Sabeis de que manha vsey estes dias
passados naquella grande afronta de Dio? quando vos não pu-
de espantar os Turcos: espantey os Turcos com vosco. Em
tempo que vos tudo falecia salvo o coração. E agora em Tol-
lão, como me meti entre as gales dos mesmos Turcos, tantas
que cobriam ho mar. E hi comecey de murmurar da gente
nobre que se juntada em Ceita so parecer da primeira Ando-
rinha. E ellas desapateceram todas, que nam sabiam jaho dia
nem a hora. Deixo o que fiz em Tunez, onde eu logo descu-

PROLOGO.

bri aos contrarios, quem era o verdadeiro capitam da gente Portugues, que logo fez temer aquella barba se xa. Quantas destas obrigações tenho eu espalhadas pelo mundo, que mas reconhecem mal. E deixando a guerra a de parte: em quantos perigos socorro eu aos que escreuem? os Chronistas a cada passo nam sabem por onde vam sem mim. Os Poetas andão sempre polos, ares nê té outro valhacouto, senam a mim. Te estes que governão o mundo com seus cartapacios (eu digo os que oje sobe tudo chamam Doutores) como rematam elles suas rezões, senam co meu nome, & autoridade, dizendo por derra deiro. E desto he publica vos, & fama. E depois com que grauidade acodem nas suas praticas encadatroados: fama malú & re. Hora todos estes postos a de parte, falemos ca entre nos. E dizeimê, das cousas passadas que tendes senam a fama? das presentes quanto vides? E inda das que vedes? de quanto dais fee, tudo ho mais a quem ho deveis senam a mim. Do por vir nam falemos, que o referuou Deos pera si. De todo em todo não vos fieis em lunhos. Ho como aquelles bons antigos morriam por mim com tam bom rosto. E eu tambem que assim lho pagaua: vos outros pondê-me alma diante (& assi he razam) todavia bom quinham me dais de vos. Basta: que eu som contente, nam setuis a pessoa desaguardecida. Finalmente quereis saber em quanta obrigação me todo o mundo he: olhai bem, que de quantas cousas em todo elle ha nenhũa responde igualmente a sua fama: nem Paris essa cidade, nem essa Roma la Sancta. Muyto me vos gabo oje, dituos cy som (como vos ja disse) yrefinha, & moradora, obrigada sem a guardar vossos cul tumes? Hora venhamos as patranhas. Nos estamos em Roma naquellas duas casas viuem dous velhos cidadãos. Cujos nomes vedes, cada hum sobre a sua porta. Ho Pomponio tem hum filho a que chamão Cesarião, o qual fill o ho pay, & a mãy andão por tirar de captiueiro de hũa destas suas cortesans (que assi lhe chamam.) Ho pay por razam, & autoridade, a mãy por deuações. A cortesã sem razão, & sem autotidade, & lê deuações: faz delle tudo o q quer. Sobre este negoció fahiram a vos logo estes velhos, & sua pratica vos hira abrindo caminho. Pera o mais ouui repousadamente.

COME-

COMEDIA
DOS VILHAL
PANDOS.

*Feyta pello Doutor Francisco de Sá
 de Miranda.*

FIGVRAS DA COMEDIA:

<i>A fama.</i>	<i>Guiscarda velha . & mãy</i>
<i>Pomponio velho.</i>	<i>Daurilia.</i>
<i>Mario velho.</i>	<i>Vilhalpando 1. soldado.</i>
<i>Fauſta Matrona Romana</i>	<i>Vilhalpando 2. soldado.</i>
<i>com hũa companhia de</i>	<i>Apolonio hirmão.</i>
<i>beguinas.</i>	<i>Fabiano mancebo estrangeiro.</i>
<i>Milao alcouuteiro.</i>	<i>Treſo moço.</i>
<i>Antonisco criado.</i>	<i>Torquemado moço.</i>
<i>Cefarião mancebo Romão.</i>	<i>Rubeito page Frances.</i>

ACTO. I.

SCENA. I.

Pomponio.

Mario velho.

Pom. **B**O A ſeja a vinda Mario, que em tua
 busca hia. *Mar.* Ho Pomponio,
 & eu na tua, que me diſſeram em
 chegando, que jazias em cama.

A

Pom.

COMEDIA DOS

Pom. Nam te enganaram, mas soube como eras vindo & isso me leuou. *Mar.* Fezeste mal, que ho corpo enfermo, quere se na cama, & nam polas ruas. *Pom.* Si, mas tambem ho sprito cansado quere se com quem delcance. *Mar.* Eu viera a ti, que era mais razam. Mas como te sentes? *Pom.* Fraco: principalmente destas pernas, que me nam podem trazer. *Mar.* Nam te espantes, que ha ja muyto que te trazem, que doença foy a tua? *Pom.* Nunca o pude bem saber. *Mar.* Que te dezião os fisicos. *Pom.* Muytas, & muy notaueis razões. *Mar.* E tu quiferas antes poucas, & certas. *Pom.* Foram, & vierão algũas vezes antes que se consertassẽ. Finalmente capitularão a doença: E tendo eu grandissimo fastio, mandarão me que nam comesse. *Mar.* Perigoso remedio: E mais em tal idade. *Pom.* De maneira que se a natureza me nam tolhia algũa cousa, assi por desejos: Tolhiãoma elles. *Mar.* Matartchião. *Pom.* Pouco menos: entam contauam as vezes das nouas correntes, & dos milagres que ja tinham feytos em outros, a qual mais. *Mar.* E pera ti nam deixaram hum sò. *Pom.* Nam porque a falar verdade, te do estamago veio hũa velha, que me aproueitou mais: Disse, que era atauoleta. *Mar.* Souberãono elles? *Pom.* Nam, antes a poder dafforismos tudo tribuyam aos seus remedios. *Mar.* Sangrarante. *Pom.* Sabe Deos a sua vontade: cada dia afluão as lancetas Porem eu não quis, como quem sabia o conto dos meus annos, & que

que o meu sangue peccaua mais de queimado; que de sobejo. *Mar.* Ah, que a nos já nesta idade deuiãonos de tornar a curar como meninos, & não com beberagens das boticas. Que da sua vista se arrepia o corpo todo. *Pom.* Mexidas por cifras que elles físicos sós entendem, & os buticarios seus secretarios. *Mar.* Assim são mais estimados, & os das outras sciencias tambem quando os entendem menos. *Pom.* Finalmente assim os sofri hum tempo. Depois cobrey siso, & despedios. *Mar.* Ho como fizeste bem. *Pom.* Como dizem melhor foy tarde que nunca, entam deixei-me ir mais de uagar espreitando sempre a natureza, & ajudandoa com bom regimento. *Mar.* Nam soube tanto Hypoceras. *Pom.* Aprendi a minha custa, & como soube da tua boa vinda leuanteime sobre este bordam, que me ajuda mais, & me custou menos. *Mar.* Por amor de mim que repouses. *Pom.* Que farey se mō nam leyxam. *Mar.* Prefa sobre tudo tua saude, nam te mates por ninguem. Que ao dō negro, & ao choro dos herdeiros chamão os antigos riso, & prazer conhecido, em trajo de lagrimas. *Pom.* Ouue-me & depois me con felharas. *Mar.* Dize o que quiseres. *Pom.* Bem te deue da lembrar o que ja falamos antes da tua ida, sobre nossos filhos. *Mar.* Nam são os taes negocios pera esquecer. *Pom.* Depois tu absentastete, & eu adoeci, tudo ajuda o que ade ser. *Mar.* Para que he mais? danoufenos Cesariam q̄bẽ o sey. *Pom.* Não auio de falecer

COMEDIA DOS

mēssageiros. *Mar.* Queres que nam vejani os homēs,
 nem ouçam. *Pom.* Porem nam correm elles aysi ao bē.
Mar. Nam lhe acham tanto sal. *Pom.* Veyo logo aqui
 ter, a esta nossa rua hũa velha Bolonhesa com hũa filha
 fermosa. *Mar.* Perigosa vizinhança. *Pom.* Se ainda bō
 soubesses com quanta treizam & arte. *Mar.* E elles tã-
 bem se deixam enganar leuemente. *Pom.* Logo ha pri-
 meira parecia aquella casa erma. *Mar.* Vê pobres nam
 trazem que asoelhar. *Pom.* Mas he tamanha a fermo-
 sura da virtude, que querem primeiro enganar cō ella
 que com a sua propria. *Mar.* Quanto agora não ha
 passo em Roma mais a guardado. Ao menos dos nos-
 sos mancebos romãos: os Brutos, & os Decios mortêse
 pola republica. *Pom.* Hora eu em quanto me Deos da
 tempo nam o queria perder, & cuidãdo nam acho mi-
 lhor remedio a meu filho que o casamēto, o qual, te os
 Gentios chamaram prisma segura da mocidade. *Mar.*
 Quantos exemplos vez tu oje neste dia por aqui ao cō-
 trario? *Pom.* O amor, & as graças dos filhos: os bons
 costumes das nossas molheres proprias, chamam mui-
 to homem pera suas. *Mar.* Ao estomago danado não
 sabe bem nenhũa coua boa. *Pom.* E mais em lugar de
 hum pay teria elle dous. *Mar.* Antes a meu parecer em
 lugar de hũa fazenda, a tal tempo, meterlhehias duas
 nas mãos que destruyffe. *Pom.* Nam que a isso venho
 darte conta da boa desposição em que agora tinhamos
 o negocio por hũa grande offensa que estas molheres
 feze-

fezeram a Cesariam de que esta indinado estremadamente. *Mar.* Quanto ha? *Pom.* A noite passada. *Mar.* Tam pouco? *Pom.* Porque? *Mar.* Porque aquelle concelho sancto, o qual nos tam mal comprimos, que se nam ponha o sol sobre a nossa ira: Estes o cumprem muito bem. *Pom.* Nam he o sentimento tam pequeno. *Mar.* Nam te fies disso que quebram as mais das vezes em mayor amor do que procede. Polo qual antes quifera que estiuera rindo. *Pom.* Porque se diz logo que esquiuança parte amor. *Mar.* Parte, mas nam assi as primeiras razoes: principalmente com estas que os homens tomam com todas suas tachas. *Pom.* Nam era de perder tal occasiao. *Mar.* Creme, que ja agora teu filho lanca todas as culpas sobre a mã da velha. *Pom.* Si; se a moça se desculpassa. *Mar.* Pera que elle mesmo a desculpara, entam ao fazer das pazes, mal pollos terceiros. *Pom.* Quantos inimigos, que tem estas nossas fazendas. *Mar.* Por isso dizem que anda o ouro tam descorado como temido de tantos. *Pom.* Té os cachorros saltam por amor del Rey de França. *Mar.* Escandalizado ficaste dos físicos corporais. *Pom.* O quem nam tiuera filho pera se partir rindo de tam mão mundo. Mas do nosso negocio, que concelho me das. *Mar.* Dirtey o que me parece o casamento he a mayor couza que o homem faz em toda a vida: peçote que honam fiejmos de payxões de mancebos. *Pom.* Como

COMEDIA DOS

faremos? *Mar.* Sobrestemos aysi alguns dias entre tanto trabalha tu que teu filho se emende por si sô, & razam, nam por agrauos da Bolonha, que comigo nam são necessarias outras mais negociações. *Pom.* Nam fora mão correremos daqui estas mãs molheres. *Mar.* Pera que jagora: pois onde quer que forem ham de levar o coração de teu filho a pos si. *Pom.* Bom he sempre afastar os azos. *Mar.* As cousas da vontade nam querem força, que entam as desejamos mais. *Pom.* Filhos de Adam & d'Eua. *Mar.* Finalmente tem sobre tudo cuydado da saude. E como te ja disse a tudo vay pcc ante pcc. Entre tanto vernos emos muytas vezes, & huns lanços hiram descobrindo os outros, que nam fazamos cegueira em cousa que tanto releua. Deixote a Deos que me chama outro negocio, tu tornate a casa. *Pom.* Elle va contigo, ho descansado com que me este manda ir deuar, como se eu tiueffe os dias de contado ho canto darca, pera as necessidades. Trago: como dizem a alma no papo, & vejo cada dia partir os outros mais saôs, & mais moços: & este diz que esperemos. Aysi nos vay em pondo o mundo doje pera de menháa, te que vem aquella derradeira hora, em que tanto ha que fazer. Quisera em tamanha tormenta ter meu filho a mais amarras: esta pressa me fez levantar da cama ante tempo: Mario esta tam descansado bocejando. O cuidados vão dos homens, pera isto ajuntey eu & guardey cõ tantos trabalhos, & perigos, pera

pera deuaſſos, & deuaſſas? Nam conſintira Deoſta. Ceſariam ſe quiſer auer ſiſo, & reſponder ao ſangue donde vem: Seja meu filho: quando nam, a dor nam ſe eſcuſa: mas em fim toda a perda a de ſer ſua. Minha molher ſe nam fizer outro tanto, deixara cà bõs herdeiros: tres dados, & eſtas boas donas, Cuidais que ve ella os erros deſte filho? & ſe lho digo logo hi ſaõ as deſculpas. E quando ja al nam pode ſer, antes eu eyde ficar culpado, ou por aſpero, ou por eſtreito, a fora aquelle dito geral de todas, que outro tanto faria eu em meu tempo. Sobriſto nam ſe eſcuſam contendas cada hora quando nos mais neceſſario era o deſcanſo; nos veyo falecer de todo. Quem ſae de minha caſa? oh Fauſta he minha molher grande companhia lhe vejo toda de Beguinas, noue ſaõ, quam certo he, que nam auiam de ſer pares. Negocio he deuações ſobreſte filho. Quero as eſcutar vrecis que razões tam concertadas.

S C E N A II.

*Fauſta.**Pomponio.*

Fauſta. SE algũa ora amigas de Deos, & minhas tomastes cargo de lhe encomendardes algũa peſſoa neceſſitada: seja deſta vez, que aſſi me ſereis vos encomendadas, ſempre nas voſſas neceſſidades. *Pom.* Muito ſe lhes offerrece, tudo ſera as minhas cuſtas. *Fau.* Ora cada hũa tome ſeu ramal de nos: cento & cincoeta

COMEDIA DOS

por cada rãmal. *Pom.* Boa soma fazem. *Fau.* Tantas vezes ha cada hũa de dizer aquella oração, que vos dey escrita em pergaminho virgem, que he muyto esperimentada. *Pom.* Como mezinha de velhas. *Fau.* E assi tereys acesas as noue candeas que vos dei tambem de cera virgem. *Pom.* As bequinas quer o sejaõ quer não. *Fau.* E a cada nõ beijar a terra, sem falar palaura neste meyo tempo. *Pom.* Forte ponto pera molheres. *Fau.* No cabo de tudo auéis de dizer: assi como isto he verdade, assi de cor, & cõ vontade, saya nomeayo liure, & saõ desta infirmitade, quer seja malicia quer maldade de ma homem, ou ma molher quer outra fortuna qual quer. *Pom.* Que pode logo Deos ahi al fazerse vai por consoantes. *Fau.* Entre tanto eu falarei com a conuertida, & assi espero em Deos, & nas palauras de muyta virtude, & na ajuda das pessoas deuotas que meu filho torne a graça de Pomponio, o qual cõ paixão he posto em cuidados novos, & não de pay. *Pom.* E polasha em obra: se teu filho se nam emenda. Ia là vaõ tarde se me ordena oje o jantar. Quero entre tanto dar vista aos banqueiros, naõ cuidem os deuedores q̃ saõ ja morto.

SCENA. III.

Miluo.

Antonieto.

Mil. **P**Era que saõ mais palauras pide por boca a escolher como em lauor de amigos. *Ant.* Tam
boa

boa novidade ouue este anno? *Mil.* Que não ha onde a recolher, & sobre tudo boa mercadoria boa. *Ant.* Hi vai ho feito todo. *Mil.* No meu amigo, no preço me enganê a mercadoria seja defenganada. *Mil.* Estas em teu fiso. Que o rico pera que quer o q̄ tem? o pobre va pedir por amor de Deos, & não ande de amores. *Ant.* Dizes verdade. *Mil.* Hora esse teu enfermo de quais he? *Ant.* Auiate em Roma de andar pedindo piedades, & com que esperança? *Mil.* Fraca por certo q̄ em terra estas onde não serão pobres nenhūs, com quantos hospitais nella ves. *Ant.* E qué fãassem, ao menos tu nam cras ho hospitaleiro. *Mil.* No cabo estas, hora me dize que tal a queres. *Ant.* Moça aprazerada sem ponta de miolo. *Mil.* Encerrada nem casada? *Ant.* São muyto trabalhosas. *Mil.* E auiate de estar vendêdo a dinheiro perigos, & trabalhos: a minha gente toda he mansa: mas tenho de muytas sortes asy, como aqui ha muitas sortes da petitos. *Ant.* Ah esqueciame que estauamos em Roma. *Mil.* Donzella te não offereço porque estu que a hum nouel esse fora o primeiro offerecimento. *Ant.* Aq̄ preposito: pois me ja lem braste onde estamos. *Mil.* q̄ he outra boa mercaderia punbadas, & lagrimas. *Ant.* E mais onde a descobriamos? *Mil.* Por aqui se fazem. *Ant.* Nam entremos nessas emburlhadas, que ria coufa certa, & defocupada. *Mil.* Que dizes? *Ant.* Que nam tiuelle muytos negocios. *Mil.* Ora não mais das engeytadas queres. *Ant.* Nam asy mas das

COMEDIA DOS

que não são ainda tam conhecidas. *Mil.* Que barbarias
 vam pollo mundo andaõse mortos com seus ciumes,
 aquelle olhou, aquelle rio, aquelle acenou, & ainda isto
 nam basta, mas ate o que sonham cuidam que he ver-
 dade, & de tudo tem paixam: Sapos cuidam que lhe a
 de falecer a terra: os nossos cortesaõs todos corteses,
 todos galantes, todos postos em razam ajuntaõse sinco
 & seis a hũa amiga, & de aprazimento de partes par-
 tem antre sim o custo, & prazeres. Ella todos grangea
 & agasalha, cuja acerta de ser a noyte esse fica, os ou-
 tros uaõ se vão por isso com peor rostro, outro dia lhe
 virà a sua vez, ali não ha ciumes, nem inuejas, que mais
 paraíso queres neste mundo. *Ant.* Està bem mas os fi-
 lhos como os repartem. *Mil.* Não he gente muyto a-
 fruitada. *Ant.* E porem quando acontece? *Mil.* Em
 tudo a de ser o que ella differ. *Ant.* Quer o saiba quer
 o não saiba. *Mil.* Que cuidas que vai nisso em fim que
 remlhe bem como a filhos. *Ant.* O diabo se enforque.
 Mas este nosso ainda que he Romão ei medo que nisso
 queira ser barbaro. *Mil.* Vaa se rir o sol nam vestu a
 pompa destas nossas cortesaãs? Quem bastará lò por
 si a seu custo? donde cuydas tu que se ellas ham de man-
 ter? que a fora de estes certos que digo, ainda lhe ficaõ
 de fora outros aventureiros, & nam bastam. *Ant.* De-
 moslbe algũa nouiça. *Mil.* Demos, mas seja porem Ita-
 liana que tudo o mais he vento. Francesas, & Alemãas
 com quanto vinho bebem sam mais frias que hũa pou

ca de agoa, Espanhoes todas vem ja coradas de Calez,
& de Valença Daregão: E sempre o bruquel do rifl-
am ha de reduzir em algum canto da casa como por
posse. Ora que rosto he o de hũa Romãa, que gra-
ça das Bolonhezas, Francesas, Mautnanas. *Ant.* Nisso
& em tudo he esta vossa Italia hum jardim do mundo.
Mil. E assi acertou a natureza de hũa parte de montes
altos, & de todas as outras de mar. *Ant.* Com tudo de-
fendemola mal dos estrangeiros. *Mil.* Que tanto no
la desejo. *Ant.* Tambem as cousas todas vam a reue-
ses, muyto tempo mandou, & agora he mandada. *Mil.*
E Roubada, saqueada, & esfolada, mas deixate dessas
Philosophias se me oueres mister buscame, & seja co-
mo deue que nam percamos tempo como aguora.
Ant. De que maneyra. *Mil.* Com aquelle Ramo dou-
ro com que passou outro todos os perigos do inferno.
Ant. Entendo mas onde te acharey que certo sejas.
Mil. Em toda a parte que estiueres meya hora quedo,
que eu tudo reuoluo, nam guardo Domingo, nem fela-
ta, ardo sempre de dia, & de noyte como hum forno
de vidro dias ha que naõ perdi outro tanto tempo, co-
mo agora. Deixote a Deos.

SCENA. III.

Antonioto so.

COMEDIA DOS

O Doudinho de Antonioto, como auías mister curado desta tua cabeça. Cuydaas pola ventura que estas em Portugal, onde de todo o negocio he sospirar, & dizer saudades? Torna em ti, & lembrete onde estas Antonioto, busca dinheiro, & nam busques Miluo, nem outrem ninguem. Que farey? Quanto podemos ajuntar com tanto trabalho tam pouco ha, tudo Guiscarda engulio de hum bocado sem deixar pera hũa corda com que se homem enforcasse. O mã velha pior que hum cam faminto em engulir, & logo os olhos por mais certo, que nam tem memoria nenhũa, como dizem os galos, que por isso cantam tanto amendo. Quem vir as suas festas ao receber do dinheiro cuidara que ja ali tem pera hum anno, dando hũa volta nam a conheceis com quanto auedes sem narizes, como dantes. Estamos bem auitados a velha sem vergonha, Cesariam sem corregimento, ao velho escassissimo, & que anda ja sobre auiso: quem cometera nenhum delles? O que inueja sy tamanha aquelles dauos, & sirtios das comedias, que tam bons lhe seram de enganar os seus velhos babosos. Com tudo tenho ja cometido este nosso com a alquimia: diz que quem sabe fazer ouro, & prata, que nam ha mister prata, nem ouro, aos yeadores dos thesouros, diz que lhe nam quer mostrar o seu. A quantas destas iuencões ha pollo mundo, respondem descansadamente, que nam compra esperanças por dinheyro,

& sobre

& sobre tudo nam quis morrer como cuidauamos , agora sam em pratica com nossa ama por via de deuacões tendolhe muyto gauada hũa conuertida grega grande minha oradora, & se por aqui não fazemos algũa entrada no coscorrinho do velho , escufadas sam mais praticas de Miluo.

ACTO. II.

SCENA. I.

Cesarião soe.

ESTE meu coração concelheiro em que praticas começa entrar comigo, não me queria elle pouco à saltar do peito fora que o nam podia eu sofrer? Deixoume elle mais dormir, nem assosseggar, agora que aconteceo de nouo, mandou selhe por ventura desculpar alguem, ou chora, & suspira alguem de todos nos, se não eu? como; tamanha injuria & tão rezente podelhe lembrar outra nenhũa cousa, ainda não quer, ainda não cansa, em quanto ouue que dar durou o amor voou a fazenda voou elle, & juntamente, a isto he o que pintam ao amor cõ azas, voou, fogio, desapareceo sem nenhũa lembrança de mim se sam viuo se morto. como? & tam pouco dura o amor? cuytado de mim, que fazia fundamento delle pera toda minha vida, assi se poem tudo atras abrindo as mãos, & carrando? bem seria sem nenhum sentimento este corpo tamanho, se em
tal

COMEDIA DOS

tal occasiam faleceffe assi mesmo, & nam se pufesse em faluo a pesar do coração, cheguey a noyte passada a quella porta que todas as horas me sohia estar aberta, de par, em par aquella porta que tambem parecia que ja me conhecia, & que se me abria de seu. Apalpeya, fiz meus sinais acustumados, que aproueitauão, bati, bradey, tam pouco: que mais quereis? entrey em duuida, se errara a porta pelo escuro que fazia, torney para atras reconheci tudo de nouo, aquella era a porta, aquellas as casas, & janelas, mas o tempo não era ja aquella que sohia. Ah como me tomou este mal tam descuydado. Doudo de mim que cuydaua que tinha aquellas vontades por minhas de juro, & de herdade, & nam ha coisa no mundo que tão azinha passe. Que se fez de tantos sospiros, de tantas lagrimas, que se fez de tantas paluras, que se fez de tantas mas paluras que a mim me enganauam mais? Como? fingidas podem ser tantas cousas? em fim que fingidas foram, aquella soo hora foy defenganada, aquella, seu entendimento tiueffe deuia ea de estimar muyto. Que tanto aperfheyate que a defnarigada ouue, finalmente de chegar a hũa janela donde me falou estes amores que vos direi. Quem he o Vaganao importuno discortes que a tais horas assi bate as portas alheas, ouuin-do ee tal, o sangue me fogio de todo o corpo, & me deixou como hũa pedra fria, o que ella sentindo seguiu adiante, va dormir onde ceou quem quer que he

hè ; ou se anda em busca de algũa máa ventura pode ser que a achara aqui, & assim a tornou a cerrar com tamanho golpe que tambem a mesma janella parecia que ameaçava, aqui que desculpa pode auer ? não me conheceriam ? inde mal muyras vezes que a outrem poderey enganar , com esta rezam, mas nam a mim cratarde? Estariam pelejadas? embebedarschia a velha? ah quantas desculpas que nam bastam , & o peor he que mas nam da ninguem , senam eu que nam deuia. Bem empregado seja em mi que ja este não foy o primeiro final, se eu ver, & entéder quifera. Ora sus fera logo ho derradeiro, a osadas que bem me curarão das minhas cataratas. Quem say de sua casa? auelha he porque me nam enuio a ella: mas quero primeiro ver como se me desculpa.

SCENA. II.

*Guiscarda.**Cesariam.*

Guis. Seguraime bem esta porta, que se não abra a ninguem ate que eu torne. Quem algũa coufa quifer falle de fora. *Ces.* Ia me vio esta aleyuosa, a mintira. *Guis.* Quem suspirar suspire , quem se queixar queixe , a minha porta como digo este a bom recado que me custou muyto , & bom dinheiro. *Ces.* O maltuada, estas an de ser as desculpas.

Guis.

COMEDIA DOS

Guif. Gentes seruidores, todo seu feito he rodearuola
 casa, espreitar as janelas, espiar os que entram, & os que
 saem. *Ces.* Que falece a lira, se não nomear me polo
 meu nome. *Guif.* E todavia as vezes te daram hũa boa
 musica de noite. *Ces.* E outros amigos dentro em quan
 to os encerrados andam por fora. *Guif.* E porteamo
 mayo a porta com mais versos que mestre Pasquino,
 correram a argola diante das janellas, & faram aquel
 le dia hũa muyto boa inuençaõ de máscara. *Ces.* Esta
 desnarigada tudo queria que lhe metessem na bolsa.
Guif. No meu bom tempo tal cortesaã ouue aqui que
 a pedraria dos seus chapins era de mais preço que a da
 garganta de grandes, & ricas donas. Aquelles chama
 ria eu seruidores, estes dagora nam se deuem chamar
 se não importunadores. *Ces.* O velha falsa ainda te
 Deos chegue a tempo que ninguem te importune.
Guif. Aqui estauas Cesariam, & eu nam te via? *Ces.* Po
 is Guiscarda dia claro he, que nam hê de noite. *Guif.* E
 que quer isso dizer. *Ces.* Porque as vezes se nam conhe
 cem os amigos pello escuro. *Guif.* Eu nam digo que te
 nam conheço, mas que te nam via. *Ces.* E eu que me
 nam conheces. *Guif.* Desde quando. *Ces.* Desde me
 roubaste da alma do corpo, & da fazenda. *Guif.* Fazes
 mal de me assi injuriar que eu nam roubo ninguem.
Ces. Mas roubas, injurias, & sobre tudo ameaças. *Guif.*
 A quem. *Ces.* A mim. *Guif.* Ah, que isso vem as mais
 das vezes os muytos ninhos. *Ces.* Minhos dizes rou
 bado,

bado, injuriado, & lançado fora. *Guif.* Pois assi queres venhamos a todas ellas tuas contas, & seja por a tua ordenança. Primeiramente ao roubado, de que? *Cef.* De quanto tinha. *Guif.* Se por não teres mais, queres que se ja muyto: vas arguindo mais espiritalmente do que deuias, eu nam conto senam, por tres, & dous fazem cinco. *Cef.* Pois porque nam contas assi quantas boas obras de mi recebeste. *Guif.* Assi seja mas as que tu recebeste desta casa, porque tambem te nam lembram, & as não contas. *Cef.* Em quanto me sentistes que dar não me fallaueis assi. Que foy daquelle tempo? *Guif.* Passou como ves que faz: disse te queixas? *Cef.* Quem vos tanto deu como podia durar? *Guif.* Quem tanto denos queria que fundamento era o seu? *Cef.* Deiuos quanto tinha. *Guif.* E de nos ouueste tudo quanto querias. *Cef.* Ate as Alimarias brutas, fica algum sentimento das boas obras que recebem, este he o amor das molheres. *Guif.* & o dos homens? ah que certo emprego: sois como as andorinhas, vindes com bom tempo, & com elle vos partis. *Cef.* Que se fez de quanto vos dei? *Guif.* He gastado, tu querias que ainda durasse? até quando? *Cef.* Ate que me eu pudera remediar. *Guif.* Fazes a tua conta soo, & nos entre tanto de que viuiremos? *Cef.* Nunca te lembra se não o teu interesse. *Guif.* Pecadora de mim, & a ti que te lembra senão o teu? *Cef.* O meu interesse vem todo do damor, & o teu de desamor. *Guif.* Renego de tal amor que nos quer deitar a perder. *Cef.*

COMEDIA DOS

Iulgãyo polas obras. *Guif.* Durem nos ellas, & durarte he mos nos. *Ces.* Oo maa velha como te nam mato. *Guif.* Farias hum feyto Romam. *Ces.* Desapreçaria a terra de tam maa coufa. *Guif.* Bem o podes fazer se quiseres, que isso se ganha nestas praticas escusadas. *Ces.* Foyse sem me dar nenhũa outra esperança. Olhay as suas desculpas? olhay se ao menos se lhe fez alguma toruaçam, ou final de vergonha do erro tamanho, que tinha cometido contra mim? Ella he ainda a que quer que se lhe desculpem: Qual he o coração que tal sofre? que farey? em fim tambem o passear he mao remedio. Quero buscar Antonieto, que he ido a buscar outros amores novos. Mas triste de mim, onde nos acharà? molheres nam falecem, mas amor, & contentamento sam os que falecem, pera que he perder tempo andando? vejamos o que por oje se pode auir tanto que não hi esta esse Libre que tem mortas ou tras muytas sedes neste mundo, assim faraa a esta minha.

SCENA III.

Fabiano.

Cesario.

Fab. **N**Am me fujas Cesariam que tenho grande necessidade de ti. *Cesar.* De pessoa tam necessitada? *Fab.* Que quer dizer que estas tam demuda.

mudado. *Cef.* Dillo te espantas vendome lançado a
 os Leões. *Fab.* que te fazem. *Cef.* Pedeme mais di-
 nheiro Fabiano amigo. *Fab.* O Cuytado de mim ja
 o outro he gastado. *Cef.* E esquecido tambem que
 he pior. *Fab.* Ha, & não ha mais rezam. *Cef.* An-
 tes tem trezentas mil, *Fab.* Nem mais vergonha.
Cef. Leuarãolha com os Narizes. *Fab.* Grande fey-
 to. *Cef.* Nam te benzas que te defenderà sua rezam
 contra toda tua Philosophia. *Fab.* A isto me chamas tu
 molheres. *Cef.* Nam sey, mas muyto se parecem hu-
 mas com as outras. *Fab.* Ah que te nam acontece isto
 senam por grande culpa tua. *Cef.* Que posso fa-
 zer. *Fab.* Nam te aueres contigo, como máy com
 filho mimoso que o deixa fazer tudo o que quer. *Cef.*
 E que remedio. *Fab.* Fazello querer o que cumpre
 com ensino, senam com castigo. *Cef.* Renego des-
 tes ditos curtos tam bons de dizer, & tam maos de
 por por obra. *Fab.* As mezinhas todas amargam.
Cef. Que farey ao Coraçam. *Fab.* Hum Coração que
 a tal tempo te desampara pera que o queres. *Cef.* E
 tu nos teus amores así te as tam valerosamente. *Fab.*
 Mal fazes de cotejar taes amores, que nam tem ou-
 tra cousa huns dos outros, senam o nome soo que
 lhe vos outros posestes forçadamente. *Cef.* Deyxate
 dessas tuas sofistarias, que nam posso em hum mesmo
 dia peleijar com tantos. *Fab.* Quaes tantos. *Cef.* An-
 dey ategora em braços com aquella serpe de Guis-

COMEDIA DOS

carda, & tu faes me agora de refresco com tuas razões.
Fab. Que nam podes nem somente ouvir. *Ces.* Outra hora te tomarás mais folgado entam combateremos que por agora nam me falecem razões, mas forças, & tempo, deixote a Deos. Fabiano ainda não sabe da pressa em que meu pay anda, pera me casar com Ipolita, que aos olhos deste he a mais fermosa couza que ha no mundo, a mim he ella boa filha, alua, grande, & loura: fermosa he soo Aurelia. Oo danças, Oo jogos deste mundo, como eyde ver eu, & não pollos meus olhos.

SCENA. III.

Fabiano soo.

QUE grande poder he ho do costumê, que fez nesta terra ao amor sofrer praçaria, como em qualquer outro trato, & desamarrouho assi daquelles seus pontos, taõ perigosos dos ciumes, porque cada dia em outras partes ferem, & mataõ. Quem poderia isto crer em outra parte? que vem ir as suas amigas com outros a seus prazeres, & passam adiante com bom rosto, & graça, & que estes tambem suspiram, tambem choram, tambem tangem, & cantam os seus versos piadosos. E o que de mais espanto he, que acontece isto a grandes engenhos que não posso entender, como empregam, assi tambem baixamente coulas de
tanto

tanto preço. Vedes este Cesarião mancebo despoſto, manhoſo hum ſoo filho a ſeu pay tam rico, que mau peſar he feito delle em tão pouco tempo Encabeſtrou-lho aſſi aquella deſnarigada, com hũa filha q̄ tem bonita: que he hũa piedade velo, andalhe ſempre a darredor da caſa, com a boca aberta como encantado: infini outro Cesarião de todo em todo, & não he o que ſoia, eu ſaõ aqui eſtrangeiro, & ſeu amigo: quiſerame oje achar em ſua companhia auer Hypolita que he fora de caſa em hũa deuação, podera aſſi ver melhor. Mas eilo que torna em grandes debates, vem com Antonieto, todos ſeus caminhos ſaõ pera eſta parte, andaõ em buſca de dinheiro, dura negoceação trazê, não os poſſo eſperar.

SCENA. V.

*Antonieto.**Cesarião.**Mario.*

Ant. A Iſto auiam de vir aquellas tuas brauuras, & aquelle teu lançar de fogos. *Ces.* Aſſi ſe enganou homem conſigo muytas vezes. *Ant.* Que vergonha tamanha. Que eſpera pelejar com hum Leamy, *Ces.* O meu Antonieto, que eu nam ſam ja o Cesarião que tu conheceſte. Se eſtas molheres me mandarem dobar, & fiar fiarey, & dobarey. Inda oje tinha algum ſentimento do homem, cuydei que tinha coraçam, & mãos quando veyo ao tempo do meſter, nem lingua

COMEDIA DOS

tiue. *Ant.* Como? *Ces.* Achey Guiscarda, vieiros arca por arca, que queres mais que te diga infim vence-me. *Ant.* Nam me digas tal, *Ces.* He como te conto. *Mar.* Errey em me mostrar tam frio ad requerimento de Pomponio que anda doente, & apaixonado. Torno em sua busca. *Ant.* Onde achaste? *Ces.* Ante a sua porta. *Mar.* Mas vejo Cesario, & o seu Antonioto. *Ant.* Isso sim a este tal chamaria eu homeni que foy buscar ho inimigo a sua casa. *Ces.* A payxam me leuou la, & ho desejo da vingança. *Ant.* E pois que fezeste? *Ces.* Estiue pera me enuiar a ella. *Ant.* Melhor foy assi que era caso de preposito. *Mar.* Estas sam as suas delauenças. *Ces.* Tolheramse me hos pees, & as mãos. *Ant.* O Cesario pior he ja a vergonha que o danno. *Ces.* Tomoume esta desauentura muyto descuydado, ajudame desta vez a saluar, & pera a outra ajudame a matar. *Mar.* Entre tanto mal pola fazenda. *Ant.* Que gosto podes ja ter naquella casa. *Ces.* Mas em qual outra posso eu ja achar nenhum. *Mar.* A tempo vim, *Ant.* Isso falece em Roma, moças fermosas, & chacorreiras, que mes daua Miluo a escolher. *Ces.* E queres que andemos assi de Miluo pera Guiscarda, & de Guiscarda pera Miluo? *Ant.* Não sabes o que dizem? quem se muda Deos ajuda. *Ces.* Quem pudesse. *Ant.* Daqui a dous dias que xeras morrer outra vez, antes morre agora: pera que he comptar tam caro, tam pouco tempo, & mais de tal
3117
vida

vida? *Cef.* As seguremos millior noſſas couſas deſta vez. *Ant.* Que ſegurança a de Guiſcarda? *Cef.* E eu tambem dá minha terey mais comedimento? *Ant.* E da ſua que nam aja nenhum? *Cef.* Tambem que forão? veſlhe tu outras rendas? *Ant.* Ah, ah, ah, vens aſiado das mãos de Guiſcarda: quem ſe tomara contigo. *Cef.* Nam te buſquey pera deſputarmos: mas pera buſcarmos remedio. *Ant.* Nam conheces teu pay como he duro? & mais anda ja ſobre auifo. Sabes quanto? diſſe já a tua mãy que não auia Guiſcarda de ſer ſua herdeira. *Mar.* Nem minha a poder que eu poſſa. *Cef.* E eu Antonioto, que cy miſter pera depois de minha vida? *Ant.* Hum grande E pitaphio de morte tão honrrada. *Mar.* Tem razam. *Cef.* E tu zombas, & ris: mal por quem nam pode. *Ant.* Com quanto me ſegurauas oje que nunca mais, bem me parecia tuêdo vento, por iſſo deixame ir dar viſta a alguns laços que tenho armados. E mais não queria que a tal tempo nos acertaffe teu pay de ver juntos, mandame as mas horas, & caçarey. *Cef.* vay, & nam tardes.

SCENA VI.

Mario ſoo.

Que ſuspeitoſos juizes ſomos todos nos noſſos intereſſes parece agora muita razão a Póponio q

COMEDIA DOS

meta eu em tal fogo a filha juntamente, & a fazenda á
inda se os nossos casamentos fossem como os antigos
menos mal: que se fazião, & desfazião tão breuemête,
mas agora que soo a morte os pode apartar: digouos
que me requiere dura cousa. E mais não me deixando
a fortuna al, em que possa saluar esta casa, se aquella fi-
lha nam. Hum filho me leuou na sua menenice, & pol
los acontecimentos em que se perdeu, huns annos tiue
algũa esperança: mas jagora a filha me conuem daga-
faltar o melhor que poder, & polo filho deixar de sus-
pirar mais, & que seja o esteo fraco pera o tal pezo,
que fara quem nam tem outro: Antonioto torna com
sua ama affaz tenho sabido do negocio não quero sa-
ber mais.

SCENA. VII.

Antonioto.

Fausta.

Ant. **M**Olher Sanctissima. *Fau.* Muyto mais ain-
da do que dezas. *Ant.* Eu vou sempre
ássi atento, & queria que se achasse antes mais que me-
nos. *Fau.* Menos dizes, como se tiueras dito de cem
partes hũa. *Ant.* Em que falaste tanto? *Fau.* Tan-
to? E a mim parece me que foy hum sonho. *Ant.* Sa-
bes que sonho? que se foram as beguinas, & differam-
me que ellas teriam cuydado. *Fau.* Estaua como fora
de

de mim. *Ant.* Grandes segredos saberias que nos outros, ca nam alcançamos? *Fau.* Nunca tal cuydey de ouir neste corpo peccador? *Anten.* Em que falastes, se he pera dizer? *Fau.* Em muytas cousas Sanctas: pregunteylhe se as comadres conheçiam hũas as outras la no outro mundo? *Ant.* Que te disse? *Fau.* Que era cousa muyto certa. *Ant.* E a mãy ao filho nam, nem o filho a mãy? *Fau.* Que me diras a isso? *Ant.* Sam segredos grandes. *Fau.* Porem prometeome de me ensinar huma deuaçam pera conhecerem tambem os parentes. *Ant.* Bemaventurada tu, & polla ventura sabera outra pera os amigos? *Fau.* Pois que cuydas? *Ant.* Ficaricis grandes amigas: *Fau.* Mais que irmans: *Ant.* He verdade que vam as almas em Romaria a Sanctiago: *Fau.* Huy muyto certo: as que la nam foram em vida. *Ant.* Afsi dizem aqui estes Iudeos que ham de ir a terra da promissam em morte por debayxo da terra foçando como toupeiras. *Fau.* Por isso quem laa pode yr na vida; *Ant.* Antesa meu parecer sera melhor depois. *Fau.* Porque cuytada de mim? *Ant.* Porque, aquella estrada que vemos de noyte, nam tem tantas encruzilhadas, nem tantos ladrões. *Fau.* Bõ he pagar ca as diuidas. *Ant.* E farscha com muyto me nos custa, & trabalhos: sem passar pollo mao gasalhado de Portugal, nem polas çugidades de Galiza. *Fau.* Tudo isto sam trabalhos do corpo. *Ant.* q̄ te disse da

caldeira de Pero botelho? *Fau.* Deos nos guarde que estão ahí sempre tantos inimigos conghados. *Ant.* Como tripeiras na praça, & frades na enuolta? *Fau.* Guardeos Deos de mal. *Ant.* Assim os pintão com suas coroas, & loam despera em Deos? *Fau.* Viho, & falou lhe parece-me que em Grecia, & nunca mais ria. *Ant.* He verdade do pesadelo, que tem a mam furada? *Fau.* E pois que cuydas? muyto mal se faria logo, se tal não fosse: tambem me ensinou esta deusaçam. *Ant.* de gradarmia pera o mar colhado? *Fau.* Ay Antonjoto em vida, & em morte. *Ant.* Em vida tambem; faz-me isso cuydar em teu filho que não parece aquelle, dias ha. *Fau.* Muyto falamos sobre isso. Diz que pode muyto bem ser: quanto a vista, andar aqui, & estar lá degradado, delles metidos ate a cinta, delles ate o pescoço. *Ant.* Ey medo segundo teu filho anda. *Fau.* Promete-me de fazer esta oraçam por elle. *Ant.* Por te dizer a verdade, isso nam me satisfaz muyto. *Fau.* Porque Antonjoto? *Ant.* Porque he custunie destes priuados podendo quanto querem, dizerem sempre cu falarey. *Fau.* Ella mo disse com tal graça que eu fiquei contente. *Ant.* Dao logo por feyto. Somos em casa. *Fau.* Depois falaremos mais deuiagar nam des conta disto a ninguem, *Ant.* Descança, Oo graças deste mundo, nam sey como me pude ter ao rizo por vezes fuy abalado de maneira que deuy a negoceaçam toda por perdida, mas ella nam atentaua, nem via, nem ou-
uia

uia que tam occupada vinha do espirito. Estas vos digo eu que sam, graças que nam as dos truães frios, que estam toda a noyte estudando em suas semsaborias. Ho que leue coufa he enganares a quem deseja de te crer. Guardeme Deos daquelle cabeçudo de nosso amo que por mais que lhe digaes, & jureis sempre esta dando a cabeça. Esta fique nam duuida. Ho que dias agora ha de leuar nos seus ajuntamentos com aquellas suas comadres que ha de conhecer no outro mundo. Deos nos valha que as outras nam ham tam pouco de querer trazer ali suas lingoas ociosas. Ho senhor, que ajuntar de cabeças, que reuoluer dolhos, que bulir de beiços, que a fiar de lingoas, que hũa nam da lugar ha outra. Cuidaes que se escurtam? a proposito. Estam sempre esperando tempo pera tomarem a mam, depois não a querem perder tam asinha, & aquella vem ali mais rica, que tras mais fortes casos pera cõtar: que cousas dira agora nossa ama? & que enueja lhe hande auer as outras? entam estes seus maridos que nos gouernam mais barbudos que os hirmitaes dos montes hermos, sam infim gouernados por ellas. Quantas coufas tenho oje pera fazer.

ACTO. III.

SCENA I.

Miluo.

Vilhalpando capicam.

Mil.

COMEDIA DOS

Mil. QV E o nam digo por me estar gabando,
 mas quem as manda todas, & as gouerna
 senam Miluo? *Vilh.* Assim me dizem, que ja venho a ti
 por fama. *Mil.* Que te differam de minha fee, & deli-
 gencia. *Vilh.* Milagres. *Mil.* Nam poderas topar em
 toda Roma com homem que te assi auiasse, & desen-
 ganasse. *Vilh.* Nem tu com quem te assi pagasse: que
 estes ca todos sam auarentos. *Mil.* Nam pera estas o-
 bras de misericordia corporaes. *Vilh.* Em fim nam te
 has de queixar de minha companhia. *Mil.* Sabes em
 que as senhoreo? serlhes todos seus segredos. *Vilh.* A
 la fê que hi vay ho ponto: sus ponhamoslhe as mãos, &
 remetamos as obras. *Mil.* Que nam ay tais teste mu-
 nhas. *Vilh.* Aquellas sam as casas, mas vejo tudo fe-
 chado. *Mil.* Oh em Aurelia Bolonhesa me falas.
Vilh. Que olhos? que chamaem mais de dia que as
 estrellas de noyte. *Mil.* Tam boas sam as mãos. *Vilh.*
 Diuinas, aluas como a neve, compridas as vnhas
 longas, & coradas. *Mil.* Assim caçam. *Vilh.* Que-
 riasse me ontem lançar da janella abayxo: oje vejo
 tudo fechado. *Mil.* Tem suas occupações, nas cou-
 sas das molheres nam has de ser muyto especulatiuo.
Vilh. O que boca, o que riso, o que graça. *Mil.* Em
 superlatiço grado, mas a lingua? *Vilh.* Como? *Mil.*
 A da máy digo, que dana tudo, he hũa serpente. *Vilh.*
 Encantemola. *Mil.* Assim he necessario. Mas com que?
Vilh. Com palauras brandas, & auisadas. *Mil.* Cer-
 ralhe

ralhe os ouvidos. *Vilh.* Seja com algũa feytiçaria. *Mil.* Traz defenstuos. *Vilh.* Ou com muyto de comer, & beber. *Mil.* Faz todos seus partidos em jejum. *Vilh.* Cõ dadiuas? *Mil.* Esse ponto me lee, & toda a casa he nosa. *Vilh.* Sobrisso farey inda hũa gentileza com ellas. *Mil.* Que tal? *Vilh.* Mandarlheey hũa esparça de perlas. *Mil.* Segundo a velha he toda gentil. *Vilh.* Essa vos sa Roma toda se reuolue em dinheiro. *Mil.* Somos as si paruos. *Vilh.* Quebrarey dez lanças darmas no canto daquella sua casa. *Mil.* Hum Roldam. *Vilh.* Lançar-meey em terra, & erguerme : armado de ponta em branco. *Mil.* Quem fez nunca tal. *Vilh.* Saltarey em hum caualo sem por pee na estribeira. *Mil.* Ligeireza *Vilh.* Bafor darey por cima daquella Torre. *Mil.* Galantarias? *Vilh.* Correrey a Cauallo em pee na sella. *Mil.* E se elle embicar. *Vilh.* Lançar-meey fora como hũa Aue voando. *Mil.* Graças que Deos da as peffoas, *Vilh.* Mas pois nam querem, senam dinheiro que lho demos. *Mil.* Creme que esse he o mais certo caminho. *Vilh.* Parecete esta boa moeda? *Mil.* Muytos destes me podiaõ fazer grande senhor. *Vilh.* No espiritual, & temporal, mas espera pedirey aqui papel, & tinta, & irã tambem a esparça de Companhia. *Mil.* Aqui te espero que as mataras de amores.

SCENA. II.

Antonioso. *Miluo.* *Vilhalpando.*

Ant.

COMEDIA DOS

Ant. Falei cõ a conuertida não se pode crer o seu spiritu, ordimos nossa tea, agora ade vir hũ irmitã darlhe os fios não me parece elle muito suficiẽte, mas não tinhamos outro: he este Miluo? Deos te salue. *Mil.* De homẽs ociosos, & sem proueito. *Ant.* E tu q̃ fazes agora assi estando? *Mil.* Mais do q̃ tu cuidas. *Ant.* Sẽpre fazes casos. *Mil.* E, spreita, & velos as se me não cres. *Vilh.* Não te fiz perder muito do dia. *Mil.* Não acharias auia mento. *Vil.* E tu cuidauas q̃ era eu como estes Poetas q̃ andão sempre falando consigo, & carcar e jão mais hũ seu verso, q̃ hũa galinha o seu ouo. *Mil.* Es prestes den genho. *Vilh.* Não saõ deffes em dizendo, & fazendo esta pronto. *Mil.* Com quantos sentidos me Deos deu. *Ant.* Maluado q̃ me esta dando dolho. *Vilh.* Hercules que la serpienta, Hydra matò sin temores tuuiera grã sobreuienta, de nos requestar damores. *Mil.* que alto que heroyco começo inuentiuo, rodante, acomodado ao proposito. *Vilh.* quão fuera de cartas y coplas para re querir nueuos amores, torno do começo. *Mil.* Dize q̃ estou fora de mi. *Vilh.* Hercules, q̃ la serpienta, Hydra matò sin temores, tuuiera gran sobreuienta, de nos re questar damores. *Mil.* Ay, ay, ay, ay, ay, que farey. *Vilh.* Iupiter el falso Dios, amor transformado em toro. Amor transformado en oro. Como agora a mi por vos. *Mil.* Altissima, Sanctissima, argutissima, acudindo por derradeiro ao nome de Aurelia. *Vilh.* quanto folgo de me assi entenderes. *Mil.* Estou fora de mim. *Vilh.* Mas tudo

tudo isto he perdido em Roma. *Mil.* Poré em Romã ha Aurelia. *Vil.* Bem difficile, ora estas auiado, negocea q̄ eu vou entender em certas deferças. *Mil.* Vai & def cança, mas dasme licença q̄ tome otreslado. *Vil.* Nã por agora depois bẽ se farã tudo. *Mil.* que te parece Antonio? Perdia estando tẽpo? *Ant.* Grande homem tens entre as mãos. *Mil.* Não vias como se entoaua. *Ant.* Todos os poetas assi são enfeitçados com suas coufas. *Mil.* Tenhome com este ouro q̄ a todos cõtenta. *Ant.* Abõs sam os escudos. Voume q̄ não he tempo de ter pontos contigo q̄ tens taes armas dauentagẽ. *Mil.* foy-se que me matẽse este tambem nam jaz nas redes de Guiscarda. He ella que vẽ acolã? essa mesma: aquelloutro he Cesariam rosto fazem hum pera outro.

SCENA III.

Guiscarda. Cesariam. Miluo.

Guif. **P**Assarei segura? *Ces.* De qué Guiscarda? *Guif.* Daquellellas tuas ameaças. *Ces.* Tudo me esq̄ce quanto deuo de fazer não sei, porque mo lẽbras. *Guif.* Não queres que tema de qué me assi ameaça? *Ces.* Não he por isso, mas polo muito q̄ me teus errado. *Guif.* Se não queres al de mi voume q̄ se não negoceaõ assi as coufas, q̄ muito releuão. Digote q̄ dormes, & não dormem outros. *Mil.* E mais com tal moeda na mão. *Ces.* Dormir dizes; nã sabes tu q̄ tẽs mudadõ o costume aos meus olhos. *Guif.* De q̄ maneira. *Ces.* De todo aquelle

COMEDIA DOS

te n̄po que soham de dormir agora choram. *Guis.* E de que serue? vigia, & negocea. *Mil.* E mais pera que medranças. *Ces.* Sempre eyde negocea? te quando? *Guis.* Sempre as de querer mais de nos? te quando? Se te n̄o aprazemos ja, amigos como dantes. *Ces.* Que pouco mais ou menos toda he h̄ua mesma amizade. *Guis.* Em fim es casado vayte para tua molher. *Ces.* Casado? & quem me quererà a mim desta maneira? *Guis.* Mancebo, gentil homem, hum filho soo dum pay muyto rico, & muito velho: es pera engeitar. *Ces.* E porem assi sam engeitado, & lâçado fora de casa. *Guis.* A qual casa faze conta que se n̄o pode manter de suspiros. *Ces.* Os meus appetitos vos poseram nesse estado. *Guis.* Que passam abrindo a mão, & çarrando. *Mil.* Pratica costaira; *Ces.* Depois que me ouestes as mãos a triste da minha alma, & o triste de meu coração engeitai-me o corpo, & quereis-me assi deixar morrer. *Guis.* Tu sararàs. *Mil.* Como fala ousada, porque nam tem narizes. *Ces.* Assi que me n̄o das remedio nenhũ. *Guis.* Pedes-me o que nam tenho para mim. *Ces.* Nem esperança. *Guis.* Imfim dirtey h̄ua verdade, a nos com prenos viuer como nossas vezinhas que todas tem amigos certos, himos ja çarrando nossa conta, no lugar que ainda fica nam engeitaremos a ti, tanto por tanto, polo amor que te temos, & oje aja tua resposta que n̄o quereamos mais estar por este partido de bem te farei. *Ces.* E muyto menos por de bem te fiz, segundo me

ora parece. *Guis.* Sabes aquella necessidade que tenho me nam daa vagar nem o posso dar a ninguem. *Mil.* A tempo vem logo os escudos do Sol. *Guis.* Estamos assi a ventura não ves tu tantas fermosas pollas janellas, & tantos ociosos pollas ruas? *Ces.* E a todos elles tu queres meter em casa? *Guis.* Mas a todos elles tu queres que çarremos a porta por amor de ti. *Mil.* Naquillo tem razam a fallar verdade. *Ces.* Ora dize pois minha mofina assi o quis, que qui-nham serà o meu consertandonos. *Guis.* Teras tua noyte na semana. *Mil.* E naquillo tambem com eo muyto que lo meter em dicta. *Guis.* Se fores nesse conhecimento. *Ces.* Do que me queres vender como a mouro, ou a judeu ou de que. *Guis.* Ainda tu es tam aprendis que nam entendas as auentagens dos fernidores novos: Que sam tam apraziueis, a toda casa quer em contentar ate os cães, & os gatos. *Ces.* Eo fin ho vencido por força, he que viua pollas leys de vencedor, pois assi he que auemos de entrar ao cote carniceira alça ho cutelo, & reparte. *Guis.* Olha nam me chames depois carniceyra de verdade. *Ces.* Foyse? voume enforçar estes foram os perdões. *Mil.* Como Cesariam he moço: quero dizer como Cesariam he paruo que ainda não sabe que elle era o que a uia de pedir os perdões, que pressa a velha leua, voume depos ella.

COMEDIA DOS

SCENA III.

*Cuiscarda.**Miluo.**Aurelia.*

Cuis. **A**INDA á porta nam era bem cerrada já batem que mau officio serào de porteyro dos frades. *Mil.* Ta, ta, ta. *Cuis.* Ou he algum doudo, ou a'gum priuado. Ah bem adeuinhoua eu. *Mil.* Que ençarramento he este. *Cuis.* Nam sabe homem quem lhe quer mal. *Mil.* Quem hade querer mal a quem nam faz mal a ninguem. *Cuis.* Alsi he elle se nos valesse, mas que mandas? *Mil.* Com que pressa te ma colheste, ainda tu tens boas pernas. *Cuis.* Trazem me como dizem as raparigas de cantaro, mas cumpre te de nos alguma couza? que já sabes como tudo he teu. *Mil.* Renego deste tudo que nunca segura nada; mas hay por ventura occupaçam, ou como te me atrauestras alsi diante. *Cuis.* E mercaderia te parece desta casa para estar as moscas. *Mil.* Vou logo auante, que nam ha hy peor negoccaçam, que a sem tempo? *Cuis.* Nam me tens aqui? *Mil.* Eu buscaua Aurelia. *Cuis.* Que lhe querias? *Mil.* Nada, nam sey que trazia nesta manga quiferaa conuidar. *Cuis.* Es seruidor de capello. *Mil.* Esse mau sirtte là que nam he pera ti. *Cuis.* Ah ladram que bons escudos, onde os furtaste. *Mil.* Na casa da

moeda, *Guif.* Novos dagulhas queres que a chame.
Mil. Nam, se esta occupado. *Guif.* Huy que occupa-
 çam pode auer pera ti. *Mil.* Ferida vay estes sam os
 tiros do ouro, que dizem os poetas do seu Deos do
 Amor. *Aur.* Quem he este meu seruidor, que nas
 boas oras seja. Tu eras, olhay os amores que ha mil
 annos que me nam vio, nam te quero fallar. *Mil.* En-
 tam de que viuirey eu. *Aur.* Si, tolhes me a vista
 tantos dias ha, razam seria que te tolheffe eu aguora
 a falla. *Mil.* Ora por passar estes agrauos lancemos
 humas sortes. *Guif.* Que taes? *Mil.* Tenho neste pu-
 nho huma peça, neste outra. *Aur.* Nam aja burla.
Mil. A fee que nam, quem acertar a millhor a sua
 ventura lhe valha, *Guif.* Esta seja a minha, *Aur.*
 Ea minha estoutra. *Mil.* Primeiro vejamos a que
 tomaram primeyro. Esparla feyta em louuor da
 Senhora Aurelia, por hum grande seu seruidor.
Guif. Seja logo sua, vejamos effoutra. *Aur.* Isto
 si esta he a minha. *Mil.* Espera, que ainda sobre isso,
 ha muyto que fazer. *Aur.* Faze conta que os vis-
 te. *Mil.* Estas logo bem que tens por onde pagar.
Aur. Nam sam mais de dez escudos, quanta era
 por tam pouco vejamos a esparça. *Guif.* Que igua-
 ria pera enfatiados. *Mil.* La falaremos dentro. *Aur.*
 Entra minhas barbinhas douro, minhas perlas que
 vem gente,

SCENA. V.

Apolonio hermitão. Antonio.

Apol. Por aqui hade ser segundo a informaçam ey-
de esperar Piloto que me nauege? *Ant.*
Torno a guardar aquelle Irmitam, o que azemel tam
pezado da redea de quam prestes he a grega. *Apol.*
Dominum, Dominum, Dominum. *Ant.* E porem as
vezes aysi carrancudos, & de ma graça enganam mais.
Apol. *Dominum. Dominum meum, Dominum meum.*
Ant. E os agudos que querem dar rezam a tudo as
vezes se perdem. *Apol.* *Conturbatus conturbatus.*
Ant. Este bom vem como dizem em abito, & ton-
sura. *Apol.* *Abrenuntio, Abrenuntio, Abrenuntio.*
Apol. Apolonio deyx a de rezar, & escuyta. *Apol.*
Não pode homem em Roma acabar hũa oração em
paz, por isso he milhor estar soo na minha lapa. *Ant.*
Ah, ah, ah, que tan bem me quer enganar a mim.
Apol. O Tu eras nam te conhecia, como esta ca-
sa? *Ant.* Nosso amo repoufa, nossa ama te espe-
ra. *Apol.* Bem esta. *Ant.* O que logo poderes re-
cadar nam o deixes pera depois. *Apol.* Mas deyx-
xalohia pera dia de sam sezejo. *Ant.* Espanta, a-
panha, & despachate. *Apol.* Bem te ouço. *Ant.*
Se te enquererem muyto fazete a gastadiço, & de
pou

poucas palauras. *Apel.* Tudo me lembrara. *Ant.* Aquella he a casa vay muyto em hora maa. *Apel.* Maa seja pera ti. *Ant.* Quem anda neste mundo em seu abito, nem em seu proprio rosto? dos Regedores saem as defordenanças, dos letrados as cautellas, assi como das boticas as peçonhas, & como dissem, os beliguins sam os que roubam a cidade. De que fazem em Roma os officiaes tais quintas? quem sae de nossa casa, o velho he em outro posto esperar e o irmitão a tornada que ja sabe onde ha de acudir.

SCENA. VI.

Pomponio so.

ESTA minhã casa toda anda trouada a molher dentro em puridades, fora em deuações, não sey que negoção todos, que assi se velão de mim em parecendo logo mudão a pratica, & todos se acenão. Quando auiamos mister mil olhos, & mil ouvidos pera nos valermos de tanta gente então perdemos o ver, & ouuir. Quando nos erão mais necessarios os pés, & as mãos entam nem os pés vos podem trazer, nem defender as mãos: sobre tudo crecem os negocios, & trabalhos, falecem os passatempos. Sohia a ser, que ao erguer da cama pedia de vestir, & pera ver, e cõuersar, & agora tremo, & parece-me que peço armas para sayr a pelejar. O grande natureza como fosse tam bandeira por parte

COMEDIA DOS

dos começos das cousas, com os mininos todo mundo folga, te as suas sem favorias, se lhes tornão em graças. Ao contrario com os velhos todos se enfadam, todos se carregam, antes, que passemos desta vida ja começamos da sombear. As menhãas de seu natural são graciosas, as tardes tristes, & como disse aquelle nosso Romam as mais das gentes fazem sua oração para onde o Sol nace. O porque as vezes me falece paciencia assi he ver os mininos em tão pouco tempo duas vezes dentes, & a nos que nos desemparem assi pera sempre em tempo de tanta necessidade, valnos algũa experiencia, que alcançamos com os dias por onde assi passo, como andamos trilhamos lonje: Por ventura serey eu tal oje com este meu bordam, que por isso dizem, que sabe o diabo muyto.

SCENA VII.

Miluo so.

A Verdade, & mais no teu officio te encomendo sobre todas as cousas, os tafues reubarã em outra parte por pagarem fielmente o que fizeram bom sobre sua palatira, & logo a ti torno, ja çarrou a porta, não vejo ninguem, q̄ farei, com quem falarei este segredo tamanho, que me não descubra? Onde acharey eu agora hum mudo, & que ouuisse, pera que pudesse de fabafar com elle. O velho paruo de Miluo, q̄ te nacerã
os den-

os dentes em Florença, & agora te caem cada dia em Roma, tornares assi de nouo a engatinhar. Cuidei, que ao menos neste mesler das mulheres pola longa experiencia, que ja tinha descuberto tudo. Velho tolo outra vez, & muytas que hoje neste dia tornas a entauolar o teu jogo de nouo. Cuidei hum tempo que valia cõ ellas mocidade, auiso, nobresa, boas manhas, bõ parecer. Não tardou muito que mudei a opinião, & cri outros dias, que tudo estaua em diligencia azos, conuersaçõ, terceiras as orelhas. Fui mais auante affirmeime, que o segredo estaua em da diuas, & que tudo o mais era ho vento, & nisto assentei. Entam tinha grande passatempo com estes requebrados, mortos de amores, aqui cairei, ali cairei sem hũ so real na bolsa, agora ja no cabo da vida venho fora de mi cõ a nossa Aurelia, moça fermosa tão estimada nesta corte, olhai quẽ escolheo em toda ella? desque rimos, & chocarreamos de ilhe todas minhas contas sem me temer de nada, senão quando supitamente sinto na moça mudança de cores, & de palavras, posto que dissimulava a todo seu poder; Nisto a velha deixonos sòs, ella cõtra mi toda demudada disse. Miluo a estreiteza do tempo não sofre mais, mas se algũa ora oueeste da algũa cousa piedade, seja agora de mim. Moça coitada morta damores, em poder de tão cruel mãy como sabes sem ousar de descubrir nunca a ninguem senão agora a ti. E dizendo isto as lagrimas que corrião em fio dos seus olhos, como de hũa fonte,

COMEDIA DOS

finalmente morre damores por hum rasiãnas Español, negro, crespo, narigam que hum destes dias andou as cutiladas diante da sua porta com outros tais, em que ferio, & foy ferido. Diz que nunca vio cousa tam fermosa, como andaua cheyo do seu sangue, & do alheo. O Senhor Deos a mi que o conheço, mas aprouelhe; hi la, & pondeus em rezam com os appetites, era aquella a sua hora entam concluyo assi. E pois agora a boa dita trouxe tal occasião, não sejas tu foo o que me faleças. Minha mãy não conhece este teu Vilhalpando nem estoutro tam pouco, ambos sam Espanhoes, leuemente pode passar hum pelo outro. Vay a este meu, & da minha parte dalhe todas estas contas. disse lhe, que faça muyto por ser esta noite o primeiro ao entrar, do mais deixe o cuydado a my. E se alguns passos te forão neste mundo bem pagos, estes seram como resgate de minha vida, que te ponho nas mãos: Mas se fores tam cruel que te não venção meus rogos, & lagrimas, lembrete a que defatinos às vezes obrigão as tamanhas magoas. A este ponto a mãy que tornaua; ella toda rissonha alim pou o rosto como de fuor, entam metecome o lenço no seyo como gracejando eu tambem dissimuley. Este he o lenço inda com os finais das lagrimas, mas que vem nelle atado 2o que galante anel milhor muyto que as lagrimas; O maluada pera me mais obligar. Pareceus se o diabo em cujo seruiço ando me arma boas armadilhas. Se cumpo com o meu capitão, lo

go o acutiladiço he comigo, se com elle que farei a estoutro que hey assi de fazer, se nam guardar mui bem o anel; a elles enuialos la esta noite ambos sua venturales valha dos negoceos tam empestados nam se pode homem descenuoluer limpamente, se bons caldos mexem, que tais os bebam. As molheres tudo se lhe sofre à nos nada, ca vejo vir o meu Vilhalpando garganteando, todo requebrado, prestes alem.

SCENA. VIII.

*Vilhalpando.**Miluo.*

Vilh. **A** Elhos compadre a elhos, que elhos xaboneãros sone. *Mil.* Ia cuida que os leua todos de vencida. *Vilh.* Que nunca vi xaboneros vender tambẽ su rabone. *Mil.* Querolhe falar, & mais ainda sobre tudo tal melodia de garganta. *Vilh.* O Miluo onde estava eu, que te não via. *Mil.* Em outra parte. *Vilh.* Dizes verdade. Pois ainda este ençarramento dura? *Mil.* Eu quebrar e todos estes encantamentos, mas que xaboneros eram aquelles. *Vilh.* Ah, ah? ouuiste? vay homem assi as vezes cuydando em al. *Mil.* Eu te olho com tais olhos, que não fazes, nem dizes coufa sem fundamento. *Vilh.* Bem me toma te o pulso hia cuidando nestes vofos perfumados, q̃ ricas aljubas vestiã. *Mil.* Que taes rendas comem. *Vilh.* Nos outros com arcabuses as costas, aqui ficamos des mil, alli os vinte mil, & Roma se-

COMEDIA DOS

prê em seus prazeres. Deixa que seu dia lhe virà como
a seus vizinhos. *Mil.* He hum conto do mundo. *Vilh.*
Nos o deuaßaremos cedo: sem tanto escreue ca. escre-
ue la, cursores vão, cursores vem com suas varinhas na
mam de mais virtude, que as que chamão de condão.
Mil. He hũa cidade de paz. *Vilh.* Tanto milhor achala-
mos chea como colmea, & cresta laemos. *Mil.* Milhor
o farà Deos? *Vilh.* E visitaremos Roma a noua, & Ro-
ma a velha, outra boa gête, onde não vedes mais de ro-
mãos, que o nome, & a soberba da barba alçada, de yxa
que nos lha abaixaremos. *Mil.* não curemos ora do por
vir, falemos do presente. *Vilh.* Atraueßou se assi estou-
tra pratica, que me levantou a coleta, mas q̄ tens feito.
Mil. Tuão esta por ti. *Vilh.* Não podia menos ser, segū-
do o q̄ nella ontem vi. *Mil.* Como lhe dei os sinais não
oune mais que fazer. *Vilh.* Parece que lhe não esque-
rão? *Mil.* Te do penacho, q̄ era branco. *Vilh.* Logo vo-
sos olhos dizem o que tendes nas mulheres. *Mil.* Diz q̄
nunca vio homem a que tambem estiuesse a espada na
cinta. *Vilh.* Que diria se ma visse na mão, & que differã-
da esparça? *Mil.* Essa acabou de fazer o campo franco.
Vilh. Que certo atalho he o bom auiso em todas as cou-
sas. *Mil.* Mais certo foy o das cutiladas do outro. *Vilh.*
Que dizião? *Mil.* Gabauão aquella entrada tam alta;
Hercules, que la serpienta, &c. *Vilh.* Não ha cousa que
mais obrigue que os exemplos: que apontou mais.
Mil. Mil primores. *Vilh.* E pôem nome cada mente. *Mil.*
Aquelle

Aquelle passo diuino Amor transformolo em oro, como agora a mim por vos. *Vilh.* Logo te ficou na cabeça. *Mil.* Pera que te ey eu de negar a verdade, sey a de cor. *Vilh.* Que Xaque te pareceo esse em descuberto ao nome de Aurelia. *Mil.* Com que ganhaste a dama. *Vilh.* Ah, ah, ah, pois que lhe guardamos mais nam sabes que as molheres sam viandas de fartam', sopar, & comer. *Mil.* Façamos primeiro nollas cousas a recado, tu es apetitoso, & liberal, a velha falsa, & cobiçosa. *Vilh.* Eu curarey tudo como for em casa. *Mil.* Deixame por agora capitanear. *Vilh.* Que entendes fazer. *Mil.* Hum contrato defavorado porque vittamos, eu farey aquella velha ver as estrellas no meyo dia. *Vilh.* Logo assi no começo. *Mil.* Deyxa essas culpas a my, ja me declarey com ella. Que minino Miluo, ao tempo, ao dar do dinheyro he nosso, ajudemonos delle. *Vilh.* Parece outra mercadoria? *Mil.* Esta he a mais duuidosa em Roma, por isso faze, que nam entendes, que eu vigiarey, vou fazer meu contrato. *Vilh.* Vay, & torna com tempo. *Mil.* Logo saõ contigo. Agora me cumpre, ainda mais este contrato, que nunca por me saluar de sospeitas: vou me em busca do das cutiladas, que nam he pera brincar com o infiamto, & determinaçam daquella douda; Assi começarey de andar de Vilhalpando em Vilhalpando.

COMEDIA DOS.

ACTO. III.

SCENA. I.

Fabiano soe.

VI Hypolytã, mãs que he aquillo, que eu vejo nos seus olhos, certo isso que elle he não o ve outrem senão eu; & assi eu sò sam o que viuiria de sua vista sem outro mantimento nenhum. Todos sabemos, q̃ as esmeraldas sam de grande preço, mas poucos alcançam suas deferenças. Estas estatuas antiguas, quanto que as prezão aqui, & em toda Italia. As outras gentes nam querem samente olhar pera ellas, donde podemos julgar que outra vista ha mais certa em nos q̃ ados olhos. Quem acaba de ver aquella diuidade que he Hypolita? quem o seu spiritu em quanto ella diz, & faz? quem a sua mansidam de muyto mayor força que todas as armas do mundo? quem o seu calar, tão cheo de entendimento? Finalmente aquillo, q̃ eu não sey dizer, quem he o que vê? & mais em terra de vistas tam occupadas: certo quanto a my mais me faz crer Hypolita que senhoreou esta sua terra o mundo todo, que não, o q̃ lemos della, nem o que vemos desses seus theatros, Thermas, arcos Triunfais. O que tambem me faz mais espantar destes mancebos Romãos lançados assi todos os amores, das cortesaãs que em fim sam molheres publicas deixando as suas naturaes tam fermosas, & onestas como desprezadas. O torpeza, o descaimento daquelle

le sangue Romam, que tam carás comprou as suas Sabinas. Mas vejo Antonioto afadigado anda, como não andara, se busca coufa tão fogida, como he o dinheiro.

SCENA. I.

*Antoniero.**Fabiano.*

Ant. **D**las ha hi, que os homens nam podem ir á-
 uante com coufas que comecem. *Fab.* Estes sam os mais neste tempo. *Ant.* Isto chamam nadar
 & nadar, & morrer a beira. *Fab.* Que em tais bancos
 de frandes nauegas. *Ant.* Te Cesarião, que busco pera
 lhe dar nouas, não o posso achar. *Fab.* Iazera naquella
 casa. *Ant.* O Fabiano saberme as dizer de Cesarião? *Fab.*
 Oje o vi, & deue de estar, onde te disse. *Ant.* Ia he de lá
 degradado, & não sei ainda se pera todo sempre. *Fab.*
 Assim o fizeste Deos: que he hũa grande quebra, & ver-
 gonha sua, andar como anda. *Ant.* Com tanta dor de
 seu pay, & de sua máy. *Fab.* E dos seus amigos. *Ant.*
 Tendo o seu pay casado tambem por tantas vias. *Fab.*
 Em que parte. *Ant.* Elle to dirá se to ain da nam disse.
Fab. Segredo he que todo mundo sabera cedo, se assim
 he. *Ant.* Nam he ainda coufa muito certa. *Fab.* Assim du-
 uidosa ma has de dizer. *Ant.* Leyxame que vou de pres-
 sa. *Fab.* Nam leixarei conta ma, & iras mais leue. *Ant.*
 Isto he força chamarei aqui del Rey. *Fab.* Está longe
 não te ouwira. *Ant.* A se que me não descubras? Como
 se

COMEDIA DOS

se fizêres hũa coua na terra a que o dissestes, *Ant.* Nem
 essas não mantem segredo, olha que me fio de ti. *Fab.*
 Disse seguramente. *Ant.* Com hũa filha deste nosso vi
 zinho. *Fab.* Qual vizinho. *Ant.* Mario, q̄ deues de conhe
 cer. *Fab.* Com Hipolita. *Ant.* Não tem mais de hũa, &
 assi cuido, que se chama. Deixame passar. Encostouse
 Fabiano, & fica como pasmado. *Fab.* Antonieto nam
 parece? cairãome as mãos, foise me a vista dos olhos, en
 tre tanto elle partio, & deixou me morto, como dizem
 dos partos. Ah, fee boa, & Sancta amifade, tam mã de
 achar neste mundo, todo falio, todo cheo de enganos,
 & maldades. Os segredos da minha alma Cesarião os
 sabia todos: os seus sabeos todo mundo, senão eu elle,
 que mos encobrio não foy sem causa. Poderá tal sofrer
 os tristes dos meus olhos, & ainda q̄ daqui fuja poderá
 o triste do meu coração sofrer tal. Onde quer que elle
 va està so, he a dor que o pode matar, & ella me mata
 rà. Ah triste de mi, que nem aquelles meus amores tam
 limpos poderão ser sem fel, & sem lagrimas: onde as
 yrey cobrir, que me assi deicobrem.

SCENA. III.

Pomponio so.

QVe farei, onde me acoutarei? aos amigos? dondê
 os acharei eu? as casas doração? & ah, que a muy
 ta hypocrisia? a minha, & ella he toda posta em poder
 de

de meus inimigos. Estes erão os côcelhos, & puridades
 nisto auião de vir parar as deuações de minha molher
 te os irmitães do ermo me saqueão a casa: se forão sol
 dados aquelle he o seu officio, mas irmitães? de hũ des
 calço barbudo, todo cuberto de seu capelo, qué se avia
 de temer? Despois culpaõ os velhos de sospeitosos, q̃
 faremos a tãta maldade como cada dia vemos, acertei
 de ver oje aquelle encapotado ao sahir de minha casa,
 logo disse entre mi. Nã abastaua a este dia noue beguĩ
 nas, senão ainda tai irmitão. Não me repousou o cora
 ção mais: voume apos elle, q̃ tão pouco não era muyto
 desenuolto dos pès, a paixão me deu tambem boa aju
 da. Finalmente entrou em hũa tenda de hum Ouriues
 & começaua a tratar do preço de hũ firmal de minha
 molher, que eu conheci de hũa legoa. Nam tiue mais
 paciencia, lanço me també dentro, & empolguei logo
 o firmal, bradando por justiça, magoadado saõ, por q̃ me
 fogio o ladrã, q̃ a presa nas vnhas me ficou, caímos am
 bos na terra não pude mais fazer. O ouriues diz q̃ nun
 ca tal irmitão vio, saluo aquella ora. Eu tambem se me
 dera mais de uagar tresmalharame o firmal antão citaĩ
 & demandai, antes não quero saber tanto do negocio.
 Porem se eu não erro em minhas contas. Antonio to he
 he o trugimão: mas por agora quero dissimular, & co
 brar folego, que venho morto.

S C E N A. III.

*Trefomeço.**Antonio.**Tre*

COMEDIA DOS.

Tre. Falando vay o velho consigo, Cesarião não parece, nossa ama reza, querome lograr do dia.
Ant. Pera qua me disserão, que vinha hum perdido quem o achara; veyo Trefo que sae de casa. *Tre.* Hirey ver a justiça que se oje faz pomposamente, dizem que vay em hũa carreta rodeada de suas victorias pintadas veyo Antonioto, o diabo o agora tras. *Ant.* Trefo, ha Trefo, não ouues? *Tre.* A palauras loucas, or elhas moucas. *Ant.* Faz que não ouue, saber meas dar nouas? *Tre.* De quem filho de dous roins. *Ant.* Deumas mas forã de meu pay, & de minha mãy. Torna ca. *Tre.* Teu auò marmelo torto. Tenho al que fazer. *Ant.* E de meus auos tambem ainda se esta rindo. *Tre.* Nam rio, mas ar reganhome. *Ant.* Como hum cão, que es. *Tre.* Mas como a cam que es. *Ant.* Que dizes roim? *Tre.* Que falo có outro. *Ant.* Por esta de hum rapas, olha; que a bejo. *Tre.* Não por muito bem, que lhe ora queiras. *Ant.* Por esta que me aqui Deos pos. *Tre.* Por esta em que vos outros o pusestes. *Ant.* Ah de hum porco. *Tre.* Por isso a borreço tanto. *Ant.* Mã carne, *Tre.* Por tanto hora me chamas Trefo, ora porco. *Ant.* Viste Cesarião. *Tre.* Muitas vezes. *Ant.* Sabes onde o acharei, *Tre.* Por este direito. *Ant.* Está amostrando cornos. Por onde vay cam perro, *Tre.* Caminho da praça Iudea: vem se chegando. *Ant.* Espera maa cousa. *Tre.* Nam he tempo. *Ant.* Vejamos, quem corre mais. *Tre.* Quem mor medo ouuer.

SCENA. V.

*Vilhalpando.**Miluo.*

Vilb. Ora vejam os este contrato em que tanto te cõ
 fias. *Mil.* Temos negocio com o mesmo dia-
 bo, mas deixame, que eu te asegurarei daquella velha.
Vilb. Creme que não ha de brincar comigo. *Mil.* Hora
 prouaõ forças, ora manhas: às forças acudiras tu: as ma-
 nhas eu. *Vilb.* Nesta vossa Roma tudo he papel & tinta.
Mil. E nem así pode homem sair de duuidas. *Vilb.* Af-
 fiaconte ce onde ha pouca verdade. *Mil.* Escuyta, &
 leo samente as forças, tal dia de tal mes, & tal anno.
Vilb. Entendo. *Mil.* O capitão vilhalpando. *Vilb.* O Se-
 nhor te ficou no tinteiro. *Mil.* O senhor capitaõ vilhal-
 pando de hũa parte, & Guiscarda da outra, fizeraõ, cõ-
 certaraõ, contrataraõ desaforadamente. *Vilb.* Espero, q̃
 me não parece cousa conueniente contratar eu com
 Guiscarda. *Mil.* Diremos logo así, & doutra parte Mil-
 uo, polo senhor Capitaõ. *Vilb.* Não ves quanto milhor
 esta así. *Mil.* Como de branco a preto. Digo mais, que
 elle dito senhor capitaõ, desse a dita Guiscarda trinta
 escudos de ouro do sol. *Vilb.* Dos q̃ neste anno lhe rēde-
 raõ os Franceses. *Mil.* Porei ou não. *Vil.* Estou grace jan-
 do contigo, vai adiante. *Mil.* Dos quaes trinta escudos
 assim a declarados, a dita Guiscarda logo hi confessor,
 que tinha recibidos dez por mão do dito Miluo feitor

delle dito senhor Capitão. *Vilh.* Este nome de feitor he muyto mercantil. *Mil.* Por mão do dito Miluo seu procurador. *Vilh.* Pedirtehão logo conta da procuraçam. *Mil.* Por mão do dito Miluo, do qual elle dito senhor Capitão se quis seruir neste caso. A ver se acabaremos. *Vilh.* Así está mais cortesia. *Mil.* os outros vinte libdatà, entregará, pagará. *Vilh.* Emenda lhe mandará dar pagar, & entregar. *Mil.* Ia entmendei. *Vilh.* Adiante. *Mil.* A cada quinze dias seguintes outros dez escudos, *Vilh.* Dize hi mais por lhe fazer graça, & merce. *Mil.* Por lhe o dito senhor Capitam fazer graça, & merce. Profigue. *Mil.* Isto durante o tempo do seu contrato, como se declarará. *Vilh.* Está bem, dize mais. *Mil.* E logo así mesmo da outra parte a dita Guiscarda em seu nome, & de Aurelia sua filha. *Vilh.* Não guardas o decoro. *Mil.* Como? *Vilh.* Nam vestu que he ella minha Senhora. *Mil.* São no cabo: em seu nome, & da senhora, a senhora Aurelia Bolhoneta sua filha. *Vilh.* Está como deute, dize mais. *Mil.* Prometeo, cõcertou, & declarou, que dos primeiros dous meses seguintes contando trinta dias por cada mes, todas as terças feiras, & as quintas de cada semana, ellas lhe despejem a casa. *Vilh.* a minha ou a sua? *Mil.* Bem apontás, que são aues de rapina, mil terha declarádo, que ellas lhe despejem as casas em que ora viuem de toda vitta pessoa. *Vilh.* Não digas tão pouco así, que eu não hei miste as paredes. *Mil.* Onde dezia de toda vitta pessoa, ponho de toda pessoa de fora.

Vilb. Nam ves, quanto releua hũa so palavra. *Mil.* As vezes, mais do que a razão quer, por isso não lhe ajamos dõ dellas. *Vilb.* Dize mais. *Mil.* De sorte, modo, forma, & maneira. *Vil.* Iure, via, & causa. *Mil.* A que preposito *Vilb.* Tudo acham que aproueita. *Mil.* muyto embora, jure, via, & causa, que sendo o dia seguinte terça feyra, como será de minhãa, logo a noite doje faça por elle dito senhor capitam cõ seu dia, & outro tanto as quintas feiras de cada semana? durante o termo dos deus meses, como dito he. *Vilb.* Como o cuydaste agudamente, em obrigares primeiro as noites? dormiremos as minhãas. *Mil.* Estes sam os meus pontos, que se fera pera cauar, & roçar primeiro me tera os dias. *Vilb.* Ah, ah, ah, como es salgado, vay adiante. *Mil.* E acabadas as ditas noytes o sobredito Senhor Capitão lhes tornat à a despejar sua casa. *Vilb.* Declara por sua cortesia. *Mil.* Por sua propria, & liure vontade, & pura cortesia. *Vilb.* Depois que te homem poem no caminho muyto bem affentas tudo. *Mil.* Nos primores de honra non som tam usado, no mais descança. *Vilb.* Vay por teu contrato adiante. *Mil.* Nos quais dias assi obrigados das portas a dentro nam auerã nenhum negocio: *Vilb.* Praticamente. *Mil.* Puridade, nem accenos, nem outro misterio algum. *Vilb.* Muyto bem. *Mil.* Remoques, nem palavras com deus entenderes. *Vilb.* Nem diriuções. *Mil.* Bem lembras, que aprazem ainda muyto a certa gente, nam

COMEDIA DOS.

aja ciumes, nem achaques. *Vil.* Os ciumes toda via nã se escusaõ nos amores. *Mil.* Refaluando sempre os ciumes a que se nam pode por ley. *Vilb.* Galantemente profigue. *Mil.* Nam terã a dita senhora Aurelia aquelles dias amigo, ainda que seja de boa amizade, nem parente, ainda que seja Irmaõ. *Vilb.* Bem te seguraste dos primos. *Mil.* Seraõ alsi mesmo os sobreditos dias forros, liures, & izentos de todo jejum, voto, romaria, & de toda deuacaõ. *Vil.* Muito bem, prometam do seu se quizerem. *Mil.* Por isso não vès que dias te escolhi, que em hum delles caia sempre o entrudo, & no outro a quinta feira das comadres. *Vil.* Festas corporaes que se fazem guardar por fim. *Mil.* Não suspire, nem ande cuidadosa, nam lhe venha dor de coraçã. *Vilb.* Nem de olhado, que he muyto de fermosas. *Mil.* Nem lhe viram cartas de sua terra. *Vilb.* Como dizes bem, que tresandam toda huma pessoa, & nunca a deixam como a tomarão dantes. *Mil.* He muyto grande verdade, não saibam ditos, nem motes. *Vilb.* Tem hi ponto, nem contos de seus monseores. *Mil.* Ah, ah, ah, *Vilb.* De que te ris. *Mil.* Deixame primeiro matar de riso, hora ves aqui porque me ria. *Vil.* He verdade que alsi tinhas assentado. *Mil.* Polas mesmas palauras. *Vil.* Hora dize mais. *Mil.* Não laue aquella noite a cabeça, nẽ ande de ro dilhado. *Vil.* As moças fermosas são alsi mais frescas. *Mil.* Em tua escolha he; eu queria arredar inconuenientes. *Vilb.* Em fim, dizes verdade, seja tudo obra chãa.

Mil.

Mil. Nam tangerà, nem cantarà tam alto, que possa ser final aos de fora. *Vilh.* Quantas vezes me ja isso aconteceu com as amigas alheas? *Mil.* Aquelles dias tudo seja musica de Camera. *Vilh.* Delicadô ponto. *Mil.* Não aja minino em casa, que ella tome nos braços, & beije a pella de bejos chupados, *Vilh.* Que as vezes se ouuent no cabo de toda a rua. *Mil.* Os conuidados, & amigos d'elle dito senhor Capitão tratarlos ha a dita Senhora igualmente. *Vilh.* Si, que sam muyto de bandos, mais q os Catellães. *Mil.* E assi seja a mesa larga, & aja sempre muytas candeas, não fiquemos todos as escuras. *Vilh.* Bem te acautelaste dos pès ao claro, & das mãos ao escuro. *Mil.* Por se homem a cautellar nam perde nada, digo mais. Não ensine por aquelles dias o seu papaga-yo a dizer meus olhos, minha alma, minha vida, beijai-me. *Vilh.* Mata-me damores. *Mil.* Nam confinta que se lhe chegue ninguem a ver as suas joyas gabelhas de longe, o que quizerem comprar busquemno nas tendas. *Vilh.* Falas como hũ Seneca. *Mil.* Assi mais durante o tempo não mudarà nome nem casa. *Vilh.* Dizem me que muito o costumão estas vossas cortelãs. *Mil.* Por leuaré muitas nouidades: ora são Aurelias, ora Faustinas ora Dianas, fallece algũa cousa? *Vilh.* Tudo està de mão de mestre. *Mil.* E por aqui ouuerão seu contrato por acabado prometendo de auer tudo por rato grato, firme, & valioso renunciando Iuiz, & Iuizes de seu foro, *Vilh.* Não cuidei que eras tão pratico. *Mil.* E rogarão a

COMEDIA DOS

mi sobredito Miluo. *Vil.* Isso he muito destes notarios
 que dizem sempre no fim, rogado, & requerido.
Mil. E assi mandarão ao dito cabião de Miluo, q' o es-
 creueffe. *Vil.* Parece q' te anojaste? *Mil.* Antes te digo q'
 topaste com hum homé muito pontoso. *Vil.* Nã pode
 estar melhor, vai, & assina. *Mil.* q' enfadonho pontoso,
 o acutila d'ico nã ha tambem de querer perder ponto
 de diligencia la se auenhão, a noite he como dizé capa
 dorfaos, cubraose cõ ella. Ah com quanta fadiga ganha
 mos este inferno.

SCENA VI.

Cesariam. *Antonidto.*
Ces. Assi me cõtas? *Ant.* Assi deitou a perder aquelle bi-
 lhardão tantos trabalhos, & esperanças. *Ces.* E a minha vi-
 da tambem deu volta. *Ant.* Que faremos a fortuna, quã-
 do ella nã quer? por oje teufado he mais negocio, virã
 amenhã, então pera todos amanhece. *Ces.* Hum velho
 ceppo como he meu pai, olha nã nos engane esse irmitã
 tãbem a nos. *Ant.* Não queres, q' me fie dos meus olhos
Ces. Com hũ vilão robusto. *Ant.* assi se adeferêça sobre
 o seu capelo, ou lho leuã, ou não. *Ces.* Que viste da ba-
 telha? *Ant.* De hũ patte ir fogindo o irmitã desgreña-
 do, abarba no ar, obiter dos tabuleiros, e apupada apos
 elle, da outra parte, teu pinto do cujo da tãda, bradando
 por justiça. *Ces.* Quantos hũ riria do meu mal tamanho
Ant. Te a Antonidto se nã pòdia ter. *Ces.* O q' somos del
 cyber-

cubertos, q̄ faremos. *Ans.* Se o proprio ladraõ escapou, não escaparemos nos, & mais d'ado fiador, não nos valerá em casa, o qual val pelas audiencias. *Ces.* E de Guiscarda que me liurara. *Ans.* Por esta noite encomédate aquelle derradeiro remedio da paciencia. *Ces.* Onde passarei tamanha noite. *Ans.* Em tua casa, a mi q̄a nam tenho, deixame passar por estas ruas. *Ces.* Passea, q̄ ami elcassamente me podé ja trazer as pernas. *Ans.* Todavia recolhete, não faça al, eu vigiarei, & apanharei nouas, vaife, quero espiar o que faz.

SCENA. VII.

O segundo Vilhalpandos.

SE me esta ventura sae como espero, que he oje mais sb'auenturado q̄ eu? De hũa parte estão em Roma, onde homẽ não sabe de que se fie. Tenho imigos o negocio he de noite, e eide ir so. Doutra parte, Miluo por q̄ me enganaria? q̄ lhe fiz? dame sinais certos, do diadas cutiladas, em q̄ me ouuerão ali de matar. Muito bẽ me lembra q̄a vi a janella: & agora entendo que a sua vista me saluou. Oo hai ceguciras deste mũdo, onde os meus imigos cuidarão de me matar, hi me derã a vida. Infimbaralhados são os dados, cayão como quizerem, agora he muito mais tẽpo de lhe aprazer o meu esforço, por isso antes quis perder por cedo, q̄ por tarde. Andaréy por aqui aguardando o escuro; vista deu a janella, não sey que disse, ja agora muyto ha de saber que me tomar a porta.

SCENA. VIII.

Antonioto, dous Vilbaldos, Torquemada pajé, Guiscard.

Ant. **C** Videi, que se me fosse Cesarião lançar no rio & elle pera lá fez hũa ponta, mas finalmente tomou meu concelho, & acolheose a casa, eu por agora não quero entrar cõ o velho em campo cerrado, antes q̃ro ca andar por fora as minhas auécturas. *Vilh. ij.* Detrimino de acometer a porta afoutamente, que sempre valeo muito a segurança do coração, & das palauras. *Ta, ta, ta,* ja vé, cuidado aũa em casa. *Ant.* Entrada he a fortaleza sem muita bataria, mais bateo Cesarião a noite passada. *Vilh. j.* Sempre o diabo a taistêpos tras embaraços, de q̃ me não pude descenuoluer mais cedo, mas o contrato ma segura. *Ant.* Outro vem, & leua a mesma viagem: mas antes parou, quero o espreitar. *Vilh. j.* Paje bate a essa porta. *Pa.* *Ta, ta, ta,* *Ant.* Parece me, q̃ tarde piache. *Vilh. j.* Bate bem às dõ da porta? *Pa.* Não ey senã da minha mão. *Vilh. j.* Toma hũa pedra, q̃ à minha porta bates. *Pa.* *Tras, tras, tras.* *Ant.* Ao capitão mintirãlhe as espias, à quanto vejo. *Vilh. j.* Espera que ouço fallar dentro. *Pa.* E rir tambem, mande Deos não seja de nos. *Vilh. j.* Escuita rapas que tanto falas? *Guif.* Quem quebra essa porta? *Vilh. j.* Quem já tem qui brado os olhos olhando se aparecia alguem. *Guif.* Quem he o gallante dos olhos quebrados. *Vilh. j.* O maior servidor. *Guif.* Quem. *Vilh. j.* O q̃ de vencido vencco. *Pa.* Como he

paruo

paruo este meu amo. *Guis.* Cada noite auemos de ter
 quebradões de portas. *Vilh.* Aberta me ouuera ella
 de estar por obrigação, mas parece-me q̄ nesta terra, n̄
 contratos de laforados valém. *An.* Bem começa a noi-
 te. *Guis.* O Roma que patranhas são as tuas. *Pa.* Esta he
 hũa das boas. *Vilh.* j. que contrataste oje cõ Miluo. *Guis.*
 O que com Miluo contratei eu o compri. *Vilh.* j. Nam
 certo ainda tegora. *Guis.* A bê virà este negocio. *Vilh.* j.
 Não sei mas elle mal começa. *Guis.* Por cuja culpa. *Vil.* j.
 Da porta q̄ ainda está fechada. *Guis.* Abriose, a quem se
 ouia de abrir. *Vilh.* j. Ora pois ja que eide fallar da rua
 não se ouia ella de abrir ao Capitaõ Vilhalpando por
 seu contrato? *Guis.* He muita verdade. *Vil.* j. Pois como
 o tendes así de fora em tantas praticas. *Guis.* Ai minha
 mãy, que quer differ isso, & tu quem es? *Vil.* j. O mesmo
 que se nũca negou, nem negara. *Guis.* O graça das gra-
 ças. Filha Aurelia temos a porta outro Capitam Vilhal-
 pando, *Pa.* Este s̄o bastaua pera enfadar o mundo, quan-
 to mais dous. *Vil.* ij. que zombarias são estas, ou q̄ borra-
 charias? *Vil.* j. As zóbarias, & borracharias são as deffá-
 casa, que de fora não se fala senão muyta verdade. *Vil.* ij.
 que tu es o Capitaõ Vilhalpando. *Vilh.* j. E tu negalo.
Vilh. ij. Saluo se tires eu. *Vilh.* j. Tu vê quem es, que
 eu sou o capitaõ Vilhalpando, conhecido na guerra
 dos grandes, & dos p. quenos. *Vil.* ij. Na guerra bê nos
 auiremos: por agora quem te fez hi ver. *Vil.* j. Miluo
 por cujo meo contratei. *Vil.* ij. que graça tamanha se-

ria se hi também ouueffe dous Miluos. *Vil. j.* Eu digo o q̄
 leuou a espada. *Vil. ij.* E eu o da espada digo. *Vil. j.* O q̄
 leuou os escudos. *Vil. ij.* E eu o dos escudos digo senão
 q̄ erã todos do sol. *Vil. j.* O do cōtrato defavorado. *Vil. ij.*
 Por virtude do qual esta casa he de agora minha cō su-
 as 24. horas. *Vil. j.* Miluo florentim muito mau cabraõ.
Vil. ij. Esse mesmo. *Pa.* Se quererã este também ser meu
 amo. *Vil. j.* que gēte Capitaneaste, q̄ desafios fizeste? em
 que feitos darmas tachaste. *Vil. ij.* Não saõ contas perã
 aqui, pidamas é outra parte. *Vil. j.* Como diz essa tua es-
 pada? *Vil. ij.* Hercules, q̄ la serpienta, &c. *Vil. j.* E tu a fi-
 zeste? *Vil. ij.* Não toda, por te dizer a verdade, o começo
 ja he velho, o cabo lhe enxeri eu como a gaviã. *Vil. j.* os
 escudos quãtos foraõ. *Vil. ij.* Nomais de dez em começo
 de paga. *Pa.* q̄ro dizer a meu amo, q̄ acudamos a casa an-
 tes q̄ lá vã estoutro apanhar tudo. *Vil. j.* A Roma? à Mil-
 uo: à molheres? *Vil. ij.* Mas por q̄ não falas tu na empresa
 q̄ a senhora Aurelia mãdou a esse capitão Vilhalpando
 seu feruidor. *Vil. j.* Por quē *Vil. ij.* Polo mesmo Miluo.
Vil. j. q̄ empresa. *Vil. ij.* Hũ lenço com q̄ primeiro alim-
 pou o seu fermoso rosto. *Pa.* Calou nollo amo, parece-
 me q̄ com outro auemos de viuer toũos. *Vil. j.* Mas seja
 assi, partamos logo esta diferença a espada, peã q̄ hade
 auer tantos Vilhalpandos? *Vil. ij.* Como, às medo q̄ uos
 fuja o tempo, deixa vir o dia. *Vil. j.* Naõ, mas ei medo q̄
 me fijas tu. *Vil. ij.* Entãõ q̄ queres mais, q̄ ficares por hũ
 so Vilhalpando. *Vil. j.* Agora me releuaua. *Vil. ij.* Por a-

gorã quero me assi estar em minha posse, depois que me algũa cousa quizer, requeira me hũ por hũ, & como deue. *Vil. j.* Ah Romanisco falso, & litigioso. *Vil. j.* Vay passar, q̃a senhora Aurelia me tẽ preso, & naõ me deixa la sair. *Vil. j.* Ora capitã Vilhalpando nouamente descuberto, estã s bẽ agasalhado por esta noite, e eu mal, de menhãa eu passarei por S. Agostinho te as dez oras cõ hum penacho brãco, quero eu ver que he o vilhalpãdo q̃ por hi parece cõ outro tal sinal, pera q̃ nos conheçamos. *Vil. j.* Logo q̃res, q̃ tenha eu penacho brãco. *Vil. j.* Tẽme o meu nome, tẽme a amiga, tẽs a minha esparfa & o meu cõtrato, & so penacho brãco te falece? *Vil. j.* ora vai q̃ nã falecerã. *Pa.* Fechou a janela: quizeram e primeiro declarar cõ elle, & cõtigo. *Vil. j.* E de q̃. *Pa.* Com qual cide ficar. *Vil. j.* queres q̃ te esbarre àq̃lla parede, onde achatei Miluo, & entre tãto õde achatei paciência. *Pa.* quando te nãõ abriẽ a tua porta, como te abrirã as alheas. *Vil. j.* Nã te queres calar? recolhamonos. *Pa.* Recoilhamos, q̃ enfim sẽpre ouui dizer, q̃ melhor era o meu q̃o nosso. *Vil. j.* Iudeu, cabrã, q̃ fala as portas fechadas, eu o acollatei. *Pa.* Dao o dẽmo, grãdes sinais daua. *Vil. j.* q̃ si nais, os q̃ lhe disse Miluo. *Pa.* E Aurelia q̃ era perdida por ti, q̃ dizia: ouuia, e calaua. *Vil. j.* demenhã sairemos dẽ todas estãs dauidas. *Pa.* mas sẽpre ouui dizer, q̃ ẽ Romãne de si mesmo se à homẽ de fiar, e agora o vi claramẽte. *Vil. j.* Porq̃ me fiei de Miluo. *Pa.* Nã digo senãõ de ti mesmo ao pec da letra, que quando foste, ja te la achaste

COMEDIA DOS

chaste. *Vil. j.* Tu queres pagar por todos? *Ant.* O graça
o fabroso acontecimento, o Cesarião q̄ alsí empregas
bem teus suspiros: & as tuas lagrimas. Quê te me aqui
dero, tu queres morrer de amores por Aurelia, & os Vi
lhialpados apares. Ia me he necessario esperar a menhá
andando por estas tuas.

ACTO, V. SCENA. I.

Miluo so.

NÃO pude esperar o dia na cama: este coraçã como
te toma em algũa culpa não te deixa comer, não
te deixa dormir. E que durmas os sonhos não te deixã.
Toda esta noyte andey as costas com os meus Vilhialpá
dos, elles me deitaram da cama; & de casa a tais horas,
que ainda bem nam amanhece. Se bom anel tenho ca
ro me custa, & cuydam os que cauzam, & roçam que
elles so comem o pã com suor de seu rosto, & Miluo
tambem: senam quanto aquelles descansam anoyte, &
os dias santos, outros ha hi, que nam. Así que venho co
mo digo a descubrir terra, & desejo muito saber, qual
dos auctureiros ouue esta noyte melhor ventura: mas
a tais horas de quem o poderey saber? quem vejo eu
ca vir? tambem madruga aquelle como eu.

SCENA. II.

Anronico.

Miluo.

Ant.

Ant. **Q**uantas cousas vi esta noyte por Roma, que m
 quiser saber segredos não durma. Toda-
 tia, nam he ella cousa muyto segura, nem da regra de
 viuer em paz, que não fosse senão pelo ar da noite, que
 me tamanha, & tam pesada faz esta cabeça. E todavia
 milhor he dormir a noyte, que pera isso foy feyta. Po-
 la ventura esta foy a causa, porque a natureza deu ta-
 manhos toucados as curujas, & as outras aues da noy-
 te. Mas vejo eu Miluo, aquelle he, logo me pareceo,
 que hauia de acudir a saber nouas: eu lhas darey. Ven-
 nha Miluo muyto nas boas horas. *Mil.* Assim faça a meu
 amigo Antonieto, que por aqui encontro tantas vezes
Ant. Madrugas assi os outros dias? *Mil.* Como se acer-
 ta: esta noite não pude dormir. *Ant.* Nem eu tão pou-
 co, ha hi dellas assi feitas. *Mil.* E mais quando as pesso-
 astem que fazer. *Ant.* E muyto mais quando o ja tem
 feyto. *Mil.* Nam entendo o que dizes? *Ant.* Nem eu o
 que fazes, que renego de taes emburilhadas. *Mil.* Que
 farte vão por Roma. *Ant.* E dizem que quem muytas
 estacas mete algũa prende. *Mil.* A que preposito. *Ant.*
 Deos me entende. *Mil.* Eu nam. *Ant.* E tu tambem:
 Vilhalpandos de dentro, Vilhalpandos de fora. *Mil.* Ah
 ah, *Ant.* E todos allegam com Miluo, & seus contra-
 tos. *Mil.* Morto sam. *Ant.* E com hũa esparfa. *Mil.* Io,
 ja eu tenho a culpa por te dar parte de meus segredos.
Ant. E do contrato quem mo disse. *Mil.* Falas assi ade-
 uiahar. *Ant.* E aduinho de hum lenço que o de dentro
 tinha

COMEDIA DOS

tinha dauentajem. *Mil.* Dou ho demo tantos finais pa-
 receme que o moço desporas, andou de pes. *Ant.* Oh ja
 effloutra he pior, donde oueſte o anel. *Mil.* Que tens
 tu de ver com meu anel, oueço de minhas auenturas.
Ant. Olha não ſe tornem em deſauenturas. *Mil.* muy
 pontoso vens contra mim eſta menhãa: fiſte alguma
 deſprazer? *Ant.* A mim nam, mas falohias a outrem
 que mais releua. *Mil.* Nam hei medo a ninguem. *Ant.*
 Sempre te aſi conheci por eſforçado, là ta vem. *Mil.*
 Foyle, eſte anel ha de ſer de Ceſarião. Fiz mal de me
 lhe nam deſcubrir mais, & ſoubera tambe das outras
 gnuoltas que dizia. Apos elle vou.

SCENA. III.

*Aurelia.**Guiſcarda.*

Aur. **D**E pedra durã, que os coraçõs foſſem, por
 força ſe hauiam de afeiçoar mais a bũa per-
 ſoa, que a outra. *Guiſ.* Eſtas ſã as voſſas doudices, ca-
 becinhas de vento. Tempo virã em que digas quanta
 verdade me fallaua a uelha de minha mãy. *Aur.* Dou-
 tra parte tambe bradas ſe lhe nam moſtro amor.
Guiſ. Quantas vezes te tenho dito, que amoſtres a-
 mor a todos, & que o não tenhas a nenhum. *Aur.* Aſi
 ha de ſer huma molher igual a todos, como huma alli-
 maria? *Guiſ.* Ah douda, douda. Tu viras a morrer de
 fome

fome, que eu tambem ja fuy fermosa, ajudade do tempo, que passa muyto afinha. *Aur.* Se lhese eu nam tomar o coraçam com minhas branduras, que poder teras tu sobre sua fazenda. *Guis.* O teu coraçam queria eu que te elles nam tomassem. A hum soldado Espanhol, que nam deixam cousa que nam roubem: auias de mostrar tanto amor? *Aur.* Tinhamos necessidade desta licença, assi viste quam leuemente no la deu? *Guis.* Elle se tornarà a entregar se os eu mal nam conheço. Sabe Deos que a pressa me fez a mim aceytar o partido, não viste logo as enuoltas? *Aur.* Damos por amigos, & queres que os trate como inimigos, *Guis.* Ho que te eu mando, ho que te eu digo, o que te eu aconselho assim he, que os trates a elles, como elles tratam a ti. Querem lograr esse tua mocidade nam ospoupes. *Aur.* Assi vez, que o faço. *Guis.* Inda mal muytas vezes, porque nem eu posso tornar a essa tua idade, nem tu nella conheceres os meus bons concelhos.

SCENA III

*Miluo.**Aurelia.*

Mil. Grandes cousas me contou Antonioro, que passaram esta noyte, nam sey que faça, virà Cesariam, & aueremos to los concelho, que nouas lhe leua.

Queira

COMEDIA DOS

Quem he a rebuçada que me acena, como eu hora estou gracioso pera rebuçadas. Mas eu moura se aquella não he Aurelia, a máy esta em pratica com os dos chamalotes. Onde te vas garrida, mal guardas as capitulações do meu contrato. *Aur.* Oo Miluo quam obrigada te sam, mas nam temos tempo: mandoume conuidar Monseor para o jantar, logo ouve licença do meu Vilhalpando, o outro passa em Sancto Agostinho com penacho branco. *Mil.* Aurelia, Aurelia, torneyte em riso as tuas lagrimas, medo ey que me tornes em lagrimas os meus risos. *Aur.* A fee que nam, que ma paga seria essa de tamanho seruiço. *Mil.* Lembrete quanto me aventurey por ti. *Aur.* Nunca me esquecerá: outra hora te farey morrer de riso, de como enganamos tambem minha máy. *Mil.* Se primeyro nam morrer de ferro. *Aur.* Eu te seguro, que tais pessoas seruiсте, que ellas te saluaram de todo mundo, minha máy se espede, faze que nos nam conheces.

SCENA. V.

Antonieto. Cesariam. Miluo.

Ant. **D**E que te benzes tantas vezes, do diabo, ou de Aurelia? *Ces.* Que monta mais de hum djabo, que doutro. *Ant.* Pois não te conto o terço do que passou. *Ces.* Estarias fora de ti? *Mil.* La vem *Cesariam*

fariao com Antonjoto. *Ant.* As vezes cuydava, que era
 sonho. *Cef.* E mais sendo de noite. *Ant.* Mas sempre as-
 sentey, que eram embuilhadas de Miluo. *Cef.* E ella
 eram todas de Aurelia. Affirmafte, que era aquelle o
 meu anel. *Ant.* Velas com os teus olhos, que eu disse a
 Miluo, que nos esperasse por aqui. *Cef.* O meu anel,
 que me ella tomou do dedo, em trocado seu coraçom
 como ella dizia, que lhe eu tambem tomara. *Ant.* A-
 mor esperavas tu de achar em casa de Guiscarda, nun-
 qua ouistes dizer, que em casa do albergueiro. *Cef.* O
 meu anel, que lhe eu tantas vezes ache y entre os peitos:
 dizendo ella, que aquelle era o seu lugar, & não os de-
 dos, por o trazer mais perto do coração? *Ant.* No anel
 falão, ha se medir, costume he do mal ganhado. *Cef.*
 Outras horas lho achava na boca dizia, que pera abran-
 dar a minha sede. *Ant.* maluada, que assi dizem os lapi-
 darios, que mata a sede aquella pedra do anel. *Cef.* Mas
 he este Miluo. *Ant.* Este he. *Cef.* Miluo, soube ca de teu
 amigo Antonjoto grandes contos, que nam he neces-
 sario tornar a elles, & mais tu es tam auifado, que me
 estas mostrando o anel, que me tornam oje o meu co-
 raçom, que estava em ma o cativeiro. *Ant.* Se nos mos-
 trasses a todos tamanko prazer. *Mil.* O anel te posso
 eu tornar, o coraçom nam sey, que engana muytas ve-
 zes seu dono. *Cef.* Sabe que me deste a vida, & liberda-
 de. Dize chorava Aurelia quando te descubrio aquelle
 segredo? *Mil.* Dizem as mulheres como vide talhada,

E nunca

nunca tal presteza vi de lagrimas, & de palavras, que te
 direi naquella estreiteza de tempo, me rogou, me choro
 rou, me ameaçou. *Ces.* Com qual te venceo mais. *Mil.*
 Pera que te hey de enganar, com as ameaças. *Ces.* Sen-
 do tam moço, que serpe se ali cria? *Ant.* Acolhete Cesa-
 rio com tempo. *Ces.* Fiade de mim, que sam em porto
 seguro, a jamos concelho do mais. *Mil.* Aquitodos está
 bem, saluo eu, & Vilhalpando de fora. *Ces.* Gram parte
 disso he remediado: porque o outro não ha de vir aho
 defaço. *Ant.* Pola ventura virá mas não cõ o penacho
 branco. *Ces.* Estes soldados bem sabes como são feitos,
 por aqui se auerá por restituído na honra. Quanto aos
 escudos eu os quero pagar. *Mil.* Nunca tal seja, antes
 me deixa cõ a negociação. *Ces.* Que cuidas fazer? *Mil.*
 Depois o saberas, somente me he necessario outra vez
 o anel. *Ces.* Pera que. *Mil.* Porq̃ inda o je hade fazer mi-
 lagres. *Ces.* Es muyto auentureiro antes quero pagar
 os escudos. *Mil.* Con fia em mi que não estou em tem-
 po pera ganhar mais inimigos. *Ces.* Por tã pouco queres,
 que aventuremos tanto. *Mil.* Não he pouco a vingança
 & mais em tal lugar. Ajudame Antonieto. *Ant.* Ora
 que eu o fio, mas diganos primeiro o que ordena. *Mil.*
 Diruoloci Aurelia he ida a jantar com o Embaixador
 de França, tenho hũa filha a que não fallece nada, para
 o que cuido que he mandala a casa de Guiscarda com
 o anel da parte de Aurelia, como pajem Frances, a pe-
 dir lho dinheiro para jugar. *Ces.* Com que a esperas de

enganar. *Mil.* Com a cobiça. *Ant.* Vejamos esta festa.
Mil. Nam vos aparteis daqui.

SCENA. VI.

Antonio. *Cesariam.* *Vilhalpando.*

Paje.

Ant. **V**ate fallar taõ confiadamente na paga dos ef-
 cudos. *Ces.* Como cobreicoraçõ. Pera tudo
 foi, ja não ei mister teus irmitães. *Ant.* Agora te acabo

de crer que bem sei quãto nos a culpa encolhe a todos.

Ces. Desejo de ir ver o do penacho brãco como passa.

Ant. Espera, que eu o vejo vir falando com o seu paje.

Ces. Escutqmes em q praticas vem. *Vil.* En fim cada

hum fica por quem he. *Pa.* Quanta eu ja não sabia de

que freguesia era. *Vil.* As dez sam dadas ainda depois

dei dous passeos. *Pa.* Ganhaste moij grande honra, que

ficas agora por hum so Capitão Vilhalpando. *Vil.* E q

duvida tinhas disso? *Pa.* Não sei muitos sinais d'au, tãto

q tu tambem parecia, q ja duuidavas. *Vil.* De q auia

de duuidar. *Pa.* Se eras o de dentro se o de fora, & eu a

uia medo. *Vil.* De q auia medo indo comigo. *Pa.* Que

sabia eu qual de vos era. *Ant.* Que te parece tam malua

do rapas. *Vil.* Cuidavas, que nie perderas pelo cley-

ro. *Pa.* Cuidava, que estuamos em Roma, onde tudo

he possivel. *Vil.* E agora por q nã aparece effoutro sa

COMEDIA DOS

pitam? *Pa.* Pola ventura ahí ha Vilhalpandos de dia, & Vilhalpandos de noite. *Vil. j.* Teima de hum rapas com essa tua lingua. *Pa.* Digo verdade, polia ventura lhe basta a elle ser Vilhalpando de noite. *Vil. j.* Se ja logo morcego, ou curuja. *Pa.* E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao desafio. *Vil. j.* Nam sam ja dez horas. *Pa.* Nam deste Relogio, que inda as nam deu. *Vil. j.* Deuas logo o de campo de flor. *Pa.* E tu queres passear em Sancto Agostinho polas horas de campo de frol. *Vil. j.* Venha elle agora, & faça tambem sua diligencia, como o desafio dos Reys em Bordeos. Basta que ja fica o campo por meu. *Pa.* Nam, o denoite que mais reletia. *Vil. j.* Que dizes ainda da noyte, *Pa.* Que toúas as suas cousas sam escuras. *Vil. j.* Eu as farey claras. *Pa.* Coufas ha hi, que se nam querem muyto bolidas. *Vil. j.* Este rapas palrronio, que nunca tapa aquella boca,

SCENA. V.

*Trefo.**Cesariam.**Antonieto.*

Tre. **Q**UE noyte de Deos se nos ordena esta, ja ho fumeiro anda a faco, mal polas espueyras, onde nam ha coufa viua, ou asinha a nam auera. *Ces.* Trefo fac de casa de roim a roim, não ha aqui me lhoria. *Ant.* O mundo quer acabar nam ves, quanto estes rapazes sabem? *Tre.* Tudo oje ha de andar a rodo, festa,

festa, festa. *Ant.* Ledo vem. Mas he tão maçoula, que
 folgara com algum mal-nosso. *Tre.* Mandân:e é busca
 de Cefarião. *Cef.* A mi nomea, chamo antes que de sa
 pareça. *Ant.* E saberei nouas de meu pay, & de minha
 mãe, porq' à muito que as nã ouui. *Cef.* Chamo por mi
 nha vida. *Ant.* Trefo? Trefo? *Tre.* Vou muito depressa.
Ant. Ia nos vio o chocarreiro, nã ves có q' este que adu
 ras vai. E vêse riado. O perro onde hias? *Tre.* apregoar
 calçadovelho. *Ant.* Chegate aqui cabrã. *Tre.* Amarrar
 có effoutro, perdoame Antonioto, q' zôbo contigo, &
 tu parece as vezes, q' te anojas. *Cef.* Onde hias tã apraze
 rado. *Tre.* Em tua busca. *Cef.* q' me queres. *Tre.* quisere
 aluizaras, nã sei se mas daras. *Cef.* Conta, q' si darei se as
 mereceres. *Tre.* Primeiramente teu amigo Fabiano he
 nosso natural, & cedo tesera ainda mais. *Ant.* Elle mes
 mo nã sabe dôde he, & tu sabelo. *Tre.* Eu te digo q' he fi
 lho de Mario nosso vizinho. *Ant.* Mádalhe tapar a q'lla
 boca se verdade. *Cef.* Deixao falar. *Tre.* Diz, q' fogindo
 elle Mario daqui de roma é hũas barcas, perdeu a q'lle
 minino q' então leuaua de mama, q' lho tomarão fustas.
Cef. Muitas vezes lho ouui cõtar ao mesmo Mario, &
 doutra parte també a Fabiano que fora tomado por Ge
 noues em hũas fustas de mouros. *Ant.* Bulras de Tre
 fo, hũa cousa tão trefnoitada. *Tre.* De agudo te perdes:
 algũ hora se auia de saber, & foi esta. *Cef.* Como se
 descobrio. *Tre.* Não pude saber tudo: mas ouui fallar
 em hũa nomina de Fabiano, que Mario, & sua mulher

COMEDIA DOS

reconhecêrão com outros finais. *Ant.* Aqui temos outros Vilhalpandos com seus contratos, & esparras. *Tre.* Também falaram n'isso, & em hũa batalha, que o nosso velho ontem ouue com hum irmitão. *Ant.* E q' dizião. *Tre.* Parece que te releua, pois olha por ti, que muitas vezes te nomeaã. *Ces.* Quem cõtava effas coufas. *Tre.* Mario veyo a visitar teu pay, & logo despejaraõ a casa, eu pus-me a espreitar, mas nam pude ouuir senam a trancos: porem tudo foram risos, & prazeres. *Ces.* Sabeo ja Fabiano? *Tre.* Temno ja em casa, olha se o saberã? *Ant.* Auia-se assi de fiar de não sei que em tamanha coufa. *Tre.* Como es as vezes paruo: elle nã duuida, & tu duuidas? Pois mais te digo, que se fazem casamentos de parte a parte. *Ces.* Que casamentos? *Tre.* Fabiano com tua irmã, tu com a sua, & ja a cosinha fume ga. *Ant.* Isso he o que te mais lêbra, gargantão. *Tre.* Tu quiseras antes nouas dadega. *Ces.* Deixao q' he hum cho carreiro. *Ant.* Como concertão assi os casamentos sem as partes? *Tre.* Fabiano he o que da pressa, & o que chama por ti. *Ant.* E os seus amores em q' ficarão. *Ces.* De irmãos como dantes erão. Vamos ver estas festas. *Ant.* Eu ja eide ve' primeiro o paje francez, se sabe tanto como o castelhano, & italiano. *Ces.* Vê por aqui Trefo, & dizeme, porq' estas mal tu, & Antonioto. *Tre.* Porq' nunca vi coufa rão sem verdade. *Ces.* E tu que Evangelista *Tre.* Todo mundo se espanta de ti, creeres coufa que aquelle diga. *Ces.* Maluado, de algũa coufa se teme, & fan-

langraie, como dizem em saude. *Tre.* Sabes como se elle desferra q̄ lhe não fica ferradura nem cravo. *Ces.* Se algũa hora diz algum bem de ti. *Tre.* Mas quando diz o Credo do começo te o cabo, & quando bate nos peytos, & quando beja a Cruz ao altar. *Ces.* que mão rapas calate, que somos em casa, vem apos mim.

SCENA VIII.

Antonio. *Ruberto.* *Guiscarda.*

Ant. **Q**uem sabe se he isto trato do velho por me a colher é casa, & depois de uassar sobre o firmal, nã me acolhem a mi assi, primeiro lhe compre de me fazer de tudo mais certo, q̄ a hum Iuiz da vara. Mas he este o paje francezeste he, que despejo, que recacho que passo. *Rub.* Segundo os sinais, que me deram esta he a rua, aquellas sam as casas. A desnarigada bon. final tem por onde a conhecerei. *Ant.* La se vai as portas das aventuras. *Rub.* Vejamos se he esta velha tão indiabrada como dizem. Ta, ta, ta, se viue nesta casa alguẽ. *Guif.* Quem bate? *Rub.* Vem abaixo sabe loas. *Guif.* Que quer hum tam fermoso paje, de huma tam pobre pouxada? *Rub.* De tam longe queres que te diga meus segredos? *Guif.* Eis me vou a ti filho, & quem he o Anjo do Paraiso, que me vem assi a porta? *Rub.* Bem esta, Anjo do paraiso a porta do inferno. *Guif.* Quem busca, meu Serafim. *Ant.* He hũ Serafim é busca do diabo. *Rub.* Es tu a mãy de Aurelia a fermosa. *Guif.* Tu es o meu filho

COMEDIA DOS.

fermoso, que ella he hũa fe, sem sabor. *Rub.* Foste tu cõ
 ella a casa do Embaixador? *Guis.* Fui minha rosa, & pa-
 receme que te vi la. *Rub.* Por isso estaua eu hum pouco
 em duuida, porq̃ Aurelia me disse, que logo me conhe-
 cerias. *Guis.* E que diz essa doudinha, quer que va ja por
 ella? *Rub.* Nam queria errar, que estes nossos amos saõ
 as vezes perigosos, & mais no jogo. *Ant.* Filha de Mil-
 uo. *Rub.* Conheces este anel? *Guis.* Ay minhas perlas, es-
 te anel he de Aurelia. E por final que da parte de den-
 tro ha de ter humas letras mudadas. *Rub.* Iuda o tanto
 nam olhei, mas assi he. *Guis.* E pois que faz essa douda.
Rub. Faz, & diz mil graças que se naõ farta homem de
 a ouuir. *Guis.* Bem sei eu o nome, que lhe chamo. *Rub.*
 Os doudos hande ser elles. *Guis.* Hui gente tã honrada
 & tã sefuda. Mas os criados sempre murmurão dos
 Senhores. *Rub.* Na fim se vera. *Guis.* De que maneira?
Rub. Porque ella ha de recolher quanto dinheiro fica
 da mesa. *Guis.* Cõtame minhas agoas dazar. *Rub.* Bebe-
 ram cedo: como he costume dos nossos Franceses. Estã
 todos ledos pedirão cartas, & dinheiro pera jogar, ella
 entam chamoume a de parte, & mandoume a ti com
 este anel por sinal: que lhe mandes dez, ou doze escu-
 dos com que cace. E eu conheçoos, & sei que aquelle
 ha de ficar mais contente a que ella mais ganhar, &
 bolir com o dinheiro. *Guis.* Os Franceses sam muy-
 to liberais. *Rub.* Sam muyto ricos, querem lograr o
 seu. *Guis.* Isso si, que nam os nossos Italianos,
 que

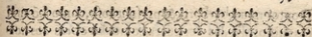
que sempre ajuntam pera outrem. *Rub.* Pois quanto este ouro, & esta prata nam sey pera que he, nam se come nem bebe: ca fica tudo. *Ant.* Ah, ah, filha de Miluo. *Cuis.* He verdade meu fefudo. Disseste mais? *Rub.* O que me ouuera de esquecer, chegou se a mim a orelha, & disse me que ella faria quantas bulras pudesse a aquellas Monsehores, & que assi to disseste. *Cuis.* Aja ella a minha bençam, as me de deyxar o anel. *Rub.* Os mensageiros nam podem fazer mais do que lhes mandam, ella nam mo deu senão por final. *Cuis.* Quero yr a ver essa festa. *Rub.* Muyto embora, essa reposta lhe darey que me detenho muyto. *Ant.* O filha de Miluo. *Cuis.* Ia se vay cantando, & mais ledo do que veyo. Dizem do auarento por hum perde cento. Torna ca meus amores: nam quero la yr estrouar seus paslatempos, aqui neste lenço vam dez escudos do sol. *Rub.* Mas que sejam ainda da lua: o que hi for, hi se achara. *Cuis.* Hora vay nas boas horas. Nam lhe perguntei pello nome Pajem, Pajem fermoso? *Rub.* Que mandas? *Cuis.* O teu nome que me esqueceo de perguntar. *Rub.* Daqui to direy? Não cances, que tardo muyto. A mim chamam Auberte de Rubeforte, & da outra parte dos Rapinaldos. *Cuis.* Ay meu filho, que nome he esse assi feyto. *Rub.* Os Franceses custumaõ assi estes nomes tam arreuellados. *Cuis.* O que maã coufa he o mau nome, *Rub.* E os vossos de ca, que tais sam? *Vffos, Leões, Porcuetiricos, cabeças de ferro, & ou*

tras de cabeça. *Anr.* Vinte vezes mais que filha de Miluo. *Cur.* Infim dizes verdade, em tudo tem graça vaife, quero seguir. Mal fiz, porem que pode ser? O anel a quelle he digo que o tomassem a Aurelia, & mandassem ca por rir. Zombarias sam, que das tais casas, & pessoas sempre sac em proueito. *Rub.* Embaraçada dei xo a velha com aquelle meu nome tam comprido, que rime tras mallar, por estas traueffas, tornarey ao brial, & ao trançado, quem lhe dara finais de mim, & mais nesta enuolta de Roma? Se Guiscarda fora como estes toleiroes, que sempre estão em seus treze, nunca a enganara. Bem mo dizia meu pay, que deve ja de estar com os olhos longos.

Antonio solo.

ESTE negocio está bem acabado, de hũa parte Cesar iam me acena todo cheo de prazer, doutra Miluo vem mostrando me o anel. Ia temos os escudos pera o vilhalpando de fora, & polla ventura leram os mesmos do Sol. Os Espofouros hanse de fazer la den tronam tendes mais que esperar aqui.

Fim da Comedia dos Vilhalpandos.



COMEDIA
INTITVLADA,
 OS ESTRANGEIROS.

*Feyta pello Doutor Francisco de Sá de
 Miranda.*

AO INFANTE CARDEAL
 Dom Henrique.



NO QUE V. A. MANDA,
 que se pode dizer mais? A comedia
 qual he. tal vay, Aldeãa, & mal ata-
 uiada. Esta soo lembrança lhe fiz
 à partida, que se não desculpasse de
 querer às vezes arremedar Plauto,
 & Terencio, porque em outras partes lhe fora gra-
 de louuor, & se mais também lhe acoymassem a pes-
 soa de hum Doutor, como tomada de Ludouico Ari-
 osto, que lhes possesse diante os tres auogados de Teré-
 cio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro du-
 uida, como ainda cada dia acontece, assi que des aquel-
 le tempo vem ja o furto, não se enganem co nome de
 F. Doutor

COMEDIA DOS.

Doutor nouo, barbaro, & presuntuoso, como são mui-
 tos titulos assi dos escriptores, como das obras dos nos-
 sos tempos, tam diferentes do comedimento dos pas-
 sados como foy o de Philosopho dado por Pythago-
 ras. Tullio com que ameaçaua ja seu amigo Treba-
 cio tamanho lurilconsulto, se não com as graças de La-
 berio, & Horacio com quantas de suas graças passa
 hum sermão co mesmo Trebacio. A comedia tão esti-
 mada nos tempos antigos, q̄ al differam aquelles gran-
 des engenhos que era senam hũa pintura da vida com-
 mum á dos Principes se repartio a Tragedia. Todos es-
 tes, & outros muitos inconuenientes eu passaua leue-
 mente, o mais que arreceaua, eram mãs interpretações
 a cada passo, às quaes quem pode fogir, se tẽ os Here-
 jes quantos sam, tam bem trazem a Sagrada Escriitura
 em sua ajuda, interpretando mal, e o diabo tambem. A
 isto tudo houuera algum remedio, que era o do fogo,
 mas ao mandado de V. A. que farey, saluo obedecer,
 pedir lhe, que empare estes estrágeiros como fazem os
 grandes Principes, de cujo amparo somente confiam
 os que vaim por terras alheas. Eu nam vou pedindo, sal-
 uo perdão, este pello Prouerbio Grego he deuido no
 começo das cousas. Nosso Senhor sua vida, & Real es-
 tado, &c.

OS ESTRANGEIROS.

Pessoas da Comedia.

Amente mancebo.

Alta moça de servir.

Dorio casamenteiro.

Deوران: Trukan.

Petronio Doutor.

Guido mercador.

Vidal seruidor.

Cassiano Ayr.

Ambrosia velha.

Briobis soldado.

Callidio mancebo de serviço.

Sarjanta molher de serviço.

Calbano velho.

Reynais: velho.

A PESSOA DA COMEDIA

faz o Prologo.



ESTRANHAISME, que bem o vejo,
 que serà, que nam serà, que entremez
 he este, foy grão dita, que nam a podais
 ja, mas nam ha de falecer quem me ar-
 remede. Os Portugueses sois assi fey-
 tos, logo pela primeira, despois dareis o sangue dos
 braços. Agora parece, que me estranhão ainda mais,
 parecceus, que nam diz a falla cos trajos, e speraueis del-
 les alguns triques, troques, ora me ouui, diruos ey que
 sou, donde venho, & ao que venho.

COMEDIA DOS

Quanto ao primeiro sou hũa pobrevelha estrangeira, o meu nome he Comedia, mas nam cuideis que me aucis por isso de comer, porque eu naci em Grecia, & la me foy posto o nome por outras razões, quenão per tencem a esta vossa lingua; ali viui muytos annos a grã de meu labor, passarãome depois a Roma pera onde então por mandado da fortuna corria tudo. Hy cheguei a tanto, que me não faleceo hum nada de ser Deo la, depois a grandeza daquelle imperio, que parecia pera nunca acabar, toda via acabou. E assi, como a sua queda foy grande, assi leuou tudo consigo, ali me perdi eu com muytas das boas artes, & ahi jouuemos longo tempo, como enterradas, que ja quasi nam auia memoria de nós, tè que os visinhos, em que de hús nos outros ficara alguma lembrança, caparam tanto, que nos tornaram a vida, maltratadas porem, & pouco pera ver. Agora que ja hiamos, como dizem, ganhando pès, sentionos logo aquella nossa imiga poderosa, que nos da outra vez destruir, foise là, poz outra vez tudo por terra. Bem entendeis, que digo pola guerra imiga de de todo bem. Venho fogindo, aqui neste cabo do mundo acho paz; nam sey se acharei affoego; ja fois no cabo, & dizeis hora, nam mais, isto he auto, & desfaze is as carancas mas eu o que nam fiz atè gora, nam queria fazer no cabo de meus dias, que he mudar o nome. Este me deixei por amor da minha natureza, & eu dos vossos versos tambem vos faço graça, que sam forçados

dos daquelles seus consoantes Eu trato cousas corren-
tes, sou muyto clara, folgo de aprazer a todos. Direis
vòs, que não he muito boa manha de dona honrada, di-
reis que Portugueses sois. Finalmente a mi nunca me a
proueram escuridões, nem fallo senam pera que me
entendam, quem al quizer, nam falle, & tirará do tra-
balho a si, & a outrem. Muytas cousas vos dou de mi
logo de boa entrada, cuidaueis, que nam auia de trazer
de mulher, se nam o trajo? Ora vistes, que també trou-
xe a lingua. Agora sabeis, que ainda auemos de fazer
hum caminho longo. Ia ouuireis falar de Palermo ci-
dade nobre em Sicilia, hi vos hei de dar a mostra de
minha tenda, porque là se jais tambem estrangeiros.
Cuidaes que gracejo? o meu poder he mor do que por
ventura cuidaes, nam me tenhas em pouco por me ver
des assi tam conuersauei, nam se moua niuguem, asse-
guraiuos. Vedefnos em Palermo, todos a saluamento.
Ora daquellas casas de fronte sairà hum mancebo Va-
lenciano por nome Amente, a este segue hum seu Ayo
que o vigia quanto pode, & destes, & doutros sabereis
o mais, que eu lhes mandei a todos que falassem Portu-
gues, & porque ouçaes cos corações repousados, eu vos
tomarei, donde vos trouxe, ja sabeis, que o posso fazer
ouui, & fauoreccime.

COMEDIA DOS

ACTO. I.

Amente maneebo. *Cassiano* Ayo.

Amente. **I**A vés apos mi *Cassiano*? que me queres? por vida se pode auer hum tão pesado catiueiro.

Cassiano. Catuueiro chamas tu ao teu remedio? *A*ssi fazeis vos outros a tudo, mudaes os nomes, como quereis, & ficaes contentes, eu *Amente*, eu sou o catiuo, que me trazes sempre a pos ti por onde queres. *Amente.* Ainda os escrauos tem horas liures, tem suas festas, eu sempre hei de jazer debaixo deste jugo? que me queres? queres me acabar de matar, *Cassiano.* Mas tu que queres, queres te acabar de perder? *O* *Amente*, quam mal te ensinou a minha mausidam? *Amente.* Como, sempre hei de ser minino? *Cassiano.* Agora te he a ti mais necessario o teu Ayo, que nunca. *Amente.* Nam me diràs que me queres. *Cassiano.* Guardarte, que este he o meu cargo, como mo encomendou teu pay. *Amente.* De que me hás de guardar, *Cassiano.* Da tua doudice, pois queres que to diga. *Amente.* Cuydas que te he y de fogir. *Cassiano.* Não andas tu nesses tractos de Palermo nam fugiras tu, mas de mi si. Ora ja que tu fazes o que não deues, deixame a mi fazer o que deuo. *Amente.* Que desauentura tamanha foy a minha. *Cassiano.* Alba companhia, & bons concelhos de seu
Ayo

Ayo, chama este ora catiueiro, ora de fventura, nam sospires, creme, que te hei de seguir, como a tua sombra. *A mente.* Essa não me segue pelo escuro, & tu sy. Mas estemos ja nestes debates, antes me tornarei a casa hi que mal posso fazer, tu guarda a porta se quiseres.

Cassiano soo.

Hilã tomar cuidado de filhos alheos, onde hà isto de ir ter, que se fez do acatamento, que estes moços sohiam de ter a seus Ayo: que não somente lhe ou saam de levantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos, que às vezes vos cumpre fazer, que nam vedes, & outras que não ouuis. A doudice nam sabe ter meyo. A tanto sam chegados, que gracejão, & dizem, que ja se nam costumão Ayo, como se fossem trajos curtos, ou longos, & dos velhos dizem, que cantaõ por hũa corda, & por fabordão. O pois que musica a sua delles, & que contraponto, muitos escarneos, muytas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Bejaõnos as mãos cem mil contos de vezes, cedo ham de beijar tambem os pès como ao Papa, se elle nam acode pot seu estado. Entregãõseuos por escravos cos ferros nos pès, & cos ferretes nas testas, entam quando os requeris, foy a mor mofina do mundo, porque aquillo soo nam podem. Ora da outra parte cotejay o canto cham de nossos velhos; o seu sy, pello sy, pollo nam nam, o seu rego vay, rego vem, o seu

CO MEDIA DOS

dizer, & fazer, qual aueis por melhor musica? Digouos em boa verdade, que o dagora tudo parece escarneo quanto vedes, porem nam se lancem os pays de culpa, que os criam tanto na vontade. Todos somos enfeitados com estes filhos, depois que os danam, encomendam nolos. Quanto ha, que partimos de Valença, hiamos pera Rhodes, noffo amo quísera encostar este filho àquella Religiam, estando aqui esperando passagem, vieram nouas do cerco. Agora ja dizem mais da tomada, temos gastado muyto do tempo & o dinheiro todo. Este moço, namorouse aqui, & perdeo o sizo, eu ando em vesporas de perder tambem o meu co elle, tendo escrito a seu pay, que acuda, espero sua resposta, entre tanto ando assi tendome ao mar. Esta doudice dos amores nasce de ociosidade, & nella se mantem, esta ao menos lhe queria tirar, & por isso o persigo com a minha presença, ao menos nam fallará tanto com aquelle seu grande priuado Callidio.

Alda moça de seruir.

Ambrosia velha.

ASSI ha como dizes minha tia Ambrosia, mas andemos mais, que faço ja grande detença. *Ambrosia.* Bem dizes Alda filha, se eu pussesse, mas vou muyto carregada. *Alda.* De que tia. *Ambrosia.* De oitenta annos, que trago às costas, & pessam mui-

muyto. *Cassiano*. A mingoa daquella carrega, anda meu criado Amente tão leue. *Alda*. Mal he esse, que todos dezejamos. *Amente*. Com muytos outros de companhia, que tu nam dizes. *Alda*. Que taes? *Ambrosia*. Estes homens filha principalmente. *Alda*. Graças tia? *Ambrosia*. Gracejar dizes? antes te esconjuro mil vezes, que te não ponha ninguem medo com outras almas peccadoras. *Alda*. Nam seram todos tam maos. *Cassiano*. Ia aquella jaz. Medo hey, que a velha acuda ja tarde ao arruido. *Ambrosia*. Todas queremos fazer e fãa experiencia de nouo, entam filha quantos queixumes? *Alda*. Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andam bebendo os ventos por ella. *Ambrosia*. Assim queira Deos, que nam se solte tudo em ventos. *Cassiano*. Como velha pratica, & sefuda. *Alda*. He o Doutor Petronio tam rico. *Ambrosia*. Bem o sei, mas tu dizes tam rico, & não dizes tam caluo. *Alda*. Diz que a tomarã em camisa. *Cassiano*. E se vierem aos lanços, meu criado Amente a tomarã nua. *Alda*. E a isso cuido, que es agora chamada, porque o Doutor aperta muyto. *Cassiano*. Que me mate se esta nam he a paixão, em que agora ando doudo de meu criado Amente. *Ambrosia*. Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia Religioso, como elles soham de ser, tanto lhe deixou do seu, que Betrande a pode casar sem lhe custar nada, & mais com tal ajuda de Deos, como he parecer seu, & o fiso. *Alda*.

COMEDIA DOS.

Là saberas tudo, nam façamos mais detença.

Cassiano so.

SE esta moça verdade conta, empresto eu á noſſo a-
migo huns poucos de maos dias, com ſuas noytes,
que o negocio do Doutor he de fiſo, naõ pera elle, mas
pera Petrando, & pera a moça tambem ſe ella he ſe-
fuda, como diz a velha, fallo, como ſe coſtuma de
fallar, que todos nos lançamos a eſte proueito do
Doutor, crêde, que ſe acolhe as mãos, que elle terá
cuydado de fechar ſuas portas, & janellas a tempo, en-
tam deixai vos ao doudo rodear a caſa, & ſuspirar to-
da a noite, vòs todauia nam duuideis, que entre tanto o
ſono nam preſte mal ao coitado do velho, & deſconfi-
ado. Ah que queremos forçar tudo, & a natureza tam-
bem. Velho namorado com moça fermofa, & empo-
lada, nam ha hi pera dous dias, depois nam lhe ha de fa-
lecer outro melhor empenado, com quem logre o que
lhe o velho deixar por ſua alma tanto às ſuas cuſtas.
Mas deixemos a cada hum fazer ſuas contas, & cuydar
que as acerta, prouueſſe a Deos que viſſe já o caſamen-
to feyto, o Doutor entraria em fadiga, eu pella ventu-
ra ſairia della.

Dario caſamenteiro.

Cassiano Aye.

Atê

ATE quando traremos nõs ao pescoço este jugo dos espanhoes? Atè quando jazeremos neste sono & neste esquecimento da nõssa liberdade? *Cassiano.* Tambem este vem bracejando, & fallando consigo. *Dorio.* Quando lhe cantaremos nos outros vesporas Cezilianas, como fizemos aos Franceses? Venha, como dizem o dia bom? escolha, toda via o Francez roubate, & conuidate, o Espanhol sempre quer senho-rear, como se pode sofrer tanto senhor capitam? *Cassiano.* Coitados, que neste murmurar nos mantemos. *Dorio.* Se a terra destes he, como elles dizem, que buscam na nõssa? O Ilha tam abastada, & tam rica por teu mal? Mas vejo quem buscaua. *Cassiano.* A mi se vem, nam o conheço que me quererà? *Dorio.* Senhor meu quando o assi por bem oueſſe, releuame muyto, ouireſme duas palauras. *Cassiano.* Nam digo eu duas, mas duas mil, se tantas mandares. *Dorio.* Pela tua humanidade, & cortesia. Ora a mi me chamam Dorio, nam sey se me conheces, mas sou muyto conhecido nesta cidade, por tratar meu officio muitos annos hà com grande limpeza, & fialdade. *Cassiano.* E que officio he o teu? *Dorio.* Grande de muyta confiança. *Cassiano.* Que tal? *Dorio.* Casamenteiro a ferniço de Deos, & dos bons. *Cassiano.* Pera tratar tamanha, & tam santa couſa, como he o casamento, nam se podia escolher, ſaluo peſſoa das qualidades que deue de haueer em ti. *Dorio.* Nam pelo

COMEDIA DOS

eu merecer: mas faço todavia pello nam desmerecer,
 E vindo ao meu caso digo, que viuendo eu aqui em
 paz, & amor de todos, seruido meu officio, como to-
 do o mundo sabe, agora ja no derradeiro quartel da
 vida, hum mancebo, de que me dizem, que tens carre-
 go, anda de todo posto em me matar. *Cassiano*. Matar,
 ou como? *Dorio*. E mais sobre meu officio. *Cassiano*.
 Quem te disse tal? *Dorio*. Muytos, & antre os outros,
 elle mesmo. *Cassiano*. Côtamo. *Dorio*. Passandopor mi
 ameaçoume, mordendo hum dedo da mão, & dizendo
 não sei que palauras. *Cassiano*. Sam brauarias de Pa-
 lermo. *Dorio*. Hy vê homem cada dia matar muy-
 tos. *Cassiano*. Inda esse que dizes tem por matar o
 primeiro. *Dorio*. Nam queria que começasse em
 mi. *Cassiano*. Iustiza ha na terra. *Dorio*. Depois
 de eu morto quer a haja, quer nam? *Cassiano*. Não
 que a tua pelle te guardará a tua. *Dorio*. A muy-
 tosa nam guardou, que sey eu de quaes ferey? *Cas-
 siano*. Nam cuydes samente nesse cachoparram.
Dorio. Elles senhor meu, sam os que eu arreceyo,
 que nam os velhos seludos, lançadoras de con-
 tas. Ando así como vês metido neste mantam, hu-
 ma mam sobre a outra, que mais he matarme a
 mi, que a huma ouelha? *Cassiano*. E porque ha de
 matar ninguem essa ouelha? *Dorio*. Huns pella
 lam, & outros pela pelle. *Cassiano*. Conhecco
 tu bem? *Dorio*. Así o nam vira nunca, nem
 elle

elle a mi. *Cassiano.* Por te por esse medo te ameaçou? A
 gora se ati fosse, andaria eu mais seguro. *Dorio.* Amigo
 & senhor meu, mais gente mata o descuido, que os cui-
 dados. Heme necessario dar mil voltas a cidade de dia
 & de noite, digote que hei medo aos acontecimentos,
 quanto mais aos propositos. *Cassiano.* Tenslhe feito al-
 gum agravo? *Dorio.* Não que eu saiba. *Cassiano.* Que te
 diz o coração? *Dorio.* Não me sei affirmar, mas pode
 ser; que por ir a casa de Bertrando, onde ja nam vou,
 no que recebi a perda, que Deos sabe. *Cassiano.* De cu-
 jo mandado hias la? *Dorio.* Isso não posso dizer, que são
 segredos do officio, que tenho; *Cassiano.* E a esse teu
 matador, que lhe vay nisso? Que hás, porque cospes?
Dorio. A longe vò o mau agoyro. *Cassiano.* Porque lhe
 chamey teu matador? callate, que não te ha por isso de
 matar. *Dorio.* As vezes se dizem as palauras em tal con-
 junçam. *Cassiano.* Grandes arreceyos trazes a esta tua
 vida. *Dorio.* Tenho necessidade della para mi, & toda a
 minha gente? *Cassiano.* que lhe vai a esse manerbo nis-
 so? *Dorio.* Não sei elle o saberà? *Cassiano.* Ora Dorio a-
 migo meu, quanto ao medo nam sei que te faça que nã
 he em mi tirarto, no mais farei, quanto em mi for, não
 te posso prometer mais. *Dorio.* Nem eu pedirte mais,
 & pore m isso te peço muitas vezes. *Cassiano.* E eu mui-
 tas to prometo, de scança que nam serà nada. *Dorio.* Af-
 siqueira Deos. *Cassiano.* Este doudo, em que anda, cui-
 da q̃ pelas suas ameaças hà elle de ficar por casar. Hũa
 hora

COMEDIA DOS

ora de dia q̄ se me forta, logo deixa rasto por óde vay,
 que faria, se lhe eu tanto nam desse em que entender.
 Houue dô do peccador que se dà por morto, & tremi-
 amlhe os beiços, que badelejava. Ora me deyxai co-
 doudo, que por isso o hey de perseguir mais, isto ga-
 nhara com as suas ameaças, quero yr ver o que faz.

ACTO. II.

Briobis Soldado. Deuorante Truão.

ASSI que me tendes aqui catiuo em Palermo em
 tempos de paz, & terra de Christãos? *Deuorante.*
 Sam obras do amor? que ja fez a Hercules conquista-
 dor do mundo fiar, & dobar. *Briobis.* E eu, que achando
 me na de Ruena, Chirinola, Vicença, Millão, que
 viesse assi a cair nas mãos de hũa moça, que te parece?
Deuorante. Assi contão, que se toma o Alicorne animal
 tam fero. *Briobis.* E assi aconteceu a Roldão, & Reinal-
 do. *Deuorante.* E hontem a el Rey Carlos o da cabeça
 grande em Piamonte. *Briobis.* Nam sou acostumado a
 soffrer desejos. *Deuorante.* Acostumate por amor de mi
 que os amores de seu natural são brandos, & querem se
 por bem. *Briobis.* Arrenego destas vossas branduras te
 nhome co a guerra, onde se tudo faz por força. *Deuor.*
 Fala mais sem paixão, que te demudas, & fazes me auer
 medo, *Briobis.* Esse mal tenho, sou temeroso. *Deuorante.*
 O que

O que doutra parte es mais gracioso, q̃ a mesma graça.
Briobis. Porem quando me vem esta paixão, perdoay.
 Se me viras no campo? *Deuorante.* Ahi dão os homês te
 stemunho verdadeiro de quem saõ, *Briobis.* Digo, q̃ se
 me là viras, andaua mais acompanhado, q̃ o capitão. El
 le morria de enueja. & eu não morria de bafas. Contei
 te ja dos toques que lhe dei? *Deuorante.* O da Temuda.
Briobis. E esse não foi mau, mas primeiro te hei de con
 tar doutros Anjos cogidos. *Deuorante.* Que aramà la
 fui? cuidei de atalhar, & rodeei, apos estes virã os fritos
 depois os affados. *Briobis.* Este capitão tocava no Tribu
 de Iudã, & como disse, tinhame grãde inueja, pelo qual
 mastigaua, & grosaua ditos meus, que todos trazião na
 boca, pelo qual eu a hum proposito, não falando mais
 com elle, q̃ cos outros disse hum dia. Não se hà aos sú
 pitos de buscar a escama detraz da orelha. *Deuorante.*
 H, ha, ha. *Briobis.* Que oueste? *Deuorante.* Não hà pe
 raninguem brincar contigo, como dizem do ferro. E
 os outros. *Briobis.* Torciãose todos. Mas qué te disse o
 da Temuda. *Deuorante.* Mil pessoas, que o sabem, & o
 contão entre outras graças tuas. E elle mesmo foy o q̃
 mo contou, mas que ey ja de fazer. *Briobis.* Este mesmo
 capitão trazia amores em parte, que me ya nisso algũa
 cousa. A Dama chamauasse Temuda: mas que hauia o
 diabo de fazer. Viemonos hũa soo noyte a encontrar
 em hum lugar escuso, elle rebuçouse, mas eu ao passar
 disse. Pera que he andar tam temudo. *Deuorante.*

COMEDIA DOS

D. Straifeo. Este homem, como se não foi logo lançar num poço? *Briobis.* E isto em dizendo fazendo. *Deuorante.* Sam graças naturaes, que Deos reparte por que quer bem. *Briobis.* Não o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteceu nam me darem samente vagar com requerimentos de cartas de amores, huns a hum proposito, outros a outro. *Deuorante.* Quaes avias por mais trabalhosas. *Briobis.* As primeiras. *Deuorante.* Como mestre. *Briobis.* E assi duas de hũas, como de outras os começos, que despois hũa palavra leua a outra por hũa maneira noua, que ora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais. *Deuorante.* Ficartehiam os treslados, que leremos sobre mesa. *Briobis.* Nunca as guardo. Mas lembrame hum começo, & dizia assi. Nas ondas destas lagrimas, que me leuão assi na sua corrente, não tem estes meus olhos outro Norte porque se rejam senam os teus. *Deuorante.* Ay, ay que farey; Isto ná se sofre. *Briobis.* Outra. *Deuorante.* Dará cento como relogio mal concertado. *Briobis.* Os enganos senhores da vontade, fazem o que querem de mi, & eu não quero acabar de entender o que entêdo, & fico assi, como em mares eneruzilhados onde a força não esforça, nem gouerna o gouernalhe. *Deuorante.* Busca quem te aguarde taes pancadas, que eu nam posso. *Briobis.* Pois te quisesses, que te esmiuçasse isto pelo mendo. *Deuorante.* Fogirei quanto poder, tão endiabrado es por bé, como por mal. *Briobis.* Assi ham de ser os homens, & nam

nam como estes freirões, que não sam peixe, né carne. Outra. No meyo dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meyo, tal auiam ento acho pera o meu desfaiamento, & tal esperança pera o cabo da desesperaçã. *Deuorante.* Finalmente pera esta tua naugação tudo o mais temos, a moça tã nos falece, esta busquemos. *Briobis.* Nam se pode errar, que nam ha outra em Palermo, como em Palermo? como em Palermo? não ha outra no mundo. Aqui a achei, aqui a perdi, aqui me perdi. *Deuorante.* A bom santo te encomendaste, eu te tornarei a achar. *Briobis.* Os cabellos como fio douro, os olhos verdes, que eschame jaião. *Deuorante.* Taes q̃ te fartarão os teus? *Briobis.* Mas taes, que mos deixaram famintos pera sempre. *Deuorante.* Ora cortame este pescoço, & acaba. Que mais pudera dizer hũ Mancias. *Briobis.* Pois ando pera me enforcar, como vès. *Deuorante.* Nam faças por amor de mi, que he cousa de que te arrependeràs. *Briobis.* Nunea fiz cousa de que me arrependesse. *Deuorante.* E eu cada dia, & cada hora. Vamo nos a jantar, ficarnosha tempo pera os negocios. *Briobis.* Não o bão inda de ter prestos, eu vou a dar presta, & terei cuidado do teu mantimento, tu tem cuidado do meu. *Deuorante.* Es hũ fonte perenal de eloquência, nunca te acabarão de esgotar. *Briobis.* Pois creme que não anda aqui hum terço de mi.

Deuorante foz.

G

Aquê

A Que tempo me Deos apparou este soldado? que nam achaua ja aqui hũa vez de agoa. Neste mundo tudo sam começos, foime bem huns dias, agora andaua ja às moscas. Cada tar de me assentaua sobre hum penedo a diuisar dali o mundo, & dando ao papo, como francezinho manço, olhando pera onde tomaria o voo. Trabalhofo officio este moço, que tem sempre o mantimento em mãos alheas. Muito bem me dizem dos Gallegos, & tem razam, que nunca em al fallão se gundo me dizem, se não em comer, & beber. Nunca se vio tão ruim mundo, o dizer bem das peçoas he coisa fria, & ainda despraziuel, o dizer mal, he perigoso, quem quereis, que tome hum porto tão estreito, & porinda ser nossa mo fina maior, os manços seruidores das damas, com quem era todo o nosso ganho, vierão senos a fazer mais graues, que seus pays; O joyas, joyas, quem tiuesse bem se comer, pera rir de vos, como hi não ouue amores, não ouue homẽs, com elles se foram as cañas, os touros, as justas, & finalmente a liberalidade, nos outros ficamos, como sinos em castello de sponhado tangendo as gralhas, & assi ja eu era, como digo na espinha, lembrouse Deos de mi, & acodime com este soldado appetitoso, convidador, mais vão q̃ a mesma vaidade, nas armas hum Roldão, mais fermoso, & mais namorado de si mesmo, que Narciso, mas a ni que se me da, vem da guerra, & destes seus a q̃ chamão sacos, onde roubão a Deos, & aos santos. Vos porei vede co

mo fallies, & não lhe chameis roubos, senão olhae por
 vos, sacos si, quantas vezes quise rdes. Quem me mete a
 mi com seus pontos de honra? Venha donde vier, ganha
 feo como quiseffe, sou pola vécure seu confessor, come
 bebe, joga, & he de molheres, aquelle staes são os meus
 homês. O mal ganhado mal se ha de despende. Viua-
 mos todos, he de louuaminhas, fartoo dellas. Quer con-
 tar tuas mentiras, a parelho os ouvidos, enchoo de vaidade,
 & elle a mi que não sou tão espiritual, encheme dis-
 lo, que se vende na praça, se ja nas boas oras, trato he, em
 que elle poem dinheito, & eu paluuras, dure o que du-
 rar. He enfadonho? Não ha logo de ser tudo, como ho-
 mem quer, & de q me podem melhor seruir os meus
 ouvidos, & a minha lingua, que de me ganharé de co-
 mer? Amocã não vos hà de ser outra se não esta Lucre-
 cia, pera quem agora toda a cidade se embica. Guarda
 de escandalizar ninguem que as obrigações esquecem
 logo, as magoas nunca, là se auenhão, que eu nam me
 mantenho de olhos verdes, quando t're varedes, a mor-
 sciencia que no mundo ha assi he saber conuersar com
 os homens, bom rosto, bom barrete, boas palauras, não
 custão nada, & valem muito. E assi quem sabe de tudo
 isto, faz bom barato, os paruos daruoshão antes dinhei-
 ro, & eu antes o queria. Isto não se aprende em Pariz,
 voume a comer.

Cassiano.

Aminte.

MEVriado, como me sentio em casa dissimulou
 & partio. Verdadeiramente o mais certo preço
 he quem guarda o preço. Achei esta carta parece-me q
 lhe cahio com a pressa, letra de mulher. he deue de ser
 da moça, quero ver o que diz. (Não sei porque folgas
 fazer tanto mal a ti, & a mi.) Bem me podera esta mo-
 ça tambem aqui meter no começo desta carta (que te
 perdes, & não olhas com quanta perda minha queren-
 dome obrigar com isso.) Milagres sam, que as fermo-
 sas fazem, a que se nam pode dar razão, (em pago de
 me pesar do teu mal, queres ser causa do meu.) Mais
 pesa a seu Ayo, & mais pesará a seu pay, quando o sou-
 ber, (olha que ainda se pode remedear tudo, não a bol-
 sa, que trouxemos, que arqueja, & tira quanto pode pe-
 lo folego, (differão-me da tua parte, que não querias
 mais, que este meu defengano, hi o tens.) Que fará a-
 gora Amente, se nam irle deitar naquelle mar assi de-
 fenganado, quanto melhor remedio fora, nam lhe dar
 nunca olhos, nem ouvidos, mas isto por boas filhas, que
 ellas sejam, nam lho mandeis, que lhe manda o seu na-
 tural outra cousa. O artificio com que se ja tudo diz,
 & faz, & digo em mayores casos. Mas he elle o que lá
 vem? Esse he. Bem sabia eu, que esta carta mo haura de
 tornar a mam, querolha ir por onde ha ache, nam aca-
 ba de sair de seu sizo (se isto se pode dizer) por quem
 ja nam tem nenhum.

Amente soo.

NAM passa assi o pensar. Quão pouco hà que sahi daquella casa com tanto prazer, vendome liure, de Casiano, eisme agora torno por mi mesmo à prisam de que fugia, & o prazer de todo perdido, & a carta pouco menos, & mais a que tempo, quando me ja nã ficaua outro bem, outro descanso, outra nenhũa consolação, saluo a aquellas poucas regras. Cuidey que a leuaua no seo sobre o coração, donde a nunca tiraua, elle foy o que a achou menos, queriame saltar fora do peito, fezme tornar em sua busca. Mas he aquelle Callidio queroo esperar, nam sey que nouas trará, com acabeça baixa vem, naõ he aquelle o seu costume, a cabem ja de me matar os amigos, & os inimigos.

*Callidio.**Amente.*

QUE M concertará tantos desconcertos. Digo-
uos que cuido, & cuido, & nam lhes posso achar saida. *Amente.* O que ahi não ha, como se pode achar. *Callidio.* Estes namorados não viuem se nam de esperanças. *Amente.* Que assi sam ellas mui saborosas. *Callidio.* Olhai que pessoas. Doutor honrado, & rico os dedos cheos de aneis. *Amente.* Pera mal vai este conto. *Callidio.* Callidio, Callidio. E o negocio esta em Ber-
trando

COMEDIA DOS

trãndo tã m fefudo, & tão pefado. *Amente.* Callidio? ou uef me? Vem quã foubefte mais algũa noua? *Callidio.* Fallei com Alda. *Amente.* Com Alda, & que te diffe? *Callidio.* Que o Doutor apertaua muito o negociõ: *Amente.* E de Lucrecia? *Callidio.* Que nam trazia rofto de contente. *Amente.* O que farei a eftes roftos, que tam afinha fe mudam? Que diffe de Bertrando? *Callidio.* Que calla, & paflea. *Amente.* E a molher? *Callidio.* A ambas as mãos pello cafamento. *Amente.* Nam he fua filha. *Callidio.* Nem he ella a que ha de cafar, & da tantas razões tão fefudas. Ia fãbes que coufa fão molheres. *Amente.* E tu ja fãbes, que fe nam fazem cafa fenam o que ellas mandam. *Callidio.* Mal peccado. *Amente.* Diffete mais algũa coufa? *Callidio.* Que hã em busca de Ambrofia a velha, que criou Lucrecia. *Amente.* Pera que triffe de mi. *Callidio.* Pergunteillo, mas deu aos hombros. *Amente.* Que fofpeitaua. *Callidio.* Mal. *Amente.* E mal fera, que afi acontece as mais das vezes. *Callidio.* Que preffa he effa tua, & mais pera cafa, donde fẽpre foges? *Amente.* Pera que queres fãber mais das minhas de fauenturas? furteime de cafa com tamanho acodamento que perdi aquella minha carta, que fãbes. Eu hi adã te achey a menos, foime, como achar meos o coração torno em fua busca deixame ir fo.

*Deurante.**Callidio.**En.*

ENtão deixai vos frades bradar do pulpito, & bracedar, que não ha hi dias aziagos. *Callidio.* Mao rosto traz, serà conforme. *Deuorante.* Ditofos homês, que se lhe cre quanto dizem. *Callidio.* Ando magoado de lhe ja ninguem crer cousa nenhũa. *Deuorante.* Que horas estas, pera andar ainda em jejum, ainda que ora dia de jejum. *Callidio.* Bem me parecia, que dali vinha a tosse ao gato. *Deuorante.* Todos fartos, & cheos, entam querem gracejar, que me anda o diabo attentando pera fazer hũa doudice, entam vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro. *Callidio.* Pois quanto a mingoa da boa cornadura nam fique. *Deuorante.* Cuidei de achar ja o meu Soldado à mesa, & hia lambendo os beiços dante mam, senam quando eu vejo, que me estaua aguardando à sua porta hum tuerneiro a que sou em diuida de alguns maravedis, olhay mais, & vejolhe hum beliguinaz ao lado. Hialhe a cair nas mãos. Quanto val hum homem acordado, descobrios de hũa legoa, desuicime então per outra rua, eu là, alcuantauase hum arruido, como barborinho em tardes de verão, lanças, pedras, espadas, não sey como sayviuo. *Callidio.* Vaso mau nũa quebra, *Deuor.* Hum gentar que te Deos ministra quantas confas te estoruão. *Callidio.* Pois ainda o meu quinham te está guardado. *Deuorante.* De que aprobeita ser sesudo entre tantos doudos. Iudeu houcras de dizer, que nam sesudo. *Callidio.* O meu grandissimo amigo

CO MEDIA DOS

Deuorante quanto ora folgo contigo. *Deuorante.* Este me direis vos a mi, que nam he dia aziago? *Callidio.* Que he isso, que assi vens de ma graça; nam era esse o teu costume. *Deuorante.* Deixame passar que nam hey contigo nada. *Callidio.* Que te fiz, algũa agulha ferrugenta se meteo entre nos. *Deuorante.* Requeirote da parte de Deos, que me deixes ir em paz. Nam sejas aqui hoje o meu peccado. *Callidio.* Espera que logo te auiarei. *Deuorante.* Que me queres? *Callidio.* Dous toques de trouas de improviso, que tens nisto gracia gratis data. *Deuorante.* Nam hya eu hora cuydando em al. *Callidio.* Tanto mais de improviso.

Começo.

Deuorante.

<i>Se es quebrado ou se es inteiro.</i>	<i>Eras pera Afelocivo</i>
<i>Que assi vãs aos folles dando.</i>	<i>Querai cascauis tocãdo</i>
<i>Dãs à cabeça escornando</i>	<i>Bem seis q' foste apalpãdo</i>
<i>Se es touro, ou velho sindeiro.</i>	<i>mas nã es bõ chocarreiro</i>

Callidio. Ora o fiste, como quem es, & mais pelos consoantes, outra hora te conuidarei, ja podes passar.

Briobis.

Deuorante.

PASSA Mas horas de comer, o gentar danase, grão força de negocio detem a *Deuorante.* *Deuorante.* Quando me auerey eu dentro naquella casa, que me oje

oje tantas cousas defendem, mas vejo o meu soldado.
Briobis. Que detença foi esta? ouve quem te fizesse algum desprazer? *Deuorante.* Ia me conhecem por teu, digote, que nam querem prouar, como pões as mãos, & o ferro. *Briobis.* E o fogo inda deueras de dizer. *Deuorante.* E o fogo tambem. *Briobis.* Que nam ha muyto, que eu chamusqu'i huns poucos de villãos por hum desprazer que me fizeram. Nem saberàs, como eu jugato de arcabuz. *Deuorante.* Saibãono teus imigos. *Briobis.* E dos Soldados desta vossa guarda de Palermo. *Deuorante.* Sy, de como os desbarataste. *Briobis.* Com hũa soo palavra queres tu passar por tamanho feito? *Deuorante.* Isso seria, se as muytas abastassem. *Briobis.* Bem disseste, como es auisado. *Deuorante.* Vou aprendendo de ti? *Briobis.* E do vssso tamanho, & tam medonho, que me dizes, pois o viste? *Deuorante.* Sabes, que então differam todos? *Briobis.* Que, por tua vida? *Deuorante.* Que se apalpara o vssso com o liam. *Briobis.* Ah, ah, ah, ora nunca vi melhor dito do pouo. *Deuorante.* Assi diz o pouo, que nunca vio melhor feito de hũ homem soo? *Briobis.* Nem de dez. *Deuorante.* Nem de vinte, ô senhor Deos, que nam fara dizer a fome? Não sei pera que forão mais poles, nem mais dados na testa, aquelle he hum vssso manso, que ainda por essas tuas brincando. *Briobis.* Benzer tehas, quando me visses saltar a trauez tam ligeiro. *Deuorante.* E tam airoso. Mas tu nam me perguntas por nada. *Briobis.* O meu amigo
 gran-

grande, como quem descança sobre si. *Deuorante.* Não he pera as tuas cousas de tal segredo, & preço. *Briobis.* Entremos em casa, là saberàs marauilhas, e eu tambem contarei das minhas. *Deuorante.* O demo diz a este, que hão de ser mentiras por mentiras.

ACTO. III.

Petronio Deutor.

SE nos outros passamos tão asinha, q̃ podemos fazer que dure muito? *Tempus edax rerum; tuque o inuidio sa vit est.* *Omnia consumitis.* Aquella tam antiga, & tão nobre cidade de Pisa, em q̃ quaci, he, como posta por terra, pois perdeu a sua liberdade, & os seus cidadãos espalhados pelo mundo, antes que se verem seruir aos Florentins seus inimigos. Fizemos todos o que pudemos & a que deuiamos, agora, que temos de Pisa, se nã par-diciros, & campos, *vbi Treya fuit*, como diz aquelle diuino Poeta? A mi coubeme em sorte este Palermo. onde me magoão estas lembranças muitos annos hà, mas que farey, sempre assi hei de andar gemendo? Ora qué viuer, verá tambem a Florença a sua pancada, q̃ quanto vay mais crescendo, tanto será mais cobiçada. Nam se começarão em nós, nem acabarão em nos estes jogos da fortuna. Com isto me vou consolando, os honrês da minha calidade per sy se hão de curar, & se não em bal-
de

de embranqueci sobre os liuros. *Patria est ubi cumque bene est.* O bom jogador emenda o lançaõ mao quanto pode com o saber, porque nam farei eu o mesmo? Fez-me o mao lançaõ estrangeiro a estes, eu me lhe farei natural com as boas obras, com a mansidam, & com o saber, & mais se acabamos este casamento, com o cuydo, cada dia espero por meu irmão, dizem me, que he arribada hũa nao de Poente, assentarnos hemos aqui ambos. Certo os homens nam deuião de fallar nas coufas do mundo, senam depois de muita infinda experiencia que segundo o Philosopho. *Est mater rerum,* Quantas contas tenho nesta vida feitas, que me agora cumpre de riscar? O casamento, a que tantas vezes chamey catiueiro acostumado, torno agora auer, que he coufa santissima, & necessaria. Os filhos, de que tantas vezes rícos meismos pays, de como não sabem fallar: saluo nas suas graças, dei de nouo volta, & acho, que sam todo o gosto da vida, & da fazenda, & bem souberam as leis o que dizião em clamarem seus proprios herdeiros ponto alto, *Et de apicibus iuris.* Quanto a casar por amores, & mais nesta idade, digo nella me he mais necessario algum contentamento, quando me os outros todos vã delemparando, que differenças de costumes? Aqui me deram dote bonrado com Lucrecia, & logo defronte em Africa comprão as mulheres quem as quèr, parece que nam he ma razam. Mas vejo eu a minha criada? Si vejo, noua teremos.

Sargenta. *Petronio.*

DVAS sortes de homens ha no mundo que se podem servir, ou muyto paruos, ou muyto namorados, & inda os namorados tem grande ventagê. Quanto tempo hã que siruo meu amo sem medrar hum vestido, nem hũa boa palaura, que custa menos. *Petronio.* Que dar de lingoa, gram caso este de molheres. *Sargenta.* Vem o velho, & namorase; logo fuy vestida, & priuada. *Petronio.* Não a posso bem entender. *Sargenta.* Nunca vistes tam boa gente, nem que assi se vos deixe enganar tam leuemente. *Petronio.* Enganar, ou como. Nam hei aquella por boa palaura. *Sargenta.* E mais Dorio fora ja do trato. *Petronio.* Né tratos tão pouco. *Sargenta.* A verdade he apanhar. *Petronio.* Peor q peor. *Sargenta.* Muitas merces a fermosura de Lucrecio. *Petronio.* Todo estremecci ouuindo aquelle nome, de là deue de vir, assi com elle na boca a quero chamar, *Sargenta, Sargenta, Sargenta.* Huy, aquelle he nosso Amo, se me ouuicia, mas elle nam houue ja muyto bem. *Petronio.* Vem quã *Sargenta* chegate mais a mi, que te quero perguntar donde vens. *Sargenta.* E logo te o coraçam disse donde. *Petronio.* Que marauilha, se elle sempre por la anda. *Sargenta.* A mi me parece que o vi. *Petronio.* Folgo com isso muyto. E pois que anda aminha alma fazendo por là. *Sargenta.* Espalhando treuoadas, como sino de virtude

tude. *Petronio*. E parece-te, que ficá o ceo despejado de todo? *Sargenta*. Limpo como hum espelho. *Petronio*. Nem lá contra o Poente nam enxergas nada. *Sargenta*. Hũa pouca de neuoa, & vento. *Petronio*. Dahi se leuam-tão as vezes grandes treuoadas, mas que entendeste della? *Sargenta*. Muitos sisos, & muytas virtudes. *Petronio*. De quem Sargenta? *Sargenta*. De Lucrecia. *Petronio*. Assim faze, nome cama muytas vezes. *Sargenta*. Nunca se tal gracia vio, nem tal siso. *Petronio*. Tal assento, nem tal fermosura. *Sargenta*. O que todo o mundo vê pera que he dizerte mais. *Petronio*. Ora vem qua Sargenta, que te quero agora perguntar per hum ponto, coufa em que te nunca fallei. Ouíste algũa hora fallar num mancebo Espanhol, que segundo dizem anda aqui perdido de amores por ella? *Sargenta*. Qual? Hum capa em colo, que à primeira parecia algũa coufa, ja agora nam terà que despender, & parece que cahio da força. *Petronio*. Ha, ha, ha, como o pintaste tambem. *Sargenta*. Coufa he isto pera te samente lembrar? *Petronio*. A mi não, mas a Lucrecia. *Sargenta*. Que riso, não he isso, se nam pera a nomeares muytas vezes. *Petronio*. Ao homem se tudo tudo hade lembrar, & mais isto das idades releua muyto. *Sargenta*. E bem que disposição, he assi a tua? *Petronio*. Da disposição. Deos seja louuado, nam hey inueja a ninguem, a idade pela ventura parecerà mais do que he, cos nojos, & cos trabalhos, com que se as cãs adiantam. *Sargenta*. Quem nam sabe, que as cãs nam fazem

fazem velhice. *Petronio*. E mais segundo o Philosopho, no casamento o homem hà de ter boa auentagê de annos à mulher. *Sargenta*. Muito releua o que quer o Philosopho pera o que ellas querem. *Petronio*. Ao homem he necessario mais siso, & mais experiencia, como que ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante acolhetel *Sargenta*, que este sempre anda em espreita pera leuar nouas de huns pera os outros *Sargenta*. Que dita tamanha vir quem nos espartisse. Não sei porque dizem tantos males da mentira, digam o que quizerem. Como? E bom siso fora contar eu a nosso amo muy verdadeiramente, donde vinha, & tudo o que fizera. Oo que prazer para elle, & pera mi que prouicito. E assi com estouta mefuiha elle fica doudo de prazer, & eu vou em paz.

Deuorante. *Petronio*.

NA M haja hi mais tal paruoice, nem se enforquê ninguem por paixão que lhe vença. *Petronio*. De boa tempora parece que vem. *Deuorante*. Como eu oje andoua joyaz com todos queria auer brigas. Bem dizê que fome, & frio, mas o frio he vento. E perarci quanto frio ha é Alemanha cõ esta capa çafada, nã me falle nif quem em fome. *Petronio*. Fome, ou que? Não he pera o esperar, que se inuiria aos dentes. *Deuorante*. Em fim quisme Deos dar sofrimento, quando chegury, a chey tudo

tudo prestes. O soldado beberà ja ha minha reuelia; entam comçou a contar das suas façanhas, tratou ven- ceo, catiuou, eu tambem entre tanto por ham estar ocioso, dei saca a mesa. *Petronio.* Bem esta, farto deue de vir. Saybamos nouas. Onde se vay o grande meu amigo *Deuorante*? *Deuorante.* Onde mais cumprir a osenhores, & amigos. *Petronio.* Que nouas correm? *Deuorante.* Muytas, & pouco certas, como em Pálermo acontece cada dia, saluante se he verdade humas que me deram pouca ha. *Petronio.* Que taes *Deuorante*. *Deuorante.* Que es ja dos nossos. *Petronio.* E isso has por cousa noua. *Deuorante.* Sy, que dantes tínhamos este como emprestado. *Petronio.* E agora como? *Deuorante.* Por mais que nosso. *Petronio.* Assi quis a fortuna. *Deuorante.* E o amor tambem, *Petronio.* Ah, ja te entendo, & nisso hauera mil sentenças. *Deuorante.* Antes a todos ouço fallar por huma boca deixemos alguns dedos que inae os fora. *Petronio.* Há, ha, ha & elles farão a mi inda mais velho, & a ella inda mais moça. *Deuorante.* Como que nam viffemos por aqui moças sefudas, & velhas doudas que farte, & se muyto te cumprirem de minha casa podes ser seruido. *Petronio.* Eu to agradeço muyto, mas por agora na praça estam as moças. *Deuorante.* Tomay lá. Assi fazem, pagam hũa graça com outra. *Petronio.* Que dizes? *Deuorante.* Que tudo se acha em ti, fizos, graças, & galantarias. *Petronio.* De ti me vem
que

que me aluantes os espiritos, mas fallando de sião grandes privilegios tem as molheres dos doutores se os ellas entendessem. *Deuorante.* Que negra consolaçã principalmente pera as bellas malmaridadas, & assi os outros homens em vosso respeito, certo que se podem chamar corpos sem almas. *Petronio.* Donde singularmente vam inferindo os nossos doutores, que se nam pode doutorar hum homem morto. *Deuorante.* Isso he certo? *Petronio.* Certissimo. *Deuorante.* Que mais queres? eis o que se diz da cabra morta nam diz mee. *Petronio.* Espantaste? pois nota mais, que cabendo nas molheres tam altos titulos, como he Condessas, Duquesas, Rayhas, Emperatrizes, &c. Mas Doutoradas, isso nam por mais letras que tenham. *Deuorante.* E essas nam tẽ espirito. *Petronio.* *Subtiliter* Deuorante, mas respondendo *breviter*, declarome que o do espirito, que disse, *procede negatiue, non affirmatiue.* *Deuorante.* Todavia a molher do caualleiro tam pouco se chama caualleira nem escudeira a do escudeiro. *Petronio.* Porque nam sam Amazonas que tragam armas, & escudo, & por isso logo das nossas disse, por mais letras que saibas que te parece. *Deuorante.* Não sey, là vos entendeis, grande vida le uais. *Petronio.* Assi podemos dizer com aquelle nosso grande Iustiniano, *Noctes ducimus insomnes, &c.* *Deuorante.* Pois desse vosso Iustiniano, nam sey que eu ouui dizer. *Petronio.* E que. *Deuorante.* Que nam fora elle dos mais catholicos. *Petronio.* O lingua de serpêtes,
escre-

écreuendo elle tão altamente. *De summa Trinitate, & fide catholica. De uorante.* Tam enfadonho he este, & tão vão como o meu soldado, & não conuida tambẽ. Que faço aqui, mandas de mi algũa cousa mais? *Petron.* Não al se não que sou teu, eu, & quanto tenho. *De uorante.* Eis me rico, & bem auenturado. Assim viuua elle, & assim medre, & despois sabeis que vos respondem por suas leis, que palautas de cortesia nam obrigaõ. Nunca taes direitos viste. Achão que hũa soo palaura obriga, & muitas não, não ajaes vos medo, que com estes taes eu faça muita farinha.

Petronio Danzoso.

DEsque homem nasce até que morre, não tratã cousa de mor peso, que a do casamento, que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito que se te vendem hum rocim manso, ou hũa mulla maliciosa, logo hi sam milleis ate ajudar, & tem procuradores tanto que dizer, & allegar, & na tua molher, por quem deixamos os pais, & as mais, ali nos desempara tudo, & so a morte pode ser boa. Pelo qual estiue tanto tempo solteiro, vim aqui em fofas letras, de que a fortuna me não pode roubar, com ellas me remedeci, que a estes nossos direitos não se lhes pode negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos estes mosteiros mendicantes, como se elles chamã,

Philosophos ja passarão mal auindos huns com os outros com suas barbas, & gravidade. Poetas tudo poem em flores, pelo fruto não espereis. Os oradores nos os tiramos das suas vezes. Os Astrologos sempre tratã do por vir, de que elles nem ninguem sabe pouco, nem muyto. Físicos ganham bem de comer, porem he com ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lãa da porca, & entre todos estes nam ha hum homem de negocio, fomento o Iuriseônulto he o que pode tratar & rematar duuidas de substancia, toda via frades entre meter se querião, mas não tem azas com q̄ voem, que a vontade não lhes falece. Sò o Iurista pode andar cõ o peito alto, & satisfeito do seu saber, quer seja pera concertar as cousas desta vida, quer da outra. Isto he o q̄ te releua, & creme q̄ te não busca ninguem, senã o que te ha mister.

Guido, & Petronio irmãos.

Guido. Ainda me não parece que ponho os pés em
 A cousa fu me. *Petronio.* Hũ estrangeiro vco
 quero ver se traz nouas. *Guido.* Este maltamanho, tam
 breue, tam mudavel, tão espantoso quem ousou primei
 ramente de acometer? *Petronio.* Não sei se me engana
 o desejo, mas este me parece *Guido* meu irmão perq̄
 esperava. *Guido.* E mais neste tempo, em que homem,
 q̄ no mar entra, o menos q̄ te me, he o mesmo mar, *Pet.*
 Sem duuida este me parece *Guido.* Quem sempre anda

cuberto de nossos inimigos, & da fee. *Petronio*. Sé duvida
 algũa este he, ô meu irmão Guido boa seja a tua vinda.
Guido. Meu irmão & pay es tu este? *Petronio*. Pois tu es
 vindo a saluamento este sou, & tudo he saluo. *Guido*. Se
 inda o bem souberes segundo se os ten pos tornarão
 aos nauuantes. Ah pecador de mi, que bem deueram
 de abastar os seus males proprios de mar. *Petronio*.
Qui ascendunt mare in nauibus, viderunt opera eius, &
 por isso as nossas leis seis meses do anno defende a na-
 uegação. *Guido*. Todos doze a deuerão de defender.
Petronio. Inda agora vês, como estiueres em terra dous
 dias, tornaràs outra vez bradar pelo mar. *Guido*. Bem
 sey que assi somos feitos. *Petronio*. E toda via tu bem
 folgo de vires assi aborrecido destes caminhos, senão
 he com grande perda da fazenda. *Guido*. Tudo passou
 tormenta, & porem fomos em Palermo, & achote viuo
 & sam. *Petronio*. E daquella nossa minina descobriste
 noua algũa? *Guido*. Dirtehei o que pude saber. Em Sar-
 denha achei hum nosso Paysano, & conhecete, este me
 contou, que a vira depois em Florença, & depois em
 Roma. *Petronio*. Em Roma, ora a dà por perdida de to-
 do. *Guido*. Nã sabes que as duas partes de Florença são
 passadas cõ este seu Papa a Roma. *Petran*. Não me fales
 naquelles clérigos tão ricos, & tão ociosos, q̃ eu nã cui-
 do, q̃ D. os cõ toda sua paciência os possa soffrer muitotẽ
 po. *Gui*. Inda entã pela idade era cousa impossivel. *Pet*.
 Tanto mais feito Romão. *Guido*. Contaua mais que
 dera

COMEDIA DOS

derã em Roma a peste em casa daquelle mercador Florentino, onde a minina estaua, & que hum dom Abade seu irmaõ delle, homem Religioso, & bom, a trouxera pera esta terra onde elle tinha renda, agora com estes finais não te pode errar. *Petron.* Daqui por diante busca quem quizer. *Guido.* Porque? *Petronio.* Porque as mulheres não hão de andar muitos caminhos, que são hũa perigosa mercadoria, quebrão como vidro. *Guido.* Em tempos de tantos trabalhos, & tamanhas mudanças, que menos se podia acontecer. *Petronio.* Eu to direi perderse de todo, que nunca della mais souberamos. *Guido.* Tu mo encomendaste. *Petron.* Desejava de ter nouas q̃ escrever a seu pay, & essas quem lhas escreverã. *Guido.* Iremos por estes finais mais auante pola ventura nam ferã o mal tanto. Tenho necessidade de repoufar, que inda me a cabeça da voltas. *Petro.* Vamos, & la te darey muitas outras contas.

ACTO. III.

Cassiano.

DE me não poder ter mais as lagrimas me fayo cá pera fora, não sei q̃ faça a este moço entrou desatinadamente em casa em busca de sua carta, eu dissimulei fazendo, que entendia em outras cousas, elle como a achou, tornou em sua cor, & acordo, fallou, rio, finalmente gentamos em paz, mas depois que passou, &

cuidou, recolhe a camara, ali fez suas lamentações, eu que o espreitava, & que o crici não o pude sofrer, mais venho fogindo a minha fraqueza, chore à sua vontade, & defabafará que a sangria destes males, sam lagrimas depois que chorar muito, tornará a rir. Mas que doudo he o que vem correndo? nam lhê errava eu ora muy to o nome, que este he Callidio, que cabeça.

Callidio; *Cassiano.*

A Parta, aparta, que prouo estes meus pes pera quanto sam, quero ver o que tenho nelles, nas pressas le conhecem os amigos, guarda de diante, guarda que vay sobre aposta. *Cassiano.* Isto passaja de doudice, & deus de ser vinho. *Callidio.* Não se me ponha ninguem diante, senam quer saber como o encontro. *Cassiano.* Hora nunca vi bebado tão desuolto dos pes, queroo chamar, *Callidio, Callidio. Callidio.* Aquelle he *Cassiano,* assi somos neste mundo, & eu buscaua Amente. *Cassiano.* Oh doudo que te mingoa pera tirares pedras à gente. *Callidio.* E disso que me mingoa me pesa. *Cass.* Porque? *Callidio.* Nam sabes tu aquelle dito tão verdadeiro, que o homê, ou ania de ser Rey, ou doudo. *Cass.* Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas, porque corrias assi? *Callidio.* Dos doudos, todos rim, & nam se espanta ninguem. *Cassiano.* Mal se podem rir os a que el les fazem mal. *Callidio.* E eu que mal te fiz? *Callidio.*

COMEDIA DOS

Quantos passamos em Palermo que sam muytos, *Callidio*. E assi o dizes a todo o mundo. *Cassiano*. E ainda es-
 sa mã vingança não queres que tome. *Callidio*. E assi o
 has de dizer a nosso amo. *Cassiano*. Quando sera isso?
Callidio, Cedo. *Cassiano*. Onde? *Callidio*. Nesse mesmo
 Palermo. *Cassiano*. Doudo, & nunca homem sabe quã-
 do falla de verdade. *Callidio*. Agora. *Cassiano*. Quem
 to disse. *Callidio*. Estes meus olhos bellos. *Cassiano*. Em
 que lugar? *Callidio*. Na Ribeira. *Cassiano*. Porque o
 nã acõpanhauas. *Cal*. Vim diante a dar recado. *Cassiano*
 Torna apos mi. *Vay*. *Callidio*. Por agora soo. Folguey
 de me despejar deste por buscar Amente pera lhe dar
 estas boas novas, com que haja seu conselho, que eu a-
 uido tenho o meu de apanhar os pes. Andava o triste
 pera perder o siso co negro calamento. Agora que fa-
 ra com tal ajuda? Ay mimosos criados em vossos ap-
 petites, que em fim vem a ser o que nam quereis crer
 nem ouir, entam esmorecer. Mas pay, & filho sam.
 A my soo cumpre buscar meu remedio, & mais com
 tal valcdor, como tenho no Ayo. Mas eu esta conta fa-
 ço, que tam pouco tenho aqui, como em Valença. Bons
 pes tenho, & arrezoadã lingua, do mais (como di-
 zem) sobre a terra anda o hauer. Quem fae de nos-
 sa casa.

Amente

Callidio

Cal

CAlsião não apparece, nem Callidio, onde fugirey
 de hum, & onde acharey o outro. *Callidio.* No pe-
 or não fallas, que he teu pay. *Amente.* Hoje com a
 pressa da carta nam tiuemos tempo. *Callidio.* Cadavez
 se elle vay encurtãdo mais. *Amente.* Quem me chama.
 Oh meu Callidio, que a ti buscaua. *Callidio.* E tu a ti.
Amente. Deslucimonos, & vamos buscar algum lugar
 em que fallemos à nossa vontade. *Callidio.* Oh Amen-
 te à nossa vontade não podemos nos fallar. *Amente.*
 Porque Callidio. *Callidio.* Despois que me deixaste,
 dei comigo na Ribeira, que me temia muyto do mar,
 & velauame delle. Em fim tantas vezes fui la até que
 arccadei. *Amente.* E que Callidio. *Callid.* Achei nonas
 de teu pay. *Amente.* Triste de mi, he elle morto, que af-
 site de mudaste. *Callidio.* Tu, & eu Amente somos os
 mortos, que elle viuo he, & são. *Amente.* Isso he bem.
Callidio. E dentro em Palermo. *Amente.* Isso he mal.
Callidio. Não ves quão perto estava o mal do bẽ. *Ame.*
 Conta-me tu verdade Callidio. *Callidio.* Muito contra
 minha vontade. *Amente.* Que te parece desta tua vinda
 a tal tempo. *Callidio.* A meu parecer o Ayo o mandou
 chamar, & alsi quando lhe agora dey a noua, nam du-
 uidou della muyto. *Amente.* Fallaste-lhe. *Callidio.* Fallar
 dizes? Valcome que o vi primciro, que elle a mi. Dou-
 tra maneira (como dizem do lobo) tolherame a fal-
 la de todo. *Amente.* Que conselho amigo meu Cal-
 lidio. *Callidio.* Amente o espaço he pouco, as

COMEDIA DOS

palavras nam podem ser muytas. Teu pay bem o conheceç ha de trazer suas contas repartidas em duas partes nam iguaes, conuem a saber, a ti reprehendêrte, & a mi castigar-me. Bem sabes, que se criou em Galez, aquelle amor de pay que o qua traz, te ha de valer, não te encomendes a outro santo, a mi he necessario encomendarme aos meus pês. Oulà quem he aquelle? Todo o homem me agora parece Valenciano. *Amente.* Alsi me deixarias em tal desemparo? *Callidio.* Tu mesmo me deuias de aconselhar que fugisse se te lembrasse o perigo em que me ves pois he tanto pior que o teu. *Amen.* Lembra mas nam vesem que tempo me este mal toma? *Callidio.* Se visse em que te pudeste ser bom, tudo o mais me esqueceria.

Deuorante. *Amente.* *Callidio.*

Deu. **E**M Doutor me fallais em tempo de paz? Bê me parecia a mi, que auia o negocio de dar a traues. *Amente.* Aquelle he *Deuorante* que ja tambe foi dos meus em mais bonança, todos me vos his hũ, e hum. *Deuorante.* Quando elle aqui veo ter de Pifa, nam trazia aquella batriga, porque naquella sua terra acostumauale então o ferro, & aqui agora costumase mais a pena. *Amente.* Que diz? *Callidio.* Mil sentidos que tiuesse, todos traria occupados em teu pay. *Deuorante.* Em fim que ouue de leuar a moça? Agora enforçar se uido.

uidores. *Amente.* Entendeste? *Deuorante.* Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem hum doutor velho com seus habitos longos, & derrubalhes a lebre diante *Amente.* Parece que falla no Doutor. *Deuorante.* E o meu soldado muy posto em sair para Domingo com hũa intenção de laberintos, por Lucrecia. *Amente.* Oh meu coração? *Deuorante.* Esta noite teremos festas, & cea. *Amente.* Que te parece? *Callidio.* Calaceiro, que nunca sonha em al, salvo em conuites. *Deuorante.* Fortemente atalharam a minha negociaçam, que eu andava por alongar, & encurtaráoma. Agora quero buscar o dos Laberintos, & tiralloey daquelle trabalho, em que anda.

Amente.

Callidio.

TV vees a que termo eu sou chegado? segundo as nouas, que tu de hũa parte, & Deuorante de outra me dais? cuidei que tinha de ti algũa necessidade. Mas pois as cousas así vam, tè a vida me sobeja, procura pela tua. *Callidio.* Vos outros mimosos, logo quereis morrer. *Amente.* Nam se ajuntaram em balde tantos males a hum tempo. *Callidio.* Tam pouca confiança tens em Lucrecia? *Amente.* Ah Callidio? *Callidio.* Que ah Callidio? *Amente.* Que esperança tam fraca? *Callidio.* Queres dizer, como de foam? *Amente.* E de foam, & de foã. *Callidio.* Naquillo tem razam, & mais nesta terra, em que

que o porão muy afinha em cantar Ceciliano ; como dizem. *Vem quã Amente, seràs homem pera me ajudardes a hum feito?* *Amente.* Em tal desesperação que posso eu artecear. *Callidio.* Ora bem ves que esta vinda de teu pay embaraça tudo, pello qual aqui cumpre de acudir se queres remedio. *Callidio.* A maneira he a que não vejo. *Callidio.* Dirtohei, façamos, que nam conhecemos teu pay, por mais Vallenciano que falle. *Amente.* E em tamanha agonia podés estar gracejando. *Callidio.* Nam gracejo, mas anteste dou hum cavallo na batalha, se tu fores, pera o tomar. *Amente.* E a meu Ayõ que lhe faremos. *Callidio.* Como que? Diremos que este he o que faz todas estas calabreadas, & que traz este velho falso aqui com nome de teu pay, & assi nam recolheremos em casa hum, nem outro. *Amente.* Nisso bem vejo eu o erro, o remedio nam o vejo. *Callidio.* Eu to direy: Podemos acudir ao negocio do casamento, como dantes, & se cumprir, diremos duas palauras ao Douctor, que nam sejam de libellos dar, nem lides contestar. *Amente.* Chamarseham à justiça. *Callidio.* Que fraco remedio huns, & os outros. E quanto ao Douctor deyxalo reuoluer seus Bartholos. *Amente.* Assi, que tambem queres, que erre a Lucrecia. *Callidio.* Por amor da mesma Lucrecia. *Amente.* Al quiseira eu fazer por ella. *Callidio.* Nam pode por agora

me, e... es

és moço. Enfiãte a acudir sépre ao mior perigo. *Amente.* Nam tenho rosto contra a verdade. *Callidio.* Acharas logo muytos que o tenham, & ficartehão com grande auentagem, *in agilibus*, como dizem estes praticos. *Amente.* Logo a mentira se estrema da verdade. *Callidio.* Antes se vieram aparecer tanto, que cada dia se passa hum por outra. *Amente.* Triste de mi que farey? *Callidio.* Se queres conselho, nega, & se nam éntregate. *Amente.* Como hey de negar cousa tam sem duuida? *Callidio.* Negando (dizem elles) se faz tudo duuidoso. *Amente.* Mas nam se faz por isso torto do direito, nem direito do torto. *Callidio.* Antes que isso se declate, hum luiz he sospeito, outro occupado, outro vagaroso. Isto nam he tempo de mimos, teu pay nam pode tardar. *Amente.* De que me valerey em tamanho aperto? *Callidio.* Do desauergonhamento sobre todas as cousas, brada, vira, esbrauca, queixate, chama por justiça, olhá pera o ceo. *Amente.* Morreome o coração de todo. *Callidio.* A mao tempo te deixou, mal o fez contigo. *Amente.* Não me ficou outra cousa, senão mãos pera me matar. *Callidio.* E a mi pes pera fugir, & vello que apparece. *Amente.* Aquelle he nam o posso esperar. *Callidio.* Que fazes? onde te vaz? torna, que eu era o que havia de fugir. *Amente.* Perdoame *Callidio*, & lembrate de mi, que se nam pode

COMEDIA DOS

fofrer o roſto do pay a que tens errado. *Callidio*. Foyſe, & deixame a mi cos combates. Que farey? que hey aſi de fazer, ſenam terlhe companhia com fugir? Eſtes moços fouueiros ſam muyto molles dos caſcos. O homem ha de ſer calejado pera correr o molle, & duro. Quanto folgara de nos vermosco velho aos Itens. Que nos ouuera aſi de fazer? por juſtiça? teria procurador? & nos procurador, diria o ſeu, & nos o noſſo. Poisai nda hey de eſpreitar mais deſte negocio, que nam eſtamos agora em Valença para hauermos tamanho medo a eſte velho, que vira anojado.

Galbano velho. *Vidal* ſeu criado. *Callidio*.

EM que idade eſtaua eu ja agora pera tornar a ſofrer o mar, & os marinheiros? *Vidal*. Certo regeſtete niſſo polo amor do pay, & nam por razam. *Callidio*. Aquelle he vidal homem de bem criado ſeu antigo, os outros nam conheço, ruim gente me parece, hũa por hũa nam vem com elle Caſſiano, de que muito folgo. *Galbano*. Iſſo aſi he mas que remedio? *Vidal*. Deixa-lo lutar hum pouco co a fome, & frio, que elles to caſtigaraõ. *Galbano*. Houue medo algum maõ recado, que neſta terra apoſentaram os Poetas a ſuas ſereas. *Vidal*. Ia he alguma maneira de diſculpa. *Galbano*. Naquelle idade tam cega, & ſobre tudo raes conſelheiros Galbano aqui ſomos. *Vidal*. Quaes conſelheiros?

Galb.

Galbano. Os que aqui taes vidas leuam as minhas custas. *Vidal.* Coitados dos Seruidores, que ainda ham de fazer mais que seruir. *Callidio.* Oh que homem sempre assi foy defenganado. *Galbano.* A mi eram obrigados a seruir, que nam a elle. *Vidal.* Teu filho he ja homem, & afora Cassiano seu Ayo, o officio dos outros era seruir que não aconsellaar. *Callidio.* Oh bom procurador, & mais sem dinheiro. He hum milagre. Aquelles outros carrancudos. Nam ajaes vòs medo que ajudem, né com hũa soa palaura, nunca os ajude Deos. *Galbano.* A doente nam se lhe hà de fazer a vontade, & que elle por entam o nam conheça, depois o conhecerà, & agradecerà. *Callidio.* Aquelle he forte ponto, vej-mos que ali responde o nosso procurador. *Vidal.* Nesse caso que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, & não pode fazer mais que ameaçar, nestoutro poente logo as mãos, & vingãose. *Callidio.* Isto não he ja procurador, mas hum pay. *Galbano.* Ia te disse, que a mi ouueram elles de ter respeito. *Vidal.* Estauas lóge, acudirias tarde, entretãto o espãcado andara espãcado, o roto roto, o agruado agruado. *Callidio.* E mais que peça he andar agruado? Que fogem de ty hũa legoa, como de cão doente. *Gal.* Mas foy bem foyto deitar assi a perder hum moço tão bem principiado. *Callidio.* Ia se o velho affonha, assi fazem quando os atalham per razam. *Vidal.* Estamos em tempo, em que ninguem quer ouuir conselho. *Galbano.* Assi queira Deos. *Callidio.* Digouos que este Vidal n e curou

eūrou de todo do meu medo. A razam o velho ãconhẽ
 ce ja do mais que me pode fazer, sei, que nam estamos
 em Valença de Aragam. *Vidal.* Por aqui me differam
 que pousaua, nam vejo a quem perguntar. *Callidio.*
 Quero acometer o velho que pode ser mais. *Galbano.*
 Quã vem hum, & he ora este o bom de *Callidio.* *Calli-*
dio. Que he isto milagre, ou sonho. *Galbano.* De que
 te espantas. *Callidio.* De nam saber se estou em Valen-
 ça, se em Palermo. *Galbano.* Quero dissimul r com este
 ruim. Estais qua todos de saude. *Callidio.* Todos por
 agora. *Galbano.* Guia pera a pousada, que venho can-
 çado, queria repousar. *Callidio.* Aqui he, ou là, abri. Es-
 ta gente nam houue, abri digo. *Galbano.* Em quanto
 este falla cos de casa, fallo eu com vos outros, trazei-
 me este rapolo diante de vos: & se reletuar, entre
 por força. *Vidal.* Ah seijhor. *Galbano.* Calate, boa
 parece a casa, & om bom lugar. *Callidio.* Dizem me,
 que nam sam qua Amante, nem Cassiano voume em
 sua busca. *Galbano.* Agasalha os hospedes primeiro.
Callidio. Nam tenho com que. *Galbano.* Com a boa
 vontade. *Callidio.* Oulã que quer isto dizer. Quereis
 prouar forças comigo. Olhay que chamarcy por ju-
 sticia? Oh, oh, *Galbano.* Tapalhe essa boca Grisfar, &
 tu feramonte desapegalhe essa man da porta, & fe-
 cha sobre ti.

ACTO V.

Reynalds soo.

NO cabo desta minha longã, & trabalhosa jornada quando os outros descansão, começa o meu cansaço meu, com a duuida que tenho, se acharei aqui hũa filha en cuja busca venho. Tegora na minha esperança hya passando meus males, sem ella, como passarey isso que fica da vida? O mor bem que neste mundo tive, que foy a mãy desta moça, a morte mo leuou, dias hã, o da filha que me em seu lugar ficaua, se mo tambem, tem leuado, felo cruel mente comigo, que me nam deixou nesta vida a que possa alcuantar somente os olhos, aquelle foy o meu primeiro amor, aquelle serà o derradeiro, a grande dor de sua morte me lançou então de toda Italia. O desejo da filha me torna aguora quã. Deyxeya encomenda ha hum Doutor grande amigo meu em Pifa, onda entam estuda, entre tanto que aquella nobre cidade esteue em pè, sempre tinha nouas. Des que ella cahio fiquy as cegas, tee agora que venho a Palermo, onde me differam que acharia o amigo em cuja busca hando hã dias. Así venho com tam pouca certeza, & quanto mais me vou chegando a esta minha esperança,

tan-

tanto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentença, eu apercebido venho para tudo. Toda via ao abaxar do golpe a carne he fraca, & estremece toda. A chafe ja o amigo, velobia, & saberia da filha, em que parte ma come a terra, se ja là he, & entam determinarey de mi, & do meu o que me parecer. Que fortes braços vem aquelle homem dando, os pes pera qua o trazem, os olhos parece que lhe ficam atraz naquella casa pera onde olha,

Callidio.

Reynaldo.

Regedores, cidadãos, homens de bem, os grandes, & os pequenos todos me acudi, todos me valey, que a todos releua, se aqui ha algũa lembrança de liberdade, & justiça. *Reyn.* Tamañas duas cousas cuidaas tu de achar assi pelas ruas. *Callidio.* No meyo do dia, no meyo de Palermo, nam me ouue ninguem, naõ me acode ninguem. *Reyn.* Calate ora com teu mal. *Callid.* Que fazem aqui tantas varas de justiça? *Reyn.* Que riso? *Callidio.* Todo o mundo dorme. *Reyn.* Dormes? tu sonhas? tu tresualias? *Callidio.* Ah cidadães que todos fomos escravos. *Reyn.* Ia vay entrando em seu acordo. *Callidio.* Assi hà isto de passar: Esfoloume, açoutoume, matoume. Se me a justiça nam acode, acabarei de entender, que faz cada hom nesta terra o que lhe vem ha vontade, & farey tambem o que me a minha mais der

que

que faça. *Reynaldo*. Olha nam vaz, como dizem, de mal em peor. *Callidis*. Velho, falso, dissimulado, como me acolheo, bem empregado foy em my. Mas vejo vir Deuorante com seu soldado, a que tempo? Quando eu buscava, quem oueffe de mi doo, & me aconselhasse, outra gente me cumpre de buscar.

Briobis soldado. *Deuorante*. *Reynaldo*.

NAM acharemos hoje este Douctor, & faremos esta demanda mais curta que a das suas audiencias. *Deuorante*. Nunca homem acha o que busca. *Reynaldo*. Mande Deos nam seja eu assi. *Briobis*. Nam acabaremos com este Douctor? com este Petronio? *Reynaldo*. Assi se chamaua aquelle amigo, que aqui busco. *Briobis*. Ia reuolui toda a cidade. *Deuorante*. Aprenderia quando era escolar a se fazer inueniuel. *Briobis*. Cumprelhe logo andar sempre metido na sua serpente. *Deuorante*. Hã, ha, ha. *Briobis*. Tu riste? *Deuorante*. Quem se terã has tuas graças? mas dartehya hum concelho de amigo. *Briobis*. Que tal? *Deuorante*. Pois nam podes alcançar o que dezejas, que dezejes o que podes. *Briobis*. Como me enfadam estes sisos, que todos trazem na boca, & ninguem por obra. *Reynaldo*. E Lucrecia hauia miõha filha nome. *Briobis*. E se nam nunca mais cingiria espada. Onde tem este Douctor a pousada? *Deuorante*.

Iunto daquella Igreja alta. *Briobis*. Bem está, p'erto
 tem logo outra pouxada ? pera mais dias. *Deuorante*.
 Nam no has agora de achar em casa. *Briobis*. Espera-
 rey ate noyte, nam tem onde se me acolha, sete bra-
 ças entrarey depos elle pella terra dentro, como pe-
 dra de corisco. *Deuorante*. Sancta Barbora Virgem,
 cuydey que era morto, Pater noster pella alma do
 Douctor. *Reynaldo*. Estou em Palermo ouço fallar em
 Petronio Douctor, ouço fallar em Lucrecia, que cuy-
 darey? quero falar ao que fica soo no terreyro. Ami-
 go Deos te salue, *Deuorante*. Sejas vindo nas muy-
 tas das boashoras. *Reynaldo*. Por cortesia, que Petro-
 nio he hum em que falaueis. *Deuorante*. Porque o per-
 guntas? *Reynaldo*. Por bem. *Deuorante*. Nam he natu-
 ral desta terra. *Reynaldo*. Donde veyo aqui ter? *Deuor-
 ante*. De Pifa nobre cidade da Toscana. *Reynaldo*. De
 que idade pouco mais ou menos. *Deuorante*. Darredor
 dos setenta. *Reyn*. Casado, ou solteiro? *Deu*. Antre hũa
 cousa, & outra. *Reyn*. Pois a idade não he ja muito pera
 esposado. Tambem falaueis em hũa Lucrecia. *Deuoran*.
 Muitas cousas quer este saber de mi, que sey eu honde
 isto irá ter? *Reynaldo*. Não me respondes. *Deuo*. O outro
 foy que fallou em Lucrecia? *Reynaldo*. Sy, mas fallaua
 em som, como que a conhecias. *Deuor*. Não sey mais
 que ouuila por ahi gabar de fermosa. *Reynaldo*. Natu-
 ral ou estrangeira? *Deu*. Muyto anda este apos as natu-
 rezas. *Amigo*, & senhor meu tudo saberemos, se nisso

tê vai algũa coufa. *Reynaldo.* E aquelle teu amigo, porq̃
ameaçaua tanto o Doutor. *Deuorante.* Amigo ou cômoo
nunca outro tanto com elle fallei como agora. *Reynal.*
Parecia que tinha delle algũa paixão. *Deuorante.* Là se
auenham com as paixões, dos prazeres queria parte,
das paixões là se auenham. *Reynaldo.* E este teu amigo
he tam menencorio, como parece? *Deuorante.* Que
forte perguntador, cuida que me tem alugado por
pouco que me peites, eu to assegurei desta vez. *Reyn-*
naldo. Este me parece de luns truhães, que sempre hà
nos lugares grandes, voutme em busca de Petronio.
Deuorante. Vistês o grande perguntador, donde me a-
gora sabia de trauez? Que sey eu quem este he, né que
por aqui andara espreitando? hũa por hũa, muitas cou-
fas queria saber de mi. Outro vejo dos mesmos trajos,
vejamos se he outro tal, mas eu vos direy, o meu cabe-
dal, tudo he palauras, isso auenturo.

Galbano.

Deuorante,

Galbano. O Bom Calidio partio não pela fria (comõ
dizem) mas pela quete, como cuido que
elle vai, va, & leue nouas aos outros. *Deu.* Velhos, & ma-
is de mais graça, não esta aqui muyto certo o ganho.
Galb. De quanto bom tempo tem aqui leuado, descon-
tem. *Deu.* E sobre tudo contas, & descontas não me a-
praz. *Gal.* seu idores toúos se té hús cos outros, não mo

CO MEDIA DOS

ãçõitaram bem, mas ja he começo de paga. *Deuorante.* D'ayo ao demo, em pagas anda, & nam me deue nada, que sey se lhe deuecy eu, & andarà arrecadando? mas he tudo, he prouar. Deos te salue senhor meu, parecefme estrangeyro, & eu sey que coufa he andar por terras alheas, offereçote o teu feruiço. *Galbano.* Muyto to agradeço. *Deuorante.* Tens negocio na terra. *Galbano.* Nam de mercadorias, como pella ventura cuydaràs, mas busco hum filho mancebo que se me perdeo por aqui. *Deuorante.* Terra he pera isso, mas os finais? *Galbano.* Hum mancebo Valenciano, que ja lhe começara de vir a barba, sohia de ser gentil homem. *Deuorante.* O nome? *Galbano.* Amente, se ho elle qua nam mudou, como fez a outras coufas. *Deuorante.* Como? & tu es Galbano ieu pay em que tantas vezes ouui fallar. *Galbano.* Eu por meus pccados. *Deuorante.* Aqui poufa, & por final, que tem hum Ayo, que se chama Cassiano, & hum seruidor por nome Callidio. *Galbano.* Conheces bem toda essa gente. *Deuorante.* Como minhas mãos, mas como nam estam aqui contigo. *Galbano.* Estamos defauindos. *Deuorante.* Afinha isso foy. *Galbano.* Nam por minha culpa, que em chegando logo comidey Callidio de boa entrada. *Deuorante.* Trarias fruytas de Valença, que està homem pasmado de tanta gentileza, & perfeiçam. *Galbano.* Tempo foy ja, tudo isso he passado a Portugal. *Deuorante.* Tam conuidador vinhas?

Galbano. Auia muito que nos nam viramos. *Deuorante.* Afsi hão de ser os homens de tua qualidade. Ora dize-me que iguarias auéis là entre vos por mais saborofas?

Galbano. A vingança. *Deuorante.* Eufallo em iguarias nam em aleg orias. *Galbano.* Queres que te diga o claro vingueime em chegando deffe ladrão que mandey acontar, nunca me coufa afsi foubey, entendefleme?

Deuorante. Agora fy, iffo chamo eu fallar ao pe da letra. *Galbano.* Ora ja aquelle pagou, os outros pagaraõ.

Deuorante. Outros ou como. *Galbano.* Truhães maluados que tanto do meu aqui tem comido, & bebido.

Deuorante. Comigo o hã. *Galbano.* Mas eu volo farey amargar. *Deuorante.* Ia me a mi começa o mao sabor da boca. *Galbano.* Comer beber, jugar, franquear.

Deuorante. Que mais claro quereis, que hum homem falle com que negros conuidadores vou topar hoje, que rome acolher com minha honra fe puder. *Galbano.* He aquelle Calsiano. *Deuorante.* Aquelle he hum bom homem, ora me contay cos conuidados, fe mais aqui efpere. Quantas coufas tereis ambos de fallar, pois vos ainda nam vistes. Quero despejar. *Galbano.* Espera cearemos todos. *Deuorante.* Não curo de conuites. *Galbano.* Que he iffo, porque corres, deue de ser algum defalfado, & deulhe o ventõ na corda. Voume esperar Calsiano em casa, & affentarmehey, que ainda nam tiue vagar.

Cassiano fo.

VENHO pasmado dos acontecimentos, andando em busca de nosso amo, foy dar com Reynaldo nosso natural, que agora tambem chegou. A hum trouxe quã hum filho perdino, ao outro hũa filha que perdera muyto hà. Oh filhos desejados, & estes sam os vossos desejados. Doutra parte tendo o Doutor concertado seu casamento, chega Reynaldo, & acha neste proprio dia, nesta hora, neste ponto, que Lucrecia a quella que a todos nos tem dado, tanto trabalho, he a sua propria filha, que andaua buscando permar, & por terra, & sobre tudo que he a filha do mesmo Doutor, assi lhe poderá ser ainda mais. E não se saber a tempo. O coitado que não via ja o dia, nem a ora & que estaua com a boca aberta para papar a moça, ficará assi co ella as moscas. E pello contrario meu criado A mente, que lhe era ja posto o cutello na garganta esperando so pelo pregão vem a fortuna melhor casamenteira muito que Dorio, & negocialho tudo a pedir de boca. Que diremos as cousas deste Mundo, hũas parece que se alcançã a poder de negociação, & viuã diligencia, outros por sã dita, & bom acerto. Ia acharei nosso Amo em casa, voume là darlhe estas nouas, & passarão as paixões, & tormentas, que tam armadas estavam.

Deuorante soc.

Venho espreitando o Ayo por ver se o convidará tambem o velho, em chegando, como fez a Callidio, & quisera fazer a mi, mas Deuorante não dorme como me quisera acolher aquelle velho falso, nunca se outro tal vio. Cuida que he senhor de Palermo, assi ameaça, & assi açopra. Custado me houesse do meu muito, & pegasse outras poucas ao Ayo com toda sua grauidade. Ou quem vem la, cuidey que me atalhauam por estoutra parte. Estes sam Amente, & Callidio, & ainda nam sey o que sera, que este maluado tem ja o seu quinham, & andara ajuntando mais conuidados. Mas que me nam vingou eu do truham que me assi hoje queimou o sangue, vejamos que trouas agora faz de improuiso.

Amente. Callidio. Deuorante.

TAES nouas me trazes tu Callidio com tal rosto? nam te pude ser bom no teu mal, perdoame, & ajudame a sofrer tanto bem, que nam tenho outro com quem o parta. *Callidio.* Do mal partiste comigo bem, do bem partiras mal. *Amente.* Nam me doo nada menos que a ty. *Callidio.* Nam sey, mas bem te punhas em saluo. *Amente.* La me coube o meu quinham.

nhã. *Callidio*. Mostrame ora em ty algum final dos meus açoutes por este corpo. *Amente*. Nam teriam menos os meus se os pudesse ver. *Callidio*. Pois eu nam recebo pagas inuisiueis. *Deuorante*. Quanto que sabe este meluado, com elle me tenho. *Amente*. Assi me contas de Reynaldo, & que he Lucrecia sua filha, & filha tambem espiritual do Douctor. *Callidio*. Assi passa. *Deuorante*. Hum destes anda fora de sy com dor, outro com seu mes, não lhes creio nada. *Amente*. Oh *Callidio* amigo da minha alma, que te direy? que te darey? que te farey? por taes novas, & a tal tempo? *Callidio*. Outras taes aluçarás, como as de teu pay, que em fim estes sam os vossos galardões. *Deuorante*. Oh falso, como os conheces bem. *Amente*. Hei medo que me de o miolo volta com prazer. *Callidio*. É a mi com pesar. *Amente*. Prometote, que eu te agalardoe como tal obrigação merece. *Cl*. A vos outros mais vos lêbra hum seruiço por fazer, que cento feitos. *Deu*. D. yo ao diabo, que ainda falla a preposito. *Amente*. Como se pode desempeçar tal meada em tam pouco tempo. *Callidio*. A verdade logo vai por diante, & foy grande ajuda a velha, que o j: achei com Alda. *Amente*. O Douctor estaria fiado. *Callidio*. Todavia elle fallaua. *Amente*. E que? *Callidio*. Huns poucos dos seus latins, *Amente*. Que taes? *Callidio*. Aleuantou dous dedos nos quaes repartio seus direitos naturaes, & espirituaes, concluindo todavia que naquille caso cabia dispensaçam. *Amente*

Como

Como dispensação. *Callidio*. E ainda te digo, que sol-
 tou huma ma palavra. *Amente*. Que tal, triste de mi;
Callidio. Disse que por dinheiro nam ficasse, & bateo
 na bolça. *Amente*. A essa nam chamas tu mais que
 mà palavra? chamolhe eu mortal. *Callidio*. Mas sabes
 quem defatou todos aquelles empeços, & razões dou-
 toraes? *Amente*. Quem *Callidio*? *Callidio*. Lucrecia.
Amente. Como? *Callidio*. Disse, que nam queria,
 que toda sua vida fora orfam, & estrangeira, agora
 que lhe deyxassem ir a seruir a aquelle pay, a que
 tanto deuia, & logralo algum tempo. *Amen-
 te*. O fcyto de Lucrecia? *Deuorante*. Estaua reco-
 lhendo nouas pera o meu soldado, agora heylas todas
 entornadas, que deixara logo o Doutor, & ha de que-
 rer por toda Valença a espada. *Amente*. Como pude-
 ste saber tanta coula em tam pouco tempo. *Callidio*.
 Tiue cuydado. *Amente*. E eu terey lembrança. *Calli-
 dio*. Pera quando. *Amente*. Bem vestu, que eu agora
 nam posso. *Callidio*. E depois nam quereras. *Deuo-
 rante*. Euangelho mas, porque me nam vingou eu des-
 te ruim de *Callidio*, & que lhe tardo mais. Deos vos
 salue, & a ti *Callidio* prolfaça. *Callidio*. Passo, que fa-
 lamos segredo. *Deuorante*. Nam bias tu oje de tam ma
 graça, quando trouuas de improviso. *Callidio*. Nem
 tu de tam boa. Seram milagres do vinho. *Deuorante*.
 Isso se pudera dizer mais por ty, pois te conuidaram
 em chegando. *Callidio*. E tu em conuites. *Deuorante*.

COMEDIA DOS.

Durãte ainda aquella vea de trouar, romperemos a
qui hum par de lanças por festa diante de Amente.
Amente. Deixao pera outra hora Deuorante que te-
mos al em que entender. *Deuorante.* Ia hey de ver pe-
ra quanto he que nam me valco hoje com elle creita,
nem sopec.

Deuorante.

Callidio.

Callidio je eu vi outro homem
Mas sam das costas que ty,
Porque te torces assi?
Pulgas s'y, que te não comem
Vergões pode ser que s'y.

Deuorante que se tanja
Que se cante em paraiso
Não he aqlla a tua granja
Pois se la fala de siso
E não he terra de manja.

Deuorante. **N**AM valha que nam foy pellos conso-
antes. *Amente.* Nam seja mais, am-
bos o fizestes b^{em}. *Deuorante.* Tudo se faça hoje a tua
vontade, & tudo seja festa. *Callidio.* Donde intentou ef-
te coruo carniçal a carniça? *Deuorante.* Festei oje a tua
que foy arrezoadada. *Amente.* Nam lhe respondas Calli-
dio, & tu *Deuorante* nam falles mais, sopena de te ser
aquella porta cerrada, em quanto aqui estiuermos. *De-
uorante.* Nam me veras mais boquejar. *Ament.* Ora
nos vamos cear com meu pay. *Deuorante.* Elle mes-
mo me conuidaua pouco hã. *Callidio.* Eu nam vou
por agora a essa casa, perdoarmehas. *Amente.* Como?
E tu

Et tu sô me has de falecer em que eu tinha toda minhã esperança. *Diuorante.* Veim quã Callidio, dame essa mam, sejamos amigos, & direi como fazamos, que eu tambem nam me fio ora muyto de ninguem. Acompankemos Amente ate a porta, dahi espreitaremos, & assi como viremos, assi haueremos nosso acordo. Ia sabes o que se diz, não te fies, & não te enganarão. *Amente.* Ditos de gente baixa, & desconfiada. Hi comigo seguramente.

O Representador.

NA Mforaõ necessarios Rogadores, nem ârengãs o filho lançoise por terra aos pes do pay, elle cos olhos cubertos dagoa alcuantouho de huma parte, & da outra as lagrimas supriram por palauras. A cea fassse prestes, Ao Doutor, & ao soldado nam falecerão outros amores, as outras festas hãose de fazer em Valença de Aragam.

Fim da Comedia dos Estrangeyros.

COMEDIA DE BRISTO.

Feyta pello Doutor Antonio Ferreira.

AO PRINCIPE DOM IOAM.



ACER ESTA COMEDIA

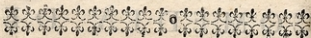
para seruiço de V. A. foy pera mi tamanho milagre, que depois de visto, ainda o nam acabo de crer.

Porque sendo a primeira causa de homem tam manebo feyta por

so seu desenfadamento em certos dias de ferias, & ainda effes furtados ao estudo, que m crerã, que como coula pera isso de dias ordenada, & de Author graue composta, fosse por seu seruiço nesta vniuersidade reccebida, & publicada onde pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos, ou leuam, ou nam dam ventagé. Saluome na força, que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras que consentiram nella a que o meu foy necessario obedecer, que tambem escusam estoutra ousadia de a offerecer a V. A. a que peço que a receba por sua, pois por esta Vniuersidade com igual consentimento de todos lhe foy offerecida, & por ser em seu seruiço mereceo ser bem julgada.

K

PRO-



PROLOGO.



BEM SEY que entre tantos jaizos nam faltaraõ aquellas differenças que a natureza taõ variamente re partio com todos, nos rostos, nas proporções, nas falas, & nas letras. Porque poucas vezes se vio em tres cabeças hum si, ou hum não, ou hum duuido. Por isto não estranharei o rir deste, o murmurar daquelle, o praguejar daqueloutro. Com estes ainda se podia passar, macha hi huns colericos tam arrebatados, que como acham hũa cousa fora de seu gosto, não querem soffrer, as outras tam cegos na razão, que lhes nam lembra, que sam os gostos diuerfos, & o que a elles nam apraz, pode aprazer a outros. Com estes taes me nam ponho em juizo, soamente sam aqui vindo pera outros a que a natureza deu as condições manças, os juyzos liures, as tenções bem inclinadas. Estes julguem se he vicio querer cada hum seguir com suas forças as cousas que bem parecem, principalmente esta, que antigamente, foy tida em tanta conta. E polla qual aquel-

PROLOGO.

àquelle Liurio Andronico Romani antiquissimo alcançou famoso nome pera sempre, nam falo nos que o seguiram desde entam ate agora em Italia pois em nossos dias vemos neste Reyno, a honra, & o louvor de quem nouamente a trouue a elle com tanta differença de todos Antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negará, que na pureza de sua lingua, na arte da composição, naquelle estylo tam comico, no decoro das pessoas, na inuencam; na gravidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos? Hora sendo a cousa em si tam boa seguida de barões prudentes, authorizada pella antiguidade dos tempos, & agora finalmente vista, & approuada com igual consentimento, & espanto nesta terra, não sey quem com boa razam terá a mal quem a quiser seguir, & mais com tam boa guia. Verdade he, que require idade, joyzo, & experiencia (o que por ventura se nam achará em todos) mas nem por isso se deue reprehender querer cada hum com o trabalho anticipar o tempo. Contentar a todos ninguem o alcançou, muytos se contentaram com aprazer a muytos. O Author tomará por grande honra satisfazer a poucos.

A Comedia he mixta a mor parte della motoria fundada nos acentecimentos do mundo que communmente correm. Princiyalmente virá aqui ter hum

COMEDIA DE

mancebo chamado Lionardo, que seguindo secretamente huns amores perdidos, que o trazem perdido, vindo saber como o seu pay quer casar, vem metido em agonia. Outro seu amigo o aconselha que vença cõ razão seu appetite. Mas como ja tenha nelle criado raizes não aproueita razam nem concelho. E porque delles, & dos outros comprehendereis mais o argumento fauorecey com silencio pera que melhor julguéis.

PESSOAS DA COMEDIA.

Lionardo.	Mancebo.
Alexandre.	Mancebo.
Roberto.	Velho.
Callidonic.	Velho.
Bristo.	Alcouiteiro.
Pinerfe.	Moço.
Annibal	Cavalleiro de Rod.
Montaluam	Soldado.
Pilarte.	Moço.
Cornelia.	Mãe.
Camilla.	Filha.
Licisca,	Mulher solteira.
Pindava.	Pay.
Arnulfo.	Seu filho.

ACTO. I. SCENA. I.

Lionardo. *Alexandre.*



BRISTO VEIO AMIGO

meu Alexandre, que a agoa, & ho fogo podem os homens escusar, a amizade não. Porq̃ se te nam tiucra para comunicação de meus males, como podera com elles. *Alex.*

Verdadeiramente eu o sinto como meus, & muytos inconvenientes grandes que dahi nascem, nam sey, porque não queres olhar por ty. *Lion.* Não posso que estou a mil nõs atado. *Alex.* Todos os quebraras com ha razão que he mais forte, se a quiseres conhecer. *Lion.*

Que farei? que me aconselhas? *Alex.* Que te hei eu de aconselhar pois tu nam estàs pera conselho. *Lion.* Ia que minha ventura foy essa, necessario he seguila. O amor nam consente força. *Alex.* Dahi bem sabes quão honrado ficas, & teu pai tão contente, pesame pelo perigo, em que pòs a ty, & a elle. *Lion.* Nam sey se te vã daqui, mas como o podercy eu acabar comigo. *Alex.*

Pode ser se o fizesses, que o tempo, & o esquecimento te curassem: porque em quanto estueres apart de fogo sempre te queimaras. *Lion.* Enganaste, que este fogo nam se apaga com agoa, nem com ausência, antes ella

COMEDIA DE

he o que mais acende. *Alex.* Bebe logo algum vasso,
 toma algum remedio de esquecimento. *Lion.* Nem a
 a isso me dà o amor licença. *Alex.* Pois eu nam sinto
 que te mais diga, choro tua pena, doeme tua perdição,
 Deos te deslebarace o juizo pera te remediares. *Lion.*
 Que direy a meu pay? que escusa lhe darey com que
 me não sinta? *Alex.* Que es ainda moço, que te não
 queres fogueitar tam cedo. *Lion.* Bem me aconselhas.
Alex. Eu tambem (se me fallarem nisso) com a mes-
 ma escusa dilatarey o negocio, pode ser que entretan-
 to algum desastre te mude a vontade. *Lion.* Quanto a
 mi(pera te dizer verdade)nam me parece ora o pecca-
 do tam feo. *Alex.* Porque trazes os olhos cegos. *Lion.*
 Esta moça he fermosa, & boa filha, honesta, sezuda, re-
 colhida. A mãy tem fama de virtuosa, & de viuerem
 honestamente. *Alex.* Bom he isso tudo quando nam vé
 faã. *Lion.* Emendesse hũa cosa por outra. Se he pobre,
 tem outro melhor dote, que he fermosura, & virtude.
Alex. Vai hora dizer isso a teu pay. *Lion.* Tambem es-
 le deu sua cabeçada, nam he muyto dar eu a minha.
Alex. Os erros alheos háse de olhar para se fogiré, & nã
 pera se imitarem. *Lion.* É mais tudo vem de Deos. Não
 posso eu fogir do que me està ordenado. *Alex.* Essa
 razam he de Lutherô, nam sey se te valerã. *Lion.* Se me
 não valer, não sei que lhe faça. Meu pai se se agastar, de
 sagastarse há, te morrer ali me fica tudo. *Alex.* E não te
 magoará muito seres tu causa de sua morte? *Lion.* Mas se

se Deos quis que fosse o casaméto liure, porq̃ me estrá-
nhará elle vsar eu de minha liberdade. *Alex.* Porque
não he fundada em virtude, mas em appetite, que o casa-
mento pode ser liure, virtuoso, & muito hórado. *Lion.*
Tambem Deos quer que se faça hũa obra de Miseri-
córdia. *Alex.* E tu por essa razão o fazes? pois affirmo-
te, que nunca te esta leue ao paraíso. *Lion.* Se quiselles
bem não me dirias isso. *Alex.* Queroto logo a ti, & por
isso to digo, andas cego, não ves, nem entendes, guarte
de arrependimentos sem cura que doem muyto. *Lio.*
Ora meu Alexandre peçote, que me encubras como
sempre. Atè qui fizeste. *Alex.* E eu pela amisade, que
entre nos ha, te rogo, que nam faças de ty nada sem pri-
meiro me dares conta. *Lion.* Não he necessario pedi-
risme tu isso, pois eu te busquey sempre pera meus se-
gredos. *Alex.* Onde te vas agora. *Lion.* Esta he a minha
ora não a queria perder. *Alex.* Quanto peor he perde-
rste a ty.

ACTO I. SCENA II.

Alexandre só.

Quem deu tamanha força ao amor? como alcan-
çou tamanho poder nos corações dos homens
que os cega, que os aleija, que os ata de pes & mãos, &
os traz apos sy, como encantados, porque (deixando os
antigos de que lemos grandes cousas) pello que ago-
ra vemos nos presentes, quem se nam espantará

COMEDIA DE

de ver andar homens perdidos apos seus appetites tam metidos nelles, & tão esquecidos de sy mesmos, que he vergonha, & piedade? E o pior he, que alem de os amor cegar pera nam verem seus erros, fazlhe parecer o mundo cego. E daqui vem cairem em tamanhas cegueiras, como cada dia vemos. Eu me ponho a coydar às vezes, de que vem sogeitar-se hum homem tanto, & acho, que nam he amor tão poderoso, que possa entrar com quem lhe fechar a porta. Mas ha hi hũs delicados huns doces, derretidos, ociosos, escafados, com quem elle pode muito. Quanto eu viuo tam contente de me ver liure, que me rio de todos os contentamentos destes. Os meus amores sam de tres dias se me não socede bem, mudome a outros. Como, bebo, & rio, durmo meu sono em cheo, conuei so com meus amigos, jogo, tanjo, passeio, com isto me desenfado. Entregar a liberdade, he rija cousa. Que vedes aqui Lionardo meu amigo, que sendo filho de Roberto, homem muyto rico, & muyto honrado cidadam desta cidade, & dos principaes, nam tendo mais que este, & hũa filha, ordenando de o casar com minha irmãa, & a mi com a sua: hũa rapatiga chamada Camilia, a quem se foy affeioar, pobre, orfãa, filha de hũa viuua que nam tem mais que quanto ganham pela agulha, o tem da maneira, q vedes que nem lhe lembra quem he, o muito que perde, o perigo em que poem seu pay, que he velho cançado, a vergonha do mundo, o desgosto de seus parentes

tudo esquece, tudo despreza, nam ha ja conselho, nem remedio que com elle possa. Eu querolhe bem, como irmãos, porque desde mininos nos criamos ambos, ambos aprendemos, & ambos sempre conuersamos, hey dõ delle, reprehendo, conselho, parece que entam o atico mais, o melhor remedio he deixalo à natureza, Como sentio oje em casa que se falaua no casamento, veyose logo a mi, todo desfigurado, frio, & morto, q̃ polo amor de Deos o aconselhasse em tamanha afronta, trabalhei com boas razões de o trazer a razam, està tam fora della, que a nam conhece, hey medo que se acabe de perder de todo. Moça fermosa, elle afeiçoado, & fauorecido, à conuersaçam estreita, o conhecimento antigo, seguro està o negocio, a primeira vista, & o cõtrato acabado, & pera mais ajuda anda em mãos de Bristo, hum alcouiteiro, que reuolue toda esta terra, dayo por feito de todo. Coitado do velho desque ho souber. Tenho eu pera mi que não he pera reprehender muito hum mancoço ser jogador, reuoltoso, dado a mulheres, porque sam peccados de mocidade, perq̃ os mais passam. Casarse sem licença de seu pay me parece rija cousa. E eu tudo a meus filhos sofreria se nam isto, porque ali principalmente parece, que se nega aquella obrigaçam da obediencia natural. Lionardo he fora de todos estes vicios, & de muitos outros, que se agora costumão, tem boas manhas, boa condiçõ, discreto, sezudo, conuersavel, amigo de seus amigos, se

COMEDIA DE

não quanto algum tanto he determinado ; mas isto não he tacha que lhe o tempo, & a idade nam mudem, se lhe assi mudassem a tençã que tão firme tem em seu dano. Estes amores o tem feito doudo, triste, solitario, del conuersauel, fora de toda a conclusã. Trabalhei por vezes de lhe ver bem a dama, nunca pude , agora vou espreitar seus passos. Mas he este Roberto seu pay.

ACTO I.

SCENA III.

Roberto Velho.

Alexandre.

Calidonio Velho.

Voume em busca de Calidonio pedir lhẽ a reposta que praticamos, queira Deos fazernos nella tam conformes, como sempre ate qui fomos. Oh Alexandre acharey teu pay em casa? Alex. Ha ja pedaço que say della mas creio que deuagar ficaua. Rob. So ou acompanhado. Alex. Soo o deixei eu. Rob. Ora Deos vã contigo que là me vou. Alex. Quem podesse dizer o que sabe, mas o velho he teuto, mataria o filho logo, & depois a sy. Em quanto o mal nam he mais, Deos o pode curar. Entre tãto bom he esperar bem. Minha mãy me contara o que passarem ambos. Rob. Folgo de ver aquelle moço a quem hey de dar o meu, & quanto ho mais vejo, melhor me parece. Bom filho, sesudo manso, amigo de seu pay, da honra, & da virtude, oh quam bem

bem parecem os bons filhos, & quã mal os que ho-
 nam sam, que vejo por aqui andar huns perdidos, va-
 dios, esfolacaras, que deshonram a sy, & aos pays. Por-
 que nam hauera entre os Christãos o que havia anti-
 guamente entre os Gentios? Dous homens, que elles
 chamauam Censores, graues, antigos, prudentes, que ti-
 nham cargo de enmendar os maos costumes, castigat
 os manebos viciosos, reprehendelos, & enfinalos.
 Oh que costume aquelle tanto pera seguir: mas da-
 nouse o mundo de maneira que o nam pode ja rece-
 ber, todolos bons costumes se perdem, toda a vir-
 tude se defacostuma. Os vicios, & as maldades viuem,
 & crecem. Sinal he isto, que vem nossa fim perto.
 Quem houue dizer daquelles Lacedemonios a dili-
 gencia que tinham, em criar seus filhos em virtude,
 que dirà de nossa negligencia? Entre as boas doutri-
 nas que lhe dauam, principalmente era, que acataffem
 muyto aos velhos, que os honrassem, & lhes dessent
 lugar onde quer que estiuessem. Doutrina por certo
 Santa, & boa. Agora os nossos manebos vñam tão mal
 della, que nenhuma cousa defestimão tanto. Estes taes
 nunca os vòs vereis chegar a esta idade. Os pays que
 taes filhos tem, & os não afogão, merecião padecer ha
 pena de seus erros. E assi se fazia antigamente, porque
 em vez de criarem homens para a Republica, criam
 bestas feras pera sua destruiçam. Calidonio sae de casa
 querome ir a elle. Calidonio. Se aqui vier ter Roberto?

COMEDIA DE

Rob. Aqui o tens. *Cal.* Oh Roberto, Deos venhá contigo, agora hia a tua casa. *Rob.* E eu venho em tua busca. *Cal.* Queres que subamos. *Rob.* Mas passeemos hũ pouco se mandares. *Cal.* Bom he pera a saude. *Rob.* Eu Calidonio tornei a cuidar no que tenho tocado, & quanto mais cuydo, melhor me parece. *Cal.* Tambem eu guidei affaz nisso, & ainda esta noite o pratiquei com minha mulher na cama. *Rob.* Como? E estes segredos confias tu se não de ty mesmo. *Cal.* Estranhas dar parte delles a minha mulher? *Rob.* Antes me espanto muyto, porque às mulheres não se ha de descobrir mais, q̃o que tem necessidade de seu consentimento. *Cal.* E nam queres arendo eu de casar meus filhos, que tambem são seus que o saiba ella? *Rob.* Não, antes da cousa feita, pois não esta em sua mão fazelo, nem desfazelo, queres apostar que o sabem ja teus filhos? *Cal.* Isso não ousaria ella que eu tambem som agastado. *Rob.* Eu grãde bem quero a minha mulher, mas coulas semelhantes nunca lhas descubro, senão em seu tempo, & sey q̃ me pode conselhar. *Cal.* Se eu errey perdoame. Quantas sam as tenções dos homês. *Rob.* Así que digo por muitas razões acho que vem isto iguala ambas as partes, como cousa ordenada por Deos, primeiramente o conhecimento antigo, & boa amizade que sempre entra nos ouue. *Cal.* Que eu tenho bem experimentada. *Rob.* Depois disso a conuersação destes moços de tamanhos, o amor que se tem ambos como Irmãos, que fol

ga muitas vezes de os ver tão amigos, & tam bons
 companheiros. *Cal.* Se se lhas a elles apegassem as ou-
 tras nossas condiçõs como tomaram essa. *Rob.* Quam-
 teu nam vejo em algũ delles manhas deshonestas dou-
 tros maneobos, porque ja teu filho sempre de m'ago te
 ue couias de homem, hum fiso, & hum repouso de que
 muitos velhos podem ter enueja. *Cal.* E unã o te que-
 ro gabar o teu que tu sabes bem o que tens nelle.
Rob. Basta que nesta parte não te mos de que nos quei-
 xar. Ora a honestidade, & recolhimento de nossas fi-
 lhas, todo o mundo o sabe. *Cal.* Que he a principal
 parte no bom dote. *Rob.* Antes este soo ordenou, & re-
 cebeo aquelle grãde legislador na sua Republica. *Cal.*
 Vemos nos logo muitos, que andam buscando dobrõ-
 es, & não tem conta com mais. *Rob.* Esses taes casaõ cõ
 o dinheiro, & dahi a dous dias ficam sem elle, & sem
 honra, quem busca virtude, Deos o ajuda. *Cal.* Bofè
 Roberto, essa val ja tam pouco, que ainda que se ache,
 não hã quem a queira. *Rob.* Porque nam serue senam
 das portas a dentro, se a mostras fora, rinte de ty. *Cal.*
 Mais seguro està quem acha tudo junto. *Rob.* A isso te
 hia, porque louado Deos tu bem sabes o que eu tenho
 & o que espero de herdar por parte de minha molher
 daquella velha sua tia. *Cal.* Nunca te tenhas a essas
 esperanças que sam muito duuidosas. *Rob.* Esta hey eu
 por certa, & por segura, porque ella fez seu testamento
 & entregoumo na minha mam. *Cal.* Assi pode fazer

CO MEDIA DE

outro, & creũõgar esse, & mais nom faltara à hũ malfim que te sa ya de trãues, que ou a sabornaste ou lho fizeste fazer por força, ou estando fora de seu juizo, & mil achaques outros costumados. *Rob.* E parece te a ty, q̃ nom saberia cu fazer com siso couisa, que me tanto releua? *Cal.* Eu nom digo que tu o non farias, mas o que te podem fazer, que eu fique taõ escaldado do meu foro, que depois de gastar na demanda mais do que valia vendio logo, sò pelo aborrecimento, que me deyxou. *Rob.* He verdade que se fazem muitas bulras, mas tam bem assi me podem vir demandar quanta fazenda tenho. *Cal.* E tu duuidas disso? *Rob.* Pois digote eu que antes largaua tudo, que andar por audiencias. *Cal.* Sohia ser, que se auia por injuria andar homem em demanda. *Rob.* Agora tẽ os Reys, & os senhores andam metidos nellas. *Cal.* Poi isso os letrados sam tantos. *Rob.* Viuem, & Reynam. *Cal.* As nossas custas. *Rob.* Pode ser, se Cataõ fora neste nosso tempo que tambem os não recebera, como aos Phisicos. Mas se os homens quisesse viuer conformes à razam, & à natureza, assi se escusarião as leis dos Gregos, & dos Romãos como as purgas & inurções perigosas da medicina. *Rob.* Ia que nossa malicia non quer isso, bem me està, auer leis, & auer letrados se se todos lometessem as leis. *Cal.* Por isso se cõparam ellas a teas daranha. *Rob.* Eo que me mais espanta que mais leis tem estes feito de suas opiniões dez vezes das que acharam feitas. *Cal.* E ainda essas mudanças de tantas maneiras que as nom conheceria agora que

is fez *Rob.* Quantas mais leis, mais bulras, mais roubos
 mais malicias. *Cal.* Assim diz o Kifam Italiano. *Rob.* Mas
 tornando a pratica, creio que quanto ao dote, nom esta
 mos differentes. Ora nos estados tu bem me conheces
 & bẽ conhecesse meu pay, & meus passados. *Cal.* Etu os
 meus. *Rob.* Que sempre se ajudarão huns dos outros.
Cal. Dahi nos ficou a nos nossa amizade. *Rob.* Pois bem
 entendes quanto faz a igualdade no casamento. *Ca.* Di
 to foi a hum grande sabio. Casa com igual. *Rob.* Alem
 disso nossas filhas não são tam formosas que fação ciu
 mes, nem tão feas que nam contentem. Antes tẽ aquel
 le parecer meão, a que hum Romam chamou muy bẽ
 fermosura decasada. *Cal.* Bem vejo que em isso tudo
 estamos conformes. *Rob.* Em que achas tu logo adiffe
 rença. *Cal.* Nas idades. *Rob.* Como? *Cal.* Que estes mo
 ços são ainda muito moços. *Rob.* Para este Mayo que
 vem, faz o meu 22. annos. *Cal.* Etu nam sabes que man
 dauam os Antigos, que o homem fosse de 35. & a mo
 lher de 18. para que os filhos nascessem mais robustos
 & com menos debilitaçam dos pays. *Rob.* Isso era no
 tempo que os homens viuiam cem annos, quem agora
 chega aos 60. já nam presta. *Cal.* Todavia sogeitar assi
 huns moços tam cedo a tamanha carga, não me parece
 bem feito, porque ainda tam bem o tempo não acabou
 de descubrir nelles o que pode estar encuberto. *Rob.*
 Dizê là, q̃ de pequinino verás, elles sépre ate qui for tá
 bõs, daqui por diante o siso, & a idade os fará melhores.
Calidonio. O matrimonio requiere idade perfeita, pru.

COMEDIA DE

dencia, & concelho pera saber tratar a molher, gran-
gear a fazenda ensinar os filhos, & mandar a casa. *Rob.*
Nam me parecia a mi grande inconueniente esse, mas
se assi queres nã se perde dada, fazemos entre tãto nos-
fos cõcertos. *Ca.* Esse era o meu cõcelho, & assi o deter-
minei com minha molher: Por tanto ajunte mos quã-
do tu quiseres, & concertaremos tudo. *Rob.* Falas a mi-
nhas à minha vontade, & eu espero em Deos amigo
meu Calidonio, que estes moços nos hão de fazer mei
contentos. *Cal.* Assi queira Deos. *Rob.* Ora eu me vou,
Deos fique contigo. *Cal.* Não te vãs, jantaras do que
ouuer, & da boa vontade que he a melhor iguaria.
Rob. Eu to agradeço. Este contentamento me farta,
& me mantem? *Cal.* Vay as boas horas.

ACTO. I. SCENA. III.

Calidonio so.

Quanto deuem os filhos aos pays, nem sem causa
lhes dauam os Antigos poder de os matarem,
pois os pays se matam por lhes dar a vida, por os por-
em honra com tantas fadigas, com tantos trabalhos, &
suores. Mas qual he o filho que conheça isto, & que tra-
balhe de dar hum contentamento ao pay em pago de
tantos desgostos, passa por amor d'elle. Porque deixan-
do o trabalho da criação, seus choros, suas mininices,
que

que às vezes enfadam, & canção, as traueffuras da mocidade, os sobresaltos que com elles tendes cada hora, com que se podem pagar? ora desque sam homens, as brigas, as doulices, os jogos, as molheres. Verdadeiramente muyto deue a Deos, a quem elles deu filhos mãços, & obedientes, porque estes sam os que descanção os trabalhos da vida, & os que consolão a tristeza da morte. Contento morre hum homem quando cuyda, que deixa quã no mundo hum bom filho em conseruaçam de sua memoria, que lhe reze pella alma, que visite sua sepultura, com que aquelles ossos, & aquella terra parece que se consolam. Eu entre as muytas merces que Deos fez, esta hei por principal. Deume hum filho & huma filha conformes a meus dezejos. A moça he boa filha, honesta, sefuda, deuota, & que toma toda boa doutrina minha, & de sua mãy. O moço manço, & repoufado, como diz Roberto, fora das condições, & traços dos outros mancebos, em quem sempre conheci hũa vergonha, hũa mansidão, hũa obediencia, q̃ maleja seu acatamento, seus olhos no chão, de tamanino, que non tinha idade, nem saber pera entender aquillo. Tu do vay na boa inclinação. Por isso receo muito de os empregar mal que estes casamentos são muito perigosos, & acertar hum bó acerto, he cousa q̃ poucas vezes acontece. Des que me Roberto falou nisto, nom como, nom durmo, nem secego. Mas deitadas bem todas as côtas, acho q̃ se lembrou Deos de minhas orações. Este

he bom homem, afazendado dos principais da terra, os
filhos tambem saem a elle. Determinado tenho de nos
concertaremos, senam quanto me parece grande incó-
ueniente, esperar pola herança da outra que está mais
fã, & mais rija, & mais moça que ellas. Perigosa cou-
sa he por a esperança na morte alhea, por isso quis di-
latar o casamento, porque o tempo em diante me en-
sine o que hey de fazer. Bom he ter homem na tor-
menta hum taboa a que se pegar, & mais agora que o
mar anda tam reuolto. Lá vem meu filho quero man-
dar por a mesa.

ACTO. I. SCENA. V.

Alexandre (soo.)

Digouos q̃ não culpo Lionardo em seus estremo-
s antes me espanto de o ver com tanto fiso. Ves Ca-
milia q̃ me pareceo a mais fermosa coufa q̃ meus olhos
viraõ, he vento o q̃ se diz ja agora não culparei quem
fizer qualquer desmancho por ella. Não parece se não
que a fermosura, assi como representa mais aquella se-
melhaça de Deos, o fsi tem hũa força natural com q̃ af-
feiçoa os olhos, & as vontades. E por isso lhe chamou o
Grego, reino sem vassallos, todavia o mais seguro he
guardar se homem destes encontros. Por q̃ ja eu come-
ço sentir em mi hũas differenças, q̃ não entendo. Deos
me guarde do laço de Lionardo. Vou me jantar, nam
espere meu pai por mi.

ACTO

ACTO. II. SCENA. I.

Pin. *Pineyro moço.* *Bristo Alcauteiro.*

Pin. O Lha que te nã esqueça. *Brist.* Mano quer esme
tu mais que isso. *Pin.* Bem sabes q̃ não empre
gas mal teu trabalho. *Brist.* Antes te eu ora digo, que
fio as mercês muitas. *Pin.* Pelo tempo em diante as a
charas maiores. *Brist.* Pera quem deixa de fazer, o q̃ lhe
releua, e de ganhar sua vida, onde pode ter mais pro
uuito. *Pin.* E tu tens outro officio, ou beneficio? *Brist.*
Bom está o rato que nam tem mais que hum buraco.
Este he o de que eu faço menos conta. *Pin.* Quaes sam
os outros por vida de Bristo? *Brist.* Assi queres que te
descubra meus segredos, & mais na praça? *Pin.* Por tão
palreiro me tens que to vã logo apregoar. *Brist.* Vai en
ganar o Diabo. Bem disse o outro, não te fies de rapa
zes. *Pin.* Pera ser tam liure, folgara de ser como tu es.
Brist. Pois de q̃ te vem a ti queres saber o q̃ te não re
leua? *Pin.* Mas de que te vem a ti encubrieste assi tão.
Brist. Que dizes? *Pin.* Que ategora não tês q̃ te queixar
de Annibal. *Brist.* Sy bofè, a todo o mundo eu faço en
veja com as suas dadiuas. Não vedes como estou rico,
& honra lo. *Pin.* Boas duas cousas querias. Andas logo
gordo, & farto. *Brist.* Tenhome eu com outros que me
vestião, & calçauão como hũa dama. E alem disso os
banquetes, & os jantares que me enfastiuaõ pois não
tinha eu então tanto trabalho, nem elles tanta renda.

COMEDIA DE

Pin. Hum dia destes lhe hão de vir hũas poucas de dobras. Ali tens então bom salto. *Bris.* Quantos annos hà que tu, & elle me ameaçais com isso? *Pin.* O que tarda não se perde, *Bris.* Tanto que pôde tardar q̄ fique pera meus herdeiros. *Pin.* Forte diabo he este que nunca se farta. *Bris.* Elle teu senhõr cuida que eu som Camalião que me hey de manter com vento? *Pin.* Queres trocar esses teus ventos polo meu pão? *Bris.* Não vou nunca a casa de nenhum homem honrado, que por hũa cantiga lô que lhe cante ao meu adufe, não venha com hum no papo, outro no sacco. *Pin.* Pera que he ser mais Rey. *Bris.* Pois que cuidas? parecete hà ora q̄ zõbo? *Pin.* E como te creio, que vòs outros sois os q̄ estorvais as obras pias. Mas pera tã boa rãda, não trazes grande aparato? *Bris.* Huy como es moço? sou eu por ventura, como estes paruos ventosos, que querem cubrir o ceo com hũa jocira? Nom me deu minha mãy esse conselho? *Pin.* Pois qual? Por vida tua que me ensines. *Bris.* Enthefourar, e guardar, & depois quebrar o mealheiro. *Pin.* Então? *Bris.* Prouvera a Deos, que o tiuera eu ja cheo, tu me vi ras mudado em dous dias. *Pin.* Que auias de fazer? *Bris.* Essas coatas guardo eu pera mi loo, es tu por ventura meu padre elpiritual? *Pin.* Não has vergonha de ganhares tua vida tam torpemente? *Bris.* Mor torpeza, e mor vergonha he furtar, queres que te diga, eu nõ o roubo a Deos, nem ao pobre. *Pin.* Deos o sabe. *Bris.* Outros aue rã, que o ganhem, peor, q̄ eu. *Pin.* Cõ elles te cõsola.

Bris.

Bris. Nom o furto à dizima, nem à sisa, Deos he o que mo da, & meu trabalho. *Pin.* Mas o diabo. *Bris.* Nom hajis medo que me venha nunca o corregedor a casa, q̃ se queixe o pobre, que o esfolci, que lhe roubei sua justiça que dei sua fazenda a outrem, a poder de peytas. *Pin.* Essas contas enganam muytos que querem desculpar seus erros com os alheos. *Bris.* Non té entendo. *Pin.* Digo q̃ com tudo isso, eu nom te queria jazer na pele. *Bris.* Bem, & quantas vezes me viste tu neste mundo prender, ou açoutar? *Pin.* Poucas a falar verdade. *Bris.* Huy pelo enxoval, que assi me honra, prometo de o dizer a teu amo. *Pin.* Vã hũa por outra, & fiquemos amigos. *Bris.* Encomendote eu aos inimigos. *Pin.* Ora. *Bris.* Tirtelã, que não hei oje là dir. *Pin.* Nom faras. *Bris.* Se não se for por teu mal. *Pin.* E quando vas tu là por nos so bem. Todavia ficas nisto? nom me quer fallar. Sabes mais que todo mundo. Vedes aqui como se gastaõ muytas vezes os bens da Igreja, as comendas da cavalleria com Alcouuiteiros, com chocarreiros, com cães, com dados. Digouos que quero antes servir, & morrer de fome, que tomar tamanhas obrigações as costas porque por derradeiro tam farto hey de ir a coua, como elles, & no outro mundo tenho a pouxada mais certa.

ACTO II.

SCENA. II.

Briso soe.

CO MEDIA DE

Dizem la que melhor he hũa arte, que hum Reyno
 porque o Reyno podeto tirar a fortuna, a arte se
 pre anda contigo qualquer terra a cria, & a sustenta.
 Coitado de mi senã tomara este officio, maos cães me
 comerão, elle me veste, & me mantem, onde quer que
 for, segura tenho a pouxada. O mundo anda agora tal,
 que se não pode viuer doutra maneira. Tenho proua-
 do quantos officios deu Deos, com nenhum me achey
 tambem, como cõ esto. Ando de terra em terra, como
 cigano fazêdo meus pousos, onde me não conbecê, em
 dous dias são conbecido de todos. A primeira cousa q̃
 faço como chego, he saber otrato todo da terra, quãtas
 putarias tẽ, quantos conis, quantas alcouiteiras, quaes
 são as moças fermosas, os mancebos doudos, qual joga
 qual gasta, qual he de molheres, metome cõ elles, & cõ
 ellas, digolhe trinta chocarrices, q̃ me vê a boca, todos
 me conbecê logo, todos se me afeiçãoã. Não hà nenhũ
 que não folgue mais de me conuidar com o jantar, q̃
 dar hũa esmola a hum pobre. Ao primeiro dia sei toda
 a cidade, não fica rua, traueffa beco, nem recanto, & po-
 nho minhas balifas. porque nam erre. A primeira visi-
 tação he a casa das laurandinas, metome com aquellas
 moças, como moça, gaboas de fermosas, daltas. De
 bons olhos, ensinolhes mesinhas pera os cabellos, agoas
 pera o carão, mostrolhes meus lauores meus lenços, mi-
 nhas cadinetas, de hũa visitaçã sô fico por cõpanheira,
 as velhas chamo moças, as moças mininas, as fermosas
 Anjos, todas trabalho de contentar porq̃ se dem comi

go, os mancebos todos são meus fermosos, meus namorados, meus manos, minhas rosinhas. Hú me dà o graui outro a camisa, outro o saio, & o dinheiro. Así ganho minha vida o melhor q̄ posso em quanto omúdo criar paruos, não ajaes do de mi. Este he o mais certo ganho & mais sem trabalho. Todavia andar cõ o olho sobre o ombro, q̄ estes meus tratos as vezes tratãte mal. Fiq̄y tão escaldado de hũ latego, que ainda me doé as costas por isso apalpo primeiro o vao, q̄ me meta nelle. Non me vereis nunca por casa de homés velhos casados, arreigados na terra, q̄ me podé por no pelourinho per qualquer solpeita. Todos meus pasos são seguros, gato escaldado dagoa fria à medo, não me colhê a mi mais no brete, como sinto a bolsa chea dou hũvoo para a outra parte. Então som taõ matreiro, q̄ quantas terras, ando tantos nomes tomo. Aqui me chamo Bristo, acolà llario, porque me não sigã, q̄ eu poronde quer q̄ando sépre deixo rasto. E elles chamãme fanchono, marinello, mas eu engordo as suas custas, & per derradeiro dou lhe tres figas. Nesta cidade me foi a mi melhor q̄ nunca por causa desta Camilia que aluoroça toda a terra. Mais de vinte mancebos andão apos ella, & todos pegam conmigo, porque me vem la ter entrada, que eu conheço de minina, & a mãy, & o pay que era hum homem muito honrado, Deos lhe aja parte na alma, q̄ ja me liurou do poder da justiça. Chamauasse Pindarro dezejoso casar esta filha honradamente a que

COMEDIA DE

elle quera mais, que aos seus olhos, foise a effa India,
 que he peor, que as couas de Salamanca, por hum ficão
 sete:coitado, tendo seu mouel feito, & vindose cõ elle,
 & com outro filho q̄ leuou consigo, deu a tormêta nel
 les, não parecerão mais, dous annos ha q̄ os té por mor
 tos. A coutadinha da moça q̄ he hũa lantinha, fermosa
 como hũ Anjo, colo de garça, toda bé estreada ficou af
 si orfaã, & desempurada em poder de sua mãy, he pie
 dade ver a pobreza com q̄ vivem todo dia, & toda a
 noite, laurar, & coser, q̄ me espanto como tem ja mãos
 & olhos, mal aja a fortuna que tanto desempuro causa.
 Mas Deos nunca desempura quem se a elle encomêda.
 Anda aqui hum caualleiro de Rhodes chamado Anni
 bal, velho, velhancam, que parece destes Reys antigos
 das tapeçarias velhas doudarrão, gastador, mal affôbra
 do, barba de mouro, q̄ as quis mãter o melhor q̄ pode.
 A obra boa he se fora pelo amor de Deos, mas sua tẽçã
 he do diabo. Metefelhe em cabeça que a ade auer por
 máceba. Tragoo enganado amil dias, eu faço meu pro
 ueito, & guardo a honra da moça. Dessa renda que lhes
 Deos dà faz elle tres quinhões, hum pera mi, outro que
 elle cuida, que he pera ellas, que tambem me fica, o ter
 ceiro, & mais pequeno pera sua casa. Nunca al vistes,
 senão o dos pobres dalo o diabo. E com quanto repar
 te tambem comigo, sempre me mostro descontente,
 que estas são minhas artes, a quantos me falão nella, ou
 em outras, a todos faço bõ rosto todos grangeo, todos
 roubo

roubo sem hum saber parte do outro, & cada hum delles, cuida que a tem nas vnhas. Hum mancebo so anda aqui chamado Lionardo com quem trato toda averda de porque he bom filho, & conheço nelle boa tençãmpera a moça, que eu queria ver muito bem casada pelas boas obras que ja recebi de seu pai, ella tambem he perdida por elle mandoume em sua busca, yo de chegar a conchrução, se seria tão ditoso que o achasse, la vejo vir Annibal, querome esconder delle.

ACTO. II.

SCENA. III.

Annibal Cavalheiro de Rhodes. Pinervo.

An. QUE te disse esse fanchono? *Pin.* Não sei nam o entendo. Tem lo posto em mui mau foro
An. De que maneira? *Pin.* Parece me que quer que lhe encham de cada vez a bolsa, & a barriga. *An.* Nom jo guete elle comigo. *Pin.* Mas porque poés tutua honra na mam deste, que nom tem ley com Deos, nem ver dade com os homens. *An.* Ainda ate qui o nam colhi em nenhuma, a primeira pagara por todos. *Pin.* Nom hei por bom concelho fazer essa experiencia, que o velhaco he tam trincado que farà seu fardem sem o ninguem sentir. *An.* Nom oufarà elle isso comigo, que eu nom lom homem de Palha. *Pin.* He tam mau que hey medo que nos engane.

An.

An. Nunca me ninguem enganou em mancebo, menos me enganara em velho. *Pin.* Hei por mui roim final andarse sempre escondendo. *An.* Estes sã diabos querem te dar a entender que tem outros negocios pera te encarecerem mais o teu. Mas onde o deixaste tu? pera onde te disse que hia? *Pin.* Nunca mo quis dizer. *An.* Que razão te deu com que se escusou. *Pin.* Cõ nada. Tudo forão queixumes de seus trabalhos, & tua escaceza. *An.* Assim lhe vay? Ora nõ mais, eu me lhe dareya conhecer. *Pin.* Quem nom hã medo ao diabo, queres q̃ o aja de ty. *An.* E eu nom som peor q̃ todos los diabos, a gora me conhecestu? *Pin.* Digo senhor que he muyta verdade, cui dei, que era arrebatado. *An.* Nom sabes que nunca me ninguem anojou hum tamanino, que o menor castigo nõ fosse perder a vida? *Pin.* Pois, porq̃ sofres a este tanto? *An.* Porque o homẽ prudẽte primeiro ha de andar as boas que às más, que este he hum dos bons precitos da caualleria. *Pin.* Este guarda tu com os caualleiros, & nõ com os fanchonos. *An.* Em toda a parte parece bem o siso, & a prudencia, mas nom se engane elle conigo, guardese de minha ira, que a ninguem perdoa, & com ningnem sabe vsar de cõprimẽtos. *Pin.* O Deos q̃ sofres este, & suas doudices? *An.* Por outro tal fiz eu ja cruezas q̃ soarão vaite per hi em sua busca, dizelhe que o fico aqui esperando, entã venha me elle com escusas, *Pin.* Hi la em busca do vento, onde hey de achar hum bargante, que nom tem hum couil

couil certo; & se te furta diante dos olhos? *Ann.* He pouco conhecido nesta terra. *Pin.* Se o nom achar logo deyxalohey? *Ann.* Faze toda a diligencia com que me va hoje a casa. *Pin.* Prometo se o acho de fazer com que la nam torne. *Ann.* Nom sey como viuo, & como nam arreberto. Paciencia. Mas quem poderà com tanto? Nom tenho vida de homem com esta moça. Percome por ella a olhos vistos, & hei medo que me achem hum dia morto, & matarmeham amores, nom me podendo nunca matar espadas, nem bombardas. He por de mais aquelle rapaz, vay de maamente, nem o ha de buscar, nem o haa de achar, entam viuey là. Hà de estar minha vida pendendo das mãos de Bristo? quimanhas mudanças faz ho tempo, & idade. Quam fora eu quando estaua em Rhodes de sofrer o que agora soffro. Maytas vezes me espanto de me ver así tam mudado, que eu mesmo me desconheço. Por qualquer cousa mataua, queymaua, destruyua, fazia cousas de todos los diabos. Nom auia cem homens, que na força de minha colera, me tiuessem rosto meya hora. Todos alsonbraua, todos tremiam, honde quer que meu nome soaua, fazia espanto, & así era chamado o segundo Annibal. E sendo sempre dado a estes appetites da carne, vnaqua nenhum me custou tanto como este. Nunca me vi tam perdido, & tam namorado da vontade, a mor

parce

COMEDIA DE

parte de meu filo perdi com esta moça, doulhe quanto tenho, & ainda que ate qui a proueitou pouco, folgo de se ella lograr do meu. Ia pode ser senão tiuera este impedimento da ordem, que me casara com ella, & fizera hũa boa obra por saluação de minha alma. Mas pois não pode ser, tambem Deos se contentará de stoutra. Cuijalahei honradamente, pois tenho bem por óde, se ella não quiser ser parua, & se entregar em minhas mãos, quando não, toda a perda será sua.

ACTO. II.

SCENA. III.

*Montaluam soldado.**Annibal.*

IA nunca pude ter hum bom acerto com este parece coisa feita a cinte. *An.* Qua vem Montaluão meu soldado. *Mon.* Cuidei que lhe escapasse homem, & furtasse esta tarde pera meus negocios. *An.* Este he todos diabos, folgo cõ elle porque o vejo de bõs espiritos. *Mon.* Hade estar menencoreo, com feros o amansarcy *An.* Ainda me nam vio. *Mon.* Ha dias q̄ ando dezejoso de achar com quem peleje, he grãde enfadamento ser hum homem tão pacifico. *An.* Nom he menos daquillo, tomaiuos là cõ elle. *Mõ.* Por isso folgaua é Rhodes, cada dia auia mortes, & desafios. Esta gête he toda morta. *An.* Aquillo são espiritos meus. Olhai q̄ faz a conuersação. *Mon.* Des quanto ha q̄ aqui ando, nã vi hũ arrojido. Antes de hum par de dias eu me mostrarei a estes.

An.

An. Querdo chamar. Montaluão. *Mon.* Quem me chama. Oh senhor nom te vi sair de casa. *An.* De que te vinhas queixando agora? *Mon.* Dirtohei. Vinha estranhando comigo quão poucas reuoltas vejo nesta terra. *An.* E pezate disso? *Mon.* Bem sabes que me cri ei com sangue de homens, onde não ouço armas, & golpes, cobrefeme o coração. *An.* Bom vinhas tu agora pera qualquer cousa. *Mon.* Queresme dar licença que espanque hum par destes escudeiros por meu defendadamento. *An.* Essa licença pide tu à justiça. *Mon.* De ti sôhei medo. A justiça pouco me pode empecer. *An.* E donde te veyo agora isso à cabeça. *Mon.* Mas donde te vem perguntaresme tu isso. Parece que me não conheces. Não te lembra, quantas vezes me liuraste em Rhodes do barão, & do cutello. *An.* Ah! podia eu muito, aqui nom posso nada. *Mon.* Porque tu queres, é tua mão está, leuantarestes com a terra. *An.* Quando isso fosse nom me faria tredor por tam pouca cousa. *Mon.* Do pouco se vem ao muito. Começa tu hũa vez, q̄ nos depouoaremos o Reyno. *An.* Ora eu vou caindo no que dizes nom se enxergão aqui homens. *Mon.* Pera proua disso heide andar com quantos achar as bofetadas. *An.* Parecem azados pera se calarem com ellas, & demandarte a injuria. *Mon.* Entam te digo eu que se elles saluauão. Não me escaparião na India. *An.* Porque. *Mon.* Porque nam posso sofrer homem couarde. Tu me pelesse neste costume. *An.* Todos querias que fossem co

COMEDIA DE

mo eu. Então pera q̄ prestava. *Mon.* Pera o q̄ elles pref-
 tariaõ se fossem como ti. *An.* Que dizes. *Mon.* Que vejo
 passar certos mancebos por aquella rua, desejo de me
 defenadar com elles. *An.* Não cures de escandalizar a
 gente, isso fique pera a guerra. *Mon.* Matame logo, &
 morrerei honrado. *An.* Porque. *Mon.* Porque he y me-
 do, que me mate a paz. *An.* Ha, ho, he, *Mon.* Deilhe no
 goço. Bem sabes que a natureza do homem he viuer cõ
 aquillo so com que se criou. *An.* Es diabolico. Mas q̄
 honra podes ganhar com esta gente tão misera. *Mon.*
 Eu não o hei pola hõra. Bem me basta o que tenho em
 fer teu, & te servir, mas por fartar a vontade. *An.* Oh
 Rhodes, Rhodes, *Mon.* Ah, ah, ja me hà enueja, elle co-
 meçara com as suas. *An.* Lembrate aquelle dia. *Mon.* O
 do diluio do sangue? *An.* Ia nunca perdera esse nome
Mon. Queres que se esqueção cousas tuas? *An.* Ná me
 parece q̄ podia fazer mais hum homem contra tantos.
Mon. Eu q̄ o vi o ná creio. *An.* Tomarê me defarmado, e
 elles carregados de ferro. *Mon.* E creio ainda q̄ te falta-
 ua a espada. *An.* Sy. Mas eu de hũa punhada lancei hum
 no chão, & leucilhe a sua. *Mon.* Então te deu o outro o
 golpe no hõbro. *An.* Essa sò ferida creio que leuei dahi
Mon. E fui tal q̄ ta curei eu com hũa estopada. Choro
 cada vez que me lêbra. *An.* Ora o outro Valenciano, q̄
 jugava de todas as armas se lhe valerão comigo. *Mon.*
 Não parecia senão que andavas encátado. *An.* Hũa coi-
 rinha dâta so trazia. *Mon.* Nunca deste ferida, q̄ curasse
 físico, & de quantas apanhaste (se te lêbra) sêpre ficaste

viuo. *An.* Que diràs a isso? *Mon.* Que tuas carnes nõ con-
 sente ferro. Que perda foi, não te achares naquelle cerco.
An. Tinha Deos ordenado de se perder. *Mon.* Oprimeci-
 ro final foi faltares tu entãõ. *An.* Ia pode ser, q̃ ou se nõ
 perdera, ou se sustentara mais tempo; por q̃ hum homẽ
 destro nos ardis da guerra, bem sabeis que val mais q̃
 todo o exercito. *Mon.* Nunca me esquecerà aquelle di-
 to teu, q̃ mais era pera temer hum exercito de ouelhas
 quando tinhão por capitão hum Leão, q̃ de Leões se os
 capitaneaua ouelha. *An.* Mas bẽ se podia dizer de mi, q̃
 liurei de hũ grande trabalho o pouo Turquisco, como
 o primeiro Annibal disse polo Romaõ quãdo morria.
Mon. Ora nunca vi couza trazida a taõ bom proposito
An. Ia pode ser, q̃ se diria la isso. Não duuides tu muito
Mon. Eu me espanto, como te desacostumaste tão das
 armas. *An.* He hũ modo de penitência, q̃ agora faço, em
 pago de minhas traueffuras. *Mon.* Nã sei como podes
 acabar isso cõtigo. *An.* Por q̃ vejo que tanto se ganha
 em sofrer, como em vingar. E mais grão fortaleza he
 vencerse hũ homẽ a si mesmo. *Mon.* E mais quẽ todos
 vécia, q̃ tu não dizes. *An.* Mas hũa minina véceme. *Mo.*
 Essas forças são da carne, q̃ he o mais forte inimigo q̃ te-
 mos. Não te espantes d'isso. *An.* Não sei que remedio
 tenha. *Mon.* Queres que ta traga eu oje a casa. *An.* Ia
 te disse que minha determinação era viuer em paz,
 quem ma quebrar tera guerra. *Mon.* Pois ha de ha-
 uer no mundo Annibal caualheiro de Rhodes,

COMEDIA DE

conhecido, & nomeado entre Christãos, & Turcos andar assi foyto a misérias dos outros homens.

An. São mudanças da fortuna, que no meu tempo bem sabestu, que quer fosse casada, quer solteira, ou d'ozela ou enterrada, não era necessario mais que saberse, que entendia eu nisso, pera o pai, ou o marido ma trazeré a casa acamada. *Mon.* Quando me lembra isso fico pal mado, olho para ti, & pareceme, que não es esse. *An.* Ia me aconteeo sobre teima (olha que cousas faz a mocidade) saltar com hūs dez, que se tinhá por lubis homēs & tomar lhes hūa Turca, q̄ ate li se podia dizer ferrosa, & rendendoos a todos sem eu receber ferida, os fiz vir por escudeiros diante della ate ma deixaré em casa.

Que te parece? *Mon.* Agora queres que me espante de cousas tuas. *An.* Estas erão as minhas traueffuras. Depois cancei, abrandei, som ja tão mansarraõ, como ves, que me deixo foyteitar de hum marinello, & não o enforco, & cumpro meu appetite a pellar domũdo todo.

Mon. Como, nom te tem elle ja negociado tudo. *An.* Antes me parece que quer brincar comigo. Mandei hoje chamar, nam quis vir. Agora he là Pinerfo em sua busca. *Mon.* Pode ser que descarregarei eu nesse marinello o appetite da fúria com q̄ ando. *An.* Nom faças, vejamos primeiro com que vem. *Mon.* Cumprelhe ha elle trazerta a casa, ou hum lobo viuo. *An.* Não poderá mais por ventura, que a moça he virtuosa, cuida que o que lhe eu dou, he por esmolla, & dizem me que tem

gran-

grande esperança nos acertos de Deos. *Mon.* E q̄ melhor acerto pode ter ella que este? nam val mais ser tua manecba, que molher de nenhum homem? *An.* Isso nam entende ella, nem à quem lho diga. *Mon.* Ora me deixa com Bristo, que eu lhe pregarei hum pouco. *An.* Pois así he, fica por aqui esperando, que ou elle, ou Piferro nam deuem tardar muito. *Mon.* Vay embora, q̄ eu terci cuydado. *An.* Hate por bem com elle, nam o escandalizes. *Mon.* Descança.

ACTO. II. SCENA. V.

Montaluanam (soa.

VEDES ali hum homem, que nunca vi, nem conheci senam desque entrei nesta terra. Tiue tam boa manha com elle, que lhe meti em cabeça, que oseruira em Rhodes hūs dias. De maneira que ainda que lhe agora jure o contrario, ja me nom crerà. Terra foy onde nunca pus os pès. Toda minha vida foy belinguium em Roma, matey là hum Clerigo, acolhime ha este couto. A alma nam sey que tal anda, auida queria segurar, mor medo hey a força, que ao diabo. Quis-me Deos bem que vim topar com este doudo, meti-lhe mil mentiras em cabeça com pouco trabalho, des que me informey de sua arte, dou com elle hum dia em sua casa, estando jugancio com outros (que foy

M

gran-

COMEDIA DE

grande acerto)lançome a seus pes, começo de abra-
 çar, como se o sempre conhecera, elle na verdade à pri-
 meira ficou confuso, mas des que me ouiu falar em
 Rhodes nos caualheiros, nos Turcos, & dizer mil faça-
 nhas que fizera, de que eu soube q se elle gabaua muy-
 to, abraçoume conheçome, agasalhoume, tême como
 hum Rey. Eu som o que mando a elle, & a casa toda,
 he homem de boa renda, vam, gastador, de nodado ca-
 beça de ferro, que com quanto non hei medo ao dia-
 bo, assombrome com elle. O seruiço, que lhe faço he
 fallarlhe ha vontade, gabarlhe quanto faz, rirme quan-
 do ri, crerlhe quanto diz, mentirlhe isso que posso, se
 chora, choro, se canta, baylo, se brada, grito, & soo com
 isto o contento. Contolhe coufas, que elle nunca ou-
 uio nem fez, de safios, que teue, batalhas, que venceo,
 mil perigos de que me liurou, & tudo cuida que he sy.
 Se não de quando em quando me diz que lhe nom lem-
 bra. Entam me vejo em aperto. Mas começo a rir
 delle, & dizer, que hũa moça tem poder de lhe trouar
 o juizo, & a memoria. Quando isto não basta, juro lho
 por quantos juramentos me ensina o diabo. Assim q por
 hũa via, ou por outra, tudo lhe faço crer. Ajúdome a
 mi muito a conuersação que tiue bons dias com hũ sol-
 dado que se la achou, que me deu algũ informaçam
 da terra, & me contou coufas deste que fazia doudamé-
 te, mas sayamlhe tambem que espartaa a todos. Eu
 com hũa verdade encubro dez mentiras, & tenho tal

arte que ponho em lembrança as mais afsinadas cou-
 sas, que me conta. Forno-lhas a contar dahi a huns dias
 tam naturalmente como se lhas eu vita fazer pelos me-
 us olhos. Mas a graça he, que ainda algumas destas me
 diz, que lhe nam lembram. Este hey eu por mayor a-
 perto, porque estou estalando com riso, quando me
 nam posso ter, digolhe que me lembrou huma graça
 sua. Que quereis mais? Aconteccome ja hilo esprei-
 tar hũa noite a sua camara, & velo andar passeando so
 as escuras contândosse a sy mesmo mil mentiras im-
 possiueis. Como entrou, como veyo, quantos matou;
 que golpes deu, que de todo em todo cuidey que era
 doudo. E com isto arrenegaua, deseria, bradaua, como
 se andaua metido em todo o furor das armas, quando
 ve yo polla manham, nam se lembrava de nada. Eu
 tam bem porque lhe sey a condiçam, faço me com elle
 hum Hercules, onde quer que o vejo, tudo sam feros,
 & cruexas, se homem nam vsar destes ardis, como que-
 reis que viva. Bem paruo he aquelle que se fia agora
 em virtudes, nam achâes por ellas quem vos se hum
 puearo de agoa. Todo siso he dizer bem domal, sofrer
 dissimular, lisongear, mentir onde he necessario, que
 às vezes he gran prudencia. Eu desta maneyra tenho
 vida de Rey por muy pouco preço, outros auerã que a
 compram mais caro, & nam lhe rende tanto. Mas que
 faço eu aqui. Querome ir a negociar meus negocios.
 Os de Annibal durmam por agora, este Alcouiteiro

COMEDIA DE

creo, q̃o traz enganado tẽno roubado de quãto tẽ, mãs isto sam artes do diabo, faz estes taes. seus despenheiros por que nem com seus bẽs façam bem, nem os empreguem senam em seus ministros. E asfi sostenta ha mor parte do mundo em seu seruiço, que tambem eu lhe deuo meu quinham. Nam sei quem vejo là vir em quanto Bristo nam vem, quero dar hum passeio pela praça, se o perder, perco bem pouco nisso.

ACTO. II. SCENA. VI.

Lionardo soõ.

CADA vez, que vejo Camilia me parece, que nunca a vy. Asfi a e stranham os meus olhos, asfi o desconhecem, cada vez vem nella cousas nouas, que os espantam, & me matam, quem hauerà que a nam e strane de todas as outras. Quẽ negarà que se quis a natureza esmerar nella mais, q̃ em todas? Ali não a cores, nam à agoas, nam à lonçainhas, tudo he seu, tudo natural, ne nhũa cousa emprestada. Nam sey, como posso acabar comigo partirme de sua vista, quanto mais me detenho em a olhar, tanto mais acho nella que ver. Aquelle lóo espaço que a vejo, me parece, que todo o outro tempo não viuo. Trago atraueffados na alma aquelles olhos saudosos, que me lançou em me vendo. Paruo de mi, quem me engana? Quem me tolhe tamanho contentamento? Se Alexandre sentisse a força, & a delicadeza

do

do amor, se souberse entêder aquella perfeição de Camilia, aquella siço, aquella repouso, aquella grauidade, aquella graça, & viuêza dos seus olhos, hum despejo tão honesto, hum rir tão sedudo, hum não sei que, q̄ eu quã entendo, certo he que teria em pouco perder me por ella. Mas se eu nam mouro antes de muitos dias fartarei esta vontade. Quem me isto tiver a mal, não quero que lhe pareça bem nenhũa cousa minha. Meu pay, pois tambem errou, dissimule com meu erro. Aquelle exemplo, com que se elle escusaua, q̄ com a virtude se a via de casar, & nam com dote, com esse mesmo me escuse. Vou me em busca de Bristo darlhe conta desta tenção, que não sofrem o amor, & os dezejos tamanha tardança. Mas he elle aquelle que lãvem? Aquelle he, q̄ grande acerto foy este. Quero o esperar aqui.

ACTO. II. SCENA. VII.

Bristo. Pilarte moço. Lionardo.

QUE dizes? *Pil.* Que te não arrependeras de teu trabalho. *Bristo.* Eu te direy. Não hã rocha tão ingreme, & tão aspera por onde não trepe hum asno carregado de ouro. *Pil.* Quando Alexandre o nam fizer bem contigo não o faças tu bem com elle. *Lion.* Aquelle he Pilarte moço de Calidonio. Que negocios té com este? *Bristo.* O principal que eu queria, q̄ nam fos-

sem isso palauras. *Pil.* Como palauras? *Bris.* Esta moça he muyto fermosa, & muyto honrada, & por sua pessoa merece muyto. *Pil.* Tu te verás com elle, & conheceras melhor sua tenção. *Bris.* Nam cuides tu, que sou eu tam paruo, que me ande metendo em perigos. *Pil.* Pois he necessario, que o não saiba Lionardo. *Bris.* De mi podes tu estar seguro que me releua. *Lion.* Os traços deste não podem crer. *Pil.* Ora ficate embora q̄ eu me vou com estas nouas. *Bris.* Forte Camilia he esta q̄ tantos embicam nella. Hũa moça fermosa he hum visco de ociosos. Mas cayão embora, que eu os depenarei, com quẽ se elles tomão. Agora nouamente embicou nella Alexandre, que he voha, & carne com Lionardo. Por isso pinto ao amor criança, que não tem mais respeito que ao que pede. *Lion.* Que milagre he este, nunca o eu vi tam repoufado. *Bris.* Segundo me Pilarte disse, bom ganho tenho nelle, eu o saberei grangear. Sabeis vòs como me eu hey com elles? como elles procuradores, que por menos justiça que tendes, sempre dizẽ, que vos sobeja. Ao dar da sentença fostes mofino. Eu casarei Lionardo, depois não faltará hum achaque, & quando nam os pes me poram em saluo. Nam hajaes medo que me tomem à custo. Irey oje ter com Annibal dirlhehei hum par de mentiras, & pagarmasha, de huns, & doutros farey meu alforge. Mas primeiro me releua fallar com Lionardo, & por me segurar, confessarlhehei que se guarde de Alexandre. *Lion.* Bristo,

Bris-

Bristo. *Bris.* Que doudo he este que assi barrega? *Lion.*
Bristo. Bris. Vejo qué buscava. Ay meu Lionardo aqui
estavas tu. *Lion.* Aqui estou a mil oras esperâdo por ty.
Bris. Mais à que eu ando em tua busca. *Lion.* Quem te
creffe isso. *Bris.* Por vida daquelle Anjinho, & da minha,
& mais da tua q̄ eu mais estimo. *Lion.* Viste a oje. *Bris.*
E quando a deixo eu de ver. *Lion.* Que tal estava? *Bris.*
Hũ rosinha de Mayo, não parecião os seus olhos, senã
duas estrellas do Norte. *Lion.* Que praticaste com ella?
Bri. Pera isso te buscava. *Lion.* Aqui me tens q̄ me q̄res.
Bri. Ouue me, e sabeloas. *Lio.* Dize o q̄ quizeres. *Bri.* Eu
meu Lionardo, sēpre esperei de ti oq̄ me prometia tua
bôdade, & o q̄ conheci sempre na boa tenção, cõ q̄ me
meteste em teus amores. *Lio.* A q̄ preposito? *Bri.* Nã te
apresses q̄ eu to direi. Esta conhãça q̄ eu de ti tenho me
deu ousadia pera dar palavra a Camilia do teu cõsenti
mento q̄ não he bem, q̄ vossas vontades tão conformes
estē esperando algũ delastre q̄ as desfaça. Parece me, q̄
pois eu ja tenho feito quanto tu q̄rias, estava em razaõ
fazeres tu tãbem o q̄ comigo ficaste. Ia deues ter bem
conhecido, quão boa filha he, quão virtuosa, quã hone
sta, o amor q̄ te tē afora aquella fermosura q̄ lhe Deos
deu tã differente de todas, *Lio.* Não q̄ro q̄ digas mais.
Mas âtes q̄ te responda q̄ro saber q̄ he o q̄ de mi sētes.
Bri. Que eide sentir de ti, senão q̄ sairàs ao bom sangue
de teus auos, em q̄ nunca se achou mentira, nē falsidade
& que empãraras hũã orfãa engeitada da fortuna, &

não dos dotes do corpo, & da alma, que a todos os outros faz ventagem. *Lion.* E não attentas tu, que deuo eu isso a mi mesmo? aos meus olhos, & a minha alma. Ah quantas lagrimas chorei? Ah quantos passeos dei? Ah quantos trabalhos me tem custado? Como posso cometer contra mi mesmo hũa ingratidam tamanha? Dizeme por tua vida não era pera reprehender mais esta crueldade que comigo vvasse, que cometer isto sem licença de meu pay. *Bristo.* Assim como o entendes, assim ho faz, porque ainda que teu pay seja muyto rico, as riquezas nã enriquecem, senam o contentamento. Tudo o mais he grão miseria, & pobreza. Antes quero ser pobre contente, que Rey descontente. A paixã durar lhe ha dous dias, por derradeiro tu es seu filho, elle teu pay, & velho, & não tem outro senam a ty. Não he tão fraco o amor da natureza que de todo em todo se quebre. *Lion.* Pois que farà o meu que he tam rijo. *Bristo.* Alem disso tomas molher conforme a tua vontade, q̄ assi quer Deos, & assi o manda. Por tanto se te determinas, dame palavra certa, concerta odia pera que se ellas aperce bão, que eu em pago do trabalho que nisso tiue não quero mais, que o contentamento, que daqui me cabe. *Lion.* Prouera a Deos meu amigo *Bristo*, q̄ pude ra eu fazer o q̄ dezejo, q̄ teus passos não foram mal galardoados. Mas se algũ ora lançaste mão de algũa esperança. *Bristo.* Cilate por tua vida com te eu ver com ella em braços muito manos, & muito amigos me con

tentaria, quanta festa te hey de fazer aquella primeira
 noite. *Lion.* Agora acabo de crer, que se ha Deos por
 leruido disto, porq̃ eu pera nenhũa outra coua te bus-
 caua. E porque quanto mais te detenho, mor mal me
 faço. Podelhes dizer, que pera Domingo à noite me té
 là. E em final disto leua este Reliquario, onde andam
 huns poucos de seus cabellos. *Brist.* Deos me faça tam-
 bemaumenturado, como me fizeste, com estas nouas, dei-
 xame, rogote, leuar antes que moura. *Lion.* E mais lhe
 daras por amor de mi este abraço. *Brist.* He hum beiji-
 nho na face em final de posse. Mas querote dizer o q̃
 me esquecia ja com o aluroço, pelo que te releua, cõ-
 selhote Lionardo que não fies isto, senam de ti sô. An-
 tes dà a entender que es ja de todo mudado, que eu te-
 nho visto muitos enganos nestes negocios de quem te
 menos temes, esse te engana, de quê mais cõfias te trin-
 ca a fedella. Nã digo isto, por q̃ saiba algũa coua, mas
 pelo q̃ a experiẽcia me té ensinado. Estamos em tẽpo
 em q̃ se nam ha de crer mais que em sô Deos, bem me
 entendes. *Lion.* Muyto bem. Eu te agradeço o cõcelho
 assi o farei, fico tão aluorçado de prazer, que me pare-
 ce que não hei de chegar a tamanho contentamento.
 Qual ha de ser aquelle dia, que te hey eu de ter minha
 Camilia nos meus braços. Oh Senhor Deos deixay me
 chegar a isto, & depois matame. Que doudo he este, q̃
 quã vem. Ia o conheço, bem tem a quem sair.

ACTO. II. SCENA. VIII.

Montalvão. Bristo.

Agora vi hum arroido na praça, foi grande acerto acharme nelle, q̄ saluei as vidas a mais de 25. homês, ainda q̄ eu zombo com Annibal, sou pera mais do que ninguem cuida. Não à homem que menos estime a vida, fiz maravilhas, & finezas de q̄ a gente fica pasmada. *Bris.* Iesu me guarde das oras mingoadas, & dos defastres do Diabo. *Mon.* He este Bristo? A bom répo vem? *Bris.* Como os defastres estam aparelhados atoda las oras, por isso dizem, que andam os espiritos maos derramados pelos ares. *Mon.* De que se benze o diabo. *Bris.* Indo por casa de Cornelia pedi-lhe as aluiçaras vi atraueffar aquelle soldado de Anibal tão enfiado, que me fez medo, affombrame como o diabo cada vez q̄ o vejo. *Mon.* Eu farei q̄ o digas com verdade. *Bris.* Dou volta, atras, vinha hum doudo correndo num cauallo a redea solta, encontrou comigo o lançame no chã, mais de hũa ora grande estiuê sem folego. *Mon.* Que perde ras hum, ainda te ficauão seis. *Bris.* Se me não acudiraõ logo, parece me q̄ morrera. Vale me hũa oração, que sen: pre trago comigo que me minha mãy. deixou de muita virtude. *Mon.* Dêssa que ella tinha. *Bris.* Quãtos estoruos se armão contra hũa virtude, antesq̄ la chegue hei de ver minha morte. *Mon.* quero e chegar antes q̄ se me acolha. *Bris.* Hui por mi, & pola minha vida, vedesme outra vez na boca do lobo. *Mon.* Faz q̄ me não

ve, eyo despantar, por q̄ me tema. *Bris.* Mot medo hey
 deste q̄ de hum algoz. *Mon.* Segundo eu agora ando da
 nado, pouca cousa bastaua pera destruir omundo *Bris.*
 Hai minha mãy q̄ alsy me assombraste. *Mon.* Sõ eu dia
 bo, ou como? *Bris.* Tomasteme tão de supito, que hum
 Anjo me fizera medo. *Mon.* Que presteza. Ora bem co
 nheces tu Annibal caualleiro de Rhodes *Bris.* Porque
 me perguntas isso. *Mon.* Conheces Montaluão seu sol
 dado. *Bris.* Não te entendo. *Mon.* Respondeme tu ao q̄
 te eu digo. *Bris.* Hai mãi amiga, & tã não sabes, se te co
 nheço eu. *Mon.* Pois por q̄ zombas delle, & me não te
 mes. *Bris.* Eu não zombo delle, nem tenho q̄ temer de
 ty. Fizte per ventura algum mal? *Mon.* Bem certo he q̄
 não, pois estàs viuo. *Bris.* De q̄ te queixas logo? *Mon.*
 Que quer dizer mandat oje em tua busca, & não teres
 de ver com isso. *Bris.* Eu nunca costumeo ir senão com
 noua certa. E mais esse vosso rapaz he hũ grande n. eti
 roso. *Mõ.* Roim escufa he essa. Parece me q̄ auemos de
 étrar por outra via. Tu tẽqui folte beaue terado, guar te
 de me caires nas vnhas. *Bri.* Eu q̄ te fiz: q̄ me às de fazer
Mõ. Nunca prometo nada, ao dar sã mais largo, q̄ Ale
 xãdre. *Bri.* Essas larguezas guarda tu. pera que quiseres
Mon. Per qualqr cousa arrãco logo. as vnhas, & r sfolo a
 cara. *Bri.* Iesu de Nazarẽ Isso fazẽ os ladrõis saltadores
Mon. Quando me mostro piedoso, sãgro todalas veas
 do corpo. *Bri.* Encomendome a Deos, & aos seus Sãtos
Mõ. Ia me teme, pera, este bastão palauras, mas eu ja cõ
 ellas vspãtci outros. *Bris.*

COMEDIA DE

Bris. Quanto a Annibal, não pude la ir, porque ando em seu serviço. *Mon.* E quem tens tu pera esta parte que lhe releue. *Bris.* Ando logo em serviço de Camilia, de que lhe á elle não peza. Estou tremendo como a verga De medo não sei o que digo. *Mon.* E quando determinas de dar fim a esta obra. *Bris.* E tu cuidas, que he isto obra de empreitada? Bom eras para andar de amores. *Mon.* Enculcarmehias algú se os quisesse. *Bris.* Trinta mil. *Mon.* Olha que nam zombo. *Bris.* E queres que zô be contigo. *Mon.* Pois que dizes. *Bris.* Zomba tu embora, mas ja pode ser que te não pesasse Se podesse ora armar este. *Mon.* E quem ha qui que me mereça. *Bris.* Tu querias casamento. *Mon.* Com hũa moça donzella fermosa, honrada, & rica me contentaria. *Bris.* Nom to crerei, se mo não jurares. *Mon.* Pois ainda eu cuido que me abaixey muyto. *Bris.* Bofe Monta luão se se tu quisesse dar comigo, bem nos entenderiamos ambos. *Mon.* De que maneira. *Bris.* Isso te direi eu entre mi, & ty, se quiseres. *Mon.* Estou em me meter com este, hey medo que me engane. Não oulará que me conhece. Que farias por tua vida. *Bris.* Queres tu que fallemos nisso. *Mon.* quero. *Bris.* Ora vemte a minha casa, q̄ he lugar seguro. *Mon.* Vou. *Bris.* Vem embora que eu te amansarei. *Mon.* Tu vê o que fazes, que mas fadas tens comigo.

ACTO. III. SCENA. I.

Alexandre Soares.

Que

QUE novidades são estas tam estranhas para mi? Que novos aluorços sinto comigo? Que bicho he este que come? Que imigo tão forte que me persegue? Quem trago quã dentro em mi, que me a lança? Que guerra he esta tam crua? Que a ventura? Ou que encantamento? Sintoms ferir, nam vejo quem me fere. De todas as partes me cercão, & ninguem acho cõ armas, & o pior q̃ nã as tenho pera me defender, nem mãos pera as tomar, nem desejos, ou lembrança de fugir. Se he este o amor? Que estes são os seus sinais, como pode ser? Não são eu Alexandre? não são eu liure? Não me conhecem todos? Nam me ouuiam zombar sempre de homês perdidos? Hay coytado de mim que já nam são esse, já sou outro todo differente do que dantes era, já ho amor tem em mi mais parte, que eu em mim me smo. Este he o imigo nouo que me mata, este me persegue, este me roe o coração, & as entranhas com seus dentes. Agora se vingã de minhas soberbas, de minhas palauras ociosas, & de todo aquelle tempo atraz que me deixou viuer como queria. Des que mostrou aos meus olhos aquelles olhos de Camilia, aquelle seu parecer estranho, & desacostumado, pouco, & pouco me trocou a vontade de todo, & ma soujou de maneira, que nam tenho já nella parte algũa. Quem se podera liurar dos acontecimentos do mundo? Bem deziã os Antigos, que ninguem antes da morte era bemaventurado. **Q**uam pou-

COMEDIA DE

pouco hã que viuia contente, & liure. Vedeſme agora mais catiuo, que nenhum catiuo, mais trifte q̃ todos os tristes, mais perdido que nenhum homem perdido. Como? & tanto pode o amor? Aſſi troca as vôtades dos homens. Por certo não creio eu, q̃ com os outros pode tanto como comigo, pois me trocou a minha que tão differente era de todas, de tal maneira me mudou q̃ eu meſmo me desconheço. Não me lembra ja Lionardo, ſenão para lhe auer inueja, todo o tempo atraz hey por perdido, todo o que viui por morte, ja me doſdigo de quanto diſſe, ja conheço meu erro, ja confefſo, que não he homem o que o amor não conhece. Mas que farei coitado de mi, que remedio buscarei lremehei por ventura conſelhar com Lionardo, a qué faço hũa traição tamanha, a quem dantes reprehendia tão aſperamente? Eu tomarei pera mi algum de quãtos concelhos lhe daua. Irei cometer Camilia que eſtã perdida por elle? Ou esperarei em Briſto, que he o ſecretario de ambos. Oh fortuna, em que te mereci tamanhos males? mas ja pode ſer que me tinha Deos guardado eſte acerto, tudo vem de ſua mão. Muitas couſas, que parecem de aſtres, ſe mudam em boas venturas. Aſſi como me eu aſſeioeia Camilia viuendo dantes tã liure aſſi ella ſe me podia aſſeioar. Aſſi como eu eſqueci Lionardo, & ſua amiſade aſſi ella o eſqueceria, & Igũ amor ſe lho tinha. Quem confiou nũca em vontade de molher. S. ya como ſair, que ja hei de prouar minha ventura

tura. Bristo nam tem lealdade com ninguem, ho amor muyto menos, com rogos, com promessas, & com dadias o porei da minha parte. Por derradeiro eu deuo mais a mi mesmo que a ninguem. Vou saber de Pilarte o que passou com elle. Mas é ilo que sabe com meu pai de casa. Em grandes praticas vem, elle mas cõtará. Querome ir entretanto ver com Bristo.

ACTO. III.

SCENA. II.

*Calidonio,**Pilarte.*

Dizeme a verdade pois que me fio de ti. *Pil.* E tu nam sabes que nunca me achaste em mentira.

Cal. Vejoo dontem pera qua tam demudado, que me da em que cuidar, dantes sempre o via ledo, prazenteiro, rir, & folgar. *Pil.* Sempre queres, que os homens tra-

gam hum rosto como diziam os Philosophos insensíveis. *Cal.* Mas de que vem a hum moço tristezas, & penfamentos? Da casa que tem que manter, ou das filhas, q̄ casar, ou de que. *Pil.* Costumase agora amalenconia na mocidade. De que ves tu tantas moças doentes de coraçam.

Cal. Nunca tu isso veras a Briolanja. *Pil.* Porque será sua cõpreiçãõ outra. *Cal.* Mas porque he a minha outra. Bom esta o pay que deixa criar a filha agastamé-

tos. *Pil.* Ora queres que te diga eu a verdade, *Cal.* Antes me faras prazer, *Pil.* Com condiçam que o nam faiballe, porque mo defendeo, *Cal.* Eu te seguro disso,

Pil.

COMEDIA DE

Pil. Mas que me dà a mi que lho digas. Isto hé por ventura cousa de que elle aja vergonha? ou tu descontentamento. Antes me parece, que te obriga a mais amor, porque quem he tam bom amigo dos amigos, melhor o será de seu pay. *Cal.* Nam te entendo. *Pil.* Teu filho como sabes, foy sempre tão encolhido, que nunca te pediu hum ceutil. *Cal.* He verdade. *Pil.* Antes pera as cousas necessarias tomava sempre sua mãy por terceira. *Cal.* Não por elle conhecer nunca em mi desamor, ou esqueceza. *Pil.* Por isso lhe deues tu mais, porque ho filho, que com branduras se não dana, menos o faria com durezas. *Cal.* Estàs enganado, que tudo vem da natureza, habi hũs Santos, que se querem por bem, outros por mal. Esta experiencia vemos na cera, que cõ agoa endurece, & com o fogo a molece. *Pil.* Não me negaras logo, que mais firme he a obediencia, do amor, que do temor. *Cal.* Dizes bem. E pbr isso os pays auiam de trabalhar se podessẽ ser, de tratar antes os filhos com amor, & bom rosto que com carrancas, & asperçsas, resalvando sempre o castigo necessario. *Pil.* Esse bom rosto que tu sempre mostraste a Alexandre, o fez tão vergonhoso, que nem agora ousa de te levantar os olhos. *Cal.* Isto me aliuia mais que tudo. Mas porque me não dizes, de que vem este seu sentimento? *Pil.* Nom mais que de não poder socorrer a hum seu amigo em hũa necessidade. *Cal.* Como? *Pil.* Mandoulhe pedir emprestados quatro cruzados, achase elle por afrontado em

não

nã poder fazer esta obra de amifade, a quem lhe fez
ja outras muitas. *Cal.* Isso he verdade. *Pil.* Eu nam sey,
mais que quanto me elle disse. *Cal.* Não me parece isso
causa pera tanto sentimento. *Pil.* Encrespouse. *Cal.* que
pois elle està em poder de seu pay, & não tem mais q̃
quanto lhe elle quer dar, tẽ justa causa para se escusar a
esse homẽ. *Pil.* Esses proprias palauras lhe disse eu. Ref
ponde come, que como se auia de presumir delle q̃ nam
tendo tu outro filho tiuelle tão pouco poder sobre teu
dinheiro. E q̃ pera isso erãõ os amigos pera se ajudarẽ
hũs dos outros. *Cal.* Tem razão. Mas no q̃ he justo, &
possiuel. *Pil.* Nem isso me ficou no tinteiro. Disse me, q̃
sentia muito tendo outros dinheiros pera beber, & ta
fular, não o ter elle pera hũa obra tão honesta. E ainda
soltou outra palaura, q̃te eu não quero dizer. *Cal.* Que?
por tua vida? *Pil.* Sã cousas de moços. *Cal.* Ora dizemo
Pil. Que juraua, & prometia de se meter hum dia em
hũa armada, & dar consigo onde outros tão bõs como
elle vão ter, & tornãõ ricos, & honrados, & não viuer
em tua casa com tanta miseria. *Cal.* Que lhe disseste a
isso? *Pil.* Que lhe auia de dizer, comeccime rir delle, &
chamarlhe moço, que nam sabia conhecer quanto te
deuia. *Cal.* Quanta dieffrença vai do amor do pai ao fi
lho. *Pil.* Atarraqueyo. *Cal.* Por qualquer palaurinha q̃
lhe dizeis por seu ensino, pelo mais pequeno appetite,
que lhe nam cumpris, logo vos querem mal, logo vos
engeitam, logo se dezejam onde os nam vejaes.

COMEDIA DE

Pil. Metio em confusam, queroo deixãr cuidar verem
 mos em que fica. *Cal.* Por isso se disse que o amor natu
 ralmente mais dece do que sobe. Pois que determina
 Em que assentou? *Pil.* Passaria essa vergonha, porque
 não he nelle quererto auer por engano, como outros
 fazem, ou pedilo emprestado, porque o ha por baixeza
Cal. Ora pois assi he Pilarte como me tu dizes. *Pil.* An
 dar. *Cal.* Eufom contente de lhe dar esse dinheiro. *Pil.*
 Zombas. *Cal.* Nam zombo. Antes entendo o q̄ faço.
 Nam quero dar azo a meu filho que se meta em duni
 das, com que me dezeje a morte. *Pil.* Certo Calidonio
 que te louuo esse conselho. *Cal.* Mas não queria que o
 soubesse elle. *Pil.* Porque razam. *Cal.* Porque lhe nam
 de ocafiãr pera se desenuoluer comigo. *Pil.* Grande fi
 so he esse. *Cal.* A principal cousa, que o bõ filho ha de
 ter, he a reuerencia, & o acatamento. E o pay nam ha
 de dar azo pera que lho perca. Isto te lembre a ty pera
 quando te Deos der filhos. *Pil.* E como me lembrará, q̄
 hum bõ conselho he melhor que toda a riqueza. Mas
 que direi a Alexandre. *Cal.* Que os ouueste dalgum teu
 amigo. *Pil.* E quem tenho eu aqui, que me possa fazer
 esta boa obra. *Cal.* Metelhe logo em cabeça que pas
 sou por aqui hum parente teu, & que tos deu, ou ou
 tra qualquer mentira, que te bem pareça. *Pil.* Achaf
 te tu o Mestre dellas. Mas eu o farey assi. *Cal.* Ora
 waite a casa, dize a minha molher que tos de, & por si
 nal que lhe disse que hia a casa de Roberto. Todavia

juficarás obrigado a mostornares a *mañ. Pil.* Essa obrigação nam quero eu aceytar. Porque ha hi hús amigos que pedem emprestado pera sempre. *Cal.* Ora eu confio de ty, que os arrecadarás. *Pil.* Folgo de me teres nessa conta, & nam erras. *Cal.* Rogote Pilarte, que me olhes por esse moço, reprehendeo, conselhao descubreme sempre seus segredos. *Pil.* Dias hà, que eu tenho esse cuydado. *Cal.* Vayte que eu vou onde te disse, se hy não ha mais nam tenho de que temer. Antes folgo de ver tam boa inclinação neste moço. A mi sae elle naquillo que sempre costumey fazer mais por hum amigo, que por mi mesmo. Folguei de Pilarte mo descubrir. Mais val aventurar ho dinheiro, que o filho, a necessidade he mestre da malicia, nam quero que lhe ensine algũa. Nam he tão pouço furtar o corpo aos azos.

ACTO. III.

SCENA. III.

Pilarte fee.

COMO se enganam os pãys com os filhos, hús os cega ho amor, outros ha desconfiança. Mas isto nam nace, se nam de os elles julgarem por sy mesmos. O pay que em sua mocidade foy traueſso, jogador, reuoltoso, assi cuyda que he ho filho. Nam hajaes vos medo que

estes tão ligeiramente creeram a minha mentira. Calidonio como sempre foy manço pacifico, de pouco tra fego, afsi julga agora o filho. E na verdade tem razam, que Alexandre nunca descobrio o fiõ, se nam agora. Nunca quiseffeis ver bons principios a vossos filhos, porque vem a mudar todas as penas, & fazerie aues de rapina. O que de moço começa ser trauêço, quando vem a ser homem esta ja enfadado. O que o nam foy te li começo ser no tempo de mais perigo. Todolos que virdes em pequenos Santos, ou he final de viuerê pouco, ou de virem ser diabos Eu o vejo por muytos, & agora por Alexandre, q̄ sendo dantes hum frade, & mais, que frade de dous dias pera qua se começou de fêhuoluer, de maneira que me espanta que elle sempre se fiou de mi, não me sabe ter nada encuberto. Affeioarãono seus peccados a esta Camilia, rindose antes mais do seus apaixonadas, q̄ do mesmo Bristo apos que andão. Então q̄ cuidais? Desque estes húa vez caê, feito he, toda aquella liberdade primeira se conuerte em outro tanto catiueiro. Anda o coitado tam morto, q̄ nam dura, nem socega, acha a vida estranha, vesse sem dinheiro, que he a mor ajuda nestes casos, teme seu pay, que ainda hoje começou a tentar nelle. Mas a mi socedome bem a mintira, por q̄ lho desculpei, & cacei aquelles cruzadinhos pera começo de paga. Mas elles hão de ser tambem empregados como se elle soube empregar, que este Alcouiteiro afsi como me disse que enganaua

nãua Lionãrdo, assi o hà de enganar. Prouesse a Deos que fosse assi, que de melhor vontade o peitaria, por q̃ he grande mal perderse assi hum mãcebo, em q̃ o pay quer edificar toda sua obra. Coitados dos pais, q̃ suã, & trabalham, & por derradeiro entesouram pera sua morte. Eu com o amor que lhe tenho, nam sei se nam seguirhe a vontade, prometilhe de o ajudar em tudo. Agora que temos o mais necessario tornarey a apertar com Bristo. Lã vejo vir Montaluam soldado de Annibal em cuja casa tem muita entrada, querolhe perguntar por elle.

ACTO. III. SCENA. III.

Montaluão.

Pilarte.

Venho espantado dostratos deste diabo de Bristo nam cuidei que fosse pera tanto. *Pil.* Que par. *Moⁿ.* Tinha pera mi, que ninguem era mais roim que eu. Este me fez parecer hum capucho. *Pil.* Nem mais nem menos. *Mon.* Leuoume a sua casa, que he hũa boca do inferno, negra, escura, mal assomburada metida debaixo do cham, que ao meyo dia nam ousareis de entrar nella sem candeia. *Pil.* Por mais seguro aueria euhi o final da Cruz. *Mon.* Ali se recolhem todas as aues tristes, & omiziadas, todos los cães, & gatos, he hũa arca de Noe. *Pil.* E tu o coruo, & elle a pombinha, *Mon.* Desq̃

COMEDIA DE

se fiou de mi, coufas me contou, segredos me descubrio
 que ainda agora me tem confuso. *Pil.* Affaz he o mal
 quando se o diabo espanta. *Mon.* Finalmente ficamos
 concertados sobre a pelle de Annibal. *Pil.* E sperai assi.
Mo. Que o comeſſemos, q̃ o roeſſemos. *Pil.* Que taes cã
 es lhe chegaõ. *Mon.* que o trouxeſſemos enganado, por
 que por derradeiro se repartiria o ganho. *Pil.* De tal cõ
 fiſtorio tal conſelho, mas nam ſois vos outros los, ainda
 achareis companheiros. *Mon.* Taes razões me deu, taes
 promeſſas me fez, que me venceo. *Pil.* Se fora pera hũa
 virtude, não bastara Sam Paulo. *Mon.* E pera firmeza
 diſto prometeome hũa moça donzella, *Pil.* Donzella. Se
 lhe ninguem chegou afora elle. *Mon.* Eu aſſi, como nã
 tenho lei com ninguẽ (he aparuoice, ja se naõ costuma)
 aſſi naõ espero, que a tenha eſte comigo. Tiue taõ boa
 manha q̃ lhe furtei eſte reliquario ſem mo ſentir. *Pil.* O
 diabo enganará eſtes. *Mon.* Se o achar em mentira te-
 nho bom penhor pelo meu. Afora a pendeça q̃ elle
 nam ha de ir buscar a Roma. *Pil.* Bem ſe pode aqui di-
 zer. A hum roim, roim, & meyo. *Mon.* A malicia he a-
 gora o mais certo mantimento, que neſta vida temos.
Pil. Aquelle dito na boca doutrem mal hum Reyno,
Mon. Eſtes frades com andar deſcalços, veſtidos em ſe
 us facos, atados com cordas com todos ſeus jejans, &
 diſciplinas, matinas, & orações, ſempre os vereis mor-
 tos de fome com ſeus alforges às coſtas, *Pil.* Antes pera
 encher eſtas queixadas folgara cu ſoo de ſer frade.

Mon.

Mon. Por isso hei por mais seguro estourã vida. Por derradeiro a ora da morte, qualquer Sacerdote he Papa. *Pil.* Coitado de ti, & dos que fazem essas contas? *Mon.* quem he aquelle? *Pil.* Ia me vio. *Mon.* Som perdi do, he certo, que me ouuiu esse velhaco. *Pil.* Deos te saque. *Mon.* Venhas embora, a muito que estas aqui. *Pil.* Riuse, ainda agora chego, mas porq̃ o perguntas. *Mon.* Por nada. Ditofo fui. *Pil.* Sempre te sei cerrado a banda. Pois mo nam queres dizer, não to quero perguntar. Saber mehas dizer de Bristo. *Mon.* Aque proposito. *Pil.* Como te enganas. Digo se o viste. Porque o vejo ir as vezes a casa de teu Amo. *Mon.* Pois eu tragoo comigo na bolça. *Pil.* Ora fazeiuos paruo. Nã o podias topar por esta rua. *Mon.* q̃res, q̃ ande os meus olhos tã rasteiros. *Pil.* Estou pera arrebentar. *Mon.* queres tu mais de mi. *Pil.* Nem tanto ainda. *Mon.* Pois vaite embora, que eu nam ando ocioso. *Pil.* Temeose de mi, heyo de mexericar com Bristo, mas quero ir primeiro arrecadar o dinheiro, antes, que se o velho arrependa.

ACTO. III.

SCENA. V.

*Bristo.**Montaluan.*

NAm pode ser, se não que morreo hoje neste dia algum excomungado, ou casou algum frade, que tantos desastres me aconteceram nelle. *Mon.* Apos mi vem. Nam sey onde me esconda.

N 4

Bris,

Bris. Aquelle Reliquario de Lionardo não sei se o perdi, ou se mo tomarão. Pareceues que sam estas boas dâças, em que me o diabo mete? *Mon.* Ia hey de ver em q' assenta. *Bris.* Desque seaquelle diabo foy de minha casa. *Mon.* Auante. *Bris.* Voyo dar comigo Alexandre que me deteu ategora, & me fez perder o tento do q' me mais releuau. Não sei onde o perdi, nem onde o puz. Venho outra vez correr quâtos eaminhos andei. *Mon.* Aquelle me parece bom concelho. *Bris.* Ora que me matem, se mo nam leuou aq'lle ladrauz de Montalvão. *Mon.* Ia me eu espantaua, que rome ora acolher com o meu ganho. *Bris.* Pela benção de Deos que não foi outra coufa. E voume eu fiar daquelle que toda sua vida andou a roubar, & esfolar. Se assi he, tenho maõ remedio, dirã que faço delle ladram. Todauia por me segurar, nam hei de deixar de dar hũa volta por aqui. Quãdo o não achar, o melhor concelho he fallar com *Bris*ta aquella velha benzedeira minha amiga, que sabe hũa boa deusaçam para as coufas perdidas. Ainda bem a nam faz quando lhas trazem a casa. E ide apertar com ella, que ma ensine.

ACTO. III. SCENA. VI.

Pinersfo. *Annibal.* *Montalvão.* *Bristo.*
BRisto, Bristo. *An.* Negociado vai. *Bris.* Nam me deixaram estes ociosos. *Pin.* Marinello. *Bris.* Mandido

tido as vossas custas? *Ann.* Assim lhe vay. *Pin.* Que te digo
 eu não faças contra de ste q he o viuo diabo. *Ann.* Nam
 cuido que me conheceo. *Pin.* Mas por isso nam acudio
 nem olhou. *Ann.* Deixame com o cargo, não se pode
 ter tanto fiço. *Pin.* E su que he aquillo, veja vir Monta-
 luam, com a espada nua todo enfiado. *Mon.* A verda-
 de he nam ter homem com primentos com ninguem.
 Arrancar da espada, meterlia pola barriga. *Ann.* Cha-
 maõ. *Pin.* Montaluam. *Mon.* Mas eu vos prometo que
 offerre da minha marca. *Ann.* Montaluão. Tu vayte
 para casa. *Mõ.* Valerãolhe a elle os padrinhos, q se fora
 em outra parte eu o desfizera aos d'etes. *Ann.* Que me
 nencia he essa? *Mon.* São rapazes. *Ann.* Que foi, que
 te aconteceu? *Mon.* Nam conheces hum filho de Ro-
 berto nosso cidadam. *Ann.* Que te fez? *Mon.* Encontra
 monos à porta de Cornelia, enfingio de me pergun-
 tar, porque andaua por alli. *Annib.* Que dizes.
Mon. Isto que ouues. *Ann.* Aquelle rapaz. *Mon.*
 Esse rapaz. *Ann.* Que sabe que es tu men. *Mon.* Que
 sabe que som eu teu. *Ann.* Ousou de te leuatar os olhos,
 ou hã aqui homem que a tal se atreua? *Mon.* Elle leua-
 raõ o pago. Mas parece q fez oje a mãy algũa deuação
 por elle. *Ann.* Que lhe fizeste? *Mon.* Enuiuaume ja a el-
 le, se me nam bradarão decima. *Ann.* Quem te bradou.
Mon. Cornelia que pelo amor de Deos não fizesse es-
 trondos à sua porta. *Ann.* E pareceo hi Camilia. *Mon.*
 querias que a visse? fiquei com a grande furia com os
olhos

olhos no ceo, escumando mais de hũa hora. *Ann.* Ora vivi neste mundo, onde os rapazes se levantam cõtra vos. *Mon.* Isso fo me fez arrenegar desta terra mais de dez vezes. *Ann.* He cousa pera se os homés fazerem Elches. Em quantas terras andei não me lembra, q̃ outra tal me acontece. *Mon.* O rapaz toda via rapoume o reliquairo. *Ann.* Não sei se ordenou Deos, ou o diabo nã me achar eu ahi. *Mon.* E pera que? s'aluou pera escolheres a morte que lhe daria. *Ann.* Ah Deos que me das paciencia pera não destruir o mundo. *Mon.* Essas tuas paciencias te danão muito, se te a ti temerão nesta terra, mais honra catarão aos teus. *Ann.* Sabes, porque me te tenho? Porque desque comecar, heyde por o fogo aos campos. *Mon.* Eu não sei que assi o custumas? *Ann.* Nõ som desses, desque me comeco a tear, som hum fogo de alcatrão, não me apagarão cõ toda a agoa do mar. *Mon.* Por isso melhor he não comecares. *Ann.* Cõ isto espantei hũa vez huos poucos de mouros, q̃ não oularã de nos correr por hũs dias. *Mon.* Bem me lembra. *Ann.* Isto era em Arzilla antes que eu fosse a Rhodes. *Mon.* Acolheome. E é Rhodes não queimaste tu duas gallez ao longo da costa? *Ann.* Hã biastu, ou como. *Mon.* Antes te digo q̃ por minha causa mataste o capitão dellas, q̃ se te pelava ao ouro. *Ann.* Ora muitas cousas te lembrão, q̃ me a mi esquecê. *Mon.* Esta he hũa das minhas. Nã era isto cousa pera te assi esquecer. Não sei, porq̃ deixaste este reino, & te desterraste tão longe. *Ann.* Porq̃ cã não esti-

estimão os homés, se não sabem ler por Bartolo. *Mon.* E
 mais não acharias coufas cõforme a teus espiritos. *An.*
 Também essa foi algũa coufa. *Mon.* Que grão festa te fa-
 rião effes caualheiros de Rhodes quando entraste. *An.* A
 inda me não conhecião, mas eu como cheguei, por me
 dar a conhecer, arrepelci não sei quãtos, depois quizerã
 se vingar em desafio, & eu acabei de me vingar delles.
Mon. O asaste fazer tão grã feito e terra alheia. *An.* Isso
 foi o q̃ espantou toda a gente. E o grã mestre me leuou
 entã a sua casa acõpanhado de todos los outros, *Mo.* Assim
 alcançaste em pouco tẽpo hũa das hõradas comẽdas da
 ordẽ. *An.* Grandes partidos me faziã, mas por serẽ fora
 do reino, não quis aceitar nenhũ. Bẽ sabes quanto deue
 mos a nossa natureza. *Mon.* Ella he a q̃ te deue, q̃ tu hõ
 rala, & ella deshonrate. *An.* Não me tornes lêbrar isso,
 q̃ me farã fazer o q̃ não queria. *Mon.* Deixa me tu a mi
 q̃ eu me saberei vingar. Em quanto este braço for viuo
 não ajã medo, q̃ vã pedir outro emprestado. *An.* O mal
 he q̃ he com rapazes, *Mon.* Pois estes taes castigalos, co
 mo rapazes, porq̃ matalos he honra, q̃ não merecẽ. *An.*
 E q̃res q̃ ande eu por Ayo dos Villaõs ruins. *Mon.* Meu
 cõselho he não te dares por achado nisso, porque se os
 erros se haõ de castigar cõforme a pessoa, q̃ se offen-
 de bem vezo aluoroço, em que poras toda a terra. *An.*
 Parece me isso bem. Porque eu, como te digo, nam me
 sei nunca tempetar, quando estiuer birrẽto, lêbrẽte de
 me fugires diante, porq̃ nẽ meu pai entãõ conhecerei,

Mon. Dias ha que te eu foy a condição. *Ann.* Ora de hũa cousa me gabauam muito em Rhodes. *Mon.* De hũa dizes. *Ann.* De hũa especialmêto entre todas. *Mon.* Da ferres incanlaue. *Ann.* Alem dessa de ter hũa ferocidade braua no rosto, & nas palauas, com que fazia tanto medo, como com as armas. *Mon.* Entam dizem là q nam cuidam dous hum cuido. Isso me tiraste da boca, pots ainda te esquece outra excellencia grande. *Ann.* Qual? *Mon.* Os teus carteis de desafio. *Ann.* Bem apon tos. *Mon.* Não ha homem que así os note. *Ann.* Nunca ali se fazia desafio, que se nam viessem a mi. *Mon.* He muyta verdade. Nam sei onde achastanta diuersidade de palauas furiosas. *Ann.* Nunca desafiei homem nenhum, que vendõ o meu cartel, se nam rendesse. *Mon.* Que fizera se te vira as obras. *Ann.* Quando me lembra isto, estou pera me enforcar. *Mon.* Tal inspiraçam te viesse, & fizesses me teu herdeiro. *Ann.* Que me vejo aqui, como me vejo, & em poder de Bristo, q tem poder pera zombar de mi. *Mon.* Cõ a menencoria me nam lembrava Eu estiue oje com elle, & me deu mui grandes nouas. *Ann.* Porque me nam vay a casa. *Mon.* Là traz hũas occupações justas, que o escusaõ. *Ann.* Que te disse? *Mon.* São cousas que se naõ podê dizer na rua. *Ann.* Recolhamonos logo que vem la gente, & dezejo de as ouir.

ACTO. III. SCENA. VII.

Calideno. *Briste.* *Lianar de.*

Venho

Venho descontente de casa de Roberto estando ambos ordenando nossos concertos, nos vierão dizer a gram pressa que andaua Lionardo as cutiladas com hum rasiãz, que aqui anda, fomos là achamos a rua reuolta, & ninguê que nos soubesse dizer o sobre que fora. Se nam quanto dizião todos que oviram por alli passear todolos dias, & algũas noites. Logo me do to o cabelo. Ali mora hũa moça fermosa, segundo me parece, de longe vem o negocio. Roberto he apaixonado sentio tâto esta traueffura que tiue trabalho em o amansar, mas com quanto eu dissimulci, tambem fizo meu quinhão. Necessario he que vigie, q̄ deite minhas enculcas, pera que depois me não arrependa sem tempo. Vou a casa pode ser que Alexãdre me informara mais do caso. Mas he este Lionardo: este he, mal me parece a companhia, & o segredo em que vem. Heios de espreitar uaqui. *Bris.* Quanto folgo de me vingares desse ladrauz, que assi me queimou oje o sangue. *Lion.* Ainda me eu hei de acabar de vingar delle. *Bris.* Foy grande acerto acharelo assi com o furto nas mãos. *Lion.* De hũa legoa lho conbeci. *Bris.* He certo que hão de estar mortas, cuidando que ficaste morto. *Lion.* Oje me veram viuo & sam. *Cal.* Nam os entendo bem, algo he. *Lion.* Nam hade auer tanto poder na fortuna q̄ me desuie este contentamento. *Bris.* Em fim o que ha de ser, ha de ser, & de meu conselho melhor he cedo que tarde, quanto te mais adiantares, mais te lo-

CO MEDIA DE

grãrs do tempo. *Lion.* Que negocios tens tu com Alexandre, que te vi hoje com elle. *Bris.* Faloute elle mais em teus amores? *Cal.* Em Alexandre falam. Tambem elle anda na volta? *Lion.* Falou. *Bris.* Que lhe disseste? *Lion.* Tomei teu concelho, fizme mais frio que nunca. *Bris.* Se te tornar a falar nisso, mostrate descontente de mi. Dalhe a entender, que ategora te trouxe enganado pera que te melhor crea. *Lion.* Naõ saberei eu, porque me dizes isso? *Bris.* Eu to direi em seu tempo nam te fies de ninguem. *Lion.* Este dia me ha de parecer hum anno. *Bris.* Parecertehã logo a noite hum momento. *Lion.* Ora eu voume a casa desculparme a meu pay cõ algũa mentira, que certo he que o aja de saber, tu entre tanto vai as ver, que eu terei cuidado. *Cal.* Deos me trouxe agora aqui. Este moço anda perdido, & cuydo que o remedio esta nas mãos de Deos. Medo hei que se lhe apegasse a Alexandre seu quinhão. Necessario he que falle cõ Roberto, & lhe de conta do caso, pera q̃ por falta de diligencia senam acabe de perder de todo, elles forãose sem me sintirem. Voume a casa tirar deuafla.

ACTO. III.

SCENA. I.

*Cornelia Mãe.**Camilia filha.*

GVardeo ora Deos de algum desastre, que ainda o coraçõ me està saltando de medo. *Cam.* De que se armay o arroido? *Corn.* Naõ o viste tu? *Cam.* Nam.

Corn.

Cor. Vinhá de qua decima hum soldado doudo muyto recachado, toparamse ambos, nam fei que ouuerão, que lhe lançou Lionardo hũa man ao peſcoço, & outra a espada. *Cam.* Ferioſe algũ delles? *Cor.* Quis Deos que acodio gente, mas o soldado ficou arrepelado, & injuriado. *Cam.* Hey medo q̄ nõção dahi algũas reuoltas. *Cor.* Liureo Deos dellas. *Cam.* Bristo nos dirã sobre que foy, & como paſſaram ambos. *Cor.* Folgo eu muito de tu nam pareceres entã. E ſe me cres ou me amas, rogote filha que ſempre te prezes de muito recolhida, & de muyto aſſentada. Bem ves quã mal parece nas moças o aluoroço, & deſaſſoſego. Teus olhos miſurados, & recolhidos, teu rir temperado, tuas falas poucas, & certas, & onde forem necessarias. E por cima de tudo as de ter tanto poder sobre ti meſma, que nẽ por mais folias que ouſas, ou brados, ou arroidos te bulas, ou te mouas donde eſtas. *Cam.* Eu aſſi o faço, & o farei ſempre, por q̄ tambẽ minha condiçã me diz iſſo. *Cor.* Dã graças a noſſo ſenhor que ta deutaõ boa. Porque verã muitas que ainda que ſejã ricas & fermosas, ſãõ tãõ boliçoſas, & aluoroçadas, q̄ tudo querem ver, & de tudo dar ſẽ. A boa filha, que eſtima a honra, & a virtude à de quebrar os pes, & os olhos, hæſe de preſar mais de ſua honeſtidade, que de peſas, nem theſouros, & mais quem os nãõ tẽ mal peccado. *Cam.* Em verdade mãy q̄ me auorrecẽ tanto hũs deſpejos, q̄ vejo em molheres q̄ ſõ por aquillo ſe fora homem nãõ caſara com ellas.

COMEDIA DE

Cor. O despejo filha, não he mau, se he honesto, & temperado. Porque nem a moça ha de ser estatua, nem dia brete. Todas as cousas té seu meyo Não me contentão nada hũas fermosuras mortas q̃ vejo, nem outras tam viuas, que parece que estão acenando aos homens. Tu filha antre estes dous extremos (como te sempre digo) toma hum meyo para que não erres. *Cam.* Assim com hi ha essas, assim tambem auerã alguns doudos a que bem pareçam. *Cor.* Bem disseste doudos, & mais no tempo de agora. Perdoe Deos a teu pay, que me dizia muitas vezes q̃ o principal dote, que o vencera acasar comigo fora meu siso, & recolhimento. *Cam.* Segundo nos Bristo diz, dessa mesma opiniam he Lionardo. *Cor.* Se qui fesse ora Deos chegalo a isto, antes que tu morresse. *Cam.* Eu espero que seja mui cedo, porque assim o sinto nelle, & Bristo mo affirma. *Cor.* Faça Deos ho que for seu seruiço, elle te honre, & te ampare, pois a fortuna te desemparou. E tu filha isso lhe pide em tuas orações a elle so toma por teu casamenteiro, & ao Bemauenturado Sam Nicolao pay das orfãs desemparadas. *Cam.* muyto folguey com aquella deuaçam que nos ensinaram. *Cor.* Diz que por ella fez ja muitos milagres rezaa tu com muyta deuação. *Cam.* Assim o faço. *Cor.* Por der radeiro filha de cima vem tudo. Quem per si té Deos tem todo bem, & toda a riqueza. Parece me que vejo vir Bristo, là no fundo da rua pera ca vem. Grisca vay-lhe abrir aquella porta.

ACTO. III. SCENA. II.

Bristo soz.

Agorã me não queixo de minhas infortunas, pois se mudão todas em boas venturas. Bem se disse, que ninguém julgue a tarde pela manhã. Oje me vi em tantas trementuras que me dei por morto, agora estou tão seguro, que não hei medo a fortuna. Foy a casa de Annibal metilhe em cabeça, que tinha cõcertado com Camilia, que esta noite o iria ver, fica tam doudo que ey medo que perca o liso, ainda que elle pouco tem q perder, mal pecado. A Camilia, que lhe eu ei de levar, à de ser hũa moça de minha confraria, que lhe hà de fazer crer que he ella. O coitado nunca a vio bem, mais perdido anda pela fama, que pelos seus olhos. E eu esta mesma noite a hei de deitar na cama com Lionardo, que assi o concertamos. Montaluam com lhe perdoar o furto, fica tam contente que me prometeo de me ajudar em tudo. Mas eu nam me hey de ter as suas costas. Ia tenho minhas contas feitas, porque nam sei tambem que fim teram estas danças. Alexandre per hũa parte, Roberto per outra nam me haõ de poupar a vida, a verdade he roubar, & fogir. Voume a casa de Cornelia, que tardo muito. Oulã aberta estã sempre esta porta, parece que me conhece.

N

ACTO

COMEDIA DE

ACTO. III.

SCENA. III.

Pilarte.

Alexandre.

NAM pode ser mor deastre no mundo. *Alex.* São coufas que as vezes acontecem, *Pil.* Teu pay veria enfiado. *Alex.* Tomoume, fechoume nũa camara sem querer, que minha mãy la entrasse, & descobriome ho negocio de como o achara com Bristo, & o que lhe ou uira. *Pil.* Hum perdido, que pelas ruas vai fameando seus segredos sem se precatar, de qué o pode ouuir. *Alex.* Rogoume, ameaçoume, & conjuroume, & que lhe dissesse a verdade sob pena de sua bençam. Não pude alfazer, disselhe o que sabia. *Pil.* Hey medo que lhe ficasse de ti algũa sospcita. *Alex.* De que elle não ouvio a Bristo coufa, que me perjudicasse. Eu tambem disse lhe quanto sempre trabalhara có Lionardo de o desuiar de seu erro. *Pil.* Agora he em casa de Roberto. *Alex.* Pera lá creo eu que elle hia. *Pil.* Pois que determinas? *Alex.* Mas tu que me aconselhas. *Pil.* Bofé Alexandre farias bem de tomar meu concelho. Bristo enganouos. Camilia nam te conhece, Lionarúo dao por casado, tu nam tens remedio. Meu parecer era que pois se Deos quis lembrar de ty sejas em conhecimento desta merce tamanha, & ponhas diante dos olhos a vergonha de Lionardo, & a ira de seu pay. *Alex.* Bem vejo tudo isto

So, mãs quẽ farey que o amor me nam deixã. *Pil.* Se tẽ nam deixa que o deixes tu. Em quanto te eu vi remedio ajudeite, sabe Deos com que vontade, agora que o nam ha que queres que faça? *Alex.* Oh Pilarte meu amigo, nam sabes onde chega entregar a affeiçam, quem a sempre teue liure. *Pil.* Tambem eu ja quis bem, & fay namorado. E por ventura perdi mais em meus amores do que tu ganhauas nos teus. Deume Deos estamago, & siso pera esquecer tudo. Ora nam o esqueceras tũ pois tanto te releua. *Alex.* Oh Camilia, oh minha Camilia? *Pil.* Alexandre peçote por amor de Deos, & pelo que deues a tua honra, & ao amor que te teu pay tem, que te nam percas, que nam descubras de ti ao Mundo o que te agora estã encuberto, pois nisso nam ganhas mais, que infamia com os homens, perda tua, & aborrecimento com teu pay. *Alex.* Prouera a Deos que me fauorecera a fortuna que eu posera o rosto a todos esses encontros. *Pil.* Não te lembra quam feo te parecia o erro de Lionardo, quantas vezes lho reprehendias? *Alex.* Entam trazia eu ainda os olhos cegos. *Pil.* E agora os trazes claros. *Alex.* Entam nam tinha eu ainda visto aquelles olhos de Camilia, que me abriram os meus. *Pil.* Oh coytado de mi, que farey a este moço? hey doo delle, hey doo de mi, hey doo de seu pay, & de sua honra. *Alex.* Oh Lionardo bemaumentado, pois pera ty soo se guardou hum bem tamanho.

COMEDIA DE

Pil. Oh Lionardo malauçerado, pois nasceste para des-
 honrar a ty, & teus parentes. Dizeme por tua vida, que
 ganhauas com hũa rapariga, pobre, orfam, seguida de
 quantos perdidos hã na terra? que hũa hora per outra
 auia de lançar mão de hũa esmolla pera seu mantimen-
 to, as custas do q̃ Deos sabe? *Alex.* Nam me digas isso,
 que todo o mundo diz bem della, Todos a tem por fer-
 mosa, por virtuosa, & por boa filha. *Pil.* Digo que se ja
 assi. Todas essas qualidades tem tua irmã. E se lhe teu
 pay nam dera bom dote, naõ concertara Roberto o ca-
 samento de seu filho. *Alex.* Arrenego destes dotes q̃ as
 vezes sam dores. *Pil.* Arrenego destes amores que sem-
 pre sam dores. *Alex.* Que melhor dote quero eu, q̃
 amor & contentamento? *Pil.* Como isso he ainda de
 moço? E não sabes tu, que os mal casados sam os namo-
 rados? quem se vence por appetite, aos dous dias se en-
 fada, quem casa por razão, este he o que ganha. Mas
 vos outros manos meus nam tendes conta com mais, q̃
 com elhinhos, & com geitinhos, que a primeira noyte
 aborrecem. Entã presta muito arrepedir de seus. *Alex.*
 Oh que meu pay nam me quer tam pouco bem, que se
 nam amansara logo. *Pil.* Ant's te digo que nam dura-
 ra mais que em quanto o nam soubera. Bem sabes, que
 hum nojo mata mais que hũa peçonha. *Alex.* Como
 se isto fosse couso, que se nuneavio no mundo. *Pil.* Não
 te vez per hi. Não ha peccado taõ nouo que se nam fi-
 zesse ja, mas por isso nam deixa de ser mais graue.

Alex.

Al. Antes o costume faz estes erros menores. *Pil.* Enganaste que perhi se veyo destruir o mundo. *Alex.* De maneira que por força me qres tirar, doque eu tanto gosto? *Pil.* Deita tu todas as contas, veràs o que achas, Roberto nam ha de querer ver seu filho, velo fora de casa perdido, desemparrado, amãy carpida, a reuolta no pouo, que o hão de praguejar de madraço, paruo, q se foy emburilhar com hũa moça sem pay. Iã me entendes? Entam que cuidas. Toda sua perda ha de ser teu proueito, que o pay por o mais magoar, hate de querer dar quanto tem com sua filha. A teu pay não falece rà genro. Se quiseres ter siso, aproueitarte has, se nam não sei q te mais diga. *Alex.* Por taõ certo tens tu ser Lionardo ja casado. *Pil.* E tu nam o vez? Apostote que ou o he ja, ou que não escape doje. *Alex.* Pois hei de sofrer eu, que hum fanchono se va assi rindo de mi. *Pil.* Rindo, ou como? Espero eu de lhe fazer amargar os bocados, que comeo a nossa custa, & quãtos passos perdidos dei apos elle, ainda que dos quatro cruzados hũ so lhe dei. Os mais tenho aqui pera o que tu quiseres. *Alex.* Quem me desse tomalo em parte onde me vingasse da esperança falsa, em que tẽ qui me trouue. *Pil.* Deixame tu a mi, que eu lhe correrei a çapateta, nam ha couil, que nam saiba, pois arrenegaria de seu pay, & da senhora sua mãy, se com esta me escapasse. *Alex.* Por tua vida armemos lhe hũa silada. *Pil.* Velhaco mari nello, engana mininos. *Alex.* E homens podes dizer.

COMEDIA DE

Pil. Que ã mil dias que me traz apos sy quebrando calçadas. Eu prometo que o pagues a onzena. *Alex.* Que he este que quã vem correndo? Santa Maria, Lionardo he. Pressa vai là, vamonos, nam nos tope aqui. *Pil.* Bom final he este do que te disse. Em fim conselho de amigo val hum Reyao.

ACTO. III.

SCENA. III.

Lionardo so.

COMO a rapaz, como a moço, ja eram à som grande pera arrepeões. Enuiuase a mi aos cabellos, pois arrepegaria eu do paruo velho, se me oje não fizesse a vontade. Mandoo eu raiuar, que Camilia hà de ser minha mulher; & outra nam. Camilia lhe hà de erdar sua fazenda; & por derradeiro heilhe de dar dez coufes sobre a coua. Ah pefar de mi co velho repetena do, ouuerame de matar se me nam acolhera. Se eu acho Alexandre em descuberto, eu lhe perguntarei, onde se costuma fazer tamanha treição aos amigos. Bem me dizia a mi Bristo que me não fiasse delle rapaz, tredor, & falso, eu viuirei comigo daqui por diante, & algué me guera à medo.

ACTO. III.

SCENA. V.

*Roberto.**Calidonio.**Pilarre.*

Ah

A Hcãm de mi, que se me foi, que a vida lhe ouuera de tirar. *Cal.* Roberto tem sifo, olha o que fazes. *Rob.* Hum filho do diabo, que nunca o eu fiz nem Deos mo deu. *Cal.* Socega ora não te entregues tanto a yrã. *Rob.* Oh Calidonio, porque me não deixavas, viras ho exemplo que daua aos pays, & aos filhos. *Cal.* Não cuy dei que eras tã arrebatado. Deixa a furia pera teus imigos. *Rob.* Não tenho eu agora outro mayor neste mundo, magoado estou, porque me fogio. *Cal.* Quam perigosa cousa he amor, & colera. *Rob.* pois nam me ha de escapar onde quer que estiuer. Tudo hei de correr, e de buscar, & essas mas que mo enganaram, eu as porey por terra. *Cal.* Antes de me a ora, te as de arrepender do que tens feito. *Rob.* Fizer ao eu, & arrependerame. *Cal.* Fizeste mal de nam tomares meu concelho. Se tomaras esse moço por bem, & com hũa reprehensam de pay mansamente, & por bons meyos nam pode ser que sua vergonha, & teus bons concelhos nam poderam com elle mais, que seu appetite, & alsí por ventura se remedeara o negocio. *Rob.* Que remedio pode hauer em cousa tam perdida. *Cal.* Quanta ja agora pouca lhe vejo eu. Do que ate qui fez lhe dou culpa, do que mais fizer, tu a tens. *Rob.* Como eu viua enganado cuidando que tinha filho, & que tinha herdeiro, & elle tornouse me imigo, & solapadamente me roubaua quanto tinha pera putas, & Alcoiteiros.

COMEDIA DE

Pil. Não deixarei de ir espreitar o que se quâ passa em casa de Roberto por quanto ha no mundo. *Alexandre* fezhe Deos bem, que tomou meu conselho. Temos ordenado de tomarmos este fanchono as mãos, heyo de seguir todalas noites por estas ruas ate que algũa acerte. *Rob.* Malaventurado he o homem, que deseja filhos quanto dera eu agora pelos nam ter, pois em minha vi lhice auia de auer tanto nojo de hum so, que me deram meus peccados. *Cal.* Roberto não te agastes. A paixam nunca remedeou nada. Por derradeiro a ty fazes mal, a elle nenhum bem. *Pil.* Grão reuolta vai quâ. *Rob.* Ná me faria ora Deos tamanha merce, que là por onde vai topasse a morte com elle. *Cal.* Guardeo Deos, isso has de dizer. *Rob.* Sy, o filho que nega o sangue de seu pay & o deshonra pera que he viuo. *Pil.* Se Alexandre isto ouuira. *Rob.* Nam se engane elle comigo, que eu nam sam como outros paruos, que esmorecem logo de nojo. Agora me hei de curar, ede poupar, & gastar quanto tenho em leuar muito boa vida. *Pil.* Em seu siso está o velho, mas tudo aquillo sam feros. *Cal.* Farastu ja muy bem, & esse he meu conselho, quanto mais que ainda o mal pode ter remedio, se lhe logo acudirmos. *Rob.* O que eu daqui mais sinto he a vergonha do mundo, & a conta em qme tu podes ter, vendome errar em casa hũa besta fera, mas em emmenda disso, chama qua Alexandre teu filho com que te Deos fez tam bemaueturado, & darlhehey minha filha, & toda minha fazenda

da. *Pil.* Vede ora se me enganaua eu muyto. Tudo aquillo he nossa perda. *Cal.* Nam cuides tu Roberto, q̄ por meu interesse queira eu prejudicar ateu filho. *Rob.* Nam lhe chames meu filho, que nam o he, nem nunca o foy. *Cal.* O concerto que temos feito (se tu quiseres) ira por diante com tanto que se elle enmende, que eu nam creio que estè ja casado. E quãdo nam reparte tua fazenda com tua filha, & deixalhe seu quinhã, porque depois te nam arrependas. *Pil.* Nam ouuis nosso amo? como he amigo de seu proueito? Em fim faz bem, aq̄l la he a verdade. *Rob.* Folgara agora de ter hum Reyno para to dar todo. *Cal.* Estàs apaixonado, espera q̄ se te abaxe a colera, & conformarteas com a razã. *Rob.* Digo que des daqui pera todo sempre o engeito de filho & o hey por desherdado de toda minha fazenda ate a valia do mais pequeno ceutil. E se sua mãy naõ fizer outro tanto, nam ha de viuer em meu poder dous dias. *Pil.* Ainda achara quem a agasalhe, danado esta ovelho. *Rob.* E entre tanto porque me nam esqueça, quero me ir ao corregedor dar hũa querella dessas boas senhoras, que mo enganarã, & fazeres esfolar este Alconueteiro viuo, que se anda aqui criando hã custa de minha fazenda. *Cal.* Não hade amansar oje. Vou me apos elle, nam faça algũa doudice. *Pil.* Nunca vi velho tam quente do miolo, parece me se topara o filho, que o comera aos dentes. Se Calidonio ora foubesse o perigo em que o seu andou. Por derradeiro a verdade de viuer liure,
& não

COMEDIA DE

& nam estar foyeito a estas miserias. Eu não sei se mē engano, mas para mi tenho q̄ jaque homem nasce para caminhar por esta estrada trabalhosa, he bem mal aconselhado em tomar as costas outra carga alem da sua. Sam tam comprados, & tam amargados hūs meyos gostos de hum bem casado, que quando ja chegam não se gostam. Que fará os dos mal casados? Tornome a Alexandre, que ficou esperando por mi.

ACTO. III. SCENA. VI.

*Pinerfo.**Pilarte.*

NA M crerei isto ate q̄ o não veja, & quando o vir, hei de crer que he pela arte do diabo. Hū moça, muito virtuosa, muito fermosa, filha de hum homem muito honrado (segundo dizem) à de ter hū maricelo poder de a enfeitiçar assi. *Pil.* Vieste Pinerfo sepre por esta rua direita? *Pin.* Sy. porque o perguntas. *Pil.* Não sey se conheces o filho de meu Senhor. *Pin.* Quē, Alexãdre? *Pil.* Esse mesmo. Viſteo por ventura ficar passeando là encima na primeira traueſſa a mam direita. *Pin.* Nam atentei por isso, que leuo ocuidado em outra parte. *Pil.* Não seram amores. *Pin.* Mas amores de Cea. Saber me has dizer onde acharei mea duzia de perdizes. *Pil.* pera oje, *Pin.* pera esta noite. *Pil.* Como, ha là oje festa e casa. *Pin.* Mal o sabes ainda. Ves aqui hum cruzado q̄ se me deu somete pera caça. *Pil.* Serão algūs ospedes. *Pin.* Ou
ospe-

os pèdes, ou os padas, auemos nos oje de tẽr (como dizẽ) bona xira. *Pil.* Teu senhor foi sempre grande homẽ de feros, & de banquetes. Se te enculcar o q̃ buscas, nam partiras contigo? *Pin.* E mais darte hei bom ganho, q̃ a mi não me tomão conta. *Pil.* Ora vaite por aqui abaixo, no fundo da rua em virando pera a mão esq̃rda esta hũa traueffa estreita. Toma per ella acima, viràs dar nũ beco onde se faz hũ terreirinho. *Pin.* Bẽ te entendo. *Pil.* Na derradeira casa do canto, q̃ tem hũa grande pedra a porta, poufa hũa mulher gorda, q̃ chamã a Braua dal cunha. Esta te darã toda a caça q̃ quiseres. *Pin.* Deos te auie sempre q̃ assi me auiaſte agora. Pois sabes quanto vai niſto. Que me prometerão hũ veſtido ſe as trouxeſſe. *Pil.* Não me diras q̃ gente he eſſa? *Pin.* pera q̃ te hey de negar a verdade? leaa eſta noite, Briſto, a meu amo hũa moça por quẽ anda perdido a mil annos. *Pil.* Quẽ por tua vida. *Pin.* Quem eu não creio, nem tu creras. *Pil.* Por vida de quem mo dizẽ. *Pin.* Não to ey de dizer ate que a nam veja em caſa. *Pil.* Etodo eſte gaſto he pera ella. *Pin.* Iſto he o menos tem banquete pera hum Principe. *Pil.* E a que oras te parece, que vira. *Pin.* Bem tarde, quando ja todos jouverem. *Pil.* Ora não te quero deter que ſe faz noyte, *Pin.* Ficate embora. *Pil.* Como o diabo ſabe bem ordenar as couſas de proueito. Pareceos q̃ podera eu topar cõ eſte em outro melhor tempo, neceſſario he, que vigemos, eſta noite, porque nos nam eſcape Briſto.

COMEDIA DE

ACTO. III. SCENA. VII.

Briso. Licisca. Alexandre, Pilarte. Annibal. Monsalvão.

NA M de balde dizem, enfeitai o ceppo. Se te agora visses, espantartehias. *Licif* Se eu tambem pareço como me os vestidos armaõ, por tua vida que fuja mos *Bris.* Eu que te conheço, te estou estranhando. *Licif.* Estes fazem as ricas fermosas, que nam seus olhos bellos. *Bris.* Dizes verdade mana, mocinhas conheço eu, que com o terço disto as teriam por Anjos. *Licif.* Não cuidava eu, que Camilia era taõ galante. *Bris.* Pois não he isto nada. Se a viras agora da maneira que a eu deixey com Lionardo, parecerate hũa Princesa. *Licif.* Espanto me eu, que o dinheiro nam he tam basto. *Bris.* Estes vestidos foram da mãy quando era moça. Quando morreo o pay polos nella. *Licif.* Quanto eu nunca avi senão muyto honesta. *Bris.* Así o foy ella, & así se tratou sempre desque o pay he na India, & depois com o dõ ficou nesse costume. Mas digote eu, que o que ella tem em vestidos, quisera eu pera hum par de annos. *Licif.* Foy muyto em todas suas necessidades nam os venderem. *Bris.* Nunca falta a merce de Deos, agora fica em poder de quem a manterà com muyta honra. *Licif.* Sy, mas o pay? *Bris.* Nunca essas polejas durão ate a morte. A moça he tal, he tão bem estreada que farà delles ho que

que quises. *Lic.* E em casa da máy se fez o casamento?
Bris. Agora embora. Não se lhe entende a ella tão pou-
 co. Como lhe eu levei as novas, foyse logo com a filha
 a casa de hũa sua parenta, & ali a vestio, & enfeitou, &
 per ante tres testamunhas muito honradas se recebe-
 ram. *Lic.* Deixeos Deos lograr por muitos annos. *Bris.*
 Não lhe ajas tu inuja por esta noite. *Lic.* Bole se estes
 vestidos foraõ meus, que me não trocara por ella. *Bris.*
 Apertate muito esse colete? *Lic.* Muito bom vem. Faz
 me os peitos mais pequenos. *Bris.* Grande acerto foi te
 res os cabellos louros. *Lic.* Ainda eu nam trocarey os
 meus cabellos, nem os meus olhos pelos de Camilia, né
 doutra mais pintada que ella. *Bris.* Nam digas isso Li-
 cisca, tem aquella moça hús olhos de Anjo. Pois se lhe
 visses a garganta, & os peitos, aysi molher como es, não
 te poderias ter, que lhos nam comesses. *Lic.* O que me
 a mi mais contenta della, he a cintura, que me vai esta
 sua cota quebrando os quadris. *Bris.* Sete là agastares
 muyto, tudo he largar hum colchete. *Lic.* Ainda me ná
 conheces, ja eu fuy mais gorda do que agora faõ, & pe-
 ra contrafazer hũa minina de onze annos, fuy vestida
 nos seus vestidos. *Bris.* Eu por isso te busquei, mas ago-
 ra vorey pera quanto es. *Lic.* Nam he esta a primeira?
Bris. Ey medo que te peys muyto de te conhecerem.
Lic. Antes essa he grande ajuda. Cuidará que o faço de
 medrosa, ou de pejado. *Bris.* Pois no que te tu has de fã
 dar, mais he na vergonha. Teus olhos no cham, & de
 quan-

quando em quando polos nelle com geitinho namorã do, & em elle vindo cos seus tornalos a abaixar muyto vergonhosa. *Lic.* Não sei se te disse ja hũa manha que tenho, que tu verias em poucas. *Bris.* Que janda? *Lic.* No bulir de hũa pestana me torno tam corada como hum lacre. *Bris.* Como fazes isso. *Lic.* Com reter hum pouco o folego, & embridar assi a barba sobre o peito. *Bris.* Ainda eu essa mestria nam sabia. *Lic.* Pois pera chorar não tenho necessidade que me espanquê. *Bris.* Quem me desse estar espreitando como te negauas. *Lic.* Porque. *Bris.* Porque ao longe pareceras melhor. *Lic.* Antes me a mi dizem, que ao perto sam mais fermosa. *Bris.* Enganaste. *Lic.* Por vida minha *Bris*to, que ainda oje mo jurou hum homem. *Bris.* Se te differa ha verdade nam o creras, esse seria de hūs em cujo reyno correm sempre palauras por moeda. Nunca te fies des ses enganos, mas sabes tu o que tens? hum assento nesse rosto, que quando estas sezuda, pareces hũa condessa. *Lic.* Muitos me differam ja isso. Ora vamos que he tarde. *Bris.* Que pressa tens da cea, boa noite faz. Deos seja com nosco, concerta bem esse rebuffo, nam te caya. *Lic.* Vamos pelo mais escuso. *Alex.* Se nos sentiram em casa. *Pil.* Não, segundo me parece. *Alex.* Daremos por aqui hũa reuolta, que a noite he escura, & azada pera desastres. *Lic.* Vamos per quã, que sinto laa vir gente. *Bris.* Pegate a mi que eute leuarei por lugar seguro. *Pil.* Escuta assi. *Alex.* Que he isso. *Bris.* Estas sam as

próprias horas, como ha de estar quã o coitado aluorã
 çado. *Pil.* Que me maté se aquelle não he Bristo. *Alex.*
 Tardamos muito. Não são estas as suas oras. *Pil.* Antes
 nenhũas outras. Ven me por aqui conheceloemos. *Lic.*
 Apos nos vem não sei quem. *Bris.* Quem he, passe em-
 bora. Não vai aqui quem deua nada a justiça. *Alex.* Ah
 dum fancho, puto, feiteiro, que a mi deues tu a vi-
 da. *Bris.* Iesu seja comigo. Homem q̃ mal te fiz. *Pil.* Tu
 não falles, nem boquejes, se queres poupar a vida. *Bris.*
 Ah que del Rey. *Alex.* Azado te parecia eu pera zomba-
 res de mi. *Lic.* Justiça, justiça, ah que da justiça. *Alex.*
 Não tenhas de ver com brados, dalhe, nam ho poupes.
Bris. Ay, Ay. *Alex.* Tapalhe essa boca afogão. *Bris.* Que
 me matam. *Alex.* Pagaras por mi, & por outros, *Pil.* Va-
 monos que acode gente. *Alex.* Quem me dera tomar a-
 quella puta que vay gritando. *Pil.* Casoume ovelhaeo,
 mas mais casado fica elle. Estas lhe lembraram por hũs
 dias. *Bris.* Vilinhos desta rua, que me ouvis: sede me re-
 temunhas, como indo por aqui a estas oras, sem pao, &
 sem pedra, em paz, & em saluo, saltarão comigo aquel-
 les dous homẽs, que aly vam, que eu bem conheço, &
 me espancarão, & ferirão, sem lhes eu fazer mal nenhũ.
Ann. Nã me enganava eu, aquelle he Bristo. *Ann.* Quẽ
 aia de cuidar, q̃tã perto da tua porta se atreueffe nin-
 guẽ a tãto. *Bris.* Velhaeos, ladrões, vadios, q̃ não tẽ ou-
 tro officio senão andar cuidando de dia o q̃ há de fazer
 de noite. *Ann.* Abaixa essa chuça. Cêrcaos per lo, nã vos
 fujaõ.

Bris.

COMEDIA DE

Bris. Todo me romperão, todo me pisarão, nem hum
 so osso me deixarão sam no corpo. *Mon.* Ah pesar de
 meu pay, que tua mansidam he causa desta deshonra.
Bris. Licisca? Hoy por mi se se me foi Licisca. Acolheo
 se, ja estoutra he peor, coitado que farei agora. *Ann.*
 Bristo que cousa he esta? quacs são os rapazes que indo
 tu pera minha casa oularam de te afrontar. *Bris.* Ay Se
 nhor, não sey como me achas viuo. *Ann.* Dizemo, não
 chores, antes que os innocétes paguem pelos culpados.
Bris. Nam sei quem sam, nem por onde foram. Vindo
 por aqui, tam seguro, como quem nam tem feito cou-
 sa per que se tema, saltaram comigo, fizeramme tal
 qual me achas. *Mon.* Agora os nam culpo pois se sou-
 beram guardar de ty. Parece que de là lhes mereste
 medo. *Ann.* Vinha mais alguem contigo. *Bris.* Vinha
 quem tu sabes, *Mon.* Maluado. Mas quem eu sey. *Bris.*
 E com a revolta perdi o tento della. Não sei pera on-
 de foy que isto sinto ja mais que minha mofina. *Mon.*
 Delicado seyto. *Ann.* Oh mundo, oh fortuna? Tama-
 nha injuria se fez nunca a nenhum homem. *Bris.* Pare-
 come a my, que a senti ir gritando là pera baixo. Ia po-
 de ser, que icia ter a tua casa. *Mon.* Nunca o Diabo a là
 leue, ficará a cea por nossa. *An.* Porque nam foy isto
 de dia que mor diluio ouuera de fazer, que o de Rho-
 des. Montaluam, onde te foste? *Mon.* Vite tam brauo,
 que te ouue medo. *An.* Agora te dou licença pera toda
 las cruzas. *Mon.* Que presta pois nam ha em que se

fação. *Ann.* Daqui faço voto solenne de nenhū homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho ja que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu tos descubrirei. *Ann.* Nunca o diabo armou tamanho de fastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V.

SCENA. I.

*Pindaro pay.**Arnolfo filho.*

Quem auera agora aqui q̃ nos conheço, ou quem se nã espátará de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me crici, lououres a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua mãy, & irmãa, que assi estarão ora aqui tristes de separa das, cubertas de dõ de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos são passados, assi nossos como seus, agora virã o descanso, & o contetamento. *Pin.* Assi são as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemaumentado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo pois des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vos outros me desterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as foidades de minha mulher, de minha fi

P

lha

COMEDIA DE

ilha, & de minha casa me fizerã bráco ante tépo, q̄ os trã
balhos todos os lâ té, & os passã. *Arn.* Seria bõ senhor q̄
tiuessemos algũ meo cõ q̄ ellas soubellé nossavinda an
tes q̄ nos vissem, por q̄ hũ prazer tão supito, & tã pouco
esperado, as vezes le cõuerte em nojo. *Pin.* Dizes muito
bê, & eu así o trazia cuidado, mas onde iremos buscar
quẽ nos conheça. *Arn.* Aqui perto me lêbra a mi, q̄ soia
morar hũa minha tia q̄ me conuidaua sêpre quãdo ya
a sua casa. *Pin.* Artusa prima de tua mãy muy virtuosa
pessoa, se ella he viua, não ferã seu contentamento pou
co. Mas muyto estimara eu saber onde minha molher
pousa, & ir mola espreitãr pera ver aquelle desemparo
virtuoso com q̄ viuẽ. *Arn.* Não queiras ver tamanha
piedade, bê sabes ja o q̄ de cã te escreuiã os amigos. *Pin.*
Oh minha molher, minha amiga, q̄ agora sinto eu vos
sas saudades mais que nunca, quãdo certe he q̄ de todos
esses ninguem a conhece ja. *Arn.* Acho muitas nouida
des nesta terra, cujas serão estas casas grandes q̄ tan bê
parecõ. *Pin.* Não te espantes, em pouco tépo faz o tépo
muitas mudãças. Os q̄ aqui deixaste mininos, velos hã
homẽs, os mancebos velhos, os velhos soterrados, q̄ esta
he a nossa roda por õde andamos. Conheces por vétu
ra este velho, q̄ ca vem? lêbrate delle! *Arn.* Nã. *Pin.* Se
gundo me dà o ar, este he Calidonio, q̄ eu deixei mãce
do, casado de pouco. *Arn.* Pode ser q̄ te nom conheça
elle logo. *Pin.* Não sei a amisade nõ era tã pouca para
he tu não lêbrar, mas cõ tudo este he q̄ eu o conheço.

ACTO. V. SCENA. II.

Calidonio. Pindaro. Arnolfo.

C Amanhos defarrájos causa a ira, & a pertinacia. Vêdes Roberto agora cõ o filho perdido, q̃ nem o acha nem nouas delle. Foi felhe a manécoria entrou a saudade nelle de maneira q̃ se não leuantou oje, a mulher meca morta, medo ey, que lhe custé caro seus ferros. *Pin.* Como passa per-nos o tépo. Espantado estou de ver este homem tão branco, *Cal.* Eu, porque ouue dõ delles. gastei toda esta manhã com Alexandre em lho buscar moscada hum por sua parte. Tenho pera mi, que se acolheo com a moça, porque as poufadas estão fechadas & não ha na visinhança quẽ nos saiba dar nouas delles, *Arn.* Falemos lhe, que elle nos guiarã. *Pin.* Deixay o chegar que pera cá vé. *Cal.* A moça ainda oje soube, q̃ era filha de Pindaro nosso cidadão, que morreo na India muito bom homẽ, & meu amigo. Mas q̃ presta, pois nõ té nada, & se criou sempre em poder da mãi, não sei de qual delles he pera auer mor dor. *Pin.* De quanta gẽte por aqui passa, ainda ninguem conheci senão estes. *Cal.* Todo o homem prudente hà de por diante dos olhos o que pode acontecer. Que remedio tiuera eu agora pera recobrar a filha, & ha fazenda, se ambas juntamente tiuera entregues? Quantas cautelas se requerem para a vida deste mundo. Que homens sam estes que qua vem? parecem estrangeiros.

COMEDIA DE

Pin. Eide ver se me conhece. Deos te salue senhor hórá do. *Cal.* Assim o faça a ti também. Eu vi ja esse homẽ se me não engano. *Pin.* Nã es tu Calidonio filho de Alexãdre q̃ foi muito tẽpo guarda mor destã cidade. *Cal.* Si, q̃ he o q̃ mandas? *Pin.* Bẽ me parecia a mi, q̃ te conhecia. Folgo de te ver lououres a Deos viuo, e saõ, posto q̃ muito mudado do q̃ te deixei. *Cal.* Dõde me conheces. *Pin.* da qui. *Cal.* Estou enleado cõtigo, pareceme tambem q̃ te vi ja, não me lembra aonde. *Pin.* Não he muito, que o tempo, & a idade, te fação desconhecermẽ, mas ja aqui viui algũs dias. *Cal.* Por certo q̃ me tẽs cõfuso, & muito mais em te ouir isso. *Pin.* Saber meãz dizer onde poufa aqui hũa mulher viuua chamada Cornelia. *Cal.* Santa Maria q̃ assi me aluoraçaste. Se seu marido fora viuo, eu jurara q̃ eras elle. *Pin.* Assim o podes jurar sã pecado. *Cal.* Como. Tu es Pindaro. *Pin.* Eu, não te bẽfas, q̃ viuo venho lououres a Deos. *Cal.* Tu es Pindaro nosso cidadão, q̃ dous annos a q̃ temos por morto. *Pin.* Eu Calidonio saõ teu amigo Pindaro, q̃ nosso Senhor trouue a esta terra milagrosamente. *Cal.* Nã o posso crer. *Pin.* Este he Arnolfo meu filho, q̃ daqui leui e idade de sete annos. *Cal.* Ora verdadeiramẽte tu es. Ainda agora te conheci. Nã deixarei de te abraçar ainda q̃ não q̃iras. Pareceme q̃ sonho isto. *Pin.* Sobẽ Deos camanhos dezejos trazia de ver a ti, & a todos meus amigos. *Cal.* Tãbẽ ey de abraçar teu filho. Bẽzate Deos filho, q̃ assi vês feito homẽ. *Arn.* Nessa cõta me podester pera tudo o q̃ mãdas. *Cal.*

Cal. Oh senhor Deos quamanhos são teus mysterios? Se foubesses ora meu amigo Pindaro quanto folgo có a tua vinda espantarte hias. *Pin.* Eu to creio certamente & to mereço pela boa vótade que te sempre tiue. *Cal.* Ora bem, que milagre foy este tamanho, que assi me tem palmado. *Pin.* São cousas de nosso Senhor. Passa de dous annos, & vay em tres que partimos da India. Deu a tormenta com nosco por nossos pecados, lançounos em terras estranhas, onde ouueramos de perder as vidas, & as fazendas. *Cal.* Assi vos tiue mos nos quã a todos por perdidos. *Pin.* Fez nos Deos depois tamanha merce, que nos troue a este Reyno, saõs, & saluos, & nam com muyta perda, segundo foram os desastres. *Cal.* Elle seja louuado pera sempre. Eu não te quero perguntar como vens, pois te vejo viuo. *Pin.* Bem sey eu que te nam pelara nada de meu bem, que he louuores a Deos mais do que mereci. *Cal.* Tu tens muyta rezam de vites dezejoso de ver tua molher, & filha, & ellas muyto mais de te verem. Mas porque as nam espantes vente a minha casa descansaràs, & farlho haõ saber. *Pin.* Deos te aguar de ça esse amor, & gafalhado. Eu trabalharei, que o não percas. *Cal.* Espantame teu filho que o meu Alexandre nam he mais moço que elle, & vem (benzaõ Deos) que parece seu pay. *Arn.* São trabalhos senhor do mar, & de terras estranhas. *Cal.* Por certo, que nestes quifera eu antes ver criado meu filho, q̄ nos mimos de sua mãy. *Pesame* não estar agora aqui

COMEDIA DE

perã ir logo visitar Cornelia. Mas eis aqui vê Pilarte,
irmoha chamar.

ACTO. V.

SCENA. III.

Pil. Agora me vê a mi cor de rir do defastre de Bri
sto. Quem me dera saber o que mais passou.
Cal. Pilarte. *Pil.* Qué me chama. *Cal.* Vem cá. *Pil.* Nos-
so amo he, quem saó os outros. *Cal.* Vaite a casa de Ro-
berto muito correndo, chamame Alexandre, que là hà
de estar. *Pin.* He esse Roberto nosso amigo antigo, cõ
que nos criamos todos. *Cal.* Esse que não folgarã ora
pouco cõ tua vinda. *Pin.* Agora deuo mais a Deos pois
ainda acho viuos os meus amigos. *Cal.* Ora vamos
daqui, que não queria que te ninguem conhecesse pri-
meiro, q̃ tua molher. *Pil.* Não me lembra q̃ visse nũca
aquelles homês, nem creio que Alexãdre os conhecerã.
Pin. que pressa he essa. *Pil.* o Pinerfo. *Pin.* Onde vaz. *Pil.*
A hũ negocio, mas primeiro eide saber de ti, que era a
q̃lla dama dõtê. *Pin.* Dao diabo. Todo o gasto foi per-
dido. *Pil.* como alsi. *Pin.* Trazêdo a Bristo cõfigo (o q̃ eu
nã posso acabar de crer) saltarão cõ elle hũs bargãtes, q̃
lha tomarã, e o espãcarã. *Pil.* por tua vida. *Pin.* Quiznos
Deos bem toda a cea foy nossa. Annibal andou toda a
noyte correndo a cidade feito mouro, arrenegado do
mar, & da terra. O fanchono foise por hy alé, não sabe
mos parte delle por õle eu sospito, q̃ tudo foi mêtira.
Pil. Muyto me contas. Mas toda via quem era a senho-

ra? *Pin.* Hũa moça muyto fermosa filha de hũa viuua muyto honrada que aqui mora, *Pil.* Como se chama? *Pin.* Camilia. *Pil.* Que me dizes? *Pin.* Mas eu nam o crerei em que mo pregue dom Paulo. *Pil.* Ay, Ay. *Pin.* Que hã? *Pil.* Que graça tamanha. *Pin.* De que te ris? *Pil.* Deixame rir por tua vida. *Pin.* Que he isso? *Pil.* Ay que me afogo. *Pin.* Zombas, ou que fazes. *Pil.* Agora me nam quero espantar de nada pois esse fanchoo te ue poder pera tanto. *Pin.* Em que? *Pil.* Em que? em roubar teu amo tegora, & per derradeiro zombar delle tam publicamente. *Pin.* Sempre eu isso pera mi tiue. *Pil.* Pois nam sabes como passa? Essa moça desdoutem esta casada com Lionardo filho de Roberto. *Pin.* Isso he certo. *Pil.* Dartehia o pay boa aluiçara, & não fosse assi. *Pin.* Como o sabes. *Pil.* Basta affirmarto eu, o coyta do do velho jaz em cama pera morrer de nojo. *Pin.* Como pode ser. Que nos fomos esta noite, & oje pela manhã a casa della, & achamola fechada. *Pil.* Como se sustas, querias que estiuessẽ hi aguardando o impeto de Roberto, & os terremotos, & brauuras de teu amo. Forãose a casa de hũa parenta sua, que ainda agora o soube de hũa pessoa de casa, q̃ mo disse em segredo. *Pin.* Quẽ me dizia a mi, q̃ tudo o deste Marinello crão bulras, o ladroices. Digote eu, se o meu amo sabe, q̃ à mil ter cachorrinhos. Mas eu nã heide deixar delbo dizer, & hade ser logo, porq̃ te nã detenha. *Pil.* Fazes bẽ, q̃ eu vou depressa. Mas eis ca vé Alexãdre q̃ me tirará della.

COMEDIA DE

ACTO. V. SCENA. III.

Alexandre. Pilarte.

PER derradeiro o mor bem deste mundo he cumprir homem seus desejos. *Pil.* Junto daquillo está que mor bem he não dezejar se não o que he licito. Oh Alexandre t'raffeme de hum trabalho, agora ya eu em tua busca. *Alex.* Para que? *Pil.* Vem a casa sabelohas. *Alex.* Que negocios seram esses? *Pil.* Chegaram agora a teu pay hús hospedes, que eu não conheço, quer (parece) que te veção. *Alex.* Sabes novas de Lionardo. *Pil.* Sey. *Alex.* Que taes? *Pil.* Que esta com sua mulher. *Alex.* Com Camilia? *Pil.* Com Camilia. *Alex.* Quê que res que lhe nam aja inueja. *Pil.* Ainda lhe a este ficaram fezes. Si, se o casamento tora so por estes tres dias. *Alex.* Oo que val mais húa ora de contentamento q mil annos de desgosto. *Pil.* Hy veras tu quanta merce te Deos fez que queres que faça o coitado com a mulher & sogra as costas escornado do pay, & dos parentes de que asha de manter onde o ha de ir buscar? que vida ha de ter? Tu nam deitas estas contas? *Alex.* Deos que os ajuntou lhes darà com que viuam. *Pil.* Espera tu por esses milagres. *Alex.* O caso he, eu mais quifera agora ser Lionardo com todas as paixões de seu pay, que Alexandre com os mimos do meu. *Pil.* Olha o que fallas

não

nãam te colha Deos em soberba. Dã aodemo esse amor cego que te cega, abre os olhos, conhece teu bem. Naõ te lembre Lionardo, nem Camilia, senãam para aueres doo delles, que tu veras este gostosinho de appetite cõuertido em lagrimas de arrependimento. Deixaos estar embora, que no suor de seus rostos viuirãõ. Vamos que tardamos muito. *Alex.* Tu ves aquelle doudo, como vem enfiado. *Pil.* Por vida tua que lhe fujamos, que vem danado, contarteey de que, & consolartehas.

ACTO. V

SCENA. V.

*Annibal.**Montaluão.*

TAmanha injurie com o esta hei de sofrer eu Moñ taluão? Antes morte. Seria isso paciencia de cornudo. Se nam faço coufas que soem em todo o mundo. *Mon.* Pasmado estou de hum fanchono se atreuer contigo tanto, nam o posso crer. *Ann.* Venite por aqui, que me naõ ha de escapar no ceo, nem na terra. *Mon.* Nem ao inferno. *Ann.* Onde o achar, hi o he y de deixar posto num pao a vista de todos. *Mon.* Outrem te tem a ty mor culpa. *Ann.* Quem? *Mon.* Quem se casou com ella. *Ann.* E quando cuidas tu, que hã de durar este casamento? *Mon.* Ia elle pera minha condiçãõ dura muyto. *Ann.* Dame tu que o possa eu logo achar. *Mon.* Descubriloha o diabo. Se elle sabe o que te tem feito, como
que-

COMEDIA DE

queres que pareça? *Ann.* Todolos diabos m'ê engañã-
 ram, & me trouuerão a esta terra, que sendo em toda-
 las outras honrado, amado, & temido de grandes, & de
 pequenos aqui me vejo de todos desprezado, & abati-
 do. *Mon.* Bem te dizia eu, que tudo vai no foro, em q̃
 se os homês poem. *Ann.* A la fê, sy. *Mon.* Se tu aqui en-
 traras com soga, & cutelo, como fazias em outras par-
 tes, ninguem te leuantara os olhos. *Ann.* Dizes verdade
 eu tenho a culpa. *Mon.* As vezes he necessaria a colera
 & necessario seguila. *Ann.* Não, eu virarei a folha, & e-
 mendarei o passado. *Mon.* No presente temos nos bê
 que fazer, & ey medo que não façamos nada. *Ann.* Co-
 mo, nada, quando os não achasse queimar l'hebia as ca-
 sas, & a fazenda. *Mon.* que l'he fizeras por tua vida, se o
 aqui tiueras. *Ann.* A quem? o Bristo. *Mon.* Nam falo
 nesse. Vergonha tua seria çujares as mãos nelle, deixao
 pera as minhas. Mas a Lionardo digo. *Ann.* Esse rapaz
 & a rapariga, porque nam soube conhecer o bem que
 l'he Deos fazia hum ao outro, os ouuera defazer comer
 aos dentes. *Mon.* E se elles não quiseram. *Ann.* Come-
 raos eu cos meus. *Mon.* Ambos. *Ann.* E ficara ainda fa-
 minto. *Mon.* Boa sepultura l'hes dauas. Mas hey medo
 arrebentasses. *Ann.* Riste, & gracejas. Bom tempo he
 este pera graças. Deixaas para quando eu estiuer gra-
 cioso. *Mon.* Isto nam sam graças, mas raiuas, que eu te-
 nho de tua deshonra que mais a sinto do que cuydas.
 E pera saberes se he asi, faze o que te differ. *Ann.* Que-
Mon.

Mon. Parece-me que te dou bom conselho. *Ann.* Espri-
 tasse ora Deos em ty. *Mon.* Se te parecer bem, figueo.
 Se nam recebe a vontade. *Ann.* Dize. *Mon.* Este mo-
 ço em quanto souber que es viuo escusado he buscar-
 molo. *Ann.* Assim me parece. *Mon.* Senam se te elle não
 teme. *Ann.* Auante. *Mon.* Dissimulemos com o nego-
 cio. *Ann.* De q̄ maneira. *Mon.* Eu to direi, fazete mor-
 to, & quando virmos, bom tem tempo resurgiras pera
 lhe dares a morte. *Ann.* E como se fará isso. *Mon.* Muy-
 to bem. Vaite à tua comenda. *Ann.* Ouço. *Mon.* Viste-
 me de dō *Ann.* Entendo. *Mon.* E eu virei qua pregoar
 as nouas. *Ann.* Deixame cuydar hum pouco: *Mon.* Es-
 te he o melhor remedio que vejo. O tempo, & o ne-
 gocio nam sofrem outro. *Ann.* Sy. Mas minha tenção
 era nam prolongar a vingança, que mo nam sofre o
 estamago. *Mon.* E eu por encurtar to digo. Que te pa-
 rece? Assentas nisto. *Ann.* Que hey de fazer, pois nam
 tenho outro remedio? *Mon.* Que farey? Quanto Bri-
 sto da manham por diante, onde quer que o vires, ben-
 zete delle. *Ann.* Mas rogote que mo tragas per an-
 te my, porque gostarey muyto de o ver morrer. *Mon.*
 Ora vayte pera casa dissimula fortemente, & deyx-
 me com o cargo. *Ann.* Se me isto fazes, heyte de fa-
 zer meu herdeyro.

Mon.

COMEDIA DE

Mentaluão.

VEde se he isto cousa para fazer arreventar de riso os homés, & as pedras. Não sei como pude dissimular tanto. Nunca tal graça aconteceu no mundo. Eu por hũa parte hey do deste coytado, que nam seja mais que pelo pam que lhe como. Doutra parte quando o vejo tam doudo, que quereis que faça? Folgo de o atizar pera o ver birrento, ainda que as vezes he muyto perigoso, mas nunca o eu vi tam aceso como hoje. Des que lhe Pinerfo foy com aquellas nouas, coufas disse em casa que se não pode crer. Senam pegaramos delle, sahia ja como hum doudo com a espada nua pera matar quantos achasse por essas ruas sem lhe lembrar vida, nem honra, quis Deus que o desuicy disse, agora com este meu conselho amançou mais. Não vedes que graça? Que o que lhe eu dizia zombando, meteo selhe na cabeça, que me dà a mi? Per derradeiro tudo me cae em casa, escusarei brigas, & perigos, darey com elle nessa sua comenda entregarmehey do que puder, & yrei ganhar minha vida. Quem terra muda, muda ventura. Calejado vou que farte, nam ha mal que possa comige, & quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum Principe, que he o melhor officio que se agora vfa. Mas à mister mais sifo que todos. E elles cuidam que anda em doudos. Vede

vos qual he mais douçice? Que festa he esta que eu ouço? Que novidade he esta? se endoudecco este com as pancadas? Ia hey de saber o que he.

ACTO. V.

SCENA vltima.

*Bris.**Montaluam.*

NAM se espante ninguem de me ver tam doudo, que o dia he de prazer, & de festa. *Mon.* Este vos digo eu que viue, todo o mais he vento. *Bris.* Quamãhos sam os milagres de Deos, que em hum momento a tristeza de muitos tempos muda em alegria, a pobreza em riqueza, a fortuna em prosperidade. *Mon.* Etuas lagrimas em riso. *Bris.* Não aja ninguem que se nam alegre comigo. Alegrauios todos, folgay, festejay, nam se veja oje senão alegria, & festa. *Mon.* Bristo que cousa he esta? donde veo agora o adufe. *Bris.* O Montaluão quanto folgo de te achar. *Mon.* Mais folgara Annibal de achar a ty. Mas a que Sancto vay isto? *Bris.* A hum Sancto que me liurara das mãos deste diabo. Ia passou o tempo que eu morria de seus medos. *Mon.* E porque nam agora? *Bris.* Porque ja tenho por mi na terra senhor, pay, & defensor. De que me ves tu tam alegre. *Mon.* Hum anno ha que to pergunto. *Bris.* Pois sabe, que Pindaro pay de Camilia, q̄ todos tinhamos por morto, chegou agora viuo, & saõ.

Mon.

Mon. Am? *Bris.* E seu filho consigo muito rico ambos, & muyto prosperos. *Mon.* Zombas. *Bris.* Eu tos mostrarei logo. *Mon.* Marauilhas me contas. *Bris.* A nossa Camilia que estava casada com Lionardo, esta agora muyto contente, & muyto rica. *Mon.* Pasmado estou do q me dizes. *Bris.* Am i q o sei, & q os vi me parece so nho estãdo nos oje muito escondidos, e casa de Artusa, foy ter com nosco Alexandre com estas boas nouas. *Mon.* Iesu, estas molheres ficariaõ mortas. *Bris.* Assim ho não poderaõ crer logo, mas desque o creião, cairão no chão taes, que as dauamos por defuntas. *Mon.* Nunca tamanho prazer aconteceo no mundo. *Bris.* Forãose logo là meas doudas. *Mon.* Onde. *Bris.* A casa de Calidonio, que os agasalhou. Antes que se dahi partissem, se fizerão amisades com Roberto que estava pera morrer de nojo. E pera que o prazer coubesse a todos, ordenarãose casamentos de Alexandre com a irmã de Lionardo, & ha irmã de Alexandre, com Arnolfo filha de Pindaro. *Mon.* Não sei que diga a isso saõ coufas de Deos. *Bris.* He agora la o prazer, & o aluoroço assi nos velhos, como nos moços, que não ha quem não folgue de os ver a todos. *Mon.* Coitado de Annibal, elle he o que leua o mal todo. *Bris.* Se tu agora quiseres minha amisade saberàs quam boa te serã se pre. *Mon.* Quem queres tu que a não tenha contigo pois hes taõ ditoso, que tudo te fahe bem. *Bris.* Ajudan donos hum do outro e te seguro, que antes de hum

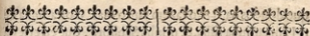
anno sejañnos Reys nesta terra. *Mon.* Digo que satti
 muy contente. Mas he necessario que cumpra com An
 nibal, que està de caminho pera a sua contenda, como
 o là puser, logo sam contigo *Bris.* Sabe elle ja parte do
 casamento? *Mon.* Està hum here je sem ley, & sem al-
 ma. *Bris.* Metia se lhe em cabeça que auia eu de deshoar-
 rar tão boa filha, & a que Deos tinha tanto bem guar-
 dado. Ensinarse ha pera outras. *Mon.* Doute quanto te
 nho que os diabos do inferno senão atreuerão atanto.
Bris. Se quiseses ter quinhã nas vodas detente hum
 par de dias. *Mon.* Quando se fazem. *Bris.* Logo este Do-
 mingo. *Mon.* Pera la me guardo. *Bris.* Ora vay conso-
 lar teu amo, que eu ando festejando este bom dia.

Valete, & plaudite.

Fim da Comedia de Bristo.



COME-



COMEDIA DO C I O S O .

Feyta pello Douctor Antonio Ferreira.

PESSOAS DA COMEDIA.

Bromia.	Velha.
Iulio.	Marido de Liuia.
Liuvia.	Sua molher.
Ardelio.	Pagem.
Ianeto.	Pagem.
Clareta.	Mocço de casa.
Cesar.	Velho pay de Liuvia.
Bernardo.	Mancebo Portuguez.
Ostauio.	Mancebo Venezcano.
Faufina.	Cortezam.
Porcia.	Matrona mãe de liuia
Valerio.	Velho Venezcano.
Inacio.	Velho Portuguez.

Entra logo Bromia velha seo, & diz.

AY, ay, homem que taes justicas faz, leu como não
entende a justiça nos ciosos, como nos doudos,
Q que

COMEDIA D O

que doudos ha, q̄ não fazem tanto mal. Coitadinha de ti Liuvia minha filha, & minha Senhora, que eu cricy a estes peitos, pois que pera tão mas fadas te criaua, não ouuera de auer amor no mūdo, se do amor, como elles dizem, vem a tanto mal, mas quanteu não sei como pode ser, nascer de amor obras de odio, & de crueza. Estes negros calamentos quem os acertara, bõ pay, mao pay, o mao pay, malauenturado casar, q̄ estimasse mais o dinheiro, que tua filha, que podias tu esperar de hum doudo criado sem pay, em tauernas, & em frascarias, mal ajão as suas riquezas, & os seus tratos pois que tam mal nos tratarã. Que prestam as riquezas sem homẽ, que não seja melhor o homem sem ellas. Este ter, este nam ter faz desfazer os calamentos, que as virtudes, & os vicios auiam de fazer, & desfazer. Quantas vezes ou ui dizer a minha mãy, que Deos perdoc. Filha no tempo que o ouro valer mais que as pessoas, metete numa coua, & eu assi ho fizera se podera acabar comigo de deixar soo Liuvia, mas nam posso, cricya. Determino morrer com ella, que segundo a coua vai, não tardarã muito, q̄ se não passa dia, nem noite, q̄o deastrado não estire a coutadinha no chão sem folego tal que parece que nam fica ja pera outras. Entam nam lhe ha de escapar ninguem em casa, que nam sinta a sua ira.

*Miscer Iulio cioso.**Bromia.*

Veremos quem pode mais, se hey eu de viuer com
vosco, se vos comigo. *Brom.* Heilo vem coutada,
cansou na molher, & virà descansar em mim, *Iul.* Que
he desta boa velha. *Brom.* Que me queres. *Iul.* Que
boa guarda? que boa ama? *Brom.* Ay Iulio. *Iul.* De
quem me eu confio sobre quem eu deixo minha hon-
ra muyto segura. *Brom.* Que te fiz, coyhada de mi.
Iul. Nada, zombo. *Brom.* Que te fiz que te fiz. *Iul.*
Faço isto por meu passatempo. *Brom.* Taes passa-
tempo te de Deos nesta idade, se a ella chegares,
mas que nunca o elle queira. *Iul.* Ah pesar de mim,
nam hey eu de viuer. *Brom.* Viues mais do que merce-
ces. *Iul.* Nam hey eu de ter casa como os outros.
Brom. Se tu como elles, cuja culpa. *Iul.* Nam terey
eu hũa molher como as outras. *Brom.* Nam tera ella
como os outros. *Iul.* Quem tem vergonha, & medo
de seus maridos. *Brom.* Que a tratão com amor, &
honra. *Iul.* Que relmugas tu estando. *Brom.* que tal
marido lhe fosses tu, como te ella he molher. *Iul.* Tal
molher me fosse ella, qual lhe eu sou marido. *Brom.*
Assi a mercestu. *Iul.* que he isso? *Brom.* que lhe
achas, de que ta queixas, porque a matas, & a mi
com ella. *Iul.* Parece que sam pao ou pedra. *Brom.*
Mas es peor que pao, & pedra.

COMEDIA DO

Iul. Assim zombarão do que eu faço, assim fazem o que eu mando. *Brom.* Ay Iulio quanto deves a Lívia, & quam malho agradeças, *Iul.* Voume de casa, deixas as janellas fechadas as frestas tapadas, as portas que se nam abirão, requireiro, rogo, mando, & ameaço, que se não bula com ellas até que eu torne que aproueita. *Brom.* Vedes ali todos seus males. *Iul.* Torno acho logo finais, as janellas mal juntas que parece que então as acabaraão de cerrar as frestas que entra o sol por ellas a vótade. *Brom.* Auemos de viuer sempre em trevas? *Iul. Sy, Brom.* Porque *Iul.* Porque eu quero. *Brom.* basta. *Iul.* Não sam eu ho Rey nesta casa, não guardarão as leis que eu ponho? *Brom.* E as outras assim viuem. *Iul.* As boas viuem assim. *Brom.* Como te enganas. *Iul.* Os sedudos assim o fazem, *Brom.* E pera que fez Deos o dia. *Iul.* Pera os homens. *Brom.* E não pera as mulheres. *Iul.* Não, em sua casa bastelhe hũa candea que não nacerã para negociar fora. *Brom.* Essas leis lhe pusestes vos outros, que mulheres ha no mundo que governam seus maridos. *Iul.* Desses nam quero en fer, & isso he o que trabalho. *Brom.* E se a tu deixas fechada num antre solho, escuro, & sem fresta, & sem janella que te te mes das janellas. *Iul.* Oh velha paruoã, que nam basta para o mundo a virtude secreta, mas não auer sospeita de maldade. *Brom.* De quantas janellas tu ves abertas por essas ruas, de todas tu sospeitas mal? *Iul.* De todas. *Brom.* E das mulheres hóradas que vão, ou vêm das Igrejas, & de visitações de suas amigas?

Iul.

Iul. Destas mãis à duuida? *Brom.* Que Iuiz de virtudes.
Iul. A quem dão mais licença do que couê, mais quer
do que he bem, & seus maridos que lhe essa treladam
bem lho merecem. *Brom.* Isso fazia teu pay. *Iul.* Não ti
nha elle molher a que fosse necessario mais guarda, q̃
sua vontade. *Brom.* Não tens tu molher, de que ella, &
todas as outras não possão aprender muita honra, &
muyta virtude, & honestidade. *Iul.* Bé o mostra. *Brom.*
Ainda mais dissimular tuas corolas, sofrer tão duro ca
tiueiro sem se aqueixar a Deos nem ao mundo. *Iul.* Ná
faça porque? *Brom.* Que hum coração de pedra. *Iul.*
Nam se aqueixara. *Brom.* Não poderá com tanto. *Iul.*
Molher q̃ a cinte quer infamar seu marido. *Brom.* Tu
infamas a ti, & a ella, *Iul.* Não hei eu de ouvir falar em
cornudos, sem me vir cor ao rosto. *Brom.* Maos dias, &
negros, & poucos sejam os teus, & que culpa te tem el
la nisso. *Iul.* Quero andar com meu rosto muyto seguro,
& muyto confiado, & nam me deixam. *Brom.* Qué
te nam deixa. *Iul.* Meus peccados que me foraõ catiuar
tão miseramente. *Brom.* Delles te vinga, ou de ti pois
te caaste. *Iul.* Ora nom mais, nam sei se esperas que fa
ça meus esconjuros, como faço cada vez que sayo des
tas casas, *Brom.* Dos quaes tens bem pouca necessidade
Iul. Mas pera que? eu tornarei então. *Brom.* Tornar
queiras, & não possas. *Iul.* Lembroume agora que se
me escusou aquella senhora com a visitaçã de sua mãy
digo que nam quero que pay nem mãy, nem irman,

COMEDIA D O

nem parênte, nem visinho, nem amigo, nem âmiga, tãe compadre, nem comadre, nem Rey, nem Raynha, nem q̄ venhão do paraiso entrem nesta casa. *Brom.* Ma ora venhão a casa do diabo. *Iul.* A boa ventura, q̄ te venha bater a porta não quero q̄ lhe abras. *Brom.* Dessa estas tu seguro, eu to prometo que primeiro botaras a ma ventura fora. *Iul.* Não digão depois veio foão, mādou foão, forão a casa de foão. *Brom.* Agora quero eu estar a razão contigo, não queres ter prestança, nem visinhãça, como se costuma autre gente. *Iul.* Nam. *Brom.* Não vŕaras do empreŕtimo pera que o aches? *Iul.* Naõ, não. *Brom.* Se nesta casa for necessario fogo, ou agoa, ou outra couŕa, ou a vierem pedir de fora, não queres. *Iul.* Nã digo que nam quero esse fogo, & se em casa o houuer, matao logo, porque nam aja razam de ovirem buscar. A agoa digam que fugio, pineira, joeira, gral, caldeira, & tudo mais q̄ as importunas vesinhas soem pedir, dizelhe que o não ha hi, & que vierão os ladrões, & que o leuaram. *Brom.* E quem me crerà a isso. *Iul.* Se to não cre ré que se enforquem, q̄ não, quero q̄ em minha casa entre ninguem sendo eu fora. Ah pesar de meu pay, nam me valerà a mi isto. *Brom.* Mas direi, & apregoarey q̄ he esta casa escomungada, & que nam comuniquem com ella. *Iul.* Dize que he escomungada, & que morré de peste nella. Dize, que andam nella todos os diabos, ou que està encantada, de maneira que quem nella entra sem minha licença logo morre. *Brom.* Mas depois
de

de tua morte eu te prometo, que elles o aguardem. *Iul.* Que dizes? *Brom.* Que te não aqueixes do comer que a chares, pois sem agoa, & sem fogo o queres. *Iul.* Contentamento queria eu. *Brom.* Bem creio eu que vens tu de là bem farto de banquetes, & a coytadinha de Livia não se farta de lagrimas. *Iul.* Desque ella for de tua ida de pode ser que então saira qua pera fora. *Brom.* Bom geito leua de chegar là, & mais com tal esperança. *Iul.* Mor bem lhe quero eu de q̄ tu cuydas. *Brom.* As obras o dizem. *Iul.* Ora eu vou. *Brom.* Em ora, q̄ nũca tornes.

Recolhefe. Fica Iulio soo.

OH com que trabalhos fayo desta casa, o corpo anda pelas ruas, a alma quã fica espreitando as janellas, o porque hei mor inueja aos Reys, & Principes, por que sam tam bemaenturados, que vem os homẽs aos negocios, & passatempõs buscalos a suas casas. Se me nam fora por fazer costumes novos fechara estas portas, aquellas janellas mandarãhe deitar hũas traueffas. Mas antre tantos paruos de força he q̄ o seja. Não guar darei eu meu thesouro, & minha hõra, & minha fama, rimse, & não vem os cegos quanta differença vay da molher a bolsa, morrem sobre hũ pouco de ouro q̄ se acha por esse cham, cauamna, & escondem no, & vigiã no, & temno em reliquias, & nẽ elles mesmos o tocaõ. E a molher, q̄ he o seu verdadeiro thesouro deixãono,

COMEDIA DO

desprezãõ, & offerecemno aos ladrões, chamã a hũ destes confiado, & hum homem que he de espirito, que estima sua mulher, que he perdido por ella, & como de pouco experimentados no mundo vos vem ha vos outros paruos estes enganos, quem anda, quem ouue, quem vê por tetras estranhas, fará o que eu faço. Oh q̃ boa mestra he a experiencia, por isso dizia o outro bê que mais proueito recebião os sesudos dos paruos, q̃ os paruos dos sesudos, os paruos me ensinaram, & não acho hum sô, que queira aprender de mi. Deixai viuer estes confiados, eu quero me confiar de mi, & dos meus olhos, que não he ainda segura confiança, mas não ha outra. Minha mulher desde que foy comigo a porta da Igreja, não sairá, senam pera a coua, quando eu primeiro morrer, & ella for tam ditosa, entam leuará boa vida, os meus filhos creerei que são meus, os alheos suas mãys o-saibam. E não parece senam que quãto me mais guardo, entam a cinte vejo mais continuar por esta rua galantes, namorados, ociosos, mas caras, intenções, arroydos de noyte, afouios, brados, musicas, & por estoutras todas não. Onde estará o fumo sem fogo, onde estarão os olhos que se encubram, mas a mi me parece certo melhor os de Faustina, se fosse eu em tam boa ora, que os viffe, mas que presta, que des que casey, todas me fogem, todas me querem mal. Oh em que trabalho se metem os homês, lembramta de que manei-
ra ficam estas portas.

Vayse Iulio. Entra Bromia, & Liuia.

IA la vay o caseiro, bem podeis sair. *Liu.* Ay minha mãe, minha amiga que vida he esta? que catiuero he este? quem me matou? quem me catiuou? quem me leuou a terra de mouros? *Brom.* Senhora não choreis que vos ouviram. *Liu.* Que nam chore, & isso me mandas tu. *Brom.* Que presta coitada de mi, pera que he chorar o que com lagrimas se nam pode remediar. *Liu.* Desabaço com ellas, abre me essas portas, que me quero yr gritando por toda a visinhança como hũa douda. *Brom.* Passo por amor de Deos, passo que te ouviram. *Liu.* Ouça, vejame, acudame todo o mundo. *Brom.* Liuia, filho. *Liu.* Quero ir as ruas, & as praças, clamar, & bradar pedir justiça de mi, & de meu pay, & de quem me mata. *Brom.* E de ty, de que? *Liu.* Porque fuy tam mã, & tão paruoã, que por obedecer a meu pay, deixey de me casar com Bernardo, que me leuaua pera Portugal, sem querer de mi mais que minha pessoa. *Brom.* Não te arrependas que melhor he a mã vida na natureza, que ha boa na alhea. *Liu.* E a isto chamas tu vida? *Brom.* Nunca ouuiste filha, que melhor he a maa mocidade que a boa velhice. *Liu.* Velhice, mateme Deos antes que daqui me bula. *Brom.* Guardete Deos de minha filha. *Liu.* Oh minha mocidade tam mal empregada. Oh meus cabellos douro tam maltratados. *Brom.* Liuia. *Liu.* Oh

minha

COMEDIA DO

minha Bromia, minha velha que me criaste quão bem
 to pago *Brom.* Liúia filha, *Liu.* Oh meu pay que me vé
 deste, & nam me casaste cruel, que em tal catiueiro me
 meteste. Senhora nam te mates, nam te aqueixes do q̃
 Deos faz, que quando te nam precatares sera contigo.
Liu. Bernardo, Bernardo, como te mereço isto. *Brom.*
 Engañaste com estes Portugueles. *Liu.* Este ao menos
 nam me engana. *Brom.* Ia ouui dizer, que sabiam me-
 lhor fingir hũas lagrimas, que nos mesmas. *Liu.* Nos
 seus olhos via eu como as lançaua, & elles me falluam
 a verdade, & elles me prometeram o pera que eu nam
 fuy. *Brom.* E quem tolhia, que não tiueras la a mesma
 vida sem máy, que te dera outras chaues falsas pera teu
 folego. *Liu.* De quem me tamanho bem queria não se
 podia esperar isso. *Brom.* Quanto elle mayor he, dizê
 elles, que mores estremos faz que estes. *Liu.* Quem diz
 isso? *Brom.* Teu marido que do muito amor que te tem
 diz que vem guardarte tanto. *Liu.* Tal o tenham, & mo-
 strê por onde quer que for, praza a Deos. *Brom.* Tu es-
 tas aqui, & nam sabes o que vay pelo mundo, não deue
 de ser elle so, ja ouui cõtar doutros, & doutras. *Liu.* Boa
 consolação me das. *Brom.* A quẽ tem os males se cura fi-
 lha não se da outra, *Liu.* Por isso eu não posso ter paciẽ-
 cia coitada de mi, moça parua enganada, onde podera
 cu ir que não viuera, ou nã morrera. *Brom.* Coitada de
 tua máy que tantas lagrimas lhe tem as tuas custadas q̃
 sempre refusou este negro casamento. *Liu.* Conhecia
 este

este diabo, conheciao. *Brom.* Parece q̄ sinto bater a porta. *Lia.* Ay, ve se he elle que ja tardaua. *Brom.* Fuge que elle he. *Lia.* Vem me fechar Bromia antes que lhe abras oh morte que vida he esta.

Sae se Linia, & entra Iulia.

Iul. **B**romia. *Brom.* Que mandas. *Iul.* Se aqui vier hã mancebo esquerdo Espanhol, ou recado seu, digãolhe que não posso aqui. *Brom.* Afadigado vem. *Iul.* Ouues. *Brom.* Como posso eu negar o que se pode saber da visinhança. *Iul.* Tens razaõ, dizelhe q̄ são fora. *Brom.* Da cidade. *Iul.* Mas que me mandou chamar ho Duque, isto he mais verisimil, ouues, em chegando me mandou chamar. *Brom.* Que medos seram estes. *Iul.* Eu irmeeci a casa de Alberto, irei jugar este anel que le naua para Faustina. *Brom.* Irtea la buscar. *Iul.* Va se quiser, ou lbe dize, q̄ costume la tardar muyto. *Brom.* Que torne a tarde. *Iul.* Não, maa pascoa tenhas, não quero, que me ache aqui, nem em outra parte. *Brom.* Temese. E se aqui quiser esperar. *Iul.* Como esperar, onde ha de esperar. *Brom.* Por essa rua publica que lho tolhe. *Iul.* Mã velha, tu estãs bebada, dize q̄ não espere q̄ não quero. *Brom.* H; ilhe de dizer que te não espere, que nam queres. *Iul.* Não digo assi, hame de deter ate que o outro venha. *Brom.* Pois que dizes. *Iul.* A ti digo eu q̄ não quero que me espere, nem que qua entre, nem que somente falle cortigo.

Brom.

COMEDIA DO

Brom. Como lho tolherei eu. *Iul.* Tolhelhe logo a prática, & dize nam he aqui, & fecha logo a janella. *Brom.* E se tu nam queres que falle comigo, como hey eu de fallar com elle. *Iul.* Nunca vi velha tam pernóstica, cui do que o faz a cinte, se lhe poderes deixar de falar, não lhe falles. *Brom.* Iesus, que esconder de ladrões he este, se dizes mais. *Iul.* Nam ha nem sei se perguntara mais. *Brom.* Se algo deues a justiça ella te descubra. *Iul.* Pare ceuos que me veo bom aluitre mancebo desposto, lustroso, gentil homem, Espanhol, & creio ainda que Portuguez, leuayo a vossa casa, mostrayo a vossa molher, agasalhayo de noyte, & de dia. O bom de Benedito o q̄ costumeo em Genoa, cuida que sam eu obrigado a fazer qua: se elle he liberal de sua molher eu saõ muito escasso da minha, encomendeme elle outras cousas de boa amifade, achar me a.

*Sae se Iulio. Entra Ardelio, & Ianoto mocor,
Bromia Ama.*

NAM ha tal homem no mundo, hum Alexandre, a molher he pera ser senhora de Genoa, fermosa, reuerenda, liberal, prazenteira. *Isn.* Agora te creio, por que nestas cousas a molher he o principal. *Ar.d.* Que mais nos agasalhaua com seu rosto, que com iguarias, & mimos. *Isn.* O homem queria eu na praça, & a molher em casa. *Ar.d.* E tambem he ja costumada a banquetes, Benedito como digo, he grosso, & largo, nam
passa

passa dias em tres quatro homens. *Ian.* Que taes quei-
xadas trazes. *Ard.* Pois digote que enmagreci na nao.
Ian. De que mal se te enxerga. *Ard.* Assim de ensoado, co-
mo de huas sertas sandades q̄ la ficção. *Ian.* De que está
bem fora de aster de ty. *Ard.* Mas as alheas sinto eu
mais que as minhas. *Ian.* Avia de aver hum espelho pu-
blico, onde se os homens vissem. *Ard.* É a que preposi-
to. *Ian.* Por escusar enganos, q̄ estão em o mundo. *Ard.*
É pera que, se cada hum os tem em sua casa, *Ian.* E se ef-
ses nam falam verdade. *Ard.* Da ao diabo esses amo-
res velhos, que sempre reuerdecem. *Ian.* Como assis?
Ard. Via là fermosas, falava cō fermosas, nenhũa acha-
ua q̄ merecesse o nome de fermosa, senão Liuvia. Quan-
do lhe lembra seu pay, que a cinco annos que deyxou
de o ver. *Ian.* Esqueçalhe. *Ard.* É na verdade, posto q̄
aquella terra seja bem abastada de bons olhos, & de bo-
as graças, ja vereis que cousa he Genoa, eu os nam vi ta-
es quaes os ella tem. *Ian.* Tinha, ouueras de dizer. *Ard.*
Porque? *Ian.* porque ja os nam tem. *Ard.* Como nam
tem. *Ian.* Agora sabes que nam vê. *Ard.* Não ve. *Ian.*
Nam vê sol, nem lua, nem terra, nem gente, chamastu
a isto ver. *Ard.* Iesu que foy isso cegou. *Ian.* Arrancou
lhe os olhos seu marido. *Ard.* Arrancoulhos. *Ian.* Diz
que lhe daua com elles ma vida. *Ard.* Tala no mun-
do. *Ian.* Espantame, como es boçal. *Ard.* Ia te entend-
metelme em confusam. *Ian.* Desque a coyitada casou,
anda em ríam por toda a vizinhança. *Ard.* Mofina mo

COMEDIA DO

ça. *Ian.* Marido tá desagastado, q̄ anda cego, chããã aos outros cegos. *Ard.* De maneira que a matarão em vez de a casarem. *Ian.* Mas não lhe fizeraõ ainda tão boa obra. *Ard.* Qué he elle, como se chama? *Ian.* Micer Iulio. *Ard.* Micer Iulio. *Ian.* Sy, *Ard.* Mercador *Ian.* Mercador. *Ard.* Onde mora. *Ian.* Aqui junto de S. Marcos pera onde imos. *Ard.* Ora nom mais entendido he? *Ian.* E porque dizes isso. *Ard.* Sabes tu onde nos hiamos. *Ian.* A casa do teu ospede, me disseste. *Ard.* Sabes qué he. *Ian.* Como o hei eu de saber se mo não dizes. *Ard.* O ospede que nos viñhamos bascar a que te disse q̄ demos a carta de Benedito pera nos agafalhar. *Ian.* Sy. *Ard.* He esse Micer Iulio. *Ian.* Certo. *Ard.* Senão se me tu métes. *Ian.* A q̄ hospede negro viñhamos, & q̄ negro hospede lhe vinha, bom acerto foi o do nosso encontro, parece me que forceis a estalagem. *Ard.* Nos nos espátamos da maneira que se tornou em lendo a carta. *Ian.* Conhecia nos elle. *Ard.* Nos ao menos não o conhecemos. *Ian.* Como se escusou. *Ard.* Não se escusou, nem nos fallou, fez q̄ hia fallar a hum homem, & nos quando nos precatamos, não o vimos. *Ian.* Nem o has de achar. *Ard.* Cuidamos q̄ chegaua a casa dar recado. *Ian.* Diria q̄ o negassem, & fechar seya a mil chaues. *Ard.* Como faz a sua mulher? toda via chegemos lá. *Ian.* A q̄ me parece que he. *Ard.* Sãta Maria, isto he mosteiro, & géte viue aqui. *Ian.* Hũa gente estranha, q̄ não tem nunca oia, não ouuiste ja dizer, q̄ a auia no mūdo. *Ard.* Eu bato. *Brom.* Qué está

esta ahi, *Ard.* Hũ recado ao senhor Micer Iulio. *Brom.*
 Não he ca. *Ard.* Não fae a janella. *Ian.* Nunca se nam
 quando elle là està, & ainda por regra. *Ard.* Chega a ja
 nella quem quer q̄ es? *Brom.* Que mandas? ja te digo, q̄
 não esta ca mandouo chamar o duque. *Ard.* Bromia nã
 me conheces. *Brom.* Ay Ardelio donde vês. *Ard.* ja sey
 tudo, Deos sabe o q̄ perdeu. *Brom.* Teu senhor he vin-
 do. *Ard.* Vindo, mas se tal foubera. *Brom.* Forão pecca-
 dos nossos. Vaite q̄ te não posso mais falar. *Ard.* Tal se
 sofre entre Christãos, & não tomão hũ doudo, & o de-
 gradaõ do mundo fora. *Ian.* Nunca por aqui passa nin-
 guem, q̄ não chore o hũ, & pragueje o outro. *Ard.* Ah
 moças paruaos apetitosas cabecinhas devêto. *Ian.* Que
 culpa tem. *Ard.* Não era meu senhor homẽ pera se ella
 aventurar cõ elle, mais q̄ segurar-se cõ effoutro. *Ian.* Pa-
 recialhe, q̄ escolhia o mais seguro. *Ard.* Mas são molhe-
 res os q̄ as pedê, desprezãonos, & os q̄ a não estimão, pe-
 dê. *Ian.* Creio eu, q̄ forçado foi o negocio. *Ard.* E pay q̄
 tal faz. *Ian.* Bõ homẽ he o pay, mas enganouse como
 outros muitos. *Ard.* Bõ homẽ paruo façale frade, & não
 cae filhas, se seu irmão fora. *Ian.* Mofina foi nisso. *Ard.*
 E não tendo outro filho, nem filha. *Ian.* Cegueiras de-
 ste mundo. *Ard.* Vayte pera casa, dà là estas nouas, que
 así sem comer, nem beber, hei de correr toda a cidade
 ate que o ache, & veja com que se desculpa ao menos
 meteloy em afronta. *Ian.* Faras bem doudinha Clare-
 ta, que pressa que traz.

Sae Ardelio. Entra Claretta.

Clar. Anoto minha rosa. **Ian.** Claretta meu crãuo.
Clar. Ay que venho sem folego. **Ian.** Viste algum Lobo. **Clar.** E peor que lobo. **Ian.** Como vês tão apressa. **Clar.** Deixame descansar oh diabo, oh malauê turado. **Ian.** Quem. **Clar.** Quem me assi cançou, **Ian.** Quem he? **Clar.** Hia la pera casa com hum recado de Faustina, veyo dar comigo aquelle defestrado que desque casou, parece chupado das carouchas. **Ian.** Não me diras quem he? **Clar.** Ay senhor quão desmazelado se torna hum homem casado. **Ian.** Parece-me q zombas? **Clar.** Espera que eu to direi. **Ian.** Porque ho nam dizes? **Clar.** Quem vio aquelle de antes, mancebo galante, gentil homem, polido, penteado, mais enfeitado que hũa dama, como o conheceram agora, çujo, magro, a capa caída, por isso nam casaria, senam com hum Principe. **Ian.** Voume. **Clar.** Vem quã este demo, digo de Iulio importunador de Faustina. **Ian.** Que te fez. **Clar.** Queriam me deter em tanta parola, que lhe fogia, te que se enfadou de me seguir. **Ian.** Que te dizia? **Clar.** Mil juramentos, que saira oje de casa com hum anel de hum rubi muito fino, que trazia no dedo polegar pera lho dar. **Ian.** Como te entendo, quem lho te ltheo. **Clar.** Diz que ella q se escondeo delle. **Ian.** Reque rimentos trazes. **Clar.** Que requerimêtos. **Ian.** Douuos

ão diabo todas, que tantos ardis sabeis. *Clar.* Bem Ianõ
 to, & isso sospeitas tu de Faustina pera Octauio. *Ian.* Ia
 não suspeito senão quanto vejo, perdoeme Deos. *Clar.*
 Nam sabes tu, que o seu amor pera com elle he odio
 cris pera todos os outros. *Ian.* Ao fim o veremos, antes
 quiseira que lhe quiseira mal. *Clar.* Pois cre, que an-
 da aquelle coitado perdido. *Ian.* Deos o encaminhe.
Clar. Por Faustina digo. *Ian.* Foi la. *Clar.* Que pergunta
 tem me defeso, que se lhe não virar o rosto, & cuspir,
 onde quer que o achar que me não ha mais de ter em
 casa. *Ian.* Queres tu, que te crea eu isso. *Clar.* Como es
 mau. *Ian.* Sou tanto teu amigo que o farey por amor
 de ty. *Clar.* Vos outros soys os que desconcertais os es-
 tamagos. *Ian.* Vos outras sois as q̃ os tornais a cõcertar
 muito bẽ. *Clar.* Pois outro anda aqui bebẽdo os ventos
Ian. Senão achares ainda outro, que me mates. *Clar.* Co-
 nheces Raphael patricio mancebo galante, liberal, que
 se defaueyo agora de Laura. *Ian.* O mãquõ. *Clar.* Mor-
 to chorando de noite, & de dia, como minino. *Ian.* E
 Faustina taõ dura, q̃ o não amolentam estas lagrimas.
Clar. Mais chorou, & chora oje em dia aquelle filho do
 mercador biscainho. *Ian.* Finalmente q̃ negociação he
 a tua. *Clar.* Mas ja te digo que nẽ o mesmo duque po-
 dera ter remedio. *Ian.* Acaba, tuõ creyo. *Clar.* Não he
 por ser, parece que a encantou teu amo que nunca tal
 vi, hũa meya ora que o nam ve, nam dura, & a visitar
 o hya agora. *Ian.* E mais. *Clar.* Que mais. *Ian.* Tem ra-

zãẽ dizem, que de rosto a rosto. *Clar.* Sabeis mãis do necessario, *Ian.* Tu vès diante fazer o campo franco. *Clar.* Mas pera que vejas quão mao es, não quero là ir, dizelhe que me achaste no caminho. *Ian.* Tudo isso. *Clar.* Que diz Faustina, que a veja ainda oje. *Ian.* Tem hospedes, nam sey se podera. *Clar.* Não zombes, que em verdade mo disse quasi chorando. *Ian.* Eu tambem lho direy quasi chorando. Nam sey em que isto ha de ir parar, ella se entrega ao inferno, & irse a coroar ha Roma, se ella he a que eu cuydo. *Clar.* Nunca vi moço mais trincado, que este Ianoto, outras ofarião a elle tão xfolhado, que fora se lhe dissera, que prometera a Iulio hũa noite a furto de Octauio. Nam he aquelle anel pera engeitar Faustina, nam sera tam paruoã, mas ella he perdida por estoutro, em tal hora o vio, com taes olhos o olhou, & tal graça lhe achou, q̃ todos os outros acha seyos desayrosos, desengraçados, nam sey quam bem o empregou. Eu por minha parte grangeo o que posso, não pode ser tão cru, q̃ hũas oras pelas outras, nã deixe hũa pessa em casa. Que causas somos tão paruoas, ora roubamos todo mundo, ora nos deixamos roubar. Que velho he este o sogro do outro triste, bofe alsẽ velho, como elle he, antes o eu tomara, que o genro.

Micer Cesar Soõ

Quem

Quem ve este mundo, que se não espanta, & verdadeiramente olhando bem todas as cousas por Deos criadas fazem directamente seu officio natural, senam o homem nos los andamos fora d'elle, ainda a razão entre nos tam cega, ou tam trocada, que a não vemos, ou quando nos parece, que a melhor seguimos, em tam della mais nos desuiamos, não sohia de ser assi sempre o dia derradeiro he pior. Na quelles tempos bem a venturados quando eu naci (q̄ bem se podiam chamar douro) andaua a cousa em lua ordem natural, os moços eram moços, os mancebos mancebos, os velhos, velhos agora tudo ao reues, os moços homens, os mancebos velhos, os velhos sam moços. E quando eu com sesentã annos as costas tam branco, taõ calejado nas voltas deste mundo, & com tanta experiêcia de fortuna me ceguey me enganey, me distrahi, que se pode dizer, senam q̄ andamos desatinados sem olhos, sem iuyzo, ôde cuidei de calar hũa sô filha q̄ tinha, ali a fiz viuua, ôde cuidei de a honrar a deshonrei, onde cuidei de a enriq̄cer, & descãçar a empobreci, & catiuei. O pensamêtos vãos cegueiras deste mundo, que cuida q̄ melhor ve, esse vai cego. Avida que mais certas contas lança, esse cega, esse se engana, esse se perde. **Q**ue te farei minha filha, filha minha, que te farey, filha em que os meus olhos se reuião em que as minhas eãs descançauão, como te tirarey de tamanho catiueiro, pragueja de mi, pide de mi justiça a Deos, que eu te matei velho paruo, não fora melhor q̄

COMEDIA DO

nã m tueras tu mais do que eu pera ti busquei, & cauei
 & ajuntei, entregar juntamente com a fazenda a quem
 destrue a ella, & mata a ty. Não dera eu agora quanto
 tenho, & quãto tinha por te ver liure por não ver os ef
 candalos da visinhança, das justiças q̃ em ti fazem, & os
 brados de tua mãy, & suas lagrimas, & seus arrependi-
 mētos magoados. Oh cobiça quanto podes, né nos das
 descânço neste mundo, nem a gloria no outro, nem sei
 que remedio tenba. Palauras boas, conselhos, amoesta-
 ções enervãõno mais por onde o leuari. Perdoe Deos
 a Micer Iulio. que se elle viuera, ou tu outro foras, ou
 nam viueras, & perdoeme Deos, que me enganei com
 sua amisade, & cõ o nome de seu filho, quiserão meus
 pecados que assi fosse, mas porque soffrerei o que soffro
 porque não vingarei minha honra, & minha filha, nam
 ha qui justiça, não ha qui homēs, tal se ha de consentir,
 voume em sua busca, hey de morrer eu tão magoado
 nam queira Deos, segundo o que achar nelle assi o fa-
 rey. *Iul.* Pera que té virtude esta pedra de criar amor,
 onde o nam ha. Ah molheres, que nunca vos acenam
 que nam romeis, & que me fie eu da minha. *Cf.* Mas
 heylo acola vem, *Iul.* Se me aquella verdade falla, nun-
 ca anel vi melhor empregado. *Cf.* Que pensamen-
 tos seram aquelles, Deos os melhore. *Iul.* Com al-
 uoroço nam quisir a casa de Fabricio, nem o coração
 me daua esse vagar, quis antes vir ver, como recebe-
 ram o hospede, nam sey se chegaria ja.

Cf.

Cef. Vou a elle que outro caminho toma. *Iul.* Dáqui estou seguro, & depois me viroy segurar de toda a casa, mas heis outro de mo, *Cef.* Iulio, Deos te salue. *Iul.* Nam pode homem fogir a fortunas. Deos te salue. *Cef.* Com que rosto, ah meus peccados. *Iul.* Virmeha quebrar a ca beça, como costuma. *Cef.* Rogote Iulio, que me queiras ouvir hum pouco repousadamente. *Iul.* Hum pouco te ouuirei, mas estou de pressa. *Cef.* Sempre te acho com essas pressas. *Iul.* Parece te q he de espirito ocioso. *Cef.* Fosse de tua honra. *Iul.* Bem entras para te ouvir muyto. *Cef.* Que he isso? *Iul.* Nada. Fiquei affigurado, cuy dei que era o meu hospede. *Cef.* Socega, sempre andas como assombrado. *Iul.* Matarmehia se viesse aqui dar comigo. *Cef.* Eu Iulio, como ja muytas vezes te disse. *Iul.* Bastauão as ditas. *Cef.* Por Christão, ainda que mais obrigações não ouuera, era obrigado, como tu a mi, a mostrarte nos teus erros secretos, quanto mais nos publicos, que escandalizam ao mundo sopena de os fazer meus na culpa, & pena. *Iul.* Auante. *Cef.* Ora tendote eu por filho como aquelle, a quem eu por dar minha filha aneguei a todos, como tu sabes. & tendote o amor que te tenho que te parece que deuo fazer. *Iul.* O que fazes auendo porque. *Cef.* Ainda mal, porque tanto porque há, porque os teus olhos andam tam seguros, porque o nam vem. *Iul.* Que ham de ver os meus olhos. *Cef.* O q vem os de todo o mundo. *Iul.* Sempre me vês com hús calos de morte de homens. *Cef.* Mais graues forão teus

erros. *Iul.* Muito grãde bem me queres, euido que mē
 poras na forca. *Ces.* Nã he mais graue matares tua mo-
 lher. *Iul.* Si. *Ces.* Pois, porque a matas tão sem causa. *Iul.*
 Mas porq̃ me dizes isso tã sē causa. *Ces.* Digao a vifinhã
 ça, digãono os que o ouuem, & o que eu vejo. *Iul.* E o q̃
 eu faço das minhas portas a dentro ninguem o ouue,
 nemo sabe, se otua filha nam palra. *Ces.* Folego lhe das
 tu pera isso, se o pensamento lhe poderas tirar, també
 o fizeras. *Iul.* O que tu ves he. *Ces.* Quantas vezes to di-
 xei. *Iul.* Quantas vezes te respondi. *Ces.* Oh Iulio. *Iul.* Oh
 Cesar. *Ces.* Quero dissimular. *Iul.* Sam mais moço que
 ty, entendo muito bem o que cumpre a minha honra,
 & tua. *Ces.* Como o entendes, ou em que? *Iul.* Tu nam
 tens, senãõ pelo que presumes. *Ces.* Eu presumo o que
 vejo. *Iul.* E nãõ pelo que veras adiante. *Ces.* Que hey de
 ver. *Iul.* O sifo, & o reponso, & a honestidade com q̃tua
 filha fairà da forja quando for tempo. *Ces.* E quando se-
 ra esse tempo, se o ja nam for. *Iul.* Quando eu tiuer ra-
 zãm de me fiar della. *Ces.* Se a tu nam tens, ou tiueste a-
 te qui, nãõ me parece que a teras nunca. *Iul.* Se a eu nãõ
 hei de ter melhor do que ate qui teue, nam me parece
 que a teras nunca. *Ces.* Pacie ncia de q̃ casa foi ella, cuja
 filha he, onde se criou pera te tu nãõ honrares muyto
 della em todo o mũdo. *Iul.* Eu nã me deshoro ategora,
 mas seguro me. *Ces.* Como te seguras. *Iul.* Tu es ainda
 daq̃lle bom tempo, quando jugauã as molheres o Aleo-
 napraça. *Ces.* Por isso choro eu. *Iul.* Agora sãõ outros tē-
 pos.

pos *Cef.* Tu os fazes, que sempre os homens honrados hão
 rão muito suas mulheres, & as tratam igualmente. *Iul.*
 E eu que deshonro a minha. *Cef.* No que cuidas que a
 mais honras. *Iul.* De que maneira. *Cef.* Em dares q̄ falar
 della aos ociosos. *Iul.* Como se todos meus trabalhos sã
 leguarlhe a fama cõtra a infamia. *Cef.* Tu veras como
 te enganas, nã queres tu, q̄ dos taes estremos presumã
 grandes cousas. *Iul.* Antes as presumão, que as afirmar.
 Eu nã quero que as presumão, nem menos que as aja
 nã sabes quanto mais pode a opiniã, que a verdade
 & de que ves valerem tanto os rostos magros, & defu-
 mados, & tam pouco as faces lauadas, como Deos man-
 da. *Iul.* E nos andamos ao costume. *Cef.* Se te esse vales
 se no outro mundo, bem dizes. *Iul.* Ora dizeme quem
 doe mais minha hõra a mi, ou a ti. *Cef.* Pode ser q̄ a mi.
Iul. Mais me es tu logo do q̄ me eu sou. *Cef.* E como sã
 & por isso me eu mato, & por isso soffro. *Iul.* Eu louuo-
 res a Deos nã saõ doudo, nẽ paruo, & cõtõtome muyto
 de meu siso. *Cef.* Essa merce nos fez Deos, repart o de
 maneira q̄ cada hũ se cõtenta. *Iul.* Sã pera ensinã todos
 os velhos, e moços, & viuer cõ suas mulheres. *Cef.* Espe-
 ra te ensinã todos os moços a viuer cõ tua moier, bẽ
 nã daras tu mais credito a estas cãs tãto tuas amigas, nã
 te parece q̄ fuy eu mãcebo, & q̄ vi, & andei, & fiz, nã sa-
 bes tu q̄ a amizade de teu pay me obriga ami a estes cõ-
 federamẽtos. *Iul.* Obrigoute ati teu proueito. *Cef.* bẽ se

Iul. Pois porque me enganaste, eu importunete nunca.
Ces. Tu me enganaste, tu me destroiste, tu me roubaste
Iul. E tu agastaste. *Ces.* Não me agasto, q̄se me agastara
 ja estiuera desagastado, mas lembrame q̄tenho a culpa
 & com isso me compoñho. *Iul.* Queres tu Cesar, que
 deixe eu andar tua filha pelas praças, & pelos banquey-
 ros, & que me encerre eu em casa. *Ces.* Que estremos de
 bom fiso. *Iul.* Pois minha molher a pesar de todo o mū-
 do hade viuer a meu modo. *Ces.* Pois eu sou Micer Ce-
 sar, que ainda tenho nome, & vida, & em quāto a tiuer
 minha filha ha de ser outra. *Iul.* Ora nom mais isto vā
 della, a casa iremos. *Ces.* Se he liure, que viua liure, se he
 companheira que não seja escrava, & peor q̄ escrava,
 pera que fez Deos a justiça no mundo se não pera bem
 dos bons, & mal dos maos, *Iul.* Es velho nam tē respon-
 do. *Ces.* Afsi velho se outras forças me nam atalharā as
 minhas, mas estamos na rua. *Iul.* Eu tenho mais poder
 sobre tua filha que ty, & heide fazer della o que quiser
 presa, catiua, metida em ferros. *Ces.* Quebrado he o fiō,
 folgo muito, porque me corria do que passaua, minha
 filha virā para minha casa, antes de oito dias se eu viuo
Iul. isso ganharas tu com todos esses teus ferros, não ey
 eu de tapar a boca a este velho, que nunca me deixa, an-
 do por me honrar, & tirar sua filha de infamia (como
 todo bom, & prudente deue fazer) nam quer senāo ar-
 rancarme os olhos nam he ja desses, ainda agora o aca-
 bey de conhecer, sempre ate qui me fallou por outro
 modo

môdo tam brando. A senhora sua filha lhe deu aquelle esforço, não me tentem ambos com algũa doudice, ahi nha eu quebrarei o banco, & darei, comigo em chipre velhos babosos, que tornão a engatinhar, não são ja pera fazerem differença entre bem, & mal, & querem ha perar de todos os diabos que toméis seus côselhos, isto me faz ainda desconfiar mais da filha de hum homem, que tanta liberdade deu a sua molher. E se os cornos fuisse pera fora quantos farjam o que eu faço.

Sae se Cesar. Entra Ardelio.

Svado, & tressuado, ando, & não no posso descobrir; pois nam me ha de escapar. *Iul.* Que apressado he este? *Ard.* O melhor que tenho he que elle não me conhece nem me vio, & não me ha de fugir. *Iul.* Voume a casa, antes que dem comigo. *Ard.* He elle aquelle que vay pera casa, aquelle he, ditoso fuy, a ferro nelle antes que se me entre. *Iul.* Quem corre apos mi. *Ard.* Oh senhor. *Iul.* Que mandas. *Ard.* A ti buscaa. *Iul.* A mi, aqui me tens. *Ard.* Não es tu o senhor Micer Iulio. *Iul.* Assim me chamão, & cujo es tu. *Ard.* Daquelle mancebo Espanhol, que lhe oje fallou. *Iul.* que fiso o meu, zombo contigo, não sou quem cuidas. *Ard.* Como nam. *Iul.* Em afronta me vejo. *Ard.* Não te vi eu agora no por to? *Iul.* A mi. *Ard.* E te deu meu senhor hũa carta. *Iul.* que carta. *Ard.* Oh que graça. *Iul.* De que te ris. *Ard.*

Não

COMEDIA DO

Não te deu hũa carta de Genoua. *Iul.* Quem? *Ard.* Bernardo Portuguez. *Iul.* Que Bernardo que Portuguez? *Ard.* De teu amigo Benedito. *Iul.* Não sabes com qué falas, em toda minha vida fuy a Genoua, lam perdido, se me não nego. *Ard.* Zombas. *Iul.* De quem eide zombar. *Ard.* Se foste a Genoua, não o sey, mas Benedito nũca o viste? *Iul.* Que Benedito. *Ard.* Oh de fauergonhamento de homem. *Iul.* Mancebo ve se buscas alguẽm q̃ eu saiba encaminharteci? *Ard.* A quem me has de encaminhar, se me negas quem busco. *Iul.* Qué buscas. *Ard.* A ti busco? *Iul.* Quem lam eu? *Ard.* Eu te queimarei ho sangue, não es tu o senhor Micer Iulio Venezeano. *Iul.* Passo não brades. *Ard.* Qué poufa aqui nestas casaf. *Iul.* Que has, digo que não. *Ard.* Na õ poufas aqui? *Iul.* Como o sabes. *Ard.* Porque ja aqui andei, bẽ de dias, & te conheço. *Iul.* Como me conheces, se te eu nũca vi. *Ard.* Auiate eu de ver com os meus olhos, ou cõ os teus. *Iul.* Nunca me viste. *Ard.* Não me has assi de escapar gẽro de Micer Cesar. *Iul.* Não grites. *Ard.* E casado com sua filha. *Iul.* Que farei. *Ard.* Amigo de Benedito. *Iul.* Tu es douão. *Ard.* Aonde te vaz. *Iul.* Que me queres. *Ard.* Por que te negas. Se o has por Bernardo, ja tem poufada. *Iul.* Vay ora buscar quem buscas, & deixame. *Ard.* Achante a ty em dous lugares. *Iul.* Que deastre tamanho, estou corrido, nam sey que faça. *Ard.* De maneira que tu dizes, & affirmas, & confessas publicamente nesta rua, nesta rua publica, que nam es Micer Iulio.

Iul.

Iul. Digo que te nam conheço, & que nunca te vi, & que nam sei quem es? *Ard.* Verdadeiramente eu jurara que eras elle, mas querote antes crer, que aos meus olhos, *Iul.* Nam te espantes, muytas vezes se enganam os olhos. *Ard.* Nunca vi leite mais semelhante a leite do que tu es com elle. *Iul.* Se eu fora porque me negara. *Ard.* Tu o saberas. pois conhecelo? *Iul.* Ia o ouui nomear. *Ard.* Não me parece que pode auer mais rûim homem no mundo. *Iul.* Não praguejes dos ausentes *Ard.* Heyme de vingar, por justiça o auião de lançar de Venetza, porque a infama. *Iul.* E porque, *Ard.* Micer Cesar velho tão paruo, que sua filha lhe deu com elle? *Iul.* Fazes mal de fallar mal dos homens de bem. *Ard.* Chamas a Iulio homem debem. *Iul.* Pera isso ho buscauas. *Ard.* Nam sey ha quem chamaras homem de mal tam coytado, & tam misero. *Iul.* que te fez? *Ard.* Que foge aos homens, porque o vê nenhum homem. *Iul.* Coytado de mi, como me irey deste. *Ard.* Espantome, como esta nobre cidade tal consente, mandem lhe tomar a molher, & demna ha quem ha mercee. *Iul.* Mancebo meu costume he nam ouuir praguejar de quem o mercee, quanto mais de quem o nam mercee. *Ard.* Nam dizestu, que o nam conheces. *Iul.* Conheço por bom homem, & fefudo. *Ard.* Não o conheces. *Iul.* Como nam. *Ard.* A hum ciofo malauenturado, desconfiado que martyrizo a molher de dia, & de noyte chamas bõ, & fefudo.

Iul.

COMEDIA DO

Iul. Ia pode ser, que o serà mais que todos. *Ard.* Ia pôde ser, que sua molher, tal não fora. *Iul.* Que fora. *Ard.* Deos o sabe, não vê o paruo, que o que se mais guarda mais se deseja. *Iul.* Vay buscar quem te ouça, ondas se me vam, ondas se me vem, mas melhor he já dissimular ate o cabo. *Ard.* Pois se o tu conheces, & o vices, dizelhe que Bendito lhe manda por aquelle seu amigo, de quem elle fogio certas pessas. *Iul.* Pessas, que pessas? *Ard.* Que o busque quanto elle buscou, & lhas darà. *Iul.* Como as auerei. *Ard.* Ainda q̄ merecera negarlhas, como se lhe elle negou. *Iul.* Dizemé o que he peralho saber dizer. *Ard.* Lã vira na carta. *Iul.* Fui tam paruo, q̄ a nam acabei de ler. *Ard.* Mas ella foy escripta de pressa, ja pode ser, que as confiaria Benedito de meu. amo. *Iul.* E elle nam lhas dara. *Ard.* Onde, ou como, se o elle nam ve, nem o acha. *Iul.* De homem de bem he darboa conta das encomendas. *Ard.* Por amor de Benedito o farà elle, que aquelloutro outra cousa lhe merece. *Iul.* Desbocado es. *Ard.* Es lhe tu algũa cousa. *Iul.* Amigo. *Ard.* Como es amigo de tal homem. *Iul.* Ia me arrependo da dissimulação. *Ard.* Matoo, feruelhe osangue. *Iul.* Não folgara elle de saber isto. *Ard.* Assi to digo peralho nam digas, nem he bem, pois me confio de ty, nam me diras onde poufa. *Iul.* Queres que o descubra a seus imigos. *Ard.* que imigos. *Iul.* Tu, & teu amo. *Ard.* Mal o sabes ainda. *Iul.* Quem o tambem pragueja, não sey que bem lhe querera. *Ard.* Quem quer que otambem

pra-

pragueja, nam sei que bem merece. *Iul.* Esse teu amo
 onde poufa. *Ard.* Não to quero dizer, busqueo. *Iul.* O-
 ra mas não. *Ard.* Esta morto não sabe que diga *Iul.* isto
 me parece melhor, elle nam he agora aqui, pode ma-
 dar o que quer, que he a casa de Fabricio Colonia, taõ
 seguro como a sua. *Ard.* Bom recado he esse quem se
 nega a sy mesmo melhor negara o mais. Seo elle em
 pessoa não receber per ante testemunhas, & com estro-
 mento publico, nam faça conta de nada. *Iul.* E se Fabri-
 cio fizer tudo isso. *Ard.* Não sei que meu senhor quere
 ra fazer, falem lhe, & respondera, *Iul.* Tens razam. *Ard.*
 E porque te fui algum tanto importuno aconselhote
 que lhe não falem sem tabalião, & testemunhas presen-
 tes. *Iul.* Euto agradeço, & pola amizade que com elle te-
 nho, onegociarei. *Ard.* Não se detenha muito, que nos
 estamos de caminho. *Iul.* Logo sera feito, que de fastre
 tamanho, mas creio que lhe fiz crer que não era eu. Vou
 me a casa de Fabricio dar lhe conta, porque se não per-
 ca o meu. Así, así cançaras, como eu cancei, & enganar
 tehão, como nos enganaste com que paruo se tomava,
 mais raposas tenho mortas neste mundo do que cuidas
 he cousa isto para se por em comedia. Quem me dera,
 que vos ouvira Bernardo, porque me não ha de crer.
 Mas pois se elle foy, nam hey de deixar de apalpar ha
 porta a entrada, eu enxerguey lagrimas na velha, pode
 ser que a mâ vista obrigue a algum desmancho. *Liuia*
nunca quis mal a Bernardo, mas temeose de seu pay,
 razam

rãzãẽ tẽm agora pera se vingar. Toda via melhor se-
rà seguil o hum pouco a ver se torna do caminho, por-
que faça me u salto mais seguro, & tomarey este gosto
por mantimento.

Entra Bernardo, & Octauio mancebos ambos.

TA M cheos de Veneza andauão os meus olhos que
a cada passada a vião, & com isto descançauão, &
agora de a verem, choram, & cançam, *Oct.* Nam te en-
tregues a esses pensamentos, que elles se desfarão per
si. *Bern.* Nam sey, tam viua trago eu a alma em Lúia q̃
em quanto viuer a heide achar sempre nella, *Oct.* Lem-
brete que a tem morta, & morrera tam bé em ti. *Bern.*
Mas isso he o q̃ a faz em si mais viua, com essa magoa
não podem os meus olhos. *Oct.* Esta ja tal q̃ te aborre-
cerà se a vires. *Bern.* Nam pode ser, que com a sua alma
andaua eu de amores. *Oct.* Com a sua alma. *Bern.* Espã-
taste. *Oct.* Nam queres que me espante da mores taõ no-
uos. *Bern.* Pois cre, que o bom amor, & este he so dos
homens. *Oct.* Quanto eu não me namoro, senam de hũ
corpo bem feito, & de hũs olhos graciosos. *Bern.* Isso
nam sam amores, mas de leite de amor. *Oct.* E tu que
querias de sua alma. *Bern.* Hãpra, riqueza, contentamẽ-
to. *Oct.* Tudo isso vias nella. *Bern.* Tudo. *Oct.* E como
Bern. Com os meus olhos nos seus, agora sabes que a-
li se vem as almas, & se fallam. *Oct.* Pouco te dara lo-

go da prisão do corpo. *Bern.* Mas dame por ser corpo daquella alma. *Of.* Eu te dou de boamente todas as almas de quantas mulheres a no mundo, & dame tu os seus corpos. *Bern.* Os teus pensamentos sam differetes dos meus. *Of.* Nam sey ser tam espiritual. *Bern.* Claro esta, que quem quer bem, nam quer mal aos olhos que o affeioam, mas quem bem o sabe querer, o deleyte poem a hũa parte, & o verdadeiro contentamento a outra que se isto nam ouesse, pouca firmeza medarias nos matrimonios. *Of.* Ainda tu queres mais poucas. *Bern.* E de que vem. *Of.* Tu o dize. *Bern.* Delhe enfadarem os corpos, & aborreccrem as almas. E eu a Liuia buscaua maishonra que appetite. *Of.* Quanto darias pola ver. *Bern.* E pera que. *Of.* Todavia. *Bern.* Pera que. *Of.* Partiras com esse gosto. *Bern.* Mas partirá como delgosto. *Of.* Eila se algum bem te quis ficaria magoada de seu erro. *Bern.* Por ambas estas razões a nam veria. *Of.* Bem lhe queres. *Bern.* Voume pera que lhe hey de lembrar, nem ella a mi, si que viu, descançe, Deos lhe mude a sua ma ventura em outra boa. *Of.* Passas por esta rua, como que se a nam conheces. *Bern.* Nam me lembrara, se me não differas. *Of.* Conheces essas janellas. *Bern.* Oh casas, oh janellas, tam continuadas nos meus olhos, tam imaginadas na minha alma. *Of.* Finge que a ves, como sohias. *Bern.* Outra graça lhe achaua eu certo, com outro al-
 poroco as via-

COMEDIA DO

O. A. Tu cuidas que poula ahí. *Bern.* Pois onde? *O. A.* Vã
 monos auante, ves aqui o castello, em q̃ a tua Liuia esta.
Bern. Aqui. *O. A.* Aqui. *Bern.* Aqui esta Liuia. *O. A.* Aqui
 está. *Bern.* Tem estas casas pera traz alguns jardins; ou
 quintaes? *O. A.* Tinha, & desfizerãose. *Bern.* E porque?
O. A. E hũas frestas, & janellas, que nellas cahiam tapará
 se. *Bern.* Quero mal a toda esta visinhança, *O. A.* Que
 queres que façam? *Bern.* Como que fação, tal cousa cos
 tumais vos outros, antes as molheres sam aqui mais li-
 ures que os homens. *O. A.* Na verdade isto se estranha
 muyto. *Bern.* Como se estranha pois se sofre. O minha
 Liuia neste catiueiro estas tu, quam mal respondo a
 fortuna aos teus merecimentos. *O. A.* Tambem a hi mo-
 lheres que sabes tu o que seu marido achou nella, se lhe
 enxergou a'gũas lagrimas, algũs sospiros, & algũs sina-
 es de desgosto, & arrependimento, qui' lhe desse cau-
 sa a isto *Bern.* Nam a hi causa pera isto. *O. A.* Desapaxo-
 nado es. *Bern.* Ou a mate, ou a sofra. *O. A.* Também effes
 sam bons estremos, *Bern.* Nam he melhor que darlhe
 peor vida que a mesma morte. *O. A.* Temersea de algũ
 as sospeitas. *Bern.* E nam queres que todo o homẽ prin-
 cipalmente os que casaõ com fermosas dezejadas de
 muitos façam conta consigo, que podia ella em algum
 tempo de sejar outro. *O. A.* Que queres q̃ faça dessa con-
 ta, *Bern.* Os de tam pouco saber, & taõ baixos eipiritos
 o faraõ, mas o homem prudente ha de ser tam confia-
 do quando casa, que querendo dante maõ ao que se
 pode

pode presumir pera que depois lhe nam seja nouo, cõ
 fie que sua pessoa pode fazer esquecer tudo. *O. H.* Quan
 to a mi enfadarmehia muyto cuidar, que aos olhos de
 minha molher podiam ja outros parecer melhor, que
 os meus. *Bern.* Nam tens razam. *O. H.* Naõ. *Bern.* As mo
 lheres saõ de pao, ou de pedra nam sentem, nam gostã,
 nam tem olhos, nam se affeçoam. *O. H.* Antes por mais
 fracas, & mais affeçoadas nã sofreria eu sospeita, *Bern.*
 Por isso se tu tão discreto, que se nella conheces essa
 affeçam tam viua, ou es tão desconfiado, que te pode
 dar ma vida a deixes, & busques outra. *O. H.* Em amo
 res me das tu esse vagar. *Bern.* E qres se te elles cegam
 & forção hũa vontade liure, vingarte em quem te não
 tem culpa. *O. H.* Que remedio. *Bern.* Que com mimos
 & branduras a affeçoas, & nam com asperezas, & des
 confianças. *O. H.* Oh que a molher, ou ama, ou auorre
 ce. *Bern.* Sy, mas antes, que caya nesses estremos, passa
 por muytas obrigações, & a hũa affeçam de olhos so
 mente nam os gera, de maneira que com seu marido a
 nam perca. *O. H.* Minha Liuiã quem te prendeo. *Bern.*
 Ella estara mais rica, mas certo que estiuera mais con
 tente. *O. H.* Todavia vejamo-la. *Bern.* Nam pode ser, que
 por seu perigo o nam tentaria. *O. H.* Pera tudo ha hi re
 medio. *Bern.* Como se pode entrar forta Lezatão guar
 dada. *O. H.* Com a vontade. *Bern.* E de quem. *O. H.* De
 Liuiã. *Bern.* Quam mal ludio creia isso, que cuyda
 que os olhos sam os que peccam. E como a vermos?
O. H.

COMEDIA DO

Off. Com te ver, ou saber de tua vindo. *Bern.* Esperã
 assi. *Off.* Que he isso? *Bern.* He aquelle Ardelio que de
 la sae. *Off.* Ardelio he. *Bern.* Aquelle? Iesus que coufa
 he esta. *Ard.* Oh fortuna cruel, & ma que sem razão
 sam as tuas. *Off.* Chamemolo. *Bern.* Ardelio. *Ard.* Ah
 senhor. *Off.* Quem te meteo nessa casa. *Ard.* Mereceo
 triumphar oje. *Bern.* De que? *Ard.* Se soubesses minhas
 aventuras. *Bern.* Dize por tua vida. *Ard.* Melhor ferã
 em casa, q̄ eu nã comi oje, & a historia quervagar. *Off.*
 Tem razão. *Bern.* Vamos logo.

ACTO. III. SCENA. I.

*Faustina cortesaã.**Clareta moça.*

A Dias q̄ tanto a minha vontade me não lauei, & en-
 feitei como agora. *Clar.* Se te o amor laua, & en-
 feita, nã queres ser diferente do q̄ dantes eras. *Faus.* Di-
 zes verdade, aos olhos sos de meu Octauio me éfeito.
Cl. Ditossos olhos, q̄ poderá ser teus espelhos. *Fau.* Ora
 olha Clareta por tua vida, se ves e mi algũ descôcento,
 nã lhe q̄ria parecer mal é nada. *Cl.* Pois por nã seritão
 pechosa, nã seria namorada. *Fau.* Namorada nã, não sa-
 bes o q̄ perdes. Bãaventuradas as casadas, q̄ visão deste a
 mor lim paméte. *Cl.* Deixao logo pera elles, q̄ té sua vi-
 da segura, mas tu q̄ viues do comũ, por q̄ te fazes parti-
 cular a hũ so. *Fau.* Por q̄, parecete mal. *Cl.* Antes me el-
 pãto de ti caires e tãmanho erro, q̄ ira Deos q̄ nã venhas
 cair na cõta, a tẽpo q̄ te nã preste. *Fau.* Comodizes isso.
Cl. Enganaste Faustina cuidãdo, q̄ o as de ter sepre se-
 guro, & certo, deixao e fadar, & veras. *Fau.* Isso q̄res tu,

q̄ eu espere de que me tão amor mostrã. *Clá.* Ay, como
 es parua, nã te lêbra quãdo tu roubaste o outro cõ a-
 mores falsos, & lagrimas fingidas. *Fau.* E a q̄ proposito
Clá. Como não cuidaras agora, q̄ as fingé tãbẽ por ti.
Fau. A verdade he tã senhora q̄ logo o descobre. *Clá.*
 Mais senhora he a mêtira, q̄ a lâça fora cada vez q̄ q̄r.
 Eu nã sei q̄ tu achas a este Octauio. *Fau.* Se o tu sétisses
 nã me culparias, *Clá.* q̄ te nã deua parecer melhor o ru-
 bi de Iulio, & a cadea de Patricio. *Fau.* O Clareta, q̄ isso
 he outro, q̄ nã farta a alma, o outro he seu mâtimento.
Clá. Pois eu prometilhe a noite, & eyo de cûpir. *Fau.*
 Nã q̄ria. *Clá.* q̄ cõtas sã as tuas Faustina desprezares to-
 dos por este, quãdo te elle deixar, como teras os outros
Fau. Elles me buscarã. *Clá.* Nessa cõfiança viues, como
 se outra nã ouuelle de taes olhos, e taes cabellos. *Fau.* En-
 carecerme eu tãto, me fara mais dezejada. *Clá.* Mas en-
 careceste tãto, q̄ ey medo q̄ te nã vêdas. *Fau.* Nũca fale-
 ce hũ mais apetitoso q̄ pague pelos outros. *Clá.* E q̄res
 perder tã bõ bocado. *Fau.* Mas q̄res q̄ faça essa treizã a
 Octauio. *Clá.* Ay mãi, & Octauio he teu marido, deixa
 me q̄ eu darei maneira cõ q̄o nã sospeite. *Fau.* La te auẽ
 olha o pego, onde, & ẽ q̄ me metes. *Clá.* Mais perigoso
 serã o da velhice pobre, coitadas de nõs, senã somos co-
 mo as formigas, q̄ encouã no verã para comer o inuer-
 no. *Fau.* Estame bẽ esta foia. *Clá.* A graça he o q̄ lustra, q̄
 o pano nã. *Fau.* Hũ bõ cõcerto muito affiçõa. *Clá.* As
 fermosasquãto mais chãs mais fermosas, *Fau.* Cheirote

COMEDIA DO

Clar. Nam quæria que cheiraffes. *Fauf.* Porque, *Clar.* Deixa isso a effas velhas deſdentadas, que querem encobrir a velhice com affeites entam fazem la hũas mo-
genifadas de miſturadas de agoas de oleos, & de chei-
ros que com o fuor, em vez de cheirar fedem. *Fauf.* Se
as velhas o fazê, que faraõ as moças, *Clar.* A moça chey
ra muito bem quando naõ cheira. *Fauf.* Que dizes logo
a eſtes manebos vntados, & perfumedos. *Clar.* Mere-
tiam ſer molheres, homês, que taes couſas fazem, como
os conſentem os outros homês. *Fauf.* Quem te enſinou
tanta couſa. *Clar.* Quê tinha mais experiencia do mun-
do que ti, aquella te digo eu, que viuia, & roubaua, &
enganaua. *Fauf.* Aſſi o ſohia eu de fazer. *Clar.* Aſſi o fa-
ze, & Octauio enforqueſe caſara hum dia deſtes, & tu
ficaras viuua. *Fauf.* Naõ mo praguejes por tua vida.
Clar. Bem eſcuſada fora agora la eſta ida. *Fauf.* Eu vou
la por meu goſto, & nam pelo ſeu. *Clar.* Por iſſo te eſti-
ma elle tão pouco. Se queres bẽ, naõ o encubriras. *Fauf.*
Naõ poſſo. *Clar.* Naõ podes. *Fauf.* Jeſu como es crua.
Clar. Cre tu, que ſe eu fora ati, outra fora. *Fauf.* Vamos
por tua vida, q̃ me canças com tua parola. *Clar.* Nam
te venha mais cançar a fome, & a neceſſidade. *Fauf.*
Bom marinheiro temos, & Deos o acrescentarã. *Clar.*
Deos queres quo o acrecente. *Fauf.* Que queres que di-
ga. *Clar.* Espera naõ ſayas, parece que enxergo la vir
Octauio. *Fauf.* Ve pois ſe he elle. *Clar.* Aquelle he pera
qua deue de vir.

SCENA

SCENA. II.

Otauío soz.

QVAM pouco sabe hum homem em quanto he mancebo, quantos legredos tem o mundo que qua nam orem. Pareciam a mi, que todo o siso estaua em não crer nada, agora me parece que esta em crer ja tudo. A quem crera eu, ou quando, que húa mulher tal vida passasse qual passa Liuia, & tanto se enganasse hum homem como se engaua Iulio. Coufas nos contou Ardelio, cruazes, miserias, & vergonhas, que so de lhas ouirmos choramos. E no meyo destas miserias, tal esforço em húa mulher, que nam abafa, ou nam se mata. E tem taes ardis, & artes, que a furto do marido, anda, come, pratica com quer, cuidando elle que a deixa como em coua. Paruo, porque não ves nem entendes, q a malicia da mulher, quando quer, nam abastam portas. Se eu caso, eu nam amostrarei nunca a minha mulher, desconfiança, que eu por baixeza, & paruoice não culpo a coitada no que comete. Manda pedir a Bernardo com grandes rogos, & lagrimas que a veja pois seus peccados lhe estoruarão tanto bem, mas o meyo nam sey como he. Diz que hey eu de pedir a outra, q me quer mayor bem, que a si, que de húa noite a Iulio pera elle qua ter entrada mais segura. Pareceuos que cabe em razam cometer eu isto a Faustina? ou que será sem razã

COMEDIA I D O

em me não querer ver nunca, mas que hey ja defazer, rogoume, abraçoume, choroume, venceome. Eu auenturo honra, ou perda dalgũa coufa? perda he toda via agrauar hũa vontade tanto minha, vergonha me hà de ser, mas a amilade então seve quãdo se em mor pressa proua. La me vou nam sei com que palauras lho peça, reuolta sinto qua em casa de Cesar.

SCENA. III.

Porcia Matrôna. Micer Cesar seu marido.

PEra que era isso coitada de mi, fosse lançar o azeite no fogo, com os concelhos, & rogos, se escandaliza que faria cõ injurias, & ameaços. *Ces.* Leuantouse me a corola. *Por.* Mas leuantaste lha a elle para se ir fartar em minha filha, que he certo que a té ja morta. *Ces.* Quem queres que tenha tanta paciencia. *Por.* Quem tem necessidade della, agora te deixou ella mais que nunca. *Ces.* Agora porque tambem me falou mais descortes q nunca. *Por.* Sofre ralo como fizeste sempre. *Ces.* Naõ pude, & espero que seja por melhor, *Por.* Melhor fora, & mais seguro dissimulares, & sem o elle saber, ir este ao Senado chamar & pedir, que te dessem tua filha. *Ces.* Affo farey. *Por.* Ay Cesar, Cesar, que nunca me creste riaste de minhas lagrimas, & zombauas de meus mellos, os meus olhos, & o meu coraçam viam ja o que a-
gora

gora chorãõ, & vem. *Cef.* He verdade que eu me engãnei, mas quem se nam enganara. *Por.* Se me tu creras, se me tu ouviras, nam te enganaras, sempre zôbaste dos meus conselhos, sempre fizeste tua vôtade. *Cef.* O feito he feyto, no mais atalharemos. *Por.* Atalhelho Deos, q̃ elle so pode, filha que eu sempre te prophetizey este mal tamanho, & assi te entreguei a esse como a hum inimigo. *Cef.* Ah fortuna. *Por.* Nam te aqueixes da fortuna senam de ty so, que culpa tem ella a quem se entrega ao mal. *Cef.* Ora tudo tera remedio, eu venho sem folago, & tu queresmo acabar de tirar. *Por.* Nam queres que grite, & endoudeça, & que me mate lembrandome o que te sempre disse. Cesar este mancebo criado sem pay, viuê a sua vontade, sem deyxar conuersações doutros taes como elle, porque queres hora auenturar tua fazenda, & tua honra, porque queres ora por cobiça de mais dous reis, perderes o q̃ tens, & veres nojos em tua velhice, nam te engane o seu trato, ho seu dinheiro, que a somenos parte no homem he ho dinheiro, & a riqueza. *Quantas vezes clamey isto, quantas lagrimas chorey, quam mal me creste sempre.* *Cef.* E eu porque o fiz? por ventura era Liuia, mais tua filha que minha, presumia eu, ou era bem que presumisse, que de Micer Julio meu amigo tam bom homem, & tam sesudo pacesse hum tal como esse.

COMEDIA DO

Per. Porquẽ nam presumias o que vias, & porquẽ nam
preguntaras por sua vida, & tam semelhantes viste tu
sempre os pais com os filhos. *Ces.* Pois que queres ago
ra, queres que me mate. *Per.* Mas que naõ deixe matar
tua filha. *Ces.* Forte molher he esta, & eu que faço as cõ
solações que me ella da, os conselhos, & os remedios.
Per. E tu queres meus conselhos, nem quistes os nunca
Ces. E teus conselhos tem razam em nada, senam acer
tos, de castres, & appetites. *Per.* Bem o tens visto, dessa
confiança te vem a ti teres me em tam pouco. *Ces.* Pare
ce que o quiseram meus peccados, que acertasses tu nil
to para mor trabalho meu, & pera cada dia me tirares
os olhos, & a alma. *Per.* A mia tirara eu de boamente,
se podera. *Ces.* Fizeras qua pouca falta. *Per.* Bem creyõ
eu, que a ti a faria eu menos pelo muyto amor que me
mostraste sempre, que nunca ja hũa ora me fizeste a võ
tade em nada. *Ces.* Prouuera a Deos que fora assi, q ou
tra vida tiuera eu, & outra tenho. Pareceus que se po
de isto sofrer, se a filha tal he nam culpo o que faz o ou
tro. *Per.* Coytada de mi, a mi se tornam todas as culpas
mas os homens que desprezão os conselhos de suas mo
lheres, caem nestes erros, como se ellas nam tiue sem
razam como elles, entam aos erros das coytadas nam
ha desculpas os seus tem trinta mil. Minhas contas eraõ
boas faziao por taes respeito, quem hãua de cuydar
se me isso a mi parecera. Com isso passam, & querem
que as molheres nam tenham juizo, nem entendimen
to,

to, & que nãã vejã o que vem, & que nãã enten-
dam o que entendem.

SCENA. III.

Cesar so.

NA M podera eu viver neste mundo sem molher,
& filhos bemaumenturados os que nam casam, &
malamenturados os que o dezejã, que nam sabem o
bem que tem, & o mal que buscam. Em quanto hum
homem vive duas obrigações tem, hũa do mundo, &
outra de Deos, destas ambas pode melhor vsar sendo
solteyro, que casado, pode conuersar 'os homens mais
soltamente, defendadar-se com mais gosto, lograse da
vida, de maneira que ganhe tambem a outra com me-
nos trabalho. Naõ sei quem nos cega, quem nos enga-
na, parece que ordenou Deos este appetite nos hom-
es, porque sem elle, mal se entregara ninguem a tamãho
cativeiro, mal se conseruarã a geraçãõ humana, que nã
sem causa chamou o outro a molher, mal necessario.
Cuidais, que vos hãõ de leuar nada em conta. Se algũã
ora acertã a ter razãõ aueis lhe de confessar, que sa-
bem mais que vos. Se quereis ter vida, ou lha aueis de
tirar porque vos nam matem. De dia, & de noyte na
mesa, & na cama em casa, & fora de casa nunca me dei-
xa. Tu o fizeste, tu o quiseste, tal o tens. E nam cuidã qã
quillo he o que mais doe, que o mesmo engano meu.
Nam

COMEDIA DO

Não sei que farei aquelle doudo, eu vou fazer o que a mi conuem, Que mancebo he este, ja o eu aqui vi outro ra, homem de bem parece. Nam sey que he isto, que a todo o homem de bem e'y agora inueja, a todo homem quifera antes ter entregue minha filha com mais ainda do que tenho, & do que lhe dei, que quem a tem coitados de nos, que a mais certa cousa que temos, he o arrependimento, mas de que vem? de se errarem os principios, donde se seguem os maos fins.

SCENA. V.

Bernardo. *Ardelio.*

POR tua vida *Ardelio* que me digas, que rostro tẽ mostrou *Livia* quando entraste. *Ard.* O que tinha, *Bern.* Nam se lhe mudou ja. *Ard.* Não auia abi mudar, nem contrafazer, & se alguã mudança fez, foy de mais tristeza, & de mais lagrimas. *Ber.* Que te disse. *Ard.* Nam to disse ja. *Bern.* Dirias, mas eu nam sey se te ouui nam me lembra, *Ard.* Para que perguntas logo, senam ouues, nem te lembra. *Bern.* Este gosto soo me ficou, rogo te que mo mostres. *Ard.* Fu não sabia que to auia de dizer tantas vezes como to disse, nam o queiras mais saber. *Bern.* Que lhe disse este vendoa assim? *Ard.* O que se me offerrecco. *Bern.* Que. *Ard.* Que, bofe que me nam lembra. *Bern.* Oh lembrete por tua vida, *Ard.* Que te parece a ty, que lhe eu diria. *Bern.* Muyto hauiam
que

que dizer. *Ard.* Deste muyto lhe disse eu hum pouco. *Bern.* Que pouco. *Ard.* Oá que enfadamento este tres vezes lho contey ja, & nam o acabou de ouvir. *Bern.* Nam mo queres dizer? *Ard.* Ou vilohas tu. *Bern.* E eu porque o pergunto. *Ard.* Para mo tornares ha perguntar logo. *Bern.* Dizemo que eu to ouuirey. *Ard.* Ora lembrete que to digo. Disselhe que agora veria, onde chegaua hum engano, & hum arrependimento. *Bern.* E mais. *Ard.* Que mais. *Bern.* Vay por diante. *Ard.* E outras palauras conforme aos mesmos propositos, *Bern.* Quaes? *Ard.* Quaes tu me lmo lhe differes. *Bern.* E ella. *Ard.* Nisto leuanta os olhos aos ceos, ou aos telbados (nam queria nunca mentir em nada) chorando, & soluçando, & torcendo as mãos. *Bern.* Dizendo. *Ard.* Nada, mas tornouos abaixar sem poder dizer palaura com o grande impeto das lagrimas. *Bern.* Nam chorauas por tua vida. *Ard.* Esta he outra demanda, nam. *Bern.* Nam. *Ard.* Bofe não, *Bern.* Porque? *Ard.* Ná pude, são muito seco dos olhos, & todos por onde vimos, assi o fomos. *Bern.* De q choraras logo. *Ard.* De nada. Verdade he, q dezejei eu de chorar hum pouco por amor della, & de ti. *Ber.* O quãto folgara cõ isso, por q é ti conhecera ella o meu amor, & a minha magoa. *Ard.* Quanto se se lagrimas são os amores secos não me fez Deos pareles. Morreo meu pai, & minha mãe, & meus auos, & meus irmãos, & nunca chorey nê me parece q choraria, ainda que me vísse morrer.

Bern. Chorarias se tu bem quisesse. *Ard.* Antes por
 nam chorar hei de trabalhar por querer sempre mal.
Bern. Gracioso estás que em tamanha magoa me fazes
 ir por força. *Ard.* Nam he melhor que chorar por vô
 tade. *Bern.* Finalmente em que ficaste. *Ard.* No que ja
 sabes. *Bern.* Eu que sey? *Ard.* Cuido que me queres fa-
 zer chorar de rayua com tanta pergunta. *Bern.* Com
 que palavras to disse, com que geito, com que olhos?
Ard. As palavras creyo eu, que crão Venezzeanos, o gei-
 to me nam lembra, nem os olhos. *Bern.* Parece-me que
 queres chocarrear alsinte. *Ard.* Muytos outros chocar-
 reiros veras alsinte, & que por ventura ganham mais
 com suas graças contra feitas, que eu cõ as minhas natu-
 raes. *Bern.* Alsi que te disse que me queria ver, & falar
Ard. E mais a noite, que he gram pessa. *Bern.* Como se
 nam teme do marido. *Ard.* Porque lhe nam quer bem.
Bern. Tens razam. *Ard.* Cuidas tu que pode com ha
 molher mais o medo, que o amor. *Bern.* Nem com os
 homens tam pouco. *Ard.* Esta a coyta da, que nam pede
 senam morte, nem deseja outra cousa, & arreceara co-
 meter nada. *Bern.* Se Octauio faz o que me prometeo
 quem he mais ditoso que eu. *Ard.* Agora o saberas, que
 cylo sac. *Bern.* Que voltas me da o coraçam, mande-
 me Deos ora algũas boas nouas, mas a que se torna
 dentro.

SCENA. VI.

*Otãuio.**Bernardo.**Ardelio.*

OF.

Oct. **O** Vera vez te prometo, esse amor, & essas lagrimas minhas. Faustina não me merecê enganarte pefame somente de teu desgosto, nem desconfiar q̄ eu sou teu, & o serêi sépre. *Bern.* Muito se detê. *Ard.* É sac afrontado. *Oct.* Se tal soubera, rirame de Bernardo, corrido venho do que passei com esta, tâto que lhe toquei no caso, deuse por auórrecida de mi, & a mim por enfadado, *Bern.* Parece me que o enxergo triste. *Oct.* Lançou mãos aos cabelos, & aos toucados chamãdosc enganada, & fazendo estremos de hũa douda, não cuido que nestas mulheres se achasse amor tam inteiro, *Bern.* Nam posso mais esperar. *Oct.* Em fim nam fiz mais que anotar a ella, & ella enuergonar a mi, que nem me deixou dizer pera que lho pedia. *Bern.* Que no uas trazes, q̄ nouas me das meu Octauio. *Oct.* Não quis Faustina. *Bern.* Nam quis. *Oct.* Digote, que mais me quiser morto, que ver me na afronta, em que vi com ella. *Bern.* Que farci logo. *Oct.* Nam te agastes, Iulio he bargante, nam pode ser que em quanto aqui estieres, nam acertemos hũa noite. *Bern.* Oh que não naccõ pera mi nenhum bom acerto. *Ard.* Ninguem entende essa senam eu. *Oct.* Que entendes. *Ard.* Ella o mostrara cedo, tu vigia, & guarte. *Bern.* Pois a fortuna se vingou em mi, no mais eu não o hey de estranhar, ao menos lograse Iulio do que lhe ella deu, & a mi negou. *Oct.* Este parece elle, que qua vem. *Ard.* Quem. *Oct.* Iulio. *Bern.* Este he. *Ard.* Não he. *Bern.* Não he este Iulio.

Ard.

COMEDIA DO

Ard. Não. *Of.* Como nam. *Ard.* Quem o sabêrá mē-
lhor elle, ou tu, he hum seu amigo que lhe anda arreca-
dando as peffas. *Ber.* Octauio ha, ha, ha. *Ard.* De ma gra-
ça vem, deixaimé com elle, & escondiuous pera aqui,
& riréis hum pouco.

SCENA. VI.

Julio. Ardelio. Octauio. Bernardo.

NAm sey quem diz que hum mal he começo de hū
bem, eu digo que hum bem he começo de hum
mal, & hum mal começo de muytos males. *Ard.* Ber-
nardo, matemos este, que mata Livia, los estamos nam
ha testemunha. *Of.* Tal colerico ouuera ahi, que to-
mara teu conselho. *Jul.* Dou aho diabo Benedito,
dou aho diabo meu sogro, dou aho diabo aquel-
le rapagaõ, que zombou de mi, que assi todos me
enfadaram, & cançaram. *Ard.* Dou aho diabo este
Julio amigo de Benedito que o não posso descobrir o
je. *Of.* Hà, ha, ha, he. *Ard.* Dou ao diabo aquelloutro
seu amigo com que oje fallay que o nam vejo, nem pa-
rece. *Of.* Vales quanto ao mundo. *Jul.* Quem ouço eu
Ard. Viome, chegome. *Jul.* Que farei, hei de sofrer, que
se vingue este assi de mi. *Ard.* Oh amigo de Julio tens
ja prestes. *Jul.* Que hei de ter prestes. *Ard.* Teu estormē-
to, & tuas testemunhas. *Jul.* Taõ pouca vergonha tens?

Que

Que fora se mandara vir Iulio donde esta pera arrecadar o vento. *Ard.* Que vento? *Iul.* Que pestas ou que mentiras sam as tuas. *Ard.* Iulio, ou digo amigo de Iulio, se mal falares, mal ouviras. *Iul.* Fui saber do Piloto da nao de Genoua, disse-me q̄ naõ trazia esse teu amo mais fato, que o de sua pessoa, & que o sabia em certo. *Ard.* Isso te disse. *Iul.* Perante trinta homens, que dirão o mesmo. *Ard.* Foste ditoso em o creeres logo. *Iul.* Em que. *Ard.* Se apertaras com elle, caíras na verdade que meu senhor polas saluar do frete, & dos direitos as escódeo, que as nam vísse elle. *Bern.* Que diras a este. *Off.* He diabo, atarracouo. *Iul.* Onde as tem? *Ard.* Naõ tens necessidade disso, vira Iulio, & achalasha se as quizer pois te tu enfadas de as negociar por elle. *Iul.* Perdoame que cuidei que me enganaras. *Ard.* Nam me espanto, porque, que amigos pode ter esse. *Iul.* Mas por tua vida ja que me meti nisso, & tenho fallado a Fabricio, & com tudo prestes quando fuy a nao, cuydey, que era engano, que ordenes de maneira com que lhe eu faça esta boa obra. *Ard.* Como te chamam, *Iul.* Pera que o perguntas. *Ard.* Nam queres que diga a meu amo com quem fallei. *Iul.* Nam he necessario, basta, que sam hum amigo de Iulio, de que elle confiara tudo. *Ard.* Tirando ha mulher. *Iul.* Ora te digo que a mulher tambem. *Ard.* Nam es tu logo seu amigo, mas es seu corpo, & sua alma. *Iul.* Assi sam sua alma, & elle he ha minha. *Ard.* Muito ruym alma tens. *Iul.*

COMEDIA DO

Iul. Digo porque antre os bons amigos a hũa fo a mãã.
Ard. Essa serà boa, mas do amigo maõ como esse, serà
 tam ma que danara as outras. *Iul.* Tu nam o conheces,
 & queres lhe mal. *Ard.* Peor he conhecere lo tu, & que-
 reres lhe bẽm. *Bern.* Eu senãõ vira isto naõ o crera. *Off.*
 Nem o crera ninguem a quem o contar. *Iul.* Ora eu
 me torno a negociar, pode ser, que ainda oje se arreea
 dem. *Ard.* Vejote doutro cabo tam sollicito, que pare-
 ce, que tens nisto algum quinhaõ. *Iul.* Que melhor qui-
 nhã queres tu, que a boa amifade. O homem de bẽm
 ha tanto de folgar com o bẽm de seu amigo, como cõ
 o seu proprio, que outro dia fara elle por mi o mesmo.
Ard. Mas cuido que faz sempre. Em fim là ta vem, & se
 tardares, tu perderas esse gosto, & elle seu proacito.
 Meu senhor esta de caminho, como te disse, tornalasha
 a mandar a Genoua. *Iul.* Parece me que hei de vir ainda
 a dar ao diabo as peffas com tantos encarregos, ja este
 dia alsi ha de passar, o outro que vier Deos o melhore.
Ard. Apeçonhento vai, que vos parece. *Off.* Coytada
 da molher, & do sogro, que tam boa honra tem neste.
Bern. Mas coitada de mi, a quem estimaram menos q̃
 a elle. *Ard.* Souberas tu tambẽm caçar desque teue a
 preã nas mãos tornou ao seu. Nam he a condiçãõ cou-
 fa que se tanto tempo encubra. *Off.* Andava aquelle
 vulto tam cego, que o mal deste lhe parecia bẽm, ago-
 ra algum bẽm se o tiuer lhe parecera outro tanto mal.
Bern. Ora nos vamos, vigiemos esta noyte. *Ard.* As
 vezes

vezes estão os ácertos guardados ha quem os busca.

S C E N A. VIII.

Clareta.

Faustina.

AY Clareta tal ha no mundo, & taes sam os homens
Clar. Ay Faustina, que te dizia eu? aprenderas as
 tuas custas, pois não quiseste as alheas. *Faus.* Somos tam
 coitadas, & tão paruoas, que os queremos, & dezejam os
Clar. Agora saberas que o amor tanto se estima, quam
 caro se vende. *Faus.* O que não he isso amor, mas roubo
 que eras ja, ou a quem eram. Oh meu Octavio, oh
 meu amor, ou meu maro. *Clar.* Oh teu ladrão, oh teu
 rafião, oh teu enganador. *Faus.* A quem me eu dei toda
 que tantas vezes jurava, que outra cousa nam queria,
Clar. Se não lograr-se de ti quantas vezes quis, & depois
 passarte a outro. *Faus.* Não pode ser senão que me quis
 tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo.
 Faustina olha o que te cumpre, estes paruos dormem tá
 seguros sobre seus enganos, que nam acordam senam
 depois, que se acha nelles, ja que tam bem contrafizeste
 teu nojo, deixame que eu o trarei às redes. Vou onde te
 disse. *Faus.* Coytada de mi que facey, que me nam so-
 fre o coração lançar fora a quem tamanho lugar dey
 nelle, quem me mudou tanto daque dantes era, quantos
 se mataram por mi, quantos se destruíram, quantos cho-
 raram de dia, & de noite, huns enganados, outros rou-
 bados sem minha vontade se dar ha algum. Este

T

Oct.

COMEDIA DO

Otauío me affeiçoou, assi que nam sei viuer sem elle, amoo, dezejoo; nelle cuido, nelle sonho, olhae quam bê o embrego. Nam me pode lébrar sem lagrimas o rosto & a desenuoltura com q̄ me veyo com aquelle requeri- méto, então guardai verdade, tende amor aninguê. Coi- tadas de nos se amamos somos aborrecidas, senão ama- mos roubamos, & em fim melhor he o roubo pois nos enriçce, & os roubados vã mais cõtentes, mas minha cõ- dição não era essa, sempre desejei hũ bõ amor, agora q̄ cuidaua, que o tinha não o vejo. Enganaſteme Otauío, não to merecia, trabalho me sera esquecerte. Trabalho serão aos meus olhos não te verê, mas perq̄ ouera vez nã se enganem, fique com esta magoa. Claretta por derra- deiro he minha amiga, porque terei eu amor a qué mo não tem.

ACTO. IIII.

SCENA. I.

Iulie.

Bromia.

NAm cuidei, que tambem acabasse o dia, forte cobia- ça de anel foi esta, que o nam guardou Faustina pe- ra mais tarde, logo eu hoje enxerguei na moça bons de- zejos, & com tanto aluoroço me veyo chamar agora, que parecia que lhe fogia. Mas com que mentira enco- brirei eu esta minha ida a taes horas que me nam enten- dam. Dou ao diabo esta velha que ja estiuê por vezes pe- za a lançar fora de casa, & heyo de vir a fazer, nam sey quem a fez tão endiabrada, parece, que tem algum espí- rito

rito familiar, que lhe diz, quanto eu faço, que já agora
 no seu rosto, & nos seus olhos entendo eu, que me enten-
 de, mas como a enganarei, ora andar, boa dissimulação
 tenho. *Bromia. Brom.* Ia me chama, começara com seus
 esconjuros. *Iul. Bromia. Brom.* Que mandas *Iul.* Quanto
 me deues pela confiança, que em ti tenho. *Brom.* Deus o
 sabe. *Iul.* Eu sam convidado pera hũa certa festa de hum
 meu amigo, por isso vou assi de festa, nam me parece, q̄
 tornarei esta noite, *Brom.* Pera que me das estas contas,
 auefado es ires, & vires quando, & cada vez que queres
 achaste por ventura algũa ora as portas abertas a outré,
 & fechadas a ty. *Iul.* Nam papees por isso to digo, por-
 que durmas descançada de me vires abrir. *Brom.* Quem
 tiuesse o teu descanso? *Iul.* A porta da maneira que a eu
 deixar assi fique ate que eu torne. *Brom.* Que nam seja
 mais que pelo costume ella o fara ja de sy. *Iul.* E porque
 muytas vezes acontecem enganosa falo isto pelo que já
 vi, ainda que outrem venha com recado meu, ou diga q̄
 sam eu nam lho creas. *Brom.* De que seruem tantos me-
 dos por tua vida quem ves, ou quem ouues pera os teus
 de ninguem. *Iul.* Isto nam sam medos, mas sifos, as vezes
 acontece o que homem nam cuida, & por nam cuydar
 no que pode acontecer vem acair no perigo sem reme-
 dio. *Brom.* Bom he atalhar em tempo. Mas. *Iul.* E que
 melhor tempo q̄ este, sobes tu se esta ali por ventura al-
 guem espreitando quando eu fayo, & me pode contra-
 fazer tambem a fala, que te engane, & lhe vas abrir.

COMEDIA DO

Brom. Ay que mau homem. Ora doulhe que a conteçã isto, em entrando nam auera ahi olhos que o conheçã. *Iul.* Em entrando. E querias que entrasse, *Brom.* Que peccado era entrar, cuydando que eras tu. *Iul.* Mas que peccado he auisarte eu, pera que nam entre, nam poderã elle mais que ty, nam te matara, ou nam te tapara essa boca para fazer tudo ha seu saluo. *Brom.* Como te pode cair isso no pensamento, que nunca se vio, nem se ouiuo. *Iul.* Porque o tu nam viste, nem ouiste cres logo, que ninguem ho veria nem faria por isso, eu digo, que quem nam ve e nam sabe ho caso, & eu nam quero que ainda que eu mesmo torne. Olha ho que te digo, ainda que eu mesmo torne, nam quero, que me abras. *Brom.* Que dizes? *Iul.* Isto que oues. *Brom.* Ainda que tornes. *Iul.* Ainda que eu torne. *Brom.* Que te nam abra. *Iul.* Que me nam abras. *Brom.* Isso me mandas, nam cuidaras, que te pode acontecer cousa por ventura que te obrigue a vir a casa, ou se te arrependeras da yda, & do caminho. *Iul.* Eu que to digo, bem sey que nam hey de tornar. *Brom.* Se tornares. *Iul.* Matame, & nam me abras, ainda que brade, & que grite, & tu me vejas, & conheças, cre que he o dia bo, & nam sam eu, porque eu vou pera nam tornar, né mandar recado algum, ou uelme tu. *Brom.* Ouço, mas não sei como isso seja, não queria ter mais guerra cõtigo da que tenho. Eyte de ver eu estar batendo a porta, & não te hei de abrir. *Iul.* Se te digo. Esta he a mais perra velha do

do mundo, q̄ nem ey de tornar, nem me as de ver, & a mi da que me vejas, me não abras. *Brom.* Digo que assi o fa rei, pois mō mandas, quem crera tal. *Iul.* Deitaiuos logo apagai a candeia, & dormi descançadamente. *Brom.* A d fadas. *Iul.* E lembreuos o q̄ vos sempre digo, q̄ viuamos em paz. *Brom.* De quantos de Jastres os bōs achaō pello mundo, não auera hum so pera este mao que o mate, ho mem he isto, alma tem este? Rezão tem este faz me crer que cheirou ja os recados de Bernardo, & que nos vay espreitar a todos. Coitada de mi, que nunca pude tirar Liuia de tamanho cometimento, offerecida estã a seu perigo, o odio que tem a este, & o amor de Bernardo lhe da este animo, & afouteza. Oje lhe mandou dizer, q̄ a dezejaua ver, oje se foy ordenando, como se vissem. O ciosos enganados, cegos, quero ver antes que o outro a certe de vir, se a posso tirar de sua teyma.

S C E N A. II.

Iulio so.

BEm cuidada deixo a minha mētirã, mās que aluoroço he este, que eu leuo no meu espirito, voume assi deixo minha molher moça, toda hũa noite sō offereci da a se vingár de mī, & fazer o q̄ quiser. Mas que pode acōtecer, ella fica fechada, & serã ja deitada, taõ mo fino ferei eu, que logo o perigo estè mais prestes agora, que outrora, mal fiz de dizer q̄ nam auia de tornar, melhor

forã te las seguras com meu modo, o aluoroço me engã nou torno lá: mas pera que, tão pouco me temem, que ousem nada. Hũa noite asinha se passa com o prazer de Faustina me esquecerã este medo.

SCENA. III.

Bernardo. Octauio. Ardelio. Ianoto.

BRomia to disse Ardelio, como pode. *Ard.* Não sey como pode mas dissemo. *Bern.* Não receyo, senão ser tão mofo, que em tamanho prazer, como este me queira empecer a fortuna acinte. *Oct.* De que te vê essa desconfiança, não tês que arreçar. *Ard.* Bom coração, & costas que te seguraraõ o campo, de que has medo *Bern.* Mal me entendeis ambos, se com minha morte se encobrisse a infamia de Liuis, seguro, & perfeito seria o meu gosto. *Oct.* Ora te digo que he esse hum bõ escrupulo se ella isso não teme, porque o temes tu. *Bern.* Porque o amor que me tem, me faz nam temer, & eu nam lho queria pagar mal. *Ard.* Nam ha de que temer, Iulio he forã nos vigiaremos, lograte da noite, & na m esperes a manham, *Bern.* Nam creio que me hey de ver em tamanho bem, ate que me nam veja nelle. *Oct.* Porque temes logo o mal, sem te veres nelle. *Bern.* No mor bem se ha de arreçar mais o mal. *Ard.* Ora espera; ha mi me parece, que acho hum bom seguro. *Bern.* Dize por tua vida. *Ard.* E tu Octauio julga se falo bem.

Tor-

Tornate perã casa irey a Liuvia, dirlhehei que nam que-
res ir. *Bern.* Que dizes, bom. *Ard.* Este he o melhor re-
medio pera teu medo. *Of.* Hà, ha, ha, he. *Bern.* Velhaco
que fazes, onde vaz? *Ard.* Que me queres, seguro te.
Of. Nunca melhor fallou. *Bern.* Chegate a porta, ve
se he tempo. *Ard.* Olha o que fazes, os desastres an-
dam muy corrétes, & mais de noite, pode ser que aches
hũa bombar da nos peitos em entrando. *Bern.* Nam cu-
remos de mais graças. *Of.* Aconselhate bem, à fala esta
Ard. Aqui esta ce, ce. *Of.* Acolhete, & entregate. *Bern.*
Oh fortuna, a caba bem tam bons começos. *Of.* Boa
foy a entrada. *Ard.* Tal sera a sayda. *Of.* Que fare-
mos agora. *Ard.* Eu to direi, quem vem la cantando
Of. Aquelle parece Ianoto. *Ard.* Ianoto. *Ian.* Quem
he. *Ard.* A bom tempo vens, o negocio esta pacifico tu
te deuias ir que nos abastamos. *Of.* Assim me parece. Eu
onde posso ja melhor passar esta noite que com Fausti-
na. Se algũa cousa acontecer, voc Ianoto.

SCENA. III.

Otávio so.

QUam gostosas são as obras da amizade, que ho teu
trabalho tomas por grande gosto, & o gosto do
teu amigo por teu proprio. Parece q se me carrega a cõf-
ciência é me ir agora daqui. He este Bernardo de tão boa

arte, q̄ sendo estrangeiro não somente o ey por natural
 mas por amigo, & por irmão, quantas vontades prende
 a boa condiçã, & siſo, peſame na alma de ſe ir deſta ter-
 ra. Dera muito do meu pelo ver caſado com Liuia, &
 melhores foraõ ſeu fados do que ſaõ, ao menos creio eu,
 que outro nenhum tão bello lhe pudera fazer o que ago-
 ra fez por elle. Vede ora ſe a puderaõ ter todas as priſõ-
 es, & chaues? E Iulio tão cego, que nem lhe vem pelo pé-
 ſamento, aq̄ vierão parar todos os ardis dos ſeus ciumes-
 oula, q̄ deſcaydo foy eſte? porta aberta a taes oras.

SCENA. V.

Ardelio. Ianoto. Iulio.

Q Vãta agora vingãr, boſe Ianoto nos vamoõs buſ-
 car noſſa vida. *Ian.* Bẽ te parece iſſo, & Bernardo.

Ard. Não he eſta a primeira aventura, homem he q̄ da-
 ra bom recado de ſi em toda a parte. *Iul.* Aſſi ſe faz iſſo

ah raſiãõ, traidor, infame. *Ian.* Que brados ſaõ os q̄ ouço

Iul. Ah treijãõ, ah puta, ciuil encubridora de ladiões.

Ard. Eu nam conheço aquella falla. *Iul.* Tinhãõſe con-
 certado, eu te conheçerei quem quer q̄ es. *Ian.* Pera qua-

vem. *Iul.* Antes damenhãa a eſtas oras hum, & outro ſa-
 berãõ com quem o ouueram. Pois de penaria eu quan-

tas barbas tenho, ſe com eſta me eſcapaſſem. Parece uos
 ſe foy grande valentia ſaltar com quem eſtava a meſa

pera cear tam ſeguro como quem eſtava com hũa mo-
 lher

lher às portas fechadas, & ella tinhaas abertas ao rasião
 ah beleguinazo, fugidiço das gales, eu o acolherei. *Ian.*
 Este parece Iulio. *Iul.* Não de balde me detinha ella em
 jogos, & em trapaças, & toda a festa era ao meu anel, q̃
 me logo arrebatou em entrando. *Ard.* Ianoto, boa, este
 he Iulio. *Ian.* E vaife direito a casa. *Iul.* Ta, ta, ta. *Ard.* Ia-
 notó boa, pode ser mor mofina. *Ian.* E escondamonos hũ
 pouco pera aqui veremos em q̃ para. *Iul.* Não ouué, tras
 tras, tras. *Ian.* Que graça senão ouuiffem, né abriffem.

SCENA. VI.

Bromia. *Iulio.* *Ardelio.* *Ianoto.*
COitada de mi se he Iulio, que farei? *Iul.* Tras, tras,
 tras, tras. *Brom.* Quem esta ahi? quem bate. *Iul.* Abre
 la. *Brom.* Quem he, *Iul.* Quem ha de ser, outrem costuma
 por ventura bater a esta porta, senam eu. *Brom.* Somos
 perdidos, elle he. Esconde iuos bem em quãto odetenhio
 & quem es tu. *Iul.* Abre que eu saõ. *Brom.* Não te conhe-
 ço, nome ate. *Iul.* Sam Iulio, conhececme. *Brom.* Saõ Iulio
 conhececme. *Brom.* Iulio não pode ser, o diabo seras tu
 mais azinha. *Iul.* Nam me conhecec? *Brom.* Deos? Ainda
 seus esconjuros me valem não entraras ca oje. *Iul.* Por q̃.
Brom. Porque aqui nam entra senão Iulio, cuja a poufa-
 da he. *Iul.* E eu quem saõ. *Brom.* Tu o saberas. *Iul.* Nam
 sam eu Iulio que fui da quã esta tarde? *Brom.* Não te pa-
 rece que o conhecoram aqui. *Iul.* Pois como me nam
 conhe-

COMEDIA DO

conheces. *Brom.* Porque nam sei quem es. *Ard.* Oh boã velha, Deos te faça moça se lhe nam abres. *Iul.* Ia, ja, lembrame o que deixei dito, aconteceo tornar, que remedio, nam me ves tu. *Brom.* Vejo que nam es elle, nem que o fosses te abriria. *Iul.* Que farei. *Brom.* Vai embora se es espia q̄ qua manda, dizelhe que bem pouca necessidade tem dellas. *Ard.* Ianoto viuo, esta velha me segourou não lhe quer abrir. *Ian.* Como nam. *Ard.* Negao, como se elle oje negaua. *Iul.* Bromia nam gracejes, que nã sam horas, abre, & senam. *Brom.* Mãy, quem es tu, com quem falas, ou a quem hei de abrir. *Iul.* A mi. *Brom.* E porque es tu Iulio. *Iul.* Pois quem. *Brom.* Ou sejas, ou nã sejas, podeste tornar por onde vieste. *Ard.* Nam me parece, que o diábó oufara tanto. *Ian.* Seram feros de Bernardo, que o nam deixem entrar. *Iul.* Velha que graças estas tuas. *Brom.* As que ves, como podes tu ser Iulio, se elle deixou dito que nam auia de vir. *Iul.* He verdade, q̄ disse eu isso, porque euiltei, que não tornasse, mas se me ves, & ouues. *Brom.* Ouço, & vejo mas tu nam es esse, & se esse es, tu me disseste que te nam cresce. *Ard.* Podese crer isto. *Ian.* Nam te rias tam alto, que te ouiraõ. *Iul.* Nam me queres abrir. *Brom.* Nam te queres ir, não he esta a casa em que de dia, nem de noyte, quanto o mais a estas oras costuma entrar ninguem, se nam seu dono. *Iul.* Ah cã de mi, & quem he seu dono. *Brom.* Ao menos nãoja tu. Se erras a porta, acertaa, que nam poufa aqui quem cuidas. *Iul.* Ve l h a m a l a e n t r a d a , c o m i d a d o s b i c h o s

thos, alma do diabo, porque me não abres. *Brom.* Agora
 ra sy, com effes rogos, bem podés entrar. *Ard.* Fechou-
 lhe a janella. *Iul.* Tama nha ma ventura foy a minha, que
 me trouue a isto. Sou eu Iulio, ou nam. Conheçome eu
 ou perdime. *Ian.* Viste tal acontecer. *Iul.* Fazem mais a
 hum cornudo. *Ard.* justamente fallou ao pe da letra.
Ian. Ainda o elle na m cre. *Iul.* Que farei, onde me irey a
 estas oras, medo hei que me ouuisse a visinhança, parece
 uos que tenho molher, ou casa, ou honra. *Ard.* Em pon-
 to estou de o fazermos ir mais depressa. *Ian.* Demos lhe
 hũa coçadura. *Ard.* Nam he bem, que perigara Livia,
 & Bernardo. *Iul.* Nam fora eu antes morte, que passar
 estas vergonhas, que passsey desque oje sahi desta casa a
 tegora. *Ard.* Se tu alguna tiuesses, nam passarias por ellas
Iul. Que dia malaventurado foi este, *Ian.* Pois anoite po-
 des tu gabar. *Iul.* Que noite de diabos foy esta. Ah mo-
 lheres quem vos ve, quem vos quer, quem vos dezeja.
Ard. Donde veria agora este. *Iul.* Quero tornar a bater.
 Tras, tras, tras. *Ian.* Respondelhe Ardelio, *Iul.* He por de
 mais ja nam dezejo, se nam o dia, se eu nam mouro, eu
 farey justiça. Nam sey quem la vem, voume a casa de
 meu sogro, se me quiser abrir contarlheey a honra que
 me da sua filha,

SCENA VIII.
 S C E N A VII.

Ottonio.

Ardelio.

Ianero.

Nam

NAm sei quem ca vem, guarde Deos Bernardo, & Liuia de vergonha, & de perigo. Se soubera que era Iulio, & me aquella puta deixara, viera mais cedo. Meteome em cabeça, que elle se me viera meter em casa por força, com rogos, & piedades que lha fizeraõ ter delle, & com outras mayores, & mais lagrimas me pedio perdam. Enganase, feyto he, nam sou dos que esperam pela segunda, o perigo de Bernardo temo que não sei, como saira, que gente enxergo eu la? *Ard.* *Ar.* Escuta. *Ar.* Ianoto, *lan.* Quem chama, quem he, *Ar.* che ga qua. *Ard.* O Otauiio. *Ar.* Manço, nam nos ouça ninguem, como passastes ca? *Ard.* Se souberes, palnarias. *Ar.* E Bernardo. *lan.* Ainda la jaz. *Ard.* Vaite a casa, & la saberas tudo, que eu hei ja de esperar amanhã per essas ruas. *Ar.* Não farey, vigiemos fortemente, cada hũ por sua parte, tu por la, & eu por qua, nam he isto cousa pera se assi deixar a ventura. *Ard.* Esta he a noite das auenturas, podera mais acontecer, por isso dizem, que andaõ os diabos de noite, & as almas peccadoras, não me posso ter ao riso com as mofinas deste coitado, tanto se matou oje por não ser Iulio ate q̃o não foi no tempo, q̃o mais ouuera de ser. Em quanto Bernardo não sac, vou ver aonde se mete.

SCENA. VIII.

Bernardo so.

ESPERA vèrey se passa alguem. Bem he, ninguem parece. Deos fique contigo. Que defastres vampo pello mundo, & que acontecimento? se se pode imaginar coufa que nam aja. Bem me prophetizaua a mi ho meu espiritu tudo o que passèy, que eu nam sinto por minha a causa, mas por Liuia, que por mi se auenturou a tamanho perigo, em que fica. Oh Liuia, Liuia quanto te deuo, & quam pouco deues a quem tam mal te trata, nam o posso dizer sem lagrimas. Coytadinha de ti Liuia moça fermosa, tam fesuda, & tam boa filha, hũa soo filha, & hum pay tam rico, & tam honrado, criada em tanto mimo, & em tamanhas esperanças, empregada em què em vez de te venerar, te deshõra assi, & te mata. Melhor me fora nam te ver, qual te deixo, mas pois nisso te fiz a vontade, queixarmehei soo da fortuna que te leuou de mi, & me deixou com esta magoa, pera que cuidar eis hora que me mandou ella chamar, pera desabafar soo comigo, & me pedir perdam de seu erro com os olhos, & rosto banhados em lagrimas me sahio a receber com hum abraço mais de amizade que de amor, tam diferente do que dantes a conhecia, que no primeiro impeto a desconheci. Todos tres nos assentamos chorando, & chorando começa ella. Bernardo auenturar me eu a isto não he bem que o atribuas senão a parte porque o faço, quise steme bem, & eu to quis, ha fortuna soo me quis tanto mal que em pago do que te deuia, me obrigou pedirte perdam da ma vida que por

mi passaste, porque a que eu agora passo, sei que me dei-
 xara cedo. E porque aquelle amor passado nam he ja
 em mi poderto pagar com outro que elle merecia, con-
 tentate com estas lagrimas de meu arrependimento. E
 nisto corrião ellas de maneira que por hum espaço lhe
 impediam a pratica, & as minhas lhe começarão afazer
 boa companhia. Entam me deu conta de toda sua vida,
 a que ella chamaua morte, sem eu poder acabar comi-
 go de a deixar de ouuir, ou lançar mão do mais do q me
 sua virtude, & honestidade concedia. Finalmente, q gal-
 tada a mor parte da noite nestas cousas, conchruyo por
 derradeiro. Rogote Bernardo, q isto que contigo posso
 ninguem o saiba senão tu, ou se quiseres q o saibão, ma-
 teme, porq o eu não ouça, sei q me podester em ma con-
 ta, & eu quero q saibas pera q te nã enganes, q o espirito
 de hũa mulher magoada he tão grande q nã recce estes
 perigos. Aquella q merecer a Dees o q eu em ti perdi,
 trataa melhor do q me tratão, porq a não obrigue a al-
 gum despejo como este. Que diria eu aqui, ou que faria
 fiquei confuso, & pasmado do saber, & virtude de hũa
 moça. Aquelle amor q lhe sempre tiue, se me acrecétou
 então, de maneira que acabando ella, comecei eu a cho-
 rar minha defaentura em a perder, senam quando ho
 marido bate a porta, com que ella ficou morta, & eu ma-
 is morto por ella. Medo hey segundo elle he que não
 bastem escusas da velha pera o tirar da sospeita sabi-
 me logo consolandoa assi, & offerecendome a auentu-
 rar

Far a vida por sua honra, sem entre nos haueir mais que lagrimas magoadas de amor, & de faldade. Alguns feriram de mi, principalmente estes endiabrados perdidos por homés, que se agora costumão, mas eu certo me não arrependo do que fiz folgo de lhe deuer aquelle amor tão casto, & tão honesto, cy ja de esperar o q̄ sobre isto passa, Deos o remedee, que se Liuia mal passa, nam me sofrera o estamigo deixala sem vingança.

ACTO. V.

SCENA. I.

Micer Cesar so.

Que farei, quem me aconselhara em tamanha afronta tenho minha honra, & minha filha offerrecida a fortuna. Ah, velho paruo de mim, quem me ce gou quem me matou. Oh ouro tam perigoso neste mundo pera tanto mal achado, nam sey que diga, nam sey que faça? Entrou aquelle doudo em minha casa esta noyte, tal que bouue medo d'elle, jurando, brasfemando que hauia de matar minha filha. Ah filha mal fadada, por meu mal nacida. Minha molher esta morta, & eu pera me matar. Estrondos fez, diabruras, & terremotos, que acordou ha vifnhança, acodiram meus amigos, poseramse ha amançalo, entam se indignava mais, os seus juramentos sam pera crer, o caso nam he pera crer, como hauia de

COMEDIA DO

de auer no mundo bater elle a sua porta, & nam lhe fribirem sonhouo, inuentouo o diabo pera me acabar de matar. Vou saber de Liuia como passou o negocio, que ainda me Deos fez grande merce em mo trazer a casa, que ja gora nam tiuera filha.

SCENA. II.

Valerie.

Ignacio.

SEGVNDO os sinaes que me das, nam pode ser outro. Oct uio com quem conuerfa, he muyto bom filho, & bem quisto nesta terra, & eu oconheço de minino de quando o derão ao Duque. *Ign.* Prouesse ora a Deos, que hey medo de nam achar ja o pay vivo, que so na vida deste filho tinha sua honra, & sua vida. *Val.* Nam lhe ficou outro. *Ign.* Nam. De dous que lhe Deos deu, hum lhe desapareceo em Lisboa em idade de cinco annos, & nunca mais soubemos delle, cremos que mouros, ou Franceses lho furtaram. Este Bernardo soo que lhe ficaua, dezejoso de ver terras, o importunou tanto, que lhe deu licença temendo irse sem ella. *Val.* Uste he o primeiro impeto da mocidade. *Ign.* Como se os homens todos nam fossem homens, & todo o ceo hum. *Val.* Bom he hũa pouca de experiencia. *Ign.* Oh que se danam qua muito com a soltura, & liberdade, se fosse pera ir buscar virtudes, & exemplos de bem viuer bem
me

me está, mas nam he senam pera vicios, & pera ter que contar depois, ou mentiras, ou peccados, que eu dell'es dias que ja por aqui gastei, nam tirey mais que aconsellar a todos que viam em suas terras. *Val.* Esse he ho mais seguro, mas a mocidade ferue, & em quanto ferue não he lançar agoa, que sera peor, os mais dell'es tornão tam escaldados dos desastres, & dos perigos que se contentam quando vem de se verem fora dell'es. *Ign.* Deu-lhe o pay licença a este por dous annos, & passa ja de cinco, que qua anda. Entam que quereis que cuyde hunt velho triste, ou he morto ou he catiuo, que do d'ò, que ouue d'elle, me offereci a este trabalho. *Val.* Foste ditoso em vires aqui ter, porque sem duuida aquelle he. *Ign.* Com isso descanço, & viuo, & esse seu amigo quem he. *Val.* Dirto hei, porque por ventura ninguem mais d'elle sabe que eu. Ha ja bem de annos que Micer Octauio foy daqui por embaxador ao gram Turco, a companheyo eu: depois de acabarmos este negocio da embaxada vindonos a embarcar em Constantinopla, vimos vender ao pregam certos mininos Christãos entre os quaes lançando Octauio os olhos, assi os affeioou a hum que o comprou em idade, que nam podia dar mais razam de si que mostrar que era Portuguez na lingua, & trazendo aqui o deu Octauio ao duque em cuja casa se criou atégora, & he este Octauio que te digo a que ficou onome de seu senhor, se se assi pode chamar. *Ign.* Ditoso acótecimento que diras aos males que vam pello mundo.

Val. E logo hi sonbemos, que Franceses ovenderão. *Ign.* Ay ja pode ser que entre esses iria o meu Ambrosio que eu criei irmão de Bernardo. *Val.* Bem aposto eu que não lembre isto a Octavio que se ha por mais natural da terra que eu. *Ign.* Nam sei que aluor oço sinto ao espirito, mas que pode ser a tanto tempo. *Val.* Que falas contigo, *Ign.* Nada, afigurauaseme se por desastre poderia ser esse. *Val.* Grandes sam os milagres de Deos. *Ign.* Sy. Mas quem lhos merece. *Val.* As vezes os faz elle a quem lhe apraz, & tu conhecelohias. *Ign.* Sy, que o criei, mas isto sam sonhos com Bernardo me contentaria, rogote que tornemos la, pode ser que sera vindo. *Val.* Vamos mas deuias ver primeiro esta cidade, que tanto ha que a deixaste ainda que a quem vem de Lisboa nenhũa outra cousa parece grande. *Ign.* Senam Veneza, que certo he cousa grande, & de cada vez mayor, mas hi fica tempo depois, vamos que me nam repousa o coração. *Val.* Quisera dar hũa palavra a este homem, que qua vem, depois o farey.

SCENA. III.

Julio soz.

N V N C A ninguem tambem ordenou sua vida, que o tempo, & as mudanças dello, lhe nam trouxeram algũa novidade, & ensinassem, que aquillo que
 tinha

tinha por melhor, experimentado o ouuêsse por peor
 como a mi agora acôteceo. Desque casei ategora segui
 hũa maneira de viuer, q̃ ao meu juizo era melhor, & ma
 is segura pera minha honra, & descanso, agora vejo q̃
 não tão somente não era vida, mas hũa vergonha, & bai
 xeza. Olhae as cegueiras, & defenganos, ainda hoje quiz
 mal, & deshonrey a quem me dizia que me enganaua.
 Agora que acabei de me ver, & que me lembra o passa
 do así me aborreço a mi mesmo, como a hum imigo,
 agora conheço que todos aquelles meus fundamentos,
 & boas razões eram cegueiras, & doudices, & todas a
 quellas minhas contas, em que eu cuidaua q̃ mais que to
 dos acertaua, erão erradas, & bestiaes. Tal força tiuerão
 as razões, & os concelhos, que em q̃ me pez me derão, q̃
 de cego que era, me abrirão os olhos, de danado, & de
 terminado de matar minha mulher, & por fogo as casas
 me tornarão tão manso, que não sey já senam chorar
 as tristezas, & magoas, com que ate qui a tratey. Que
 cousa he o peccado tam pesado, & desgostoso. Em to
 do este tempo que viuia, eu tinhagosto de nada, no mor
 contentamento entristecia, no mais pesado sono acor
 daua em casa, & fora de casa, que vida era a minha, te
 miame dos homens, das mulheres, dos vétos, & das som
 bras, & não me temia de mi mesmo, & do meu peccado
 de que mais deuera. Louuores a nosso Senhor que tanta
 merce me fez, ja sey q̃ cousa he ser casado, & este nome
 de matrimonio quão honrado he, & quã gostoso a quê

COMEDIA DO

fabê vfar delle. Ia sei, que me deu Deos molher pãrã mi
 nha igual companheira em meus prazeres, & trabalhos
 & mais que molher? Oh Liuia com que olhos te olha-
 rey agora. Liuia quam pouco a mor me deues, mas eu
 o emendarey sus, sus, daqui por diante noua vida, se
 ate qui foste minha catiua, seras daqui por diante minha
 senhora da casa, & da fazenda, faras o que quiseres, & de
 mi tambem. E não viuirei eu como os outros homens?
 De crer he, como me a mi dizião, que eu so sou o que a-
 certe, & todos errem, nam pode ser. Os que me dantes
 conhecião, vejam me, & conheçam me nouamente, quan-
 tos sabião os meus erros venhão ver a minha emenda.
 Se podera tomar outro nome, deixara o que tenho, pera
 que em tudo parecera nouo homem. Ia nam sam aquel-
 le mau Iulio que sohia, as vergonhas que passei com Ber-
 nardo, he necessario, que lhas emende com outra mor
 honra. Quisera buscalo, & desculpar me, como melhor
 poder, nam saiba Benedito, ou não sospeite, que estimo
 pouco sua amidade, conuida lohei, & ficarmeha por hos-
 pede, mais vergonhosa coufa he o pecado, que a emen-
 da della, pois pelo peor passei, nam he razão que o me-
 llhor recee. Qua vem o seu criado, dirme lha delle.

SCENA. III.

Ardelio.

Iulio.

Coufa

COysa ha'ahi, que parece, que acinte às ordena o dia
 bo, & as desta noite taes foram. Eu nam sey do
 que mais me ria, se da paruoice de Bernardo, ou dos de
 faldres de Iulio ou da lealdade de Faustina com Octauio.
 Pareceues q' h' frade capucho tiuera a cõsciência de meu
 amo, chamado de h'ua molher a que queria bem, & que
 o q'ria a elle, & q' se auenturaua atamanho risco, sair se al
 si sem hum so abraço della, viesse nunca tal paciencia?
Iul. Que grão trauesto. repetepado, de que se vé rindo?
Ard. Se o Liuia ja quiser ver, que me matem, ora deixai
 o Octauio, não me posso ter, desculpar a puta. Ha, ha, &
 diz que si, que lhe quer grande bem, que entrou Iulio
 por força, & jura que he verdade, que ella lho jurou, &
 chorou. *Iul.* Em quantas vergonhas me n'eteram meus
 peccados, corrido estou do que passou por mi. *Ard.* A
 quella velha tam endiabrada. que negou o outro, pare
 ceme que o sonhei, tal aconteceo todavia, he verdade q'
 a mi me lembra que não dormi esta noite. Andei desde
 então ategora vigiando, & não vi final de nada. As por
 tas, & as janellas estam, como se vem, não creio que tor
 noua ainda. *Iul.* Deuagar vem. *Ard.* Mas he ilo acola ve
 joo tam paciente que hei do delle. Nam sei se o cometa
Iul. Voume a e le. Por tua vida mancebo que me faças
 hum prazer. *Ard.* As pestas? Pardoame, que te enganey,
 jurara que a trazia Bernardo, folgo de o nam termos
 dito a Iulio. *Iul.* Nam digo isso, mas que me mostres teu
 amo, que me releua muyto. *Ard.* Pera que. *Iul.* Eu sou

COMEDIA DO

Iulio. *Ard.* Iulio? como pode ser? *Iul.* Encobrimo atego
 ra, ou negueime, porque me temi de hum certo nego-
 cio de Genoa. *Ard.* Como se ouesse muyto, que eu fal-
 ley contigo. *Iul.* Nam zombo. *Ard.* E como creci, que
 es tu agora mais que dantes. *Iul.* O que te eu digo, he
 assi. *Ard.* Muyto se parece contigo a quelle teu amigo.
Iul. Que amigo. *Ard.* Hum que la andaua muyto nego-
 ciador por tua parte. *Iul.* Tens razam, porque eu era ho-
 mesmo. *Ard.* Perdoame logo, porque tu me tiraste de
 meu filo, seceras que era Iulio, como eu cria, nam can-
 çaramos tâto. *Iul.* Perdoame tu o que eu passei contigo
 que eu te perdoou todas tuas graças, mas Bernardo de-
 sejo muyto de ver. *Ard.* que lhe queres? *Iul.* Pedir lhe per-
 dam de minhas culpas, que ou creyo que me elle dara sa-
 bendo a causa. Rogote que me leues, ou lhe dize de mie-
 nha parte, que me faça merce de me dar licença para me
 ver com elle. *Ard.* Fatohei isto, que sera. *Iul.* E seja oje
 por tua vida. *Ard.* queres que va elle la dar contigo.
Iul. Se o nam tomar por trabalho. *Ard.* A tua casa. *Iul.*
Sy. *Ard.* Iesu, que ouço, se endoudeceo este, ira ter con-
 tigo a tua casa. *Iul.* *Sy.* E quanto mais cedo mais folga-
 rei. *Ard.* ora nom mais, isto he trato nam nos pãparas,
 como eu estaua paruo. *Iul.* Faloas assi. *Ard.* Eu te direy
 (pois ja queres, que te conheçamos, elle he ido de sdontê
 pola manham fora da cidade, nam sei se tornara hoje.
Iul. He fora. *Ard.* *Sy.* *Iul.* Oh doume a Dcos, & anda elle
 ja de caminho. *Ard.* Tomai la não o se detera nada, nam
 digo

digo bem, eu não sey todavia, creio que ainda esta de uagar. *Iul.* Por tua villa que me não enganes, porque me vay muito nisto. *Ard.* A nos váy mais que a ty, he como te digo, & bem o podes saber. *Iul.* Ora eu te reey cuydado de o buscar, ficate embora sentirey muito ir-seme así sem algũa desculpa, ou comprimento por amor de Benedito escreuerlhe ha quam mal o fiz com elle, eisme sem amigo. *Ard.* Que me matem se isto não he manha, voume com tempo dar auiso as partes.

S C E N A . V .

Clareta soa.

QU E direis a tamanho de safre, a tamanho de scuydo, a tamanha paruoice minha, ficarme así a porta aberta a tal tempo estou pera arrebentar. Faustina fica comendo os pes, & as mãos de desespera ja de se vingar de Octauio. Em fim Iulio pagou por elle, coitado estaua com a mesa posta, & a cama feita, & nem de mesa, nem de cama leuou bocado. Nos ja estamos de leuante, que elle ou se ha de vingar, ou ha de querer tornar hauer o seu anel, a isto vieram passar todos os amores, & lagrimas de Faustina. Folguey em parte, porque sabera viuer daqui auante.

S C E N A .

COMEDIA DO

SCENA VI.

Ianoto.

Clareta.

Onde poderei achar Octavio, ou Bernardo, ou Ar-
delio. *Clar.* Este he Ianoto, c'yo de tentar. *Ian.* Di-
zemme, que andam aqui dous homens muito mortos a
pos elles, nam sei que seja. *Clar.* Se pudesse ora chorar
hum pouco. *Ian.* Medo hey que pairam aquellas bacori-
nhas algum mal. *Clar.* Ay, ay Faustina quam pouco do a-
uerrei de ti quem te mata. *Ian.* Quem chora aqui. *Clar.*
Coitadinha, que te não merecem esse amor. *Ian.* O Cla-
reta que he isso? de que choras. *Clar.* Ay Ianoto onde
esta Octavio. *Ian.* Que has, que lhe queres. *Clar.* Morre
Faustino, deixeya tal. *Ian.* Falla. *Clar.* Que não parece vi-
ua. *Ian.* Que fez, quem lhe fez mal? *Clar.* Estirada no me-
yo da casa como hum corpo morto. *Ian.* De que. *Clar.*
Eu toda esta noite andei com ella com agoas, & com
cheiros, parece que arrebenta, & que lhe salta o coraço
fora. *Ian.* Ia entendo. *Clar.* Diz que se lhe Octavio nam
fala, & a nam ouue, que sobre elle carregue a sua morte
Ian. Hà, ha, he. *Clar.* E risse. *Ian.* Endiabrada es, mas eu te
darei hũa moftina não vim sem outra. *Clar.* Bem parece
em ti se lhe merece Octavio o que por elle passa. *Ian.*
Clareta não me epganes, essas lagrimas tam de mostrar-
da, andastes muyto mal em vossos raptosios. *Clar.* Así
as pagamos ainda que todo o mal he da coitadinha. *Ian.*
Pois se soubesses pera qué Octavio negociaua aquillo.

Clar.

Clar. Pera quem, que ainda Faustina ere que era zombá
ria. *Ian.* Porque hei do della, & de ty, to quero dizer. Pe
ra Iulio. *Clar.* Pera Iulio? *Ian.* E foy tam recatado que o
entendo. *Clar.* Zombas, mas por tua vida que digas a
teu amo q̄ aja do de quem por elle tal fica. *Ian.* Zomibo,
mas tu com aluoroço deixaste a porta aberta a Octauio
vay, vay, bem paruo he quem escapa de hũa, & se torna
a meter em outra. Faustina tome outros amores de me
lhor rendimento. *Clar.* Foyse se tal he q̄ paciencia terá
Faustina pera Iulio, agora cremos que nos outras fomos
as paruoas, & as coutadas, algum peccador virà, em que
se tudo emende, o traydor, como me entendo.

SCENA. VII.

*Valerio.**Ianota.*

A Dias, que tanto prâzer nam tiue, como oje. Oh Se
nhor Deos que grandezas sam as vossas. Quem
cuidara depois de vinte annos, que tanto auera, que vie
mos do Turco, se viesse a descobrir o que agora por mi
nha causa se descobrio. Pera algum bem grande guar
dou Deos aquelle moço. *Ian.* Valerio, vistem e por aqui
Octauio. *Val.* Qual Octauio? nam he se nam Ambro
sio. *Ian.* Como Ambrosio? eu digo meu amo. *Val.* Eu
digo teu amo, ja nam he Octauio. *Ian.* Como nam. *Val.*
Vayte a casa de Cesar, la o veras. *Ian.* Nam te entendo.

Val.

COMEDIA D O

Val. Eu o creyo, mas se o queres entender, vay onde te disse, que eu vou de pressa.

SCENA VIII.

Ardelio.

Ianoto.

IESV, que prazer, & boa dita. *Ian.* Não sey que diz a quelle velho, ca vem. *Ardelio.* *Ard.* Que dia tão bom aventurado. *Ian.* Que pressa he esta, parece doudo. *Ard.* Ainda que em nossa mam fora dar bom fim a tees perigos, nam podera ser, como aconteceu. *Ian.* *Ardelio,* que he isso. *Ard.* Oh *Ianoto* heyte de abraçar. *Ian.* Que oueste, de que vens tam aluorçado. *Ard.* Ha Portugal, ha Portugal. *Ian.* Que dizes? *Ard.* Que auemos de ir todos a Portugal. *Ian.* Quaes todos, *Ard.* *Bernardo*, & *Octavio*, & *Ardelio*, & *Ianoto*. *Ian.* Tu es doudo, *Ard.* Nam se pode crer *Iulio*, ja nam he *Iulio*. *Ian.* Morreo? *Ard.* Mas mudouse de maneira; que o nam conheceras, digo te que aquelle defastre dontem foy bemaumentado pera *Livia*, ja he molher, ja he casada, ja viue. *Ian.* Muito assombrado vens, começas nua cousa, & saltas noutra. *Ard.* Cui das que estou em mim. *Ian.* Toma folego, nam te afogues, *Ard.* Em fim pera que me hey de deter em palavras, veyo aqui em nossa busca *Ignacio* amo de *Bernardo*, foy dar com elle a casa de *Cesar*, onde o leuou *Iulio* conuidado pera hum banquete, que faz por festa

de

de sua noua vida. *Ian.* Que me contas, *Ard.* Espera, to-
 pao nessa rua com Octauio, leuouos ambos com gran-
 des desculpas, & perdam do passado, inspiroulhe Deos
 graça pera se conhecer, & arrependerse da vida passada
 defoje por diante toma outra, & oje faz conta que rece-
 be sua mulher. *Ian.* E por isso auemos de ir a Portugal.
Ard. Nam sei o que conto, isso te ouuera dizer primei-
 ro, Ambrosio he irmam de Bernardo. *Ian.* Qual Am-
 brosio? *Ard.* Octauio teu senhor. *Ian.* Hum, tu tens siso.
Ard. Nam duuidas, conhecerãono agora milagrosamê-
 te. *Ian.* Como estou encantado. *Ard.* E eu tambem hũ
 velho natural daqui contou a sua historia, & Ignacio o
 nosso amo o conheceo por sinaes como quem o criou.
Ian. Isso he assi. *Ard.* Assi. *Ian.* Que he Octauio irmão de
 teu senhor. *Ard.* Pera que he estar contigo em praticas,
 vem, & velhas com o olho. *Ian.* Iesu, Iesu *Ard.* *Ard.*
 Heylo velho sac chorando de prazer.

S C E N A. vltima.

Cesar sos.

Quanto deuo a Deos pello prazer q̄ me mostrou o-
 je liarar minha filha de infamia, & de hum perigo
 tam certo taminho, e amanho era há sospeita que ho
 marido tomou della. E na verdade posto q̄ viuessẽ
 algũa desculpa de seu medo, que elle auendo era adizer
 & fazer. Porẽ não se sofria todavia velobater a porta
 & não

COMEDIA DO

& não lhe abrir, nosso Senhor espirou noua alma, & noua vida quando mais parecia, que estava fora della. Vay ter a casa, & lança-se aos pes de Liuia, & quismé beijar os meus, com lagrimas o leuantei, & com lagrimas conto isto. Ajuntouse outro prazer daquelles mancebos que se chamam irmãos, que velos a elles, & a hum velho seu amo he pera louuar a Deos, Liuia estava morta, ja-gora viue, ja terá vida que lhe sempre desejei, que següdo o que enxergo nelle, vay ja caindo em outro estremo demasiado. Vou conuidar meus parentes, & amigos que me ajudem a rir, & a folgar como dantes me ajudauam a chorar, & vos tambem festejey este meu contentamento.

Fim da Comedia do Cioso.



EM LISBOA. Com licençã da Sancta Inquisição,
& do Ordinario, & de sua Magestade.
Por Antonio Alvarez Impressor, & mercador de liuros.
E feitas a sua custa. Anno 1623.

